



*Eletrizante como
uma rajada de anfetamina.*
– L'Express

FRANÇOIS FORESTIER

MARILYN

E JFK





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



FRANÇOIS FORESTIER

MARILYN
E JFK

Tradução
Jorge Bastos



© Éditions Albin Michel, 2008

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Marilyn et JFK

Capa
Adaptação de Marcela Perroni / Ventura Design sobre design original

Imagem de capa
Cecil Stoughton / Getty Images

Revisão
Tathyana Viana
Lucas Bandeira de Melo
Tamara Sender

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F798m

Forestier, François

Marilyn e JFK [recurso eletrônico] / François Forestier ; tradução Jorge Bastos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.

recurso digital

Tradução de: *Marilyn et JFK*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

213p. ISBN 978-85-390-0640-3 (recurso eletrônico)

1. Monroe, Marilyn, 1926-1962 - Relações com homens. 2. Kennedy, John F. (John Fitzgerald), 1917-1963 - Relações com mulheres. 3. Atores e atrizes de cinema - Estados Unidos - Biografia. 4. Presidentes - Estados Unidos - Biografia. 5. Estados Unidos - Política e governo - Século XX. 6. Livros eletrônicos. I. Título.

14-16206 CDD: 927.9143028 CDU: 929:791

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Prólogo

Primeira Parte | *A ascensão de Marilyn*

Prelúdio. Dallas, 22 de novembro de 1963

1. Gloria e Joe
2. Norma Jeane se casa
3. Jack e Inga Binga
4. O encontro
5. O vestido esvoaçante
6. Hollywood confidencial
7. Poor Prince
8. Quanto mais gente melhor
9. A zona de perigo
10. Desajustada

Segunda Parte | *A ascensão de JFK*

11. Perfume de mulher
12. Uma louca diferente
13. Tempestade em Washington
14. Mother se intromete
15. Marilyn foge
16. Presente de aniversário
17. A grande limpeza

Epílogo. Washington, 12 de novembro de 1964

In memoriam

Bibliografia

Prólogo

É uma história que todo mundo conhece, mas ninguém conhece. Ela aparece nos inúmeros livros, romances, narrativas, filmes, documentários, artigos, sonhos, teses, fantasmas e mitos sobre Marilyn ou sobre John Fitzgerald Kennedy, mas nunca foi contada. Nela se esbarram espões, policiais, gângsteres, escroques, atores, amantes, psicanalistas, escritores, informantes e até um roteirista mexicano. Juro, há uma verdadeira multidão nessa love story.

Marilyn foi filmada, JFK foi gravado. O FBI, a CIA, a Máfia e, quem sabe, até mesmo Deus seguiram com paixão os capítulos da novela encenada pela estrela e pelo Presidente. Eles nunca estão a sós. Microfones nos colchões, buracos nas paredes, lunetas à distância, tudo se passa como em um jogo de espelhos: cada um vê, enquanto está sendo visto. As casas têm olhos, os ouvidos têm paredes. E querem que se acredite que não sabem quem assassinou Kennedy? Que se trata de um mistério como o naufrágio do Titanic, a pedra de Roseta ou a fórmula secreta dos macarons Ladurée?

Para iluminar um pouco tanta escuridão, foi preciso uma sólida documentação, um editor paciente e um defeito crucial.

Uma má índole.

Eu tenho.

F.F.

PRIMEIRA PARTE

A ascensão de Marilyn

“Os Federais haviam colocado escutas. Nas duas últimas semanas, ela tinha ‘traçado’ o disc-jóquei Allan Freed, Billy Eckstine, Fred Otash, Jon *Ramar of the jungle* Hall, o cara que limpava a piscina, dois entregadores de pizzas, o amestrador de Rin-Tin-Tin, o apresentador de talk-shows Tom Duggan e o marido da faxineira.”

James Ellroy,
American Tabloid

PRELÚDIO

Dallas, 22 de novembro de 1963

A bala penetra no crânio de John Fitzgerald Kennedy, abrindo uma cratera de 13 centímetros de diâmetro. O projétil Winchester Mannlicher-Carcano, calibre 6,5, dilacera a região parietal do cérebro, esmigalha a área somatomotora e explode, fraturando o osso e o frontal direito. Minúsculas lascas de metal se espalham. O lobo esquerdo pura e simplesmente desaparece. Pedacos do tecido e dos ossos se perdem, sob a pressão colossal provocada pela bala. Linhas de fratura como raios dardejando de um núcleo racham a caixa craniana. O sangue brota como um gêiser, atingindo todos que se encontram na limusine presidencial. O corpo de JFK, amolecido, é lançado contra o encosto do banco traseiro e desaba sobre o ombro de Jackie Kennedy. Ela está sentada à sua esquerda, a 15 centímetros, e grita:

— Ah! não! Não, não, não! Atiraram em meu marido!

Um pedaço de crânio com matéria cerebral voa para trás e cai sobre a tampa do porta-malas do automóvel. Jackie, de joelhos, sobe no capô e segue na direção do fragmento sanguinolento. Estranhamente, o agente William Greer, que está ao volante da limusine, diminui a velocidade, ficando a menos de 18 quilômetros por hora e contrariando, com isso, o regulamento. O agente Clint Hill, encarregado da segurança da primeira-dama, se aproxima às pressas. Ele segura Jackie, forçando-a a voltar para o interior do carro. Ela grita:

— Meu Deus! Deram um tiro na cabeça!

Teria sido a segunda, a terceira, a quinta bala? Ninguém sabe. Oito segundos e quatro décimos se passam entre o primeiro e o último tiro. Ao diminuir a velocidade, o chofer havia proporcionado um magnífico alvo. Em vez de partir a toda, Greer se vira para trás, incrédulo. Os motociclistas, que deviam escoltar o veículo e proteger os flancos, ficam para trás, sem nenhuma utilidade. Os demais agentes do Serviço Secreto — encarregado

da segurança pessoal do Presidente — permanecem inertes. Na véspera, nove deles tinham saído para farrear na cidade e o último havia chegado às cinco horas da manhã.

O governador do estado, John Connally, sentado com a esposa no banco dianteiro da limusine, desaba. Foi atingido. Sua mulher lhe segura a mão.

— Mataram o Presidente, mataram o Presidente!

Abraham Zapruder, um simples alfaiate judeu ucraniano, não se contém. Ele grita e grita cada vez mais. Sua câmera Bell & Howell 8mm grava tudo. E continua seguindo o veículo presidencial, com o zoom no máximo, filmando até ele desaparecer na escuridão de um túnel.

Ao emergir do túnel, o agente Clint Hill ainda está estendido sobre o capô traseiro do veículo. Ele vê apenas uma massa vermelha no lugar da cabeça do Presidente e percebe um pedaço de cérebro no assento. Há sangue no encosto, nas portas, nas roupas de Jackie. Ela sussurra para o marido:

— Jack, Jack, o que fizeram?

Clint Hill grita:

— Para o hospital, para o hospital!

Na viatura de escolta, o agente Paul Landis, de pé no estribo, olha para o casal presidencial. Clint Hill acena com o polegar para baixo, em sinal de derrota.

A velocidade aumenta e o caos se torna perceptível. De cada lado da rua as pessoas parecem paralisadas, enquanto outras se jogam no chão. Os guarda-costas do vice-presidente Johnson, em outro veículo, o haviam encoberto com os próprios corpos, para protegê-lo. A multidão comprimida ao longo do trajeto, com bandeiras de boas-vindas, parece desnorreada. O carro presidencial, um Lincoln Continental SS-100-X, pesando quatro toneladas, parte a 140 quilômetros por hora. Está quase fora de controle. Ao alcançar a Stemmons Way, com as sirenes ligadas, pôde-se ver o Trade Mart, o centro comercial em que JFK está sendo esperado para fazer um discurso e onde um cartaz publicitário anuncia a estréia em breve de *Move over, darling*, que seria o último filme de Marilyn Monroe.

Jackie Kennedy continua a sussurrar ao Presidente:

— Jack, Jack, você pode me ouvir?

O olho esquerdo de JFK está pendente, fora da órbita.

A comitiva passa a ter à frente três motociclistas. As Harley-Davidson dos policiais derrapam: estão indo rápido demais. No automóvel, o governador Connally fica inconsciente e acha que está morrendo. A mulher olha para ele e murmura:

— Tudo vai ficar bem, não se mexa muito.

Ela ouve a voz de Jackie:

— Ele morreu... Mataram-no. Jack, Jack, eu amo você!

Ela repete essas poucas palavras e continua a repeti-las.

A comitiva prossegue pelo Industrial Boulevard, depois pelo Harry Hines Boulevard, onde uma curva acentuada desemboca em um cruzamento com uma estrada de ferro. O carro, a toda a velocidade, bate nos trilhos. Os motociclistas levantam vôo. Os pneus cantam. O Lincoln, aos saltos, bate no asfalto. A cabeça do Presidente pende, encostada no colo de Jackie. O trajeto dura seis minutos.

No Parkland Hospital, o Lincoln freia bruscamente. O agente Roy Kellerman salta e corre para a porta principal. Ninguém na Emergência. Nenhuma alma viva. Nenhuma maca sequer. Silêncio. Um jornal aberto tem como manchete a visita do Presidente a Dallas e convida o público para o filme *Duelo ao sol*, com Gregory Peck. O carro de escolta também estaciona na área de entrada. Kellerman grita:

— Uma maca, uma maca!

Depois se inclina para o governador Connally e diz:

— Tudo vai ficar bem.

Uma enfermeira aparece, com um ajudante.

Dave Powers, amigo pessoal do Presidente e conselheiro especial, corre para o automóvel, onde Jackie permanece sentada, inerte, e exclama:

— Meu Deus, o que fizeram?

E cai em lágrimas. Jackie olha para ele:

— Dave, ele morreu.

O agente Robert Emory abre a porta traseira direita do carro. Jackie cobre o marido com o próprio corpo, se recusando a se mover.

— Senhora Kennedy, precisa se afastar.

— Não adianta.

Enquanto cresce a agitação em torno do Presidente, ninguém se preocupa com o governador Connally. Sua mulher se dá conta de que o

assento em que o marido está bloqueia o banco de trás. É preciso abaixar o encosto. O governador é então retirado e transferido para uma maca, desaparecendo nos corredores do hospital. Ele sobreviveria.

Um dos guarda-costas tenta puxar Jackie pelo ombro. Ela resiste.

— Quero ficar com ele!

O agente Clint Hill intervém. Eles se conhecem bem e ele lhe diz em voz baixa:

— Por favor, senhora Kennedy.

Ela geme. Ele insiste, com delicadeza.

— Por favor.

Ela não se move e continua cobrindo o corpo com o seu. E responde:

— Não, senhor Hill. Sabe muito bem que ele está morto. Deixe-me.

O agente, então, percebe. Compreende que Jackie não quer que seu marido seja visto naquele estado, ferido, diminuído, mutilado.

Hill tira o seu paletó e cobre a cabeça do Presidente. Jackie, afinal, permite. Enquanto o corpo é transportado em uma maca, alguém coloca o chapéu da primeira-dama sobre o peito do ferido. Todo mundo se agita. Um estado febril se apodera das pessoas: elas rezam, choram, estão todas tomadas de estupor.

Agentes do Serviço Secreto estão em prantos, enfermeiras correm. O paletó de Clint Hill cai no chão. Um lençol ensopado de sangue cobre JFK. Quando a maca chega ao Trauma Room One, o agente Roy Kellerman entra na sala dos médicos e pergunta, sem se dirigir a ninguém em particular:

— Posso telefonar?

— Claro. À vontade.

Kellerman liga para o seu chefe, na Casa Branca:

— Atiraram no Presidente e no governador. Estamos no hospital. Registre o horário.

No Parkland Hospital, uma enfermeira anotava: 12h38. Ficha nº 24740, Kennedy, John.

Chega o interno de plantão, Charles Carrico. Tem 28 anos de idade, mas bastante experiência. Em Dallas, já tratou de mais de duzentos ferimentos de bala. Ele examina JFK. Os sinais vitais são fracos: pele cerosa, respiração agônica, espasmos, pupilas dilatadas, olhos imóveis. Com dois outros médicos, Carrico abre a camisa do Presidente, encosta o ouvido em seu peito, ouve fracas batidas. Ordena a inserção de um cateter no tornozelo

direito do paciente. A sala está coberta de sangue, as pessoas escorregam. Entubam o Presidente. Outros médicos começam a chegar, entre os quais Charles Baxter, professor de cirurgia. Ele abre caminho entre os guarda-costas, os policiais, as enfermeiras, os assistentes.

Jackie solicita um padre. Fazem-na sair do Trauma Room One. A porta se fecha atrás dela. Um policial oferece uma cadeira de armar, que ela recusa. Dave Powers a viu: tinha as mãos fechadas, esperando ainda que o marido sobrevivesse. Powers está chorando, Jackie não.

Carrico liga o sistema de respiração por aparelhos. Nota que o ar escapa por um pequeno orifício na garganta do Presidente. O doutor Perry pergunta:

— Fez uma traqueotomia?

— Não. É um ferimento.

De fato, há um ferimento na traquéia. Uma cinta elástica, para firmar as costas, tinha mantido JFK ereto após a primeira bala, impedindo que ele tombasse para o lado. O atirador precisou apenas ajustar o tiro para o golpe de misericórdia.

Carrico repara que outros médicos continuam a chegar. William Kemp Clark, neurocirurgião, está presente. Paul Peters, urologista que está de plantão, tenta ajudar. Marion Jenkins e Adolph Giesecke, dois especialistas tarimbados, estudam a possibilidade de anestésiar a vítima. Os internos Don Curtis, Kenneth Salyer e Charles A. Crenshaw fazem uma transfusão de sangue. Perry e Carrico trocam um olhar: a situação é desesperadora, eles bem sabem. Ninguém sobrevive a tal deterioração dos tecidos vitais.

O almirante George Burkley, um dos médicos particulares de JFK, entra na sala. Observa que estão usando sangue de tipo O negativo, sendo o presidente O positivo. Lembra ser preciso injetar esteróides. Ele tira algumas cápsulas de Solu-Cortef de sua bolsa, mesmo sabendo ser um caso irremediável. Quando ele volta ao corredor, Jackie está sentada em uma cadeira de armar, com o olhar perdido, e diz:

— Vou entrar.

A enfermeira de plantão, Doris Nelson, não permite:

— A senhora não pode entrar.

— Vou entrar e vou ficar lá.

Jackie tenta empurrar a enfermeira Nelson. Com as pernas bem plantadas no chão, a mulher não se move e afasta a primeira-dama.

— Eu vou entrar.

Jackie está determinada. A senhorita Nelson não cede. Burkley se aproxima, sugerindo que a primeira-dama tome um sedativo. Ela olha para o médico:

— Eu quero estar com ele quando ele morrer.

E recusa o sedativo. O almirante diz à enfermeira:

— É um direito dela, de esposa. Ela tem razão.

Quando Jackie entra na sala da emergência, reina uma completa confusão. Médicos passam instruções, internos ligam aparelhos, enfermeiras preparam seringas. Jackie está em estado de choque. Dá alguns passos, com as mãos juntas. O doutor Jenkins quase a atropela ao passar e olha o que ela tem nas mãos.

Um pedaço de cérebro.

Delicadamente, Jenkins o recolhe.

Jackie se dirige para o canto da sala em que Burkley se refugiara. Encosta a cabeça no ombro do almirante, dobra as pernas e vai deslizando lentamente para o chão. De joelhos em cima do sangue, ela fecha os olhos.

Em Washington, em sua casa repleta de animais domésticos que sujam os tapetes e urinam nos móveis, Robert Kennedy parece estar de bom humor. Mordaz, irritante, facilmente colérico, ele combina os maus modos naturais com ideais de justiça. Sua arrogância deixa todo mundo pouco à vontade. Desde que foi nomeado para o cargo de procurador-geral, o irmão do Presidente dirige o Ministério da Justiça como um sargento expede comandos de assalto. Ele ataca, atropela as hierarquias, exige resultados e tem duas obsessões. A primeira é a de pôr de joelhos o imperador Hoffa, líder dos Teamsters, o todo-poderoso sindicato dos transportes ligado à Máfia. A segunda é a de se livrar de Hoover, o diretor do FBI que detesta os Kennedy e sabota todas as decisões de RFK, seu ministro-chefe. James Hoffa e J. Edgar Hoover também não suportam aquele rapazote de dentes para fora devorado pela própria ambição.

Ao meio-dia, RFK tinha voltado para casa, em Hickory Hill, que está em obras. Sua mulher, Ethel, o aguardava. Verdadeira máquina de fazer filhos, agressiva e feia, Ethel Skakel Kennedy pouco cuida de sua prole; para se divertir empurra convidados na piscina, dá de comer às lamas, aos

papagaios e aos cães da casa, despede dois empregados por dia e é dona de uma espantosa avareza. Chega a vigiar o osso do pernil assado, para ver se a cozinheira não está roubando alguns gramas de carne depois de servir a refeição. Ela é cheia de atenções com o marido. Ele a tinha prevenido de que traria para almoçar Robert Morgenthau, o procurador de Nova York, e Silvio Mollo, diretor da divisão criminal de Manhattan. Conversariam sobre a ofensiva geral contra a Máfia e seus padrinhos, Sam Giancana, de Chicago, Carlos Marcello, de Nova Orleans, Santo Trafficante, de Tampa, e, é claro, Jimmy Hoffa.

Os convidados se instalam perto da piscina. Um pônei passa por eles. Brumus, o imenso terra-nova do ministro, vem babar nos sapatos dos convidados. Ethel, animada e ainda resfolegante após uma partida de tênis, manda servir o almoço: sopa de mexilhões e sanduíches de atum. Mal começam a comer, o telefone toca. Ethel se levanta para atender.

— Alô, é J. Edgar Hoover.

Ela faz sinal para que Robert venha. Sabe que os dois homens estão em pé de guerra. Para que Hoover telefone, deve ser algo importante.

Um dos pintores que trabalham na reforma da fachada está agitado. Robert Morgenthau o vê lá longe, brandindo um radinho de pilhas e gritando alguma coisa.

Hoover diz:

— Deram um tiro no Presidente. É possível que o ferimento seja fatal. Volto a ligar.

Robert Kennedy tapa a boca com a mão. Tem uma expressão de horror. Permanece sem fala. Em seguida:

— Atiraram em Jack. Talvez seja fatal.

São 12h43.

Os médicos não detectam mais sinal algum. O pulso desapareceu. O aparelho eletrocardiógrafo está mudo. O doutor Kemp Clark começa uma massagem cardíaca de emergência. Sobe em um banquinho e comprime cadenciadamente o peito do Presidente. A cada pressão, ondas de sangue brotam da ferida craniana de JFK. O sangue escorre pela mesa de operação e desce para o chão, fazendo os sapatos dos médicos e das enfermeiras

grudarem. A tela do eletrocardiógrafo mostra uma linha reta. O médico desce do banquinho.

— Tarde demais.

O padre Oscar Huber aguarda no corredor.

O doutor Jenkins cobre o rosto do Presidente.

Clark se vira para Jackie e confirma:

— O ferimento do seu marido era fatal.

Ela olha em sua direção e parece dizer alguma coisa. Algo como:

— Eu sei.

É uma hora da tarde. O 35º Presidente dos Estados Unidos está oficialmente morto.

No primeiro andar, Robert Kennedy, com os olhos inchados de lágrimas, termina seus preparativos para ir a Dallas. O telefone toca. O capitão Taz Shepard, um dos assessores de seu irmão, lhe avisa:

— O Presidente morreu.

RFK deixa escapar um gemido:

— Morto...

Ele olha pela janela. Lá fora está um dia lindo. O sol faz brilhar as marolas da piscina.

Ao descer, a televisão está ligada. Morgenthau e o pessoal da casa estão assistindo. Robert Kennedy diz:

— Ele morreu.

Dirige-se em seguida lentamente à piscina, onde os sanduíches de atum transpiram ao sol. O telefone externo toca e ele atende. Hoover, outra vez. Apesar da solenidade do momento, percebe-se certo júbilo em sua voz. O diretor do FBI, no cargo há quase meio século, sabe que o ministro acaba de perder todo o seu poder. Robert Kennedy é um advogado medíocre, um político sem muito valor e torna-se um inimigo insignificante sem o apoio do irmão. As coisas ainda vão mudar, RFK vai mudar, mas, naquele exato instante, em 22 de novembro de 1963, Hoover triunfa. Ele anuncia:

— O estado de saúde do Presidente é crítico, muito crítico.

Robert Kennedy ouve e diz:

— Talvez lhe interesse saber que meu irmão está morto.

O doutor Clark assina o atestado de óbito. Os instrumentos são desligados. Os cateteres retirados. Os médicos saem. Jackie fica sozinha. Contempla o lençol sob o qual repousa o marido. Pisa em sangue. Há sangue em seu tailleur. As mãos estão cheias de sangue. Pingos ainda escorrem da mesa.

O pé descalço do Presidente está para fora.

Jackie se aproxima e beija o dedão ensangüentado.

Depois, começa afinal a chorar sobre a ficha nº 24740, seu marido.

Robert Kennedy distribui instruções: os arquivos e pertences do Presidente, na Casa Branca, precisam ser permanentemente vigiados. Ninguém — ninguém! — pode ter acesso a eles. Ordena McGeorge Bundy, o conselheiro encarregado da segurança, a mudar todas as fechaduras. Os dossiês devem ser removidos antes da chegada do novo Presidente, Lyndon Johnson. Os agentes do Serviço Secreto presentes no local recebem ordens: desmontar e fazer desaparecer o sistema de gravação instalado por JFK em seu escritório e na sala de reuniões do gabinete. Fotografias, blocos de anotações, relatórios, fitas magnéticas, tudo deve ser apagado, retirado, destruído. A Baía dos Porcos, a operação Mongoose, o Vietnã, a Máfia, as amantes, as chantagens, as amizades crapulosas, os assassinatos políticos, as visitas femininas à Casa Branca, as lembranças, os arquivos de chantagem política, as fontes de financiamento, Marilyn Monroe. Ah, sim!, Marilyn.

Deve-se limpar a área.

Foi preso um suspeito, um desconhecido chamado Lee Harvey Oswald. Em poucas horas, ele seria morto por um gângster de pouca importância, Jack Ruby. Por ora, o Lincoln Continental do Presidente continua no pátio do Parkland Hospital, com as portas abertas. Um motoqueiro da polícia, Stavis Ellis, se debruça para dar uma olhada. Fios de sangue coagulam. Um buquê de rosas se esparrama pelo banco. Uma flor, isolada, jaz em uma poça vermelha.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Gloria e Joe

Espalhando espuma, o hidroavião pousa, com o nariz apontado para o horizonte. Veleiros singram o mar ao longe. Na praia, dunas suaves se lançam no mar calmo e centenas de pessoas aguardam. Com chapéus de palha, sombrinhas, paletós listrados e vestidos brancos, toda a boa sociedade de Hyannisport está presente. Um leve vento dobra alguns tufo de relva e traz o odor gorduroso da grande fábrica de batatas fritas de Cape Cod. O Curtiss anfíbio dá meia-volta, dirigindo-se lentamente ao cais. Pela escotilha quadrada, percebe-se uma mão de mulher acenando. Os espectadores fazem o mesmo. Afinal de contas, não é todo dia que Gloria Swanson, a maior estrela de cinema naquele ano de 1929, visita o pequeno balneário.

No caminho conduzindo à cidade, vêem-se dois motéis, um dancing e nada mais. Do outro lado da enseada, encontra-se Boston, a cidade dos magnatas e dos barões, a cidade do dinheiro e dos pseudo-aristocratas: as aparências e a dissimulação varrem as consciências. Em Boston, é melhor ser branco, protestante e rico. Não há negros na praia de Hyannisport. Estamos na Nova Inglaterra, lugar de regras rígidas e belas brumas. E de punhos de camisa em celulóide e queixos empinados: Hyannisport é onde mora Joe Kennedy, o patriarca devasso, pai de Jack e de Robert. Joe se diz financista, banqueiro, produtor e homem de negócios. E ele é tudo isso.

É um canalha de colarinho branco.

O velho Kennedy é quem pilota o avião. Está se exibindo. Ostenta sua fortuna, seu poder. O Curtiss é seu. Gloria Swanson, a estrela de Hollywood, a estrela entre as estrelas, também. Eles embarcam em uma lancha de madeira envernizada e encostam no cais. Estendendo a mão para ajudar Gloria a pôr o pé no chão firme, Joe Kennedy olha ao redor. As

peessoas, mantidas a distância por alguns guardas municipais, aplaudem. A imprensa havia noticiado que o marido da estrela, o marquês Henri de La Falaise de La Coudraye, está na França “supervisionando os negócios do sr. Kennedy”. Todo mundo entendeu: Joe Kennedy comprara o marido complacente e também o seu lugar no leito conjugal. É a sua maneira de agir. O que ele quer, ele pega. Construiu sua fortuna traficando álcool, associando-se a bandidos, fazendo negócios com Frank Costello e Meyer Lansky, os chefões do gangsterismo de Chicago. Ele está disposto a tudo. Tomara Gloria Swanson como todas as outras: partindo para cima. “Ele era como um cavalo em rédeas curtas: duro, impaciente, apressado. Só após um orgasmo rápido começou a dizer alguma coisa...”, lembrou-se ela mais tarde. Primeiro se goza e depois se conversa, é o código de etiqueta de Kennedy. Suas mãos são cobertas de pêlos ruivos, o rosto cheio de sardas e um sorriso de representante comercial, com dentes que parecem peças de dominó. A mulher, Rose, vai à missa duas vezes por dia e, à noite, se vira para a parede depois do amor, fazendo o sinal da cruz. Durante o dia, anda pela propriedade de Hyannisport bem-vestida, alfinetando na blusa anotações: “Fazer compras”, “Colher rosas”, “Ver a costureira”. Controla os empregados, não se ocupa dos filhos, vive em um mundo frio. É unha-de-fome, irlandesa e carola.

Em relação a Gloria Swanson, como com todas as outras, Rose Kennedy fecha os olhos. E mantém as aparências. Quando o automóvel estaciona diante da propriedade, ela se levanta. Mandou pintar a frente da imensa casa de madeira — não as laterais, seria caro demais — e recebe o marido, que lhe apresenta a amante. Ela é minúscula. Debaixo do chapéu, vêem-se as maçãs do rosto altas, magníficos olhos verdes e a boca realçada com batom vermelho. A estrela beija as crianças endomingadas. Lá estão Joe Jr., de 14 anos, retrato escarrado do pai e herdeiro já designado. Jack — o futuro Presidente — tem dois anos a menos. Com a saúde delicada, ele tem o tom amarelado dos eternos doentes: não vai dar em nada, com certeza. Robert, nascido em 1925, é o mais agitado. Katheleen, chamada “Kick”, é uma menina de 9 anos, com dentes grandes, maxilar de animal predador, nada bonita, mas alegre e engraçada. Eunice, com 8 anos, é mais reservada. Pat, obediente e mimada, tem 5 anos. Jean e Rosemary estão por conta das suas babás. Rosemary, de 11 anos, é uma criança estranha. Ela se locomove lentamente. No silêncio dos fundos da casa, os empregados fazem

comentários, girando o dedo apontado acima da orelha: “Ela não é muito normal.” Louca? Talvez. Os irlandeses acham que é uma maldição ligada ao tráfico: uma criança quebrada.

A propriedade Kennedy se situa em um terreno apertado. A casa, entretanto, é imensa: 15 quartos, nove banheiros, vista para o estreito de Nantucket. Joe acrescentara uma sala de projeção privada. Desde que se tornou produtor, adora novidades. Produtor? Em termos. Ele usa a sociedade com Gloria Swanson para financiar projetos aberrantes e filmes medíocres e para lavar dinheiro. Não previu o cinema falado que, há dois anos, invadiu o mercado. Ele administra os bens da amante como um sovina e manda faturar em nome da sociedade os presentes suntuosos que lhe dá. Na verdade, sem se dar conta, Gloria Swanson paga do seu próprio bolso os casacos de peles e os diamantes que Kennedy lhe presenteia. Cada garrafa de champanhe e cada colherada de caviar são retiradas da Gloria Swanson Company.

Desde o mês de novembro último, Joe Kennedy decidiu produzir o novo filme de Erich von Stroheim, estrelado por Gloria Swanson. As coisas não andam nada bem: von Stroheim é sem dúvida um gênio, mas é também arrogante, maníaco, provocador e gasta 10 mil metros de filme quando 7 metros bastariam. Com sua batuta debaixo do braço e um alto-falante na mão, o cineasta faz reinar o terror, exige luvas brancas toda manhã, só bebe champanhe batido e impõe idéias realmente dementes — mas magníficas. Por exemplo, em *Queen Kelly*, em que Gloria Swanson representaria uma religiosa reclusa que se apaixona por um príncipe, tudo contraria os bons costumes: a pura heroína se torna dona de bordel na África, se casa com um velho repugnante que baba fumo de mascar fazendo beija-mãos. Von Stroheim faz planos sacrílegos: na mesinha de cabeceira do príncipe vêem-se um livro de Casanova e a Bíblia, outro de Boccaccio e um crucifixo. Ao encontrar a religiosa, o personagem nota que ela não vestiu a calcinha e a pega com a ponta da chibata, cheirando-a ostensivamente. É bonito, mas impossível mostrar um erotismo assim em público. Até hoje, nas cinematecas, esse plano é cortado.

Mas há algo ainda mais grave: Erich von Stroheim não é “von” nem aristocrata austríaco, como espalhara o boato. É judeu. E Joe Kennedy é violentamente anti-semita. Nunca perde uma oportunidade de insultar os “yids”.

Com isso, interrompeu-se a filmagem de *Queen Kelly*. A última cena com a “rainha” Kelly transformada em amante sadomasoquista, rodeada de cães de ataque, com chicotes pretos e orquídeas, tinha ido longe demais. Nunca se terminaria o filme: Joe Kennedy põe um fim na brincadeira. É pena: o que sobrou prova, com toda evidência, que o filme teria sido maravilhoso, certamente o único digno de lembrança na carreira de Gloria Swanson. Vinte anos mais tarde, ela filmaria *Crepúsculo dos Deuses*, sob a direção de Billy Wilder e com Erich von Stroheim reduzido à condição de ator.

Billy Wilder e orquídeas. Ambos terão um grande papel na história de Marilyn Monroe e de John Fitzgerald Kennedy.

A pedido das meninas Kennedy, Gloria Swanson deixa um autógrafo na parede da garagem da propriedade. A tarde chega ao fim: as crianças correm em todas as direções, os cachorros latem, Rose, com os lábios franzidos, briga com os empregados. Joe Jr., o irmão mais velho, e Jack permanecem junto do pai, fascinados pela atriz. É uma beleza dura, pouco comum: Walt Disney se inspirou nela para criar a bruxa de *Branca de Neve*. “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela...” Os dois garotos ouvem. Fala-se de viagem à Europa, em transatlântico. Rosemary, a retardada, brinca com as babás. Ela baba na roupa. Eunice corre. Jack parece estar mergulhado em sonhos infundáveis. Mas ele observa. Quer se parecer com o pai, ser um conquistador. Não tem o *physique du rôle* nem a força de vontade. Joe Jr. é o favorito. Pelo pai, já estava decidido: o mais velho dos filhos entraria para a política. Joe Jr. seria Presidente. Isso mesmo, Presidente dos Estados Unidos da América.

O patriarca é severo: sorri muito pouco e, por trás dos óculos, vigia tudo. Diante dos coquetéis servidos junto à piscina, ele dá explicações: a família, é verdade, é católica em país protestante. Mas ele está cheio de ser chamado “papista” e de ser deixado fora da boa sociedade de Boston. Essas pessoas tiveram o atrevimento de lhe dar uma bola preta quando pediu admissão no clube mais fechado da cidade! Que afronta! Ele se vingaria. Em relação à família, mantém uma única regra: inculcar nos filhos a moral do lobo. Pegar, ganhar. Os meninos devem lutar. Já as meninas são feitas para rezar e

servir aos homens. Rose ouve sem nada dizer e se benze discretamente. A noite cai, o mar cintila. Um último veleiro está chegando ao porto.

A noite é gloriosa. No restaurante chique de Hyannisport, o Goleta — um velho três mastros transformado em local de prazer —, Joe circula pelas mesas, apresentando Gloria Swanson aos amigos: “Minha sócia”, diz ele, com um sorriso de padre que se desvia do bom caminho. Rose permanece sozinha na mesa e se limita a fixar o vazio com a boca crispada, uma boca sem lábios, fina como a rachadura de um cofrinho. Pela janela, ela pode ver o porto e os barcos em exibição. Lá está o *Rose Elizabeth*, o iate do marido, e, um pouco adiante, o Curtiss anfíbio. Gloria Swanson, de vestido branco e pérolas do Japão, está divina. Seus olhos verdes brilham.

No dia seguinte, às seis da manhã, Rose Kennedy rezaria sua novena na missa.

O mar está excelente. Poucas ondas, uma leve brisa. Joe, que se diz um bom skipper, levanta as amarras. O *Rose E.* embica para o horizonte, dobra a ponta do cais; Joe faz sinal à capitania do porto. Logo atrás, vem o primeiro ferry do dia, se dirigindo às ilhas Nantucket, e ouve-se o bater do motor. O *Rose E.* é freqüentemente usado por Joe Jr. e Jack: os dois meninos adoram ir além das bóias, ao largo, e voltar, com o vento de leste que traz as ondas para se quebrarem no litoral. O pai aponta o iate para o alto-mar: na proa, com os pés apoiados no convés, Gloria Swanson segura seu imenso chapéu de palha com uma das mãos. Evita o sol, que facilmente lhe queimaria a pele. E agarra-se firmemente em um cabo: a atriz não sabe nadar. Joe Kennedy, porém, gaba-se de ser um nadador fora de série. No timão do *Rose E.*, ele se revela um navegador medíocre. O barco balança, as velas caem, mas, de um jeito ou de outro, eles ganham o largo.

A costa se distancia.

— Quando estivermos na Europa...

Joe Kennedy sabe que o marquês Henri de La Falaise, marido de Gloria, anda cortejando outra estrela de cinema, Constance Bennet. Eles freqüentam, em Paris, os melhores restaurantes e gastam o dinheiro de Constance, que ficou milionária se divorciando de Philip Morgan Plant, um herdeiro valendo ouro. Era algo que vinha a calhar para Joe K., que pode com isso continuar a esvaziar a caixa da sociedade de produção de Gloria

Swanson sem que ela perceba. Ela é incapaz de organizar um piquenique no campo e menos ainda de dirigir uma empresa. Em outra época, quem cuidava disso era Joe Schenck, o chefe da United Artists: implacável e autoritário, ele dirige o seu estúdio como uma estrebaria. Gosta de jogar, adora os cavalos, investe em negócios duvidosos e despreza os artistas. Como Joe K., só que este último é irlandês.

— Você vai no *Olympic*, não é, Gloria?

Os camarotes já estão reservados. Dentro de uma semana, Gloria Swanson e o diretor Busby Berkeley, com a esposa, embarcam no *Olympic*, com destino a Cherburgo. Alguns dias depois, Joe e Rose Kennedy seguem, a bordo do *Île-de-France*. Rose vai a Deauville. Joe e Gloria... para algum outro lugar.

— Você verá, vai ser maravilhoso.

Ela abaixa a aba do chapéu, que a brisa ameaçava fazer voar.

O sol já está bem alto. À sombra de uma vela descida, Gloria se aconchega nos braços de Joe. Longe, eles podem distinguir alguns penhascos não muito altos, onde gaivotas barulhentas pairam como fitas negras. O *Rose E.* fica imóvel. Os dois amantes, nus. Joe não é um sedutor dos mais atenciosos, ele busca o seu prazer sem compartilhar. Mas Gloria aprecia sua segurança, sua arrogância. Joe faz amor como um carteiro distribui cartas, indo no endereço certo. A alguns quilômetros do litoral, estão a sós.

A sós? O alçapão da cabine de pilotagem se abre devagar. Uma mão e, em seguida, um rosto surgem. Prudente, lentamente, Jack se esgueira para fora do esconderijo. Ouve respirações rápidas, suspiros. Aos 12 anos de idade, ele ignora as coisas do amor: os pais nunca lhe falaram disso. E a escola católica em que está matriculado ensina que devem ser deixadas de lado as coisas carnis, dando primazia à alma, à onipotência de Deus e de seus anjos.

Jack avança com cuidado. Contorna a cabine. Vê a vela abaixada. E ali, na sombra, ele vê... vê... vê.

Ele é atingido e aniquilado como por um raio.

Ele salta para fora do barco.

Põe-se a nadar. Foge. Não ouve o pai chamar:

— Jack!

Joe Kennedy mergulha. O filho é franzino, enfraquecido por uma quantidade de doenças que o mantém regularmente acamado. Com algumas braçadas o pai o alcança. Agarra-o pelo pescoço e o faz boiar de costas. Já não era sem tempo: sufocado pelas lágrimas, sem fôlego, o menino estava quase se afogando. O pai o reboca em direção ao barco e Jack tem um acesso de soluços.

Ao subirem a bordo, a vergonha inunda Jack. Ele fecha os olhos e o sol lança um véu amarelo em seu olhar, ocultando o mundo inteiro. Ele quer morrer.

A capitania de Hyannisport não inscreveu o incidente em seus registros. Os jornalistas locais só teriam notícia dele muitos anos depois. O segredo foi mantido. Ninguém vê, ninguém ouve. Nada acontece.

Foi a última vez na vida em que John Fitzgerald Kennedy foi voyeur. Em seguida, seria ele o eterno observado, espionado, escutado. Ele ainda não sabe, mas sua vida se tornaria um permanente show. Com comparsas, capangas, figurantes, amigos e traidores. Jack será o galã de um filme fantasma, com uma estrela loura.

Dois anos depois, o mundo desaba. A Grande Depressão devasta a América. O outubro negro quebra famílias, lança milhões de pessoas na rua, reduz fortunas a cinzas, carboniza Wall Street, faz desaparecerem fazendas inteiras em nuvens de poeira.

Joe Kennedy fica mais rico ainda.

Marilyn Monroe tem três anos de idade.

CAPÍTULO 2

Norma Jeane se casa

Norma Jeane nunca viu aquela mulher sorrir. Quase nunca a ouviu falar. Gladys Baker tentara se suicidar duas vezes: uma engolindo lençóis e outra abrindo uma veia do pulso com um grampo de cabelo. Norma Jeane mal se lembra daquela estranha de cabelos vermelhos, sua mãe. Ela está em um hospital psiquiátrico há anos, o mesmo hospital em que a avó de Norma Jeane morreu, amarrada em uma camisa-de-força, em 1927.

Ela sempre esteve à mercê de famílias que recebem ajuda do Estado para acolher menores desabrigados. Abandonada, refugiada, molestada, jogada de um lado para o outro, Norma Jeane acabou sendo recebida pelos Goddard. “Doc” Goddard, o chefe da família, é um sujeito simpático: às vezes faz figuração em filmes e vive de pequenos trabalhos aqui e ali. O apelido vem da profissão de seu pai, que era médico no Texas. Uma noite, bêbado, Doc tentou violentar a pequena Norma, com 11 anos. O caso foi rapidamente esquecido. Grace Goddard, por sua vez, é uma mulher pequena que cultua Jean Harlow, a loura platinada descoberta por Howard Hugues e morta em 1937.

Norma Jeane vive em um deserto afetivo. A família adotiva trata-a com indiferença, a mãe é louca e o pai havia desaparecido. Ela não conhece o irmão nem a irmã, nem sequer sabe que existem. É tímida, gagueja e se sente... diferente. Aos 15 anos de idade, frequenta a Van Nuys High School, sendo uma aluna medíocre. Quando os Goddard se mudam, em setembro de 1941, Norma passa a morar muito longe da escola. Como se locomover? Os transportes públicos em Los Angeles são praticamente inexistentes e está fora de cogitação deixar “a menina” dirigir. Grace Goddard pede a uma vizinha, Ethel Dougherty, um favor: o filho dos Dougherty, Jim, não teria a gentileza de levar Norma Jeane? É claro, nenhum problema.

Jim Dougherty é o caçula da família. Os Dougherty, de puro sangue irlandês, haviam atravessado a Depressão como milhões de americanos: apertando o cinto. Com cinco filhos, perambularam atrás de pequenas ocupações em centros sociais, trabalharam na colheita de laranjas na Califórnia e, sob a vigilância de capatazes armados com cabos de enxada, andaram à deriva. Moraram em barracas, onde passaram noites sem ter o que comer. Ethel Dougherty afinal conseguiu mandar o filho para a Van Nuys High School. Para fechar os finais de mês, o rapaz fazia horas extras numa funerária. Mas em setembro de 1941 ele finalmente consegue um trabalho de verdade: torna-se operário da Lockheed, fazendo o serviço noturno. Seu colega de trabalho é um cara esquisitão, com uma voz arrastada e grave, dando uma impressão de sono. Chama-se Robert Mitchum, escreve poemas, se mete em muitas brigas e quer ser ator.

Jim Dougherty tem boa aparência: com o rosto enfeitado por um bigode *à la* Errol Flynn, é gentil, atencioso e alegre. Às vezes sonha em ir “ver o mundo”, viajar, mas, com aquela guerra infernal, o que fazer? Alguns americanos acham melhor os Estados Unidos ficarem fora do conflito, outros se animam a entrar na guerra. Os líderes sindicais de esquerda não vêem vantagem alguma em “ajudar um conflito capitalista”, os políticos de direita são ferozmente isolacionistas. Joe Kennedy declara no rádio que os ingleses estão condenados e que se devia negociar com Hitler.

Os trajetos no sedã Ford azul-marinho que é o orgulho de Jim são agradáveis: Norma Jeane aproveita para se aproximar do motorista e gosta do seu bigode, que lhe dá “um ar distinto”, segundo disse. Ela ri, se diverte. Quinze anos? Para Jim Dougherty ela é uma criança. Semanas se passam. Pouco a pouco, uma certa intimidade se estabelece. Voltando de Van Nuys, às vezes Jim faz um desvio pela Mulholland Drive, uma estradinha que serpenteia pelas colinas. Norma Jeane deixa que ele a beije. Beijou sim, mas nada além. “Ela mantinha o controle”, recordou Jim, uma vida inteira mais tarde.

Em 7 de dezembro de 1941, os japoneses atacam. Os 2.403 mortos e 1.178 feridos de Pearl Harbor mudam tudo. A América entra na guerra. Próximo alvo: Los Angeles, com suas fábricas de aviões e depósitos de gasolina. Esboça-se um movimento de pânico: os habitantes se afastam da costa. Vinte mil japoneses que moram na Califórnia são imediatamente considerados membros secretos da quinta coluna, agentes do Império do Sol

Nascente. Em 10 de dezembro, o governo determina um blecaute: a cidade mergulha em total escuridão. Total? Não inteiramente. Hollywood Boulevard, o coração da cidade, permanece iluminado. Ninguém sabe como desligar as dezenas de pinheiros que enfeitam as calçadas, do Chinese Theatre ao Sunset Boulevard. Mas o arboreto de Los Angeles, onde se filma *As Três Noites de Eva*, com Henry Fonda e Barbara Stanwyck, permanece no escuro. Uma pena: era o último dia de filmagem.

A vida muda. A partir dali, todos têm consciência de que os submarinos japoneses, os aviões de caça ou, quem sabe, outras armas ainda mais perigosas podem atacar a Califórnia, ou pior, os estúdios. Doc Goddard aceita um trabalho na Virgínia. Norma Jeane fica arrasada. O que fazer? Em 25 de dezembro, dançando com Jim ao som de Hoagy Carmichael, Norma Jeane se questiona quanto ao futuro. Mais uma vez, está sendo largada por uma família que a tinha abrigado. É considerada um excesso de bagagem. Ela ouve a música, encosta a cabeça no ombro de Jim: *Everything Happens to Me*, cantada por Frank Sinatra, é uma bela canção. A letra diz: “Hipotequei todos os meus castelos na Espanha...”

Norma Jeane adora Frank Sinatra. Ele está na moda: com seu rosto magro, gravata borboleta e voz de veludo, inflama os adolescentes. Ele canta: *Black Magic, For Me and My Gal, Night and Day*. Faz a América sonhar, e Norma Jeane fecha os olhos, se deixando levar pelas melodias.

Alguns dias mais tarde, Ethel Dougherty diz ao filho:

— Jim, os Goddard estão indo embora. Não têm como manter Norma, e ela, então, vai para um orfanato, até completar 18 anos.

— É mesmo?

— Grace Goddard me perguntou se você não se casaria com ela. Vai fazer 16 anos em junho.

Dito e feito. Deu-se à inesperada noiva uma brochura de Emanuel Haldeman-Julius intitulada *O que toda mulher deve saber sobre o casamento*, datada de 1923. O que se deve saber? Norma lê que se espera que ela mantenha o lar convenientemente, que agrade ao marido passando as suas camisas e preparando quitutes econômicos e saborosos. Os ruídos desagradáveis — louça lavada, pano de chão, banheiro — devem ser encobertos por um aparelho de rádio estrategicamente colocado.

— E a sexualidade? — pergunta Ethel a Grace.

— Ela vai descobrir.

Na sexta-feira, 19 de junho de 1942, celebra-se o casamento, às oito da manhã. Com cerca de vinte convidados, um pastor vindo em casa, um belo vestido... Quando Norma Jeane desce a escada do pavilhão em que morariam, Jim nem a reconhece. Tinha “um sorriso capaz de derreter uma pedra”. Na certidão de casamento consta que a mãe se chama “Monroe”. Pai: E. Mortensen, domicílio desconhecido. Um amigo traz a aliança sobre uma pequena almofada de veludo vermelho. A cabeça de Jim Dougherty, que vestia suas melhores roupas, começa a rodar, ele acabava de tomar duas doses grandes de bourbon para ganhar coragem. Algumas horas mais tarde, bêbado, ele dança no palco de um pequeno restaurante do bairro, com uma “animadora” da casa. Norma Jeane “Monroe” Dougherty vem buscá-lo e não o larga mais. Ao voltarem para casa, já no final da tarde, há apenas uma cama de armar. Tudo bem, trata-se de um aprendizado.

Na segunda-feira seguinte, Dougherty volta ao trabalho. Na Lockheed, ele exhibe a foto da mulher. Robert Mitchum, operário na mesma fábrica, pergunta:

— Ela faz os mesmos sanduíches todo dia?

Depois, olha a foto e constata:

— Bem, ela é melhor do que um sanduíche.

Norma Jeane descobre sua arma maior: a sensualidade. Vê o desejo se acender no olhar dos homens e passa a usar isso. Quando o marido se alista na marinha mercante, ela se apavora: ficaria sozinha? Dougherty é enviado a Catalina Island, uma ilha ao largo de Los Angeles. É um lugar paradisíaco, onde estrelas de cinema vêm passar o fim de semana e produtores como Louis B. Mayer, Samuel Goldwyn e Joe Schenck tratam de seus negócios mais escusos, sobretudo com Willie Bioff, Longy Zwillman e Joe Rosselli, gângsteres que puseram Hollywood sob o regime de proteção paga. A ilha, que é linda, tem uma pequena cidade principal, Avalon, onde se estabeleceram inúmeras administrações: o centro de comando dos fuzileiros navais, os escritórios do OSS,* a primeira agência de espionagem, anterior à CIA, e a escola de formação da Marinha. Há milhares de marinheiros, com as mãos nos bolsos e tendo como única atividade olhar as aves chamadas andorinhões-das-tormentas e alguns bisões importados para a filmagem de um western já esquecido. As mulheres são raras. Ou inacessíveis. Ou feias.

Certa noite, a orquestra de Stan Kenton vem tocar alguns sucessos no cassino de Avalon. Seu tema mais conhecido é *Eager Beaver*, que, em gíria, designa um sorriso vertical dos mais apetitosos. O salão, repleto de marinheiros, suinga. Assim que Jim Dougherty começa a dançar, um admirador se interpõe entre ele e a mulher. Em seguida outro. E outro ainda. Jim perde de vista a mulher, tragada por uma horda de lobos famintos. Quando volta a vê-la, os olhos dela brilham, ela ri alto, está... diferente.

Jim Dougherty senta-se diante de uma cerveja. Ela fica morna. As músicas se sucedem. Os rostos mudam. A noite se estende. Sete horas depois, Norma Jeane volta a aparecer. Está radiante, isso mesmo, radiante.

Quando Jim embarca, Norma Jeane fica em casa. Ela se entedia, por Deus, como se entedia! Escreve dezenas de cartas ao marido, cuida de animais abandonados, arranja um trabalho em uma fábrica aeronáutica, envernizando fuselagens. Obrigada a usar um macacão, tira disso o máximo de vantagens. “Uma mulher de macacão na frente de homens é como uma capa vermelha diante de touros”, ela descobre. Ao voltar em licença, Jim percebe que a esposa continua tão meiga quanto antes, mas... havia sutilmente mudado. Não é mais apenas a menina tímida e assustada. Tem outro rosto, mais frio e calculista. Ela tem um duplo.

Uma tarde, Norma Jeane pede a Jim que a acompanhe à estação de ônibus. Tinha sido avisada de que a mãe, sua verdadeira mãe, Gladys, viria. Elas não se vêem há anos. Gladys pôde deixar o manicômio sob a condição de ir morar com a família em Portland, no Oregon. Pretende dar uma parada no meio do trajeto para ver a filha. Onze anos de separação, uma só visita...

Quando desce do ônibus, Gladys parece estranha. O olhar é o de alguém que se afoga; e por que estava vestida de enfermeira, de avental branco, meias brancas, sapatos brancos? Norma Jeane não a reconhece. Guarda uma vaga lembrança: aquela louca com certeza havia tentado sufocá-la com um travesseiro, quando era bebê. Gladys se foi. Jim não pode deixar de observar:

— Vocês se parecem.

O pânico, um terrível pânico invade Norma Jeane. Parecer-se com a mãe? Nunca! Alguns anos depois, ela a renegaria, publicando um comunicado à imprensa. Quando Gladys Monroe Baker Mortensen volta para o ônibus, Norma Jeane sente-se aliviada. Aquela mulher arrasta consigo uma maldição: o pai de Gladys morrera em estágio terciário de

sífilis, e a mãe, 17 dias depois do nascimento de Norma Jeane, foi internada, doida de se acorrentar, literalmente. Gladys sobreviveu à filha por mais 22 anos, mergulhada em uma esquizofrenia que lhe moeu o espírito.

Alguns dias depois, Norma Jeane se vira repentinamente para Jim Dougherty e diz:

— Vou telefonar para o meu pai.

Ela pega o aparelho e pede à telefonista que ligue para... para quem? Edward Mortensen, o pai substituto, que lhe emprestara o nome? Jim Dougherty não entendeu direito o nome balbuciado. Norma Jeane aguarda na linha, diz algumas palavras e desliga. Teria realmente falado com alguém? Jim se dá conta de ter presenciado uma cena de ficção. Norma não havia falado com ninguém, apenas fizera uma pequena improvisação teatral. Estava representando a criança abandonada, a órfã desarmada. Jim tem certeza, a esposa é uma manipuladora da piedade.

Quando ele volta a embarcar no *S. Du Mont*, ainda não sabe que é seu último instante com Norma Jeane. Ao voltar, ela vai lhe pedir o divórcio.

O que teria acontecido?

No meio-tempo, Norma Jeane conheceu um fotógrafo do Exército. David Conover estava encarregado de encontrar algumas pinups para revistas militares. Trata-se de uma poderosa contribuição para manter alto o moral das tropas.

David Conover trabalha sob as ordens do capitão Ronald Reagan, um ator razoável, ferozmente anti-sindicalista, informante do FBI. É a primeira vez que Norma Jeane se encontra na proximidade de um futuro candidato à presidência dos Estados Unidos. Não é a última.

À noite, sozinha, Norma Jeane passeia. Na esquina da Irving Boulevard, uma casa grande e sombria, com janela fechadas, lentamente apodrece. Ela serviu para a cena em que Gloria Swanson vê o seu amante afogado, em *Crepúsculo dos Deuses*. Automóveis passam. A noite cai e Norma Jeane olha para o céu, escolhendo uma estrela. Há milhares de moças como eu, ela sabe, que sonham em se tornar estrelas. Não faz mal. Pois...

— Eu sonho com mais força — murmura Marilyn.

* Office of Strategic Services, predecessor da CIA.

CAPÍTULO 3

Jack e Inga Binga

Em 14 de dezembro de 1941, um relatório de vigilância do FBI acusa a visita de um indivíduo “sem chapéu”, cabelos desgrenhados, sobretudo cinza e calças de tweed, no 1.600 da 16th Street, em Washington. O visitante desconhecido se chama Jack. Chegou levantando a gola do sobretudo. Não é a primeira vez que o mesmo personagem apressado é visto na casa de Inga Arvad. Visivelmente ele tem uma ligação com a dinamarquesa, e é uma história que implica riscos, acredita J. Edgar Hoover. Que, na verdade, sabe exatamente quem é Jack, quem é Inga, o que fazem e por quê. O diretor do FBI adora os barulhos íntimos de quartos, os sons da paixão, as libertinagens secretas. Arquiva os dossiês em sua própria sala. Gosta de consultá-los e contemplar, espiar. Depois guarda tudo com cuidado. Podem servir mais adiante.

De fato, tudo havia começado em 1940. Joe Kennedy fora nomeado embaixador em Londres por Franklin D. Roosevelt, que com isso quis afastar aquele aliado rico mas espaçoso, que não economiza elogios ao Presidente democrata, mas o difama grosseiramente pelas costas. Na corte de Saint James, Joe Kennedy não perde uma só oportunidade para cometer uma gafe: descreve a rainha como uma “boa moça”, chega vestindo smoking em evento que exige casaca, chama a atenção de Sua Majestade sobre usos e costumes (sacrilégio) e frequenta o círculo de Cliveden, de aristocratas ingleses pró-nazistas. Não esconde também suas opiniões: se os judeus estão sendo mortos em câmaras de gás, “eles procuraram isso”. Recebe enviados de Goering em Londres, entre os quais Helmut Wohlat, alto funcionário nazista, e envia outros, em seu próprio nome, a Vichy, sede do governo francês aliado ao regime hitlerista. Os alemães estão encantados: “O sr. Kennedy chega a dar a entender que a política democrata dos Estados Unidos está nas mãos dos judeus e que Roosevelt vai cair em

1940”, pode-se ler na imprensa. Mas há algo ainda pior, no entender dos ingleses: a partir dos primeiros bombardeios, Joe Kennedy transferiu toda a sua família para fora de Londres, demonstrando uma covardia que os britânicos não esqueceriam. No âmbito particular, ele deixa clara sua ambição de ser candidato à presidência americana e, com as relações que tem, requisita contêineres, usando o transporte de tropas para exportar caixas de uísque e sustentar seus negócios de atacadista de bebidas. Consegue obter exclusividade como representante de Dewar’s, de Haig & Haig e do gim Gordon’s. Quem sabe, fez feridos desembarcarem para abrir espaço para sua muamba. Ele se aproveita da guerra como pode, colocando os negócios de sua empresa de importação e exportação acima dos interesses do país. É covarde e traidor. Cansado de ver suas ordens contrariadas, Roosevelt acaba despedindo-o como um reles empregado que desvia fundos. É o fim da carreira política de Joe K. Mas ele a continuaria, por contumácia, com os filhos.

Tanta agitação deixa conseqüências. O MI-5 (Military Intelligence, section 5), criado em 1909 para cuidar da integridade do Império, rapidamente se interessa pelo estranho embaixador que cria vínculos com o inimigo, em tempo de guerra. Funcionários conscienciosos captam cabogramas secretos do diplomata suspeito, ouvem telefonemas, copiam cartas, controlam sua movimentação bancária. Os ingleses trabalham de mãos dadas com os americanos, que por enquanto ainda são novatos nesse assunto. A tal ponto que o antigo responsável pelo setor de informações na Espanha, Kim Philby, um espião de alto nível e muito conceituado, instrui em Londres um recém-chegado, James Jesus Angleton. Os dois se tornam amigos e, separadamente, vão ameaçar toda a pirâmide da espionagem ocidental. Angleton se tornaria um doutor Mabuse* melhorado.

Na época da demissão de Joe, o MI-5 transmitiu seu dossiê ao FBI e ao OSS americano. Hoover pôs de lado a informação de que Kennedy teria maciçamente contribuído com fundos financeiros para o esforço de guerra alemão. Ele é paciente.

Na época, John Fitzgerald Kennedy tem 24 anos e está empregado, desde outubro de 1941, na seção de informações estrangeiras do ONI (Office of Naval Intelligence). Tem o posto de tenente, um belo uniforme e horários nada rígidos. É espião? De forma alguma. Ele faz inventário das borrachas e dos lápis, classifica formulários cheios de sinais cabalísticos,

sofre com dores nas costas e se entedia mortalmente. A irmã Kathleen, Kick, cuida dele. Ela é três anos mais nova, mas é uma lutadora. Determinada e às vezes agressiva, sempre teimosa, mas com uma ponta de humor. Já há algum tempo ela sai com William “Billy” Cavendish, marquês de Hartington, filho do décimo marquês de Devonshire. É um rapaz encantador, distinto, digno descendente de uma longa linhagem aristocrática. Conheceram-se em Londres. Quando o velho Kennedy, no entanto, é mandado de volta para os Estados Unidos, em dezembro de 1940, a *love story* em tempos de guerra vai por água abaixo. Além de tudo, Rose Kennedy está furiosa: esse... esse... britânico... esse Cavendish... é protestante! Está fora de cogitação para a família Kennedy se misturar com não-católicos, com cristãos desviados do bom caminho, com cismáticos! A papa-hóstias não arreda o pé nem o arredará até o fim. Quando a filha morre em um acidente de avião, em 1948, Rose não assiste às celebrações, invocando uma justa “punição de Deus”.

Por ora, Kick se diverte em Washington. Empregada na secretaria da redação do *Times Herald*, ela faz o irmão ser recebido pela melhor sociedade da cidade e ele distribui exemplares do seu livro, *Why England Slept*, obra que se cochicha ter sido escrita pelo ghost-writer habitual de Joe Kennedy, o jornalista Arthur Krock. Uma noite, Kick apresenta o irmão a uma linda dinamarquesa casada, Inga Arvad, três anos mais velha do que ele. Jack não hesita: lança-se imediatamente. É o que ele fez a vida inteira: nada de cortejar, nada de perder tempo com manobras de aproximação. As mulheres estão ali para serem conquistadas, sacudidas, tomadas, pregadas à parede. Algumas — a maioria — podem ser possuídas em pé, atrás de uma porta; outras tomam a iniciativa, ficando o homem de costas, de papo para o ar. Jack é o Ligeirinho do erotismo.

Mas, com Inga, sua cabeça fica revirada.

O que ele não sabe é que está sob uma regular vigilância: Joe Kennedy e seus filhos não saem da mira do FBI. E do OSS. E Deus sabe de quem mais. Quanto a Inga (que Jack apelida de “Inga Binga”; o que corresponderia a um “Inga-Bum!”), ela também tem direito ao zelo dos Men in Black. Pois mantém relações duvidosas. O jornal em que ela trabalha foi devidamente informado por uma colega invejosa: Page Huidenkoper, jornalista do *Times Herald* que não suporta a ambiciosa rival. Inga Arvad é bonita, ligeiramente arrogante e, graças à sua coluna social, é convidada para todo lugar.

Freqüente diplomatas e estrelas, ricos e famosos, deixando escapar uma insinuação ou outra e alguns sorrisos; ou seja, ela faz sucesso. Não tem a influência de outras fofoqueiras como Dorothy Kilgallen ou Louella Parsons, mas circula em todos os meios. Page Huidenkoper alerta o FBI: segundo ela, a dinamarquesa trabalha para os nazistas.

A investigação é imediata, revelando um passado movimentado: Inga Arvad tinha sido criada na Dinamarca por uma mãe voraz, que transmitiu à filha o gosto pelo dinheiro e pelo poder. Dançarina do Teatro Real de Copenhague, estudou piano e, ao que parece, foi coroada rainha da beleza aos 16 anos de idade. Convocada para o Folies-Bergère de Paris, Inga declinou o convite, para se casar com um milionário egípcio, de quem se divorciou aos 20 anos. Tentou, em seguida, o cinema: em 1934 estrelou *Flugten fra millionerne*, título que não combina muito com a sua vida pessoal (“Fugindo dos milhões”). Trata-se de sua única aparição diante das câmeras, mas já no papel principal. O diretor, Paul Fejos, um húngaro estranho e sujeito a bruscas mudanças de humor, se apaixonara por ela. É aí que as coisas se complicam. Paul Fejos deixou um nome respeitável nas cinematecas, foi autor de alguns filmes notáveis produzidos na França, como *Fantômas*, *Marie, legende hongroise* e *Gardez le sourire*. Mas o mais interessante é sua carreira posterior. Filho da nobreza camponesa magiar, cavaleiro do 7º batalhão de hussardos do exército imperial em 1917, ele é sujeito a ações inesperadas. Seu caminho cruza o de Inga em um navio, onde começaram a conversar. Ela elogia seu relógio — uma mecânica formidável, marcando as fases da lua, com calendário e cronômetro —, que ele prontamente tira do pulso e lhe oferece. Assustada com tão impetuoso desconhecido, Inga Arvad recusa. Com um gesto *à la* russa, Fejos lança o relógio no mar.

Ela se casou com ele.

Mais tarde, Fejos conheceu um industrial apaixonado por etnologia, Axel Wenner-Gren, fundador da empresa Electrolux, que resolve financiar expedições para documentários na América e na Ásia. Wenner-Gren, no entanto, é suspeito: tem contatos regulares com os altos dirigentes nazistas, é amigo íntimo (e banqueiro pessoal) do duque de Windsor, um pró-hitlerista declarado, e, comenta-se, vende armas a Berlim. Com o seu iate, o *Southern Cross*, comprado de Howard Hughes, ele percorre os mares e — como está convencido o OSS — passa informações aos submarinos alemães

sobre alvos em potencial. O ONI — órgão em que trabalha o tenente Kennedy — havia posto o *Southern Cross* em sua lista negra. Fejos viaja para filmar tribos na Amazônia. Inga Arvad se torna amante de Wenner-Gren.

Em 1935, ela trabalhava para o *Berlingske Aftenavis*, a mais antiga e prestigiosa publicação semanal de Copenhague. Esforça-se para conseguir viagens freqüentes ao centro do Reich. Começou fazendo uma entrevista com o almirante Von Levetzow, chefe de polícia de Berlim, e depois foi convidada para o casamento da atriz Emmy Sommermann, noiva de Hermann Goering. Este último fica encantado com Inga e a apresenta a Leni Riefenstahl, a cineasta oficial do III Reich, e Leni, por sua vez, lhe facilita o contato com Hitler. Ele concede duas entrevistas à dinamarquesa, que o seduz fortemente. Segundo o Führer, ela encarna a “perfeita beleza nórdica”. Inga lhe pergunta:

— Quando faz a saudação, o senhor diz: “*Heil* eu mesmo”?

Foi um bom começo. Em seguida, se interessou por sua segurança pessoal: usa um colete à prova de balas?

— Veja por si mesma — responde o chefe supremo.

Ela o apalpa. Encantado, o Führer a convida pessoalmente para os Jogos Olímpicos de Berlim, no ano seguinte, o que é uma honra rara. Inga descreve o chanceler sob um aspecto feérico:

“Hitler é muito humano, muito delicado, muito encantador e parece não ter tarefa mais importante do que a de me convencer de que o nacional-socialismo vai salvar o mundo.”

Hitler, muito humano?

Em 1941, em Washington, Inga Arvad continua a encontrar Wenner-Gren. O FBI não perde uma migalha. O homem de negócios deixa somas importantes, maços de dólares, em dinheiro vivo, com a bela jornalista. Os agentes de Hoover anotam os números das notas. Ao seduzir Kennedy, as coisas pioram: há uma verdadeira multidão a vigiá-los. Pois Fejos, enciumado, manda detetives particulares seguirem a mulher. Particulares? Nada é particular em toda essa história. A partir dessa época, os amores de Jack se dão quase em praça pública. Tentando barrar o *affaire*, seu pai sugere a Walter Winchell, o cronista mais ouvido e mais lido dos Estados Unidos, a nota. Winchell, além de tudo, é amigo pessoal de J. Edgar Hoover e muitas vezes confunde a profissão de jornalista com a de informante. É

um homem que gosta da noite, passa nos fins de tarde pelo Lindy's, depois pelo Reuben's, em seguida vai ao 21, ao El Fey e ainda... Deu aulas de rumba a Al Capone e nunca sai sem seu Colt Snubnose cano curto. Freqüenta delinqüentes, princesas, jazz men, party girls, candidatas a estrelas, políticos e toda a ralé. De madrugada, gosta de ir à mesa de Joe DiMaggio, o maior jogador de beisebol de todos os tempos, uma lenda viva. Bilioso, carreirista, elétrico, Winchell é uma serpente da Broadway, sinuoso e pegajoso. Prestar um favor para Joe K? Winchell está disposto a lambe-lhe os sapatos.

Com isso, pôde-se ler, nos jornais da rede Hearst, em 12 de janeiro de 1942: "Um dos filhos solteiros do embaixador Kennedy é alvo de atenção de uma jovem jornalista de Washington. A tal ponto que ela já consultou um advogado para se divorciar do marido. Papai Kennedy não está gostando." Duas semanas depois, o diretor do OSS, o impetuoso Bill Donovan, envia a J. Edgar Hoover uma cópia do dossiê Wenner-Gren. Em maio, ele passa a não poder mais entrar nos Estados Unidos. Enquanto isso, o tenente Kennedy é enviado para bem longe do circuito, para Charleston, na Carolina do Sul. É como se estivesse em Timbuktu.

Jack, porém, convida Inga para visitá-lo no exílio. Ele insiste. Ela, em Washington, continua a circular por coquetéis, recepções e eventos da agenda social. Às vezes deixa seus interlocutores pouco à vontade com suas observações brutalmente anti-semitas. Por telefone, ela empurra adiante as insistências do amante: é claro que irá vê-lo. Não, agora não tem tempo. Sim, logo fará a viagem. Envia também um bilhete para Jack Kennedy: "Visivelmente Big Joe é mais forte." Mas Jack acaba convencendo-a e reserva um quarto no Sumter Hotel, em Savannah. O FBI vai junto. O relatório é preciso: "Vinte e oito anos, 1,70m, loura, olhos azuis, pele clara. Pernas um pouco pesadas, roupas elegantes, andar vivaz." Inga e Jack estão contentes. O agente do FBI se mantém na escuta. Inga é puro mel, aplica apelidos carinhosos ao amante. Ele, por sua vez, continua fiel... a si mesmo. Assim que se encontram, passam à ação. Quinze minutos depois, limite máximo, John Fitzgerald Kennedy já está no chuveiro. Em seguida caminha pelo quarto, com a toalha na cintura, conversando. Aguarda a recarga das baterias e recomeça. Mais 15 minutos, chuveiro, toalha na cintura...

A relação começa a se tornar possessiva. Jack, por telefone, manifesta ciúmes, devidamente anotados pelo FBI:

— Ouvi dizer que participou de uma orgia em Nova York, Inga.

— Depois eu conto. Falarei disso durante o fim de semana inteiro, se quiser. Meu marido tem espiões em todo lugar.

— O que soube? O que ele disse?

— Contou muitas coisas sobre você, não muito elogiosas. Ele sabe o que você disse a seu pai a meu respeito, cada palavra. Fiquei parecendo idiota, e isso o diverte bastante.

— Como assim, cada palavra?

— Da parte de alguém que o conhece bem...

Pois enquanto Inga está em Savannah ou em Charleston, Joe Kennedy não fica à toa. Vai ao prédio do *Times Herald* e pede para ver o redator-chefe: é necessário tomar uma atitude, despedir a intrigante. Ele sabe que Inga se queixou das maneiras eróticas de Jack, com um amigo:

— Ele busca o prazer sem se preocupar comigo. Ejacula e pronto.

O confidente em questão é Arthur Krock, a alma vendida de Joe K. Que, na verdade, gostou da informação. Ele havia ensinado aos filhos que mulher é como uma coca-cola: bebe-se rápido, controla-se o arrotos, joga-se a garrafa fora. Pelo menos tinha conseguido ensinar isso a seus meninos. A vigilância se intensifica. Inga Arvad seria uma espiã? Nenhuma prova. Mas as suspeitas são cada vez mais fortes. Hoover manda colocar microfones debaixo da cama dos amantes, grava até os estalos dos estrados. Os detetives, os agentes do FBI, os homens da Navy estão em todo lugar, em cada esquina. Nem se disfarçam mais. Imprudentemente, Jack faz confidências no travesseiro. Considera que “o império britânico já está liquidado”. Em seguida, explica por quê. Hoover anota.

Joe, após certo tempo, se irrita. Enquanto Inga vai passar seis semanas em Reno, Nevada, moradia obrigatória para quem deseja conseguir um divórcio rápido, Joe Kennedy visita o ministro da Marinha, James Forrestal. Pede que o filho seja prontamente enviado para alguma unidade de combate no Pacífico, apesar das deficiências físicas, da saúde periclitante, das constantes infecções venéreas e das costas que o incomodam tanto. Ao saber da novidade, Inga exclama:

— Isso é ridículo. Quando Jack anda, parece um macaco capenga. Mal consegue se mover. Enviá-lo ao combate? É ridículo.

Em agosto de 1943, John Fitzgerald Kennedy, em missão noturna ao largo de Gizo, nas Ilhas Salomão, se torna herói. A bordo do patrulheiro PT

109 ele foi, reza a tradição, o último a deixar a embarcação que naufragou, ajudando a tripulação a alcançar o litoral a nado. Ele extrai dessa aventura um best-seller que vai servir de base para a lenda futura de político responsável e disposto ao sacrifício. Mas Inga Arvad também consegue se safar bem. Torna-se amante de um dos financistas mais poderosos da época, Bernard Baruch. É um dos raros homens a estar a par de um terrível segredo de Estado: o progresso das pesquisas sobre a bomba A. Enquanto ele conversa com Inga em sua casa de Long Island, silenciosamente os gravadores do FBI giram.

Por trás dos bastidores, engrena-se a máquina midiática. Joe Kennedy a alimenta. Ele teria pagado, pelo que dizem, para que Inga Arvad se retirasse. Pagaria outras mulheres para que ficassem, para que fossem embora, para que se deitassem, para que se calassem. A Marilyn Monroe ele nunca vai ter que pagar. Para ela, dinheiro significa muito pouco. Sua corrupção pessoal é a da glória. É como um óxido a corroer o seu espírito.

No silêncio da sua sala enfeitada com uma única fotografia, a de seu cão Spee de Bozo, J. Edgar Hoover lê e relê os relatórios sobre o jovem Kennedy. Sente também enorme prazer em ouvir os ruídos do amor, captados pelos microfones primários — usados com o intuito de serem descobertos — e pelos secundários — que só um profissional pode detectar.

*Criado por Norbert Jacques (1880-1954) e transposto para o cinema por Fritz Lang (1890-1976), o personagem do satânico vilão doutor Mabuse é, entre outras coisas, um mestre de disfarces e um manipulador sem precedentes. (N. da E.)

CAPÍTULO 4

O encontro

Marilyn está atrasada. Ao entrar, os homens abrem olhos que parecem faróis de um Packard, e as mulheres, viperinas, assobiam silenciosamente. Em Hollywood, um belo esgoto a céu aberto, o desejo encobre o ódio.

Marilyn adotou um look Jean Harlow: cabelos louros, tão louros que são quase brancos, o olhar sedutor, os movimentos de quadris de uma show girl e pose de criança precisando — ah, e quanto! — que lhe dêem atenção. Joe Mankiewicz, um dos diretores que lhe deram uma oportunidade no maravilhoso *A Malvada*, não cai em seu jogo: ele percebe Marilyn como por transparência. Ela usa uma “maquiagem de inocência” que horroriza Mankiewicz, que é o cineasta das falsas aparências, um artista das máscaras. Ele pega o seu copo e se afasta.

Em seu vestido de cetim branco, a atriz — já conhecida — segue em frente. O dono da casa, Charles K. Feldman, recebe-a com toda a consideração: ele é o mais célebre empresário de Hollywood e espera que a visitante assine com ele. Na cama, ela prometeu isso. Com seu bigode, que parece desenhado a nanquim, e o rosto bronzeado, Charlie Feldman gosta de testar as atrizes antes de contratá-las. Ele estende a mão manicurada ao marido de Marilyn, Joe DiMaggio, que parece ser um resmungão. É verdade que Joe, astro dos estádios, ídolo do beisebol, não gosta de festas, detesta que olhem para sua mulher como se ela estivesse à venda, demonstra um ciúme de buldogue e insiste para que ela abandone a profissão e fique em casa cozinhando. O que seria uma aberração. Pois Marilyn nada sabe preparar além de cenouras (em lata) e ervilhas (em lata). Ela acha que as cores combinam bem.

Casaram-se em janeiro de 1954, há quase dois meses.

Charlie Feldman mostra a casa. Marilyn a conhece bem: foi onde foi apresentada a Elia Kazan e a seu roteirista, Arthur Miller, anos antes. O

primeiro veio visitar o estúdio durante uma cena em que ela tinha uma única fala. Ele viu Marilyn em lágrimas, assustada com a presença da câmera, arrasada com a idéia de ter que representar, carbonizada de tensão e de pânico. Percebeu que a jovem estava semi-enlouquecida de medo, mas que, ao mesmo tempo, a câmera a adorava. Kazan, tendo como cartão de visitas uma reputação de diretor poderoso, de franco atirador disposto a brigar diante da menor contrariedade, foi para a cama com Marilyn na casa de Charlie Feldman, seu produtor em *Um Bonde Chamado Desejo*. Kazan e Miller são vigiados pelo FBI, evidentemente. Miller, por freqüentar pessoas suspeitas. Kazan por ter virado a casaca. Em 10 de abril de 1952, o cineasta desabou: o indestrutível Kazan, o brigão da esquerda americana, o diretor mais em voga em Hollywood, o rochedo, caiu diante da Comissão das Atividades Antiamericanas. Entregou Paula Strasberg, mulher do fundador do Actor's Studio, denunciou Clifford Odets, seu amigo de sempre, e deu outros nomes. Em um segundo, se tornou um sujo delator. Foi o preço para se manter na lista dos beneficiados pelos produtores.

Kazan se vendeu. Alcagüete, Judas, crápula.

Arthur Miller, mais reservado, mais tímido, permaneceu na sombra; faz parte da sua natureza.

Joe DiMaggio, tolhido em sua gravata e seu terno, se sente pouco à vontade. Não é nada culto, detalhe sem nenhuma importância em Hollywood, bem pelo contrário. É famoso, muito famoso, e faz com que paguem sua celebridade com a gana de quem já foi pobre. Nunca paga um almoço nem um jantar, e menos ainda as diárias de hotel. Também não tem automóvel. Sua presença basta. Não põe a mão no bolso e passa os dias lendo revistas em quadrinhos ou vendo televisão com os amigos de bar. É alegre como o mar no balneário belga Knokke-le-Zoute. Com seus grandes dentes de cavalo e jeito pouco convidativo, como imaginar que aquele homem é um deus? E que nunca houve um esportista dentro de um estádio com tanta graça, tanta elegância, tanto porte? Com um taco na mão e os pés no famoso “diamante” desenhado na grama, ele é o Fred Astaire do beisebol. É magnífico.

Ele e Marilyn moram no 598 da North Palm Drive, em Beverly Hills, em frente à casa de Feldman.

Os convidados não param de chegar. Está presente toda a aristocracia de Hollywood, com o cheiro da sarjeta e do dinheiro recente. Admira-se Marilyn, a nova sensação. Adrian, o lendário costureiro da MGM, também está ali: foi ele quem desenhou os vestidos de Greta Garbo, de Norma Shearer, de Jean Harlow. James Stewart conversa com Mike Romanoff, um falso príncipe russo, verdadeiro escroque, dono do mais extravagante restaurante de Los Angeles. David Niven abraça a esposa, Hjordis, enquanto Billy Wilder se prepara para rodar *O Pecado Mora ao Lado*, com Marilyn. Lá estão os magnatas dos estúdios, Darryl Zanuck e Jack Warner, e também Gary Cooper, Humphrey Bogart, Lauren Bacall, Groucho Marx e, com uma taça de champanhe na mão, Sua Majestade Clark Gable. Marilyn se aproxima, secretamente encantada. Ela admira tanto Gable: é uma adoração transmitida por sua mãe, que, em plena loucura, conseguia superpor à imagem do pai ausente a daquele homem tão sedutor e másculo. Gable, para Marilyn, encarna o homem ideal, paternal, que transmite segurança. É, ao mesmo tempo, protetor e amante; uma fantasia confortável.

Em um canto da sala, William Holden esvazia copo atrás de copo. Doris Day o acompanha. Joe DiMaggio, atrás de Marilyn, segue-lhe os passos. Odeia todas essas pessoas, está convencido de que querem lhe roubar Marilyn — e não está errado. Tem certeza, também, de que exploram sua mulher — e isto é verdade. Não engole o tal Charlie Feldman, um Casanova que passa horas sob a lâmpada de bronzear. Marilyn se aproxima de Clark Gable com suas maneiras de gata:

— Queria lhe dizer que o admiro imensamente, senhor Gable, e gostaria tanto, tanto mesmo de filmar com o senhor...

— Chame-me de Clark.

— Realmente gostaria. De verdade, Clark.

Batidas de cílios. Voz infantil. Ondulações. O jogo de Marilyn. Fariam um filme juntos, *Os Desajustados*, seis anos depois.

Seria a morte para Clark Gable.

Charlie Feldman é um profissional respeitado. Sua agência, a Famous Artists Inc., representa Greta Garbo, James Dean, Marlene Dietrich, Claudette Colbert, Irene Dunne, John Wayne, William Holden, Gary

Cooper, Kirk Douglas, Susan Hayward, Lana Turner, Rita Hayworth, Tyrone Power, Lauren Bacall, Richard Burton, Ida Lupino, Dana Andrews, Ingrid Bergman, James Mason, Dick Powell. E diretores como Otto Preminger, Henry Hathaway, Frank Borzage, René Clair, John Stahl, Jean Negulesco e Michael Curtiz. Feldman inventou o conceito de *packaging*, isto é, a idéia de propor um roteiro, uma estrela de primeira grandeza, uma de segunda e um diretor, tudo em um pacote só. Feldman tem atitude e humor, e inúmeras amantes — entre as quais mulheres sublimes como Rita Hayworth, Hedy Lamarr, Joan Fontaine, Olivia De Havilland, assim como a mais bela entre as mais belas, Ava Gardner. Passa o tempo zombando de si mesmo, diz ser um sedutor que fracassa à noite, possui uma coleção de automóveis Bentley, armários cheios de gravatas Sulka (de um único modelo, uma única cor, sempre a mesma, azul). Como Marilyn, ele tem um passado de criança abandonada. Mas não se queixa disso. Viveu em um abrigo social, com seus seis irmãos e irmãs, e foi sorteado de forma aleatória: o fabricante de móveis que o adotou pediu às sete crianças que corressem. O primeiro a chegar preencheria os papéis de adoção. Foi Charlie Feldman.

Em outra época, ele foi casado com Jean Howard, dançarina do Ziegfeld Follies, que ele enganava desavergonhadamente, e acabaram se divorciando. Mas ela — que é excelente anfitriã e deixou álbuns de fotografias que são uma verdadeira crônica mundana de Hollywood — continua a viver com ele. Louis B. Mayer é secretamente apaixonado por Jean Howard e contratou detetives particulares para segui-la. Inutilmente. Pois ela mantém uma vida sentimental bem cheia, mas ama Charlie. E adora viver naquele ambiente, entre telas de Renoir, de Utrillo e de Vlaminck nas paredes. Mas Feldman acabaria indo morar com Capucine, então considerada uma das mais belas mulheres do mundo. A valsa mundana e a vida dourada não durariam eternamente: para Charlie, um câncer seria o fim, e Capucine, persuadida de ter sido, em vida anterior, um cavaleiro nas Cruzadas, se jogaria do oitavo andar de seu apartamento em Lausanne.

Warren Beatty se lembraria por muito tempo de uma melancólica reflexão de Feldman: “A vida é curta, a única coisa que conta é a qualidade humana. Os filmes são feitos de vento.”

Marilyn havia voltado de viagem três dias antes. Ainda está excitadíssima com o triunfo alcançado no Japão. Foi também cantar na Coreia, com um vestido decotado, em plena brisa de inverno, para as tropas americanas. Ao chegar, caiu nos braços do marido:

— Joe, Joe, você nunca ouviu uma ovação igual!

— É claro, eu sei.

Joe DiMaggio é um ídolo colossal. Na casa de Feldman, os convidados querem lhe apertar a mão, cumprimentá-lo. Ele se esquivava, sua timidez o torna quase agressivo. Com o canto dos olhos, percebe um jovem casal. A mulher é muito bonita e tem uma elegância de animal de raça. O homem tem olhos azuis, o rosto doentio, mas sorridente. Jackie Kennedy e o marido estão em busca de apoio político. John F. Kennedy é senador há pouco tempo e passa o tempo se esquivando das votações mais importantes e das decisões cruciais, mas procura se tornar conhecido. Prepara-se, seguindo sempre as instruções do pai, para ser um candidato aceitável nas eleições presidenciais. Desde a morte de Joe Jr., o irmão mais velho, em missão durante a guerra, Jack passou a ser o primeiro da fila. O pai o preparou com todo o cuidado, talhando um perfil digno de ser gravado em moeda. Mas Jack, no momento, pensa sobretudo em correr atrás de saias e dar escapadas com Gunilla von Post, uma recente conquista sueca, com quem passou a lua-de-mel, deixando Jackie sozinha. Mas que importância tem isso? Ele se sente inteiramente à vontade em Hollywood: como seu pai, antigamente, ele vem à casa de Feldman para as festas e para ir para a cama com mulheres — que podem ser colhidas às braçadas naquele viveiro sempre muito animado.

Ele notou Marilyn.

O senador Kennedy é um convidado permanente na casa de Charlie Feldman. Afinal de contas, o velho Joe é um amigo e tem seus próprios agentes no meio “artístico”, que lhe preparam a caçada. O advogado Pat De Cicco, o futuro produtor Cubby Broccoli, o cronista social Igor Cassini e seu irmão, o costureiro Oleg Cassini, são infatigáveis ao fazer a mediação. Joe Kennedy, já sexagenário, gosta que jovens beldades lhe passem bronzeador no corpo, com as mãos ágeis. Para Jack, tudo é mais simples: casado há seis meses, ele considera a união, arranjada pelo pai, uma

fachada. Jackie está ali apenas para as fotografias: “O jovem senador e sua linda esposa...”, lê-se nos jornais. Mas a “linda esposa” é um enfeite e já foi enganada dez, cem vezes. JFK parece o lobo do desenho animado de Tex Avery:* ao ver Marilyn, seu queixo cai e os olhos saltam fora da órbita. E isto não escapa a Joe DiMaggio. Para ele, os Kennedy são uns irlandeses arrivistas e nojentos, cheios de presunção. O italiano tem o rancor firme e um faro sensível.

Discretamente, JFK procura se informar. Descobre que Marilyn tinha sido *girl* de Joe Schenck, um produtor com uma aparência de Buda, sócio de gângsteres notórios, fura-greves, lavador de dinheiro sujo e aproveitador sem escrúpulos. Schenck já trabalhou com Joe Kennedy e é companheiro de J. Edgar Hoover em hipódromos. Mantém um time de jovens beldades que empresta a seus convidados: Marilyn foi uma delas. Ela percorreu vários escritórios de produtores com uma carta de recomendação escrita por um dos asseclas de Schenck. Curiosamente, mal abriam o envelope, eles se erguiam, davam a volta na escrivaninha e abriam a braguilha, esperando que Marilyn se pusesse de joelhos. Ela obedecia de boa vontade, mas estranhando tanta precipitação. Mais tarde, soube-se que Ben Lyon, o *casting director* que a “descobriu”, tinha simplesmente escrito: “Essa moça faz sexo oral maravilhosamente.” Era essa a recomendação.

Marilyn começou a carreira em um mundo sórdido. Nunca sairá dele. Nem na Casa Branca.

Naquela noite, Jack ouve fofocas: ele adora isso, elas são sempre bem-vindas. Devora diariamente os zunzuns dos fofoqueiros. Já Presidente, sempre seria sua primeira leitura da manhã: os subentendidos maldosos de Cholly Knickerbocker, os pequenos boatos de Dorothy Kilgallen, os informes de Walter Winchell, as notinhas da rainha do mexerico, Hedda Hopper, ou de sua co-irmã, Louella Parsons. Se pudesse, nada leria além disso. É verdade, ele adora James Bond, o deus da espionagem, mas sobretudo por ser um Don Juan contumaz, rápido e machista. Outros informantes lhe disseram que Marilyn viveu com um empresário, Johnny Hyde, que não agüentou muito e morreu. Tinha o coração fraco, o coitado.

Marilyn sobreviveu se tornando *party girl*, pau para toda obra em noitadas de pôquer, circulando entre uma cama e outra, acordando em

lençóis estranhos, em casas cujos proprietários sequer sabiam o nome dessa loura com olhos de quem se afoga. Marilyn adquire o hábito de se encher de barbitúricos, de remédios, de pílulas. Dorme um sono artificial, vive em um universo fictício. Montou a sua história: criança abandonada, órfã corajosa, pobre coitada de quem abusam, carente afetiva. Conta essa versão de gata borralheira moderna a todos os jornalistas, que adoram isso. Havia pousado nua para um calendário? E daí? Precisava de 50 dólares para comer. O público concorda. Ninguém vê em Marilyn uma prostituta, um pedaço de carne: em sua vida pública, ela tem o talento para transformar sujeira em ouro. Na vida privada, é o contrário. Exatamente o contrário.

Com DiMaggio, ela encontrou o cavaleiro branco.

Ele lhe assegurou:

— Tomarei conta de você. O show business não é o seu negócio.

DiMaggio é o homem mais solitário do mundo. Mas com Marilyn, ele é... é... o Papai Noel.

Um dos jornalistas, James Bacon, repara que o “traseiro” de Marilyn, sob o vestido branco, parece “dois cachorrinhos brigando debaixo de um lençol de seda”. JFK também havia reparado.

DiMaggio puxa Marilyn pelo braço. Ela quer aproveitar o sucesso: acaba de rodar, um atrás do outro, *Torrentes de Paixão* e *Os Homens Preferem as Louras*.

— Vamos embora, Marilyn.

— Não, Joe.

O marido está com o tom dos dias azedos, uma espécie de baixo murmurante. Ele desconfia da fidelidade de Marilyn. E tem razão: o amante do momento, Hal Schaefer, é um simpático músico, mas isso não impede que Marilyn ainda dê outras escapadas. Basta que um entregador bata à porta... DiMaggio mandou colocar microfones no automóvel da mulher e às vezes pede ajuda a um policial que em breve se tornaria um dos detetives particulares mais conhecidos de Hollywood, Fred Otash. O campeão do beisebol, carinhosamente apelidado “Yankee Slugger”, a bordoadada dos Yankees, gostaria de controlar a esposa. Quer que ela lhe dê filhos, que banque a babá, que areie as panelas e espane a casa. Ao vê-la, alguns meses antes, de joelhos diante do Chinese Theatre, com o decote bem em evidência, de quatro, colocando as mãos no cimento para os fotógrafos, ele quase urrou. Ela agora recebe 25 mil cartas por dia. Ele bem que jogaria

todas na máquina de picar papel. Ela frequenta Frank Sinatra? Mal pode tolerar, mas pelo menos Frankie é italiano, acaba de se divorciar de Ava Gardner e está arrasado com isso. Nesse ponto, DiMaggio abre uma exceção. Sinatra abatido pelo amor, Sinatra esmigalhado por Ava... Pelo “compatriota” da voz de ouro, DiMaggio reprime o ciúme.

Jean Howard, como boa anfitriã, segue de convidado em convidado, com a sua Leica na mão. Fotografa Edward G. Robinson com a gravata torta, Cole Porter a sorrir triste e Clark Gable dançando...

...com Marilyn Monroe.

Kennedy observa. E discretamente se aproxima. Enquanto Jackie conversa com Feldman, Jack espera sua hora.

Em *Os Homens Preferem as Louras*, Marilyn cantou *Diamonds Are a Girl's Best Friend*. Todo mundo acha que ela própria é uma garota fácil, pensando apenas em dinheiro, como na canção. É um erro. A droga de Marilyn não é o dinheiro e nunca será. DiMaggio não entende isso. O produtor Darryl Zanuck também não. Nem Feldman. O “barato” de Marilyn é a glória. Ela quer ser a principal estrela entre as estrelas, ser respeitada, ser venerada. Exige atenção, amor, consideração, brilho, vapores de incenso, aromas de mirra, pedestal em mármore de Carrara e o desejo de todos os homens.

Quando necessário, ela se torna Marilyn, deslumbrante e sexy. No resto do tempo, ela é Norma Jeane, uma jovem com baixa auto-estima, com incontrolável pavor diante da câmera, que não gosta muito de se lavar, nunca usa tampão higiênico e se enche de produtos químicos. Pouco a pouco, ela está perdendo sua alma, devorada por invisíveis roedores.

DiMaggio se irrita.

John Kennedy vai para perto de sua mulher. Quando tentam levá-lo para o terreno político, ele se esquivava. Estampa seu belo sorriso para os interlocutores, beberica um gole de champanhe, pega uma orquídea e a alfineta com delicadeza no vestido de Jackie — Charlie Feldman adora orquídeas — e dá uma olhada em Marilyn. Que dança com a cabeça no ombro de Clark Gable. Jean Howard, em um canto, tira uma foto.

JFK permanece em silêncio. Alguns minutos antes, Marilyn lhe tinha passado seu número de telefone.

Dentro de alguns dias, começaria a trabalhar em *O Pecado Mora ao Lado*. Ela espera — está pressentindo isto! — que seja o filme que vai fazer dela uma imensa estrela.

Não sabe que filmes são feitos de vento.

*Cartunista americano (1908-1980) responsável pela criação de personagens famosos de desenhos animados. Entre eles, Droopy, Pernalonga e Patolino. (N. da E.)

CAPÍTULO 5

O vestido esvoaçante

No dia seguinte da festa de Feldman, John Fitzgerald Kennedy telefona. É DiMaggio quem atende. Com a voz irritada, pergunta quem quer falar com a esposa. JFK responde:

— Um amigo.

Com raiva, DiMaggio desliga. Em seguida, pergunta a Marilyn:

— Quem é?

Ele insiste, arma uma tempestade, sacode as mãos enormes, de nada adianta. Ela se tranca no quarto, engole umas pílulas e fica em um estado semiletárgico. Chega tarde ao estúdio, onde faz lobby para ser a estrela de *Eles e Elas*, uma comédia musical dirigida por Mankiewicz, com Marlon Brando e Frank Sinatra. Pressiona Charlie Feldman, que tenta falar com Mankiewicz. Que não está interessado em Marilyn. Quando ela afinal consegue falar com o diretor, usando um vestido bem decotado, lhe diz:

— Viu, me tornei uma estrela.

Irritado, ele simplesmente responde:

— Marilyn, vista-se. E pare de rebolar a bunda.

Mankiewicz vira-lhe as costas. Ele pensou em Marilyn. Tinha visto as fotos, tiradas alguns dias antes por Milton Greene, um novo amante. Vestida de bailarina, com pés descalços, banhada de champanhe Dom Pérignon, de fato, ela está sublime. Mas algo transparece naquelas imagens, uma espécie de melancolia que aperta o coração, uma tristeza mortal, anunciando uma não distante obscuridade.

No final de agosto de 1954, Joe DiMaggio vai visitar a esposa no set de *O Mundo da Fantasia*: nesse dia, Marilyn está fantasiada de odalisca de harém. Usa uma egrete branca, um vestido aberto na frente, um bustiê moldando os seios, e canta *Heatwave*. Andando entre rapazes de cabelos frisados e tentando seguir as instruções de Walter Lang, o diretor, ela prende

os pés em... em quê? Ninguém sabe em quê, mas ela leva um tombo. Todo mundo corre para ajudar. Imediatamente retocam sua maquiagem, costumam as pérolas de seu vestido — tocam nela. Tocam em seu corpo! DiMaggio fica chocado, lívido de raiva. Ela o deixa louco. Apesar da psicanálise que ela desde o verão vem fazendo, as coisas continuam as mesmas: às vezes ela quer mudar, outras vezes não. Brinca de ser esposa, mas continua se fazendo de diva. Exibe-se seminua e diz querer “um monte de DiMaggiozinhos”. Ela provoca, requebra-se. Quando atravessa uma rua, causa engarrafamentos. Como disse um jornalista: “Se os russos nos invadirem, ninguém vai perceber.”

Joe DiMaggio tem uma úlcera duodenal.

Aquela mulher parece ter saído de *La Poison*, de Sacha Guitry.*

JFK também não está nada bem. As costas o incomodam terrivelmente. É para ele uma questão de honra não ser visto de muletas, pois nutre altas ambições e sabe que ninguém há de votar em um deficiente físico. O jornal *Brooklyn Eagle* escreve: “Deve-se manter o olho no jovem senador democrata John Kennedy. Ele começa a aparecer como provável candidato à vice-presidência.” A chave da campanha é o anticomunismo. Stalin morreu dois meses depois da eleição de JFK para o Senado, e o senador recém-eleito discursou dizendo que “a segurança do mundo livre está se dissolvendo rapidamente, sob o efeito da subversão comunista”. Mas ele mantém distância de Joe McCarthy. Isso se torna mais delicado, uma vez que Robert Kennedy, o irmão mais moço, é *consigliere* de McCarthy, que, além disso, frequenta o patriarca Kennedy, que havia contribuído fortemente com o tesouro de guerra do feroz senador. Inclusive se pensou em um eventual casamento de McCarthy com uma das filhas Kennedy.

Pouco a pouco, JFK vem conseguindo estatura política. E isso nem o entusiasma tanto, mas ao pai sim. Por insistência de Joe, e com esse objetivo, ele se casou com Jackie Bouvier. É uma moça bem educada, que gosta de cavalos, da França e de dinheiro. Sua mãe, a voraz Janet Bouvier, insistia com a filha, dizendo que ela não servia para grandes coisas, que nunca despertaria o menor interesse e que, basicamente, era feia. Mal Jackie enfiou o anel no dedo, o marido partiu para outros lençóis. Impossível pôr-lhe rédeas. É uma compulsão, uma neurose. Ele precisa seduzir, precisa de

sexo. Tem uma ética pessoal tão consistente quanto a do pai: a moral é ótima coisa para padres, camponeses e carolas. Não para os Kennedy!

A política o ocupa muito pouco. No mês de abril, chega a criticar, no Senado, o envolvimento da França na Indochina, estimando que a guerra no sudeste da Ásia seria “perigosamente fútil e autodestruidora” para o Exército francês. São palavras que mais tarde vão voltar e obcecá-lo. Corroído pela doença de Addison, uma insuficiência das glândulas córtico-supra-renais, dobrado pela dor nas costas, lutando contra os acessos das seguidas doenças venéreas, ele sabe, no verão de 1954, que uma operação na coluna vertebral poderia aliviá-lo. As possibilidades de sucesso não são grandes e os riscos são altos. A operação se chama “fusão lombar” e consiste em se soldarem juntas várias vértebras, que perdem com isso toda a flexibilidade. A mãe, Rose, hesita: já havia perdido um filho, Joe Jr.; uma filha, Kick; e Rosemary, que o pai, Joe Kennedy, mandara lobotomizar às escondidas. Mas, apesar das reticências dos pais, Jack está determinado. Somente então Jackie descobre que o marido é um homem doente, detalhe que lhe haviam escondido.

A operação é marcada para o mês de outubro.

JFK está disposto a pôr sua vida em jogo. Mas tem algo a fazer, antes desse grande salto.

Quer ir para a cama com Marilyn.

O coringa seria o cunhado, Peter Lawford.

Peter Lawford é ator. É encantador, agradável, bonito e insignificante. Sua mãe, Lady May, é completamente louca, com delírios grandiosos de nobreza, exibindo um anti-semitismo total, e ela não engole os Kennedy, esses... esses... grosseirões irlandeses! O pai de Peter, diante de tamanha bruxa, tinha preferido se suicidar.

Revelado por um artigo de Dorothy Kilgallen, em 1946, Peter Lawford foi, por um momento, um astro de pequena grandeza e, com suas boas maneiras e seu sotaque inglês, conseguiu estabelecer... o quê? Uma carreira? Não. Um talento? Menos ainda. Um personagem? Em absoluto. Peter Lawford é uma silhueta, nada mais, um desses seres em papel de embrulho cuja única função é divertir as pessoas. A mãe havia tentado lhe inculcar a idéia de que a sexualidade é uma coisa “horrível, anti-higiênica,

suja”, e o jovem Peter tomou o caminho contrário. Foi para a cama com todas as estrelas, candidatas a estrelas, meninas, garçonetes, cantoras, transeuntes, prostitutas que pôde. Inclusive Marilyn, mas, ao se levantar, pisou em um cocô de cachorro ao lado da cama da bela loura. A imundice de Marilyn, suas unhas sujas, seus cabelos gordurosos e os banhos raros o fizeram desistir. Peter Lawford talvez seja um peixe miúdo naquele aquário de crocodilos, mas ele gosta de garotas limpas. É um simpático parasita e sua verdadeira função é a de cafetão para Frank Sinatra. Vai passar a ser também para Kennedy.

JFK está justamente contando com ele. Toda vez que vem a Hollywood, é Peter quem se encarrega do recrutamento, das apresentações, dos convites. A frase é sempre a mesma: “Vamos procurar alguma xota”, lhe dizia regularmente Sinatra. Que adorou quando o companheiro lhe anunciou o casamento em breve: Peter Lawford casado com Pat Kennedy, que tem a boca torta e o queixo que parece uma armadilha para lobo? É uma aliança antinatural. Ao saber das intenções da filha, Joe Kennedy investigou e pediu a J. Edgar Hoover que abrisse uma pasta. Para J. Edgar, nada mais agradável. Soltou seus cães e coletou as informações. Resultado: não, Lawford não é comunista (muito bem); sim, é cidadão britânico (ponto negativo); sim, é um duro (ponto negativo); não, não é homossexual (ufa!). Além disso, Joe Kennedy pôde observar uma nota de rodapé: “Peter Lawford é freqüentador assíduo de bordéis.” Ou seja, é totalmente aceitável, apesar de ser inglês e ator.

Hoover arquivou a pasta, deixando-a à mão. Avisou às tropas do FBI que se devia manter vigilância constante sobre o indivíduo Lawford.

Sinatra, em seu canto, aplaude. O italianinho e seus amigos com hábitos pouco comuns vão finalmente encontrar um barão da alta, que também conta com amigos na Máfia. E, se por acaso JFK vier a ser Presidente, Sinatra já imagina as farras na Casa Branca e se vê intermediando uma ajuda para Santo Trafficante ou passando adiante instruções de Sam Giancana. Ele seria a eminência parda da bandidagem da Little Italy. *Mamma mia!* Lawford, por sua vez, paga caro a aliança, catastrófica desde a lua-de-mel no Havaí: a esposa, seguindo os conselhos da mãe, faz o sinal da cruz a cada abraço e depois se vira para a parede, murmurando painossos. E, se o ator acha que vai lucrar com o dinheiro dos Kennedy, engana-se redondamente. Pat Kennedy Lawford tem a mão tão fechada

quanto os irmãos. Está fora de cogitação gastar um tostão, um níquel, um centavo. O dinheiro da família fica na família.

O casamento, pelo menos, empurra Peter Lawford adiante no palco. Ele fica famoso. Ou quase. Meio famoso. O problema de Lawford é que durante a vida inteira ele faz as coisas pela metade. Como homem, como ator, como astro. Peter Lawford é uma meia vida.

Na sombra. J. Edgar Hoover espiona. E se prepara. Acha que tem um grande destino nacional. Ele pensa na presidência.

JFK viaja. Passa por Chicago, Boston, Buffalo e faz campanha. Vai às boates e coleciona jovens encantadas com seu sorriso e sua pele bronzeada. Percebe que o poder político de McCarthy está se esfarelando. Se afasta. No Texas, estado bem pouco democrata, ele não permanece por muito tempo. Se ficasse mais, sem dúvida teria conhecido uma certa casa noturna de Dallas, chamada Vegas, na Oaklawn Avenue. Conta com belas mulheres, bons negócios, e o dono, Jack Ruby, é simpático. É claro, a Vegas está sob a vigilância do FBI: o agente local, Carl Murano, se mantém atento. Ruby é um pequeno gângster sem maior importância, que anda com um calibre 38 no bolso e gravita à sombra de Carlos Marcello, o padrinho de Nova Orleans. O encontro com JFK poderia ter acontecido e, de uma maneira ou de outra, vai acabar acontecendo mais tarde, por assassinatos interpostos. É uma questão de tempo.

Jackie, por sua vez, procura ter paciência, em sua bela casa em Washington. Novos vizinhos acabam de se mudar: Ben Bradlee, estrela emergente do jornalismo político, e sua mulher, Tony, formam um casal formidável. É verdade que toda a boa sociedade se aglomera em Georgetown, o bairro histórico de Washington: James Jesus Angleton, que acaba de assumir o departamento de contra-espionagem da CIA, mora do outro lado da rua, perto de outro jornalista, Joe Alsop, homossexual notório e alegre anfitrião. A cunhada de Tony Bradlee, Mary Pinchot, é uma encantadora mulher que estuda pintura e faz parte do mesmo círculo. Seu marido, Cord Meyer, é o número dois da contra-espionagem: é o encarregado dos “negócios úmidos”, dos golpes ambíguos. O adjetivo “úmido” é uma referência ao sangue.

Em todo esse microuniverso circulam fofocas; às vezes trocam-se apenas dicas culinárias, mas logo se passa para um certo troca-troca mais generalizado. As esposas de uns se tornam amantes de outros, depois se casam novamente e começam a enganar também os novos maridos. JFK, nisso tudo, se sente como um peixe dentro d'água. Ele acha engraçada a fluidez dos intercâmbios no meio político.

Jack é como uma piranha: por onde ele passa, ele consome. Seduz Gene Tierney, a sublime atriz de *O Fantasma Apaixonado*, as strippers Blaze Starr e Tempest Storm e dezenas de mulheres que cruzam seu caminho. O chofer, experiente, empurra o espelho retrovisor por alguns minutos ou pára na beira da estrada para fumar um cigarro. Na maioria das vezes, Kennedy coloca a acompanhante sentada no capô, levanta-lhe saia e pronto. É tão rápido que “muitas vezes a moça sequer percebe que já tinha começado”. É o rei do serviço relâmpago. Depois volta à caça, pois o terreno é fértil. “Eu devia lembrá-lo de fechar a braguilha”, contou ainda o motorista.

Jackie sabe que o marido é infiel e reclama. Sente-se sobretudo humilhada. Procura conversar com o sogro. Joe Kennedy dá uma gargalhada: ele adora aquela moça com ambições precisas e a cabeça no lugar. Ela gosta de dinheiro, o que é algo compreensível, e tem humor. Os dois se apreciam mutuamente. Jackie não se entende nada bem com Rose Kennedy, que ela considera amarga, uma espécie de sargento cavalcando um cabo de vassoura lá no alto, nas nuvens. Tudo bem. Ninguém gosta mesmo de Rose, exceto seu confessor. E não se tem certeza quanto a isto.

Joe está nas alturas.

— É o jeito Kennedy — diz ele, tranqüilizando Jackie.

Sua opinião é a seguinte: as outras mulheres nada representam para o filho querido. Jackie é a rainha-mãe. Se for preciso, Joe vai ajudar.

De fato, ajudou.

Mas, enquanto isso, Jack está na Califórnia e telefona para Marilyn. Dessa vez, ela atende. Kennedy murmura:

— Há ocasiões em que não se deve telefonar, não é mesmo?

— É verdade, mas não é o caso agora.

Peter Lawford arranja um encontro discreto para os dois amantes, no Malibu Cottage, para um drinque, e no Holiday House Motel para... uma rapidinha.

Um-dois, negócio feito.

DiMaggio é chifrado, e muito! Marilyn passa seu tempo ensaiando partituras com o simpático músico Hal Schaefer e conversando depois do sexo. Fala do medo terrível que tem de ser como a mãe, louca, e conta detalhes dos ciúmes de DiMaggio. Schaefer, que é bissexual, ouve. Estranha aventura, mas uma aventura calma, quase meiga. É um amante que sabe escutar. Com a sexualidade satisfeita, restam esses momentos de confidências, entre os lençóis amarrotados...

Depois o mundo volta a se apropriar de Marilyn. Durante os preparativos para *O Pecado Mora ao Lado*, o diretor, Billy Wilder, faz testes de figurino. Para uma cena íntima, Marilyn deve vestir um baby-doll transparente. Grande conhecedor da intimidade feminina — havia sido gigolô anteriormente —, Billy Wilder se aproxima da atriz e pede que tire o sutiã.

— Não se usa sutiã por baixo de um baby-doll — ele explica.

— Não estou usando — responde Marilyn.

Para verificar, Wilder encosta a mão. Fica impressionado:

— Seios miraculosos. Um desafio às leis da gravidade.

É bem verdade, um cirurgião havia dado retoques milimétricos no nariz, nos dentes, no queixo e nos seios. Um trabalho de ourives. Marilyn é perfeita. Tem o corpo mais cobiçado do mundo, é a mulher que desencadeia tumultos assim que se apresenta em público. É o sexo encarnado. Impossível vê-la sem pensar... naquilo. Destrói os pontos de reflexão na cabeça dos homens. Eles automaticamente passam a raciocinar pelo instrumental básico. É uma regressão instantânea ao cérebro reptiliano.

Quando se programa para a sedução, Marilyn é um sol. No privado, a luz se apaga. A sensualidade também. Sob os projetores, ela é a rainha do mundo. No claro-escuro, uma pobre coitada.

Os mais próximos, entre os quais Marlon Brando, notam que Marilyn aparece às vezes com algumas marcas roxas. DiMaggio tem a mão pesada. Quando ele se casou com Marilyn, um bookmaker organizou apostas: o casamento duraria mais do que um ano? No Toots Shor, o restaurante favorito de DiMaggio, apostou-se, sem nada se dizer ao principal interessado. E as noitadas continuaram como antes: discussões sobre esporte, conversas alcoolizadas, risos de homens quando se encontram entre amigos. Toots, o dono, xinga todo mundo, tem um humor sujo e sempre um caneco de cerveja na mão. Ele adora DiMaggio, se conhecem há anos e comem a mesma comida infecta que o cozinheiro inventa. Alguns clientes

gostam do lugar, mas encomendam pizzas de fora, pois o menu é intragável. Quando Marilyn vem, o que é raro, as conversas param. Apenas um murmúrio de admiração paira no ar. Ela se senta, ouve e depois os rapazes voltam a conseguir articular frases. Que tédio! Enquanto o marido fuma seus Camels, sem uma palavra, os outros enumeram aos berros estatísticas do beisebol. Às vezes Sinatra passa para beber. Dorothy Kilgallen também faz incursões, em busca de mexericos sociais. Foi ela quem fez a primeira grande entrevista com o Yankee Slugger, em 1944, e, por isso, DiMaggio gosta da jornalista, com seu nariz pontudo e seu queixo inexistente.

Em setembro de 1954, Marilyn chega a Nova York. O acontecimento é alardeado, anunciado, impresso. Em 15 de setembro, uma cena de *O Pecado Mora ao Lado* será filmada na esquina da 52th Street com a Lexington Avenue, em frente ao Trans-Lux Theatre. Os jornais martelam a notícia: Marilyn vai provocar o maior engarrafamento da cidade, apesar da hora tardia, meia-noite. Ela descansa, ensaia o texto com seu assistente e, no fim da tarde, passa no Toots Shor. Ao sair, em seguida, para jantar no El Morocco com DiMaggio, a multidão já está presente, impaciente, barulhenta. O jogador de beisebol é desconfiado. Gosta de manter distância. Marilyn, não. Ela distribui autógrafos, aperta mãos, sorri, balança os quadris, cheia de trejeitos. Ser um bibelô magnífico é o seu emprego.

DiMaggio volta para o Toots Shor, enquanto Marilyn se dirige à Lexington Avenue. O *Journal American*, devidamente informado pelos assessores de imprensa do filme, havia anunciado: “É um espetáculo gratuito. A filmagem na rua é aberta ao público, apesar de os trajes de Miss Monroe serem, segundo dizem, bem reveladores.” À meia-noite, 1.500 espectadores estão na rua, excitadíssimos. A iluminação foi disposta em marquises de prédios. Projetores colossais banham a esquina. Curiosos sobem nos telhados. Fotógrafos espalham-se judiciosamente por todo lugar. Billy Wilder, com o chapéu de lado, o cigarro dependurado, dá instruções, com certa impaciência. Marilyn está atrasada. Wilder se queixa:

— Ela está tendo aulas no Actor’s Studio, com Lee Strasberg? Não digo que não seja bom professor, mas, se é para ir à escola, por que não vai ter aulas na Patek Philippe, na Suíça, para ser pontual? Todo o sucesso de Marilyn vem de não saber representar. Se começar a se levar a sério, ela está acabada. Trabalhar com Marilyn é uma guerra de trincheiras: a gente espera, espera...

Wilder é enérgico, trepidante, às vezes brusco. Sabe exatamente o que quer.

E quer Marilyn, no set.

Imediatamente.

Walter Winchell, parecendo apressado, chega ao Toots Shor. Os freqüentadores cumprimentam o jornalista. DiMaggio não se encontra.

— Onde ele está?

— No bar do hotel Saint Regis.

Winchell sente que a noite pode lhe proporcionar um bom artigo e corre para o Saint Regis. Localiza DiMaggio e chama:

— Vamos lá, Joe. Vamos assistir à filmagem.

O outro olha para o fundo do copo, observa as marcas úmidas no balcão e responde soturno:

— Não. Ela fica nervosa e eu fico nervoso também.

— Vamos lá, Joe. Você precisa aparecer. Isso vai me render uma matéria. Joe DiMaggio empurra o copo, se estica e segue Winchell.

JFK foi avisado: a operação é complicada. Precisa fazer um transplante ósseo e inserir uma placa metálica. Se uma infecção acontecer, a morte é quase certa. Ele dá entrada no New York Hospital emagrecido, preocupado. Após alguns dias sob observação, duas equipes de médicos trabalham: são endocrinologistas e cirurgiões. A operação não chega a ser um sucesso. Mergulhado em um semicoma, JFK mal se dá conta de que o consideram perdido. Ocorreu a temida infecção. A família chama um padre, e o paciente recebe a extrema-unção. Arrasado, Joe Kennedy senta-se e começa a chorar.

Dissimula-se a doença de Addison e nada é dito à imprensa. Fala-se apenas de um ferimento de guerra, do heroísmo de Kennedy no PT 109 e fica-se à espera. Curiosamente, o doente não parece animado por nenhuma imensa vontade de viver. Está esgotado. Jackie vem vê-lo, traz de presente uma pistola de chumbinho para atirar nas bolas de encher que ela solta no quarto. As enfermeiras estão encantadas. Também se divertem com as outras visitantes, que passam rapidamente, sem que Jackie saiba. Uma das enfermeiras é particularmente bonita. JFK se interessa e inicia uma

conversa. Jackie, em um canto, sorri. A enfermeira ergue sua touca e... é Grace Kelly! Ah, uma brincadeira e tanto!

O que Jackie não sabe é que Grace Kelly foi bastante cortejada por Joe Kennedy, nem tanto tempo atrás. Mas acabou preferindo Oleg Cassini, para tristeza do embaixador.

Dias se passam, com uma sucessão de médicos, e o paciente se interessa por uma única coisa: as últimas fofocas.

O prognóstico vital não é dos melhores. Para levantar o moral, Jack prega um cartaz de Marilyn de pé, vestindo shorts, com as pernas abertas.

Um detalhe: o cartaz está ao contrário.

Quando Winchell e DiMaggio chegam à Lexington Avenue, o caos é geral. Centenas de pessoas se empurram, policiais a cavalo tentam manter pelo menos uma aparência de ordem, flashes pipocam. Impossível continuar. DiMaggio já estava girando nos calcanhares, mas Winchell foi falar com um guarda. Ele dá uma olhada e reconhece o astro do beisebol, o herói de Nova York. Uma escolta inteira uniformizada abre caminho, isto é, uma verdadeira avenida, para o Yankee Slugger. Em volta, a multidão grita:

— Mais alto! Mais alto!

Enquanto os dois visitantes têm a impressão de que o Mar Vermelho se abre diante deles, a febre cresce, a tensão aumenta. Ao chegar à primeira fila, DiMaggio vê a cena.

A cena.

Aquela que vai ficar para sempre.

Aquela que está gravada em mármore.

Marilyn, com um vestido pregueado, está de pé sobre uma grade do metrô. De ombros nus, um sorriso magnífico nos lábios, a garganta exposta, olha para seu colega, Tom Ewell, que, com uma expressão de Droopy, do desenho animado, e as mãos nos bolsos, tenta manter um ar blasé. Mas a esquina inteira é pura eletricidade. Nova York está em sobrevoltagem. Ouve-se a voz de Billy Wilder:

— Ação!

Um metrô passa e, no barulho dos trilhos, três imensos ventiladores escondidos sob a grade se põem a funcionar. O vestido de Marilyn se infla, se ergue, sobe para as costas, ela gira a cabeça com um gesto divertido de

falso pudor, com as pernas descobertas, as coxas à mostra, as mãos juntas, em tentativa desenvolta de manter um resto de pudor. É uma imagem mágica, um dos ícones do século XX.

Apenas DiMaggio não aprecia. Sua mulher quase nua, diante de milhares de espectadores? Ela está sem meias, usa apenas uma calcinha branca — na verdade duas, superpostas, para evitar a transparência. Mais excitante do que um verdadeiro striptease. Um sujeito, animado, grita:

— Mais, Marilyn, mais!

A cena é retomada uma, duas, dez vezes. Jornais do mundo inteiro haviam enviado fotógrafos.

DiMaggio está desesperado. Vê a roupa de baixo de sua mulher, nota que a câmera parece focar a parte inferior da barriga, ouve um espectador comentar:

— Não disse que é uma loura “de verdade”?

DiMaggio está furioso. Vira-se e diz: “Basta.” E vai embora.

A filmagem durou cinco horas.

A cereja do bolo é que Wilder não pôs filme nas câmeras. Trata-se de um espetáculo publicitário. A cena de verdade seria filmada no estúdio.

Voltando para o Toots Shor, o dono do lugar, vendo o ídolo com a expressão abalada, lhe diz:

— O que você pode esperar, Joe? É uma puta!

DiMaggio não poria mais os pés no restaurante do amigo.

Alguns dias depois, Marilyn anuncia o divórcio. O casamento durou 286 dias. Na saída do tribunal, alguém entrega um envelope a Marilyn. Lá dentro, uma só palavra. Marilyn desdobra o papel e lê: “Putá”, escrito com cocô.

Mas o ciúme de DiMaggio e o sentimento de posse seriam eternos.

Assim que o divórcio é assinado, ele contrata um detetive para espionar Marilyn. Fred Otash, o dobermann dos detetives particulares, manteria o olho no buraco da fechadura até a morte de Marilyn.

Ela estaria sempre sob alta vigilância.

*Ator, diretor e dramaturgo russo (1885-1957) radicado na França, Guitry produziu diversas peças e filmes de imenso sucesso na primeira metade do século XX. *La Poison*, filme de 1951, é a história de um homem que deseja matar sua mulher, enquanto ela mesma arquiteta um plano para envenená-lo. (N. da E.)

CAPÍTULO 6

Hollywood confidencial

Saindo do hospital, Jack não se sente melhor. No Natal, ele é levado para a casa do pai, em Palm Beach, em uma maca. Lá, enquanto os médicos controlam a incisão nas costas, que supurava e se mantinha aberta, ele dá telefonemas, preocupado com uma única coisa: quem está transando com quem. Tem uma curiosidade de fuxiqueira. Mas seu estado de saúde não melhora muito e, em fevereiro de 1955, ele recebe pela segunda vez os santos sacramentos. A dor o deixa arrasado. Dorme apenas uma hora por noite. Em março, consegue enfim dar alguns passos sem muletas. Na proximidade do seu 38º aniversário, a médica Janet Travell o obriga a ir a Nova York para exames. São reveladores: John Kennedy tem alergias graves — leite, pêlos de gato, poeira — e uma clara insuficiência tireoidiana. A taxa de colesterol é alarmante e a doença de Addison havia diminuído a sua resistência. A doutora Travell freqüentemente lhe injeta novocaína, que alivia as dores, e cortisona, a droga do momento.

Há uma má notícia: a saúde de JFK é frágil. E uma boa: Eisenhower, Presidente respeitado e antiquado, acaba de ter uma crise cardíaca. O mundo mudou durante a ausência de Kennedy. McCarthy caiu, Krushev se tornou o líder incontestado da URSS, a guerra fria está em seu apogeu, as armas atômicas estão prontas para serem lançadas e um novo rei descadeirado havia destronado Sinatra: Elvis the Pelvis.

Jack telefona para Marilyn. Logo estaria de volta a Nova York e a seu duplex do Carlyle Hotel. Viria vê-lo? Ela lhe fala de sua nova ambição: conseguir o papel de Gruchanka em *Os Irmãos Karamazov*. Está tendo aulas no Actor's Studio. Mas, é claro, iria vê-lo.

O FBI ouve. Fred Otash ouve.

Fred Otash é um puro produto de Hollywood: ex-fuzileiro naval, ex-tira da Brigada de Costumes, abriu um escritório especializado em danos sentimentais e financeiros. Persegue mulheres infiéis, maridos aventureiros, fetichistas carentes, homossexuais discretos, maus pagadores e assiduamente freqüenta amigos gângsteres, entre os quais Mickey Cohen, o espalhafatoso bandido de Los Angeles. Atarracado, parecendo uma barra de ferro fundido, prognata, Otash é um chacal: completa a renda do fim de mês passando informações à *Confidential*, revista um tanto sórdida (cujo verdadeiro negócio é extorquir gente famosa: não se publica o artigo, mas é preciso pagar). Além disso, trabalha para o FBI, com a matrícula 85570C. Foi Otash que tirou Phyllis McGuire de apuros, apresentando a prova — escutas telefônicas — de que seu marido Rock Hudson é homossexual. A atriz pôde se divorciar sem dificuldade, dando a Fred Otash um pequeno bônus por sua dedicação. Mas o detetive não parou no meio de tão promissor caminho: levou as fitas gravadas ao chefe de Rock Hudson, Harry Cohn.

— Se isto vier a público, estamos arruinados — disse Cohn. — Rock é um dos maiores astros da Columbia.

— O.k., mas tive alguns gastos — responde Otash.

Cohn paga e, como bônus, se torna ainda informante de Otash. Em troca do silêncio sobre Rock Hudson, o produtor passa ao detetive uma pasta sobre Rory Calhoun, um ator secundário da Columbia. Calhoun estivera na prisão. Cohn cede a ficha antropométrica — com matrícula e tudo — a Otash, que a vende à *Confidential*. Viva a liberdade de imprensa.

O melhor é que o próprio Rock Hudson é seu cliente. Ele já contratou Otash para fazer com que alguns ex-amantes entendessem que não deviam mais se manifestar. E eles não se manifestaram mais.

A homossexualidade do ator Van Johnson, a vida sexual desabrida de Maureen O'Hara, atriz favorita de John Ford, as prostitutas no iate de Errol Flynn por ocasião de sua noite de núpcias, Otash está a par de tudo. Sua agência tem um slogan: *Detective for the stars*. Com ele, é melhor ser cliente do que alvo: Howard Hughes, Frank Sinatra, Judy Garland, Bette Davis, Edward G. Robinson, Lana Turner, Peter Lawford, todos o empregam regularmente. Ele trata dos seus negócios em um restaurante, o Dino's Lounge. Proprietário: Dean Martin.

Otash detesta os judeus, os veados, as mulheres, os estrangeiros, os outros (todos os outros) e, assim que é lançado em uma pista, ele arfa: arf, arf, arf. Esse ganido arfante é sua marca registrada. E ele tem classe: na época em que trabalhou no Vice Squad, foi mandado para o bairro gay e encontrou um nome para o local: “Vaseline Alley”.

Fred Otash vive no estrume.

E gosta disso, arf, arf.

Ao entrar em contato com o *detective for the stars*, Joe DiMaggio tem uma obsessão. É bem verdade, Marilyn não é mais sua mulher, mas ele tem desconfianças. Quer ter certeza: quem é seu amante? Sabe que para a tradicional festa de fim de filmagem, no set de *O Pecado Mora ao Lado*, 80 pessoas foram escolhidas na lista vip de Hollywood e os lobos estão indóceis para assumir a sua sucessão. Ele sobe pelas paredes, piora sua úlcera, anda ainda mais emburrado do que o normal. Certa noite, deprimindo-se na Villa Capri na companhia de Frank Sinatra (que não se recupera do divórcio com Ava Gardner), um telefonema arranca o Slugger do seu bourbon. É Barney Ruditsky, um ex-tira que trabalha para Otash, do outro lado da linha.

— Marilyn acaba de entrar em um prédio em West Hollywood.

Sinatra compreende. Ele próprio quase matou Ava Gardner, por puro ciúme. E ela quase o matou por puro desejo de se ver livre. O inferno é algo que Sinatra conhece.

— Em que lugar?

— Na esquina da Waring Avenue e da Kilkea Drive, o.k.?

— Estou indo.

Vendo o amigo bastante agitado, Sinatra se levanta. Resolve ir junto, levando alguns companheiros, sempre com nomes invariavelmente italianos. São 11 da noite, há poucas pessoas nas ruas. Diante do edifício, de fato, se encontra o Cadillac preto de Marilyn, facilmente reconhecível. Não se consegue ver o banco de trás, soterrado por uma barafunda de objetos: calças, camisas amassadas, sapatos avulsos, passagens velhas de avião, montes de multas e, segundo Billy Wilder, “sem dúvida também antigos amantes”.

Os homens combinam um plano. Sinatra gosta de bancar o *bad boy* e aconselha a todos: nada de meios-termos. Chegariam já derrubando a porta e dariam alguma educação ao idiota que ousou seduzir Marilyn. Quebrariam seus dedos, seus punhos e tudo o mais. Os rapazes sobem ao segundo andar, acertam uns pontapés na fechadura e são recebidos por um grito de mulher. Florence Kotz, uma cinquentona solitária, berra como uma sirene em época de guerra. Sentada na cama, com as mãos nos bobes dos cabelos, é fotografada por Ruditsky. A italianada pára:

— *Culo di puta*, nos enganamos de porta!

Alguns apartamentos mais adiante, alertados pelo barulho, Marilyn e Hal Schaefer aproveitam para discretamente escapulir. O simpático músico poderia continuar tocando piano.

Quando a polícia chega, encontra um verdadeiro caos. Florence Kotz recebe 7.500 dólares e uma porta nova.

DiMaggio mergulha de vez na fossa.

Nos meses seguintes, Jimmy, um garoto de 14 anos de idade, apaixonado por Marilyn e que a segue como um cãozinho em Nova York, com frequência nota uma sombra em algum recuo de prédio ou umbral de porta, em frente à residência de Miss Monroe.

É o Yankee Slugger, perdido na noite.

Charlie Feldman tem boas notícias para Marilyn. Acaba de conseguir para ela o papel em uma peça de teatro que seria levada às telas, *The Sleeping Prince*. Laurence Olivier — o maior ator do mundo — e Vivien Leigh a representaram no palco. Para o cinema, fala-se em Marilyn e Richard Burton. Filmagem prevista para Londres. Então, contente? Claro, muito, respondeu Marilyn, terminando sua taça de Dom Pérignon, levantando-se e indo embora. Feldman acha que está tudo certo.

Engano seu.

Pois Marilyn desaparece.

Pega um vôo para Nova York. O estúdio, a 20th Century Fox, lhe declara guerra. Ela quer mais dinheiro, maior consideração, melhores papéis, personagens trágicos, um camarim sublime, flores diárias, o poder de escolher o diretor... ela quer, quer. Darryl Zanuck, o chefe, não é homem de deixar que lhe digam o que fazer, sobretudo um bibelô que — é a

impressão que ele tem — mal consegue ler um roteiro. Além de tudo, ela está sempre atrasada, discute os projetos, recusa o que lhe propõe e quer que a considerem uma grande atriz trágica. Lee Strasberg, o guru do Actor's Studio, pôs na cabeça de sua pupila que ela pode ser uma atriz como Duse. Duse! Por que não Sarah Bernhardt ou Callas? Zanuck está furioso e passa os dias a mastigar os charutos e a rodopiar seu taco de críquete, jogo que ele adora.

Marilyn tem muitos motivos para ir a Nova York. Primeiramente, quer se afastar do patrão, Zanuck. Além disso, está em crise: começar a fazer análise lança-a em abismos de reflexão. Quem ela é? Ela não sabe. Quem ela quer ser? Talvez não Marilyn, obrigatoriamente. Em terceiro lugar, deu ouvidos a Milton Greene, um encantador fotógrafo que a convenceu a montar uma produtora própria, que lhe garantiria independência financeira e artística. O chato é que a Marilyn Monroe Productions vai precisar ser administrada, e Marilyn não tem a menor noção de o que a palavra “gestão” pode significar.

Tem vontade de fugir. E foge.

Em Nova York, refugia-se na casa de Greene, entra para a família, torna-se a prima-irmã-amante, instala-se na casa. O tempo que não passa com Milton ou com sua mulher Amy, ela está com Lee Strasberg. Ele a vê como a sua galinha dos ovos de ouro: integra Marilyn em seu grupo, dá aulas particulares a ela, serve seu almoço junto com o dos filhos, insiste que ela vai ser como Duse, a Grandíssima, a Sublime, e passam juntos horas a sós na biblioteca, enquanto Paula Strasberg, a gorda esposa do grande gênio, descasca ervilhas na cozinha.

A Fox, os repórteres, os amigos, todos procuram Marilyn. Ela simplesmente mudou o visual — uma peruca negra.

Mudou de atitude — banal.

Mudou também de nome. Chama-se Zelda Zonk.

JFK volta à tona. Acaba de publicar um livro — escrito por Ted Sorensen, amigo e ghost writer — intitulado *Profiles in Courage*. Grande sucesso, belo prêmio Pulitzer, bela picaretagem. Ninguém sabe que JFK nada escreveu além do título. Cada vez mais, porém, ele aparece como um candidato viável para o cargo de vice-presidente, ao lado de Adlai

Stevenson. Ele precisa de tempo, precisa de liberdade. Envia Jackie para a Inglaterra, onde mora sua irmã. Lee, a irmã, é uma oportunista de dentes afiados, sorriso glacial e com pretensões de dama da sociedade. É casada com Michael Canfield, filho secreto do duque de Windsor, um sujeito sem graça e distinto, às vezes convidado para recepções na alta sociedade londrina. As duas irmãs se divertem com conversas tolas e saem muito.

Kennedy, nesse meio-tempo, está na farra. Vai à Suécia, no mês de julho, para encontrar a namorada loura, Gunilla von Post, e lá, já livre das muletas, gozar a vida. O pai, por telefone, aconselha discrição. Jackie, deixada de lado, resolve esperá-lo na Côte d'Azur, para onde ela e Lee receberam muitos convites. É a ronda de verão, entre Saint-Tropez e Saint Maxime: armadores convidam políticos, playboys freqüentam homens de negócios, estrelas encontram costureiros. Reina um aroma adocicado de óleo de bronzear, de dinheiro e de adultério bem-comportado. Giovanni Agnelli faz esqui aquático com Jackie, Winston Churchill beberica seu tonel de uísque, Lee Canfield flerta descaradamente, Jackie às vezes janta com o marido, que também veio para a Côte, onde o velho Joe Kennedy alugou uma mansão. Outro milionário convida os Kennedy para um drinque no convés de seu iate, o *Christina*: Aristóteles Onassis olha Jackie e aprecia a jovem mulher ainda tímida, mas dona de uma distinção que o jornalista Joe Alsop havia batizado de “esnobismo do estilo”. Jack, em um canto, tenta conversar com Churchill, que se mantém distante. Kennedy acaba ficando mal-humorado.

Jack se comporta como um menino que nunca precisou pegar uma camisa no chão — deixa-a jogada, sabendo que algum empregado recolhe a roupa suja. Nunca tem dinheiro no bolso, mas sabe que a fortuna do pai satisfaz todas as suas vontades. É menos arrogante e menos irritante do que o irmão Bobby, mas tem todas as maneiras e atitudes de um herdeiro irresponsável. De carro, dirige como um louco, sem nunca se preocupar com os possíveis danos, e a vida segue bem agradável. Ou quase, pois tem que ouvir as reclamações de Jackie.

Uma noite, ela conversa com Joe K. Não agüenta mais. Quer se divorciar. Sabe que o marido telefona diariamente para Gunilla von Post e imagina existirem outras mulheres, e muitas. Não é raro que ela tenha esse tipo de reação, mas Papai Kennedy sente que, dessa vez, a atitude é mais

séria. Joe, que todo mundo chama de “embaixador”, acalma a nora e, no dia seguinte, convoca John para pôr tudo em ordem:

— Você vai ser presidente, um dia. Com o divórcio, estará arruinando as possibilidades. Não tem esse direito. Lembre-se do que aconteceu por causa de Gloria Swanson!

Como se Gloria Swanson tivesse impedido Joe K. de ser candidato! A má-fé do ex-embaixador é flagrante. Mas ele atinge a meta. Um mês depois, JFK vai a Roma, para ganhar a bênção do papa — não serve muito, mas não custa nada — e, em 12 de outubro, está de volta a Nova York.

Dois dias mais tarde, com Jackie de volta a Washington, John Kennedy aluga a suíte 812 do Fairfax Hotel, por um ano. Inaugura-a com uma festa memorável, com Frank Sinatra e algumas amigas. Nova York, para ele, é como uma loja de doces. As belas mulheres se sucedem: Lee Remick, atriz em ascensão, Tempest Storm, uma stripper dos infernos, e Audrey Hepburn, linda e tão bem-educada...

Zelda Zonk passa como uma ventania.

JFK gosta de ventanias.

O embaixador tem seus problemas pessoais, que o filho ignora. Havia ofendido Frank Costello, o “primeiro-ministro da Cosa Nostra”, de quem ele conhece, no entanto, a lendária irascibilidade. Joe K. havia se “esquecido” de depositar a parte do siciliano, com quem tem negócios desde a época da Proibição. A empresa de destilados Somerset Imports, assim como sua participação nas corridas de Hialeah, o tinha tornado ainda mais rico. Graças a um empurrãozinho de Sam Giancana, o padrinho de Chicago, ele pôde também comprar, por uma migalha de pão, o maior centro comercial da cidade, o Merchandise Mart. E agora recusa o óbolo aos amigos? Estão todos francamente descontentes. E com a Máfia descontente, Joe K. sabe que as coisas podem acabar mal. Ele não pode morrer naquele momento; seria totalmente inadequado. O filho está a caminho do cargo supremo. O que está em jogo é enorme.

Joe Kennedy contata o velho amigo Johnny Rosselli, um hábil diplomata: sabe arredondar os conflitos, fazer trocas de favores, não melindrar ninguém. Tem contatos na CIA e é apreciado na agência. Tem relações em Hollywood, onde é temido e não hesita em enfiar uma cabeça

de cavalo na cama de um produtor, para explicar seu ponto de vista. Conhece todo mundo, mas, mais importante que tudo, conhece Sam Giancana, o chefão de Chicago. Joe Kennedy recebe autorização para ir defender sua causa.

Ao ver Joe chegar, Giancana encosta o charuto e aguarda. Ele repara que o “puto do irlandês” está suando. E pergunta:

— Tem algum problema com Frank Costello?

— É mais um mal-entendido...

— Um mal-entendido?

Nos mal-entendidos, há obrigatoriamente um mal-entendido.

Joe K. explica:

— Costello quer que eu seja o “laranja” em um de seus negócios e eu...

— Você não quer?

— Tenho que pensar na carreira política do meu filho.

— Você insultou Costello. Está achando o quê? Que ele vai deixar passar?

— Meu filho, um dia, vai ser Presidente.

— Ah, é? E...?

— Se me fizer esse favor vai ter, nesse dia, entrada na Casa Branca. É uma promessa.

Giancana havia ganhado. Ele pega de volta o charuto, enche um copo de gim Gordon's, se levanta:

— *Salute.*

Joe Kennedy acaba de salvar as coisas. Na verdade, tem um contrato a lhe pesar sobre a cabeça. Seria perdoado pela afronta cometida emprestando seu nome para a compra do Cal-Neva Lodge, um hotel-cassino na fronteira entre os estados da Califórnia e de Nevada. Tem nisso um “sócio”, Wingy Grober, um gângster maneta. Um ano depois, porém, Frank Costello é morto. Tudo, então, acaba bem.

Só que Joe Kennedy acaba de hipotecar o futuro de Jack. Aqueles senhores italianos não esquecem as dívidas. E Sam Giancana não demora a se meter na vida privada de JFK.

Em pouco tempo, John Fitzgerald Kennedy é obrigado a fazer malabarismos entre várias mulheres, sendo uma delas Marilyn Monroe. Uma outra é a espiã de Sam Giancana.

A armadilha está preparada.

Marilyn, por sua vez, acaba de encontrar o “homem da sua vida”. Dessa vez, ela tem certeza, é ele. Tem a aura do intelectual, a reputação de grande dramaturgo, suscita o respeito unânime. Além disso, fuma cachimbo, chiquérrimo. Arthur Miller, amigo de Kazan, sai com Marilyn por cafés da boemia de Nova York. Ele é de esquerda, freqüenta antigos comunistas, às vezes contribui financeiramente com causas patrocinadas pelos simpatizantes de Moscou, é suspeito de alianças com o inimigo pela Comissão das Atividades Antiamericanas.

O FBI o vigia. A CIA tem fichas.

A CIA abre uma pasta Marilyn Monroe em 19 de agosto de 1955, dia em que Marilyn está desfilando na Broadway, em um alegre carnaval beneficente para crianças doentes. Ela cavalga um elefante cor-de-rosa.

O relatório da CIA conclui: “Fotos seguem.”

Entre JFK e Marilyn não há ainda uma relação, é um namoro rápido. Marilyn é apenas um troféu a mais no quadro de caça do senador Kennedy. Ela está em uma fase reclusa: exceto por algumas saídas públicas com Sinatra ou Milton Greene, ela tenta passar despercebida. Os dias se passam na casa de Lee Strasberg, caminhando nua pelo apartamento e recitando textos clássicos. Tem uma aventura com Marlon Brando e se prepara para assinar um novo contrato com a Fox: quatro filmes em sete anos, um cachê de 100 mil dólares por filme (e um percentual) e a possibilidade de escolher seus diretores e câmeras. Condições de grande luxo. Duse não teria se saído melhor.

Esperando para voltar à plena luz, Zelda Zonk faz um aborto. É o 13º. Está com 29 anos.

Nunca se soube quem seria o pai.

CAPÍTULO 7

Poor Prince

O Homem Invisível está em Washington. Eternamente vestido com um impermeável cáqui, as faces escavadas, os olhos ocultos por enormes óculos que lhe dão um olhar de um Jesus Cristo mocho. Magro, ele transmite certa inquietação. James J. Angleton é, literalmente, um fantasma. Este é, aliás, um de seus apelidos. O Homem Invisível, a Mosca, o Zumbi... Mas o mais constante é Mother. Fundador do departamento de contra-espionagem na CIA, ele dirige suas redes e seus informantes com a segurança de um burocrata genial. Tem perfeito controle das linhas de tensão que cruzam a Central Intelligence Agency, sabe se aproveitar das rivalidades e fazer prosperarem suas pequenas e grandes obsessões.

Contam-se entre as pequenas: a pesca com anzol, os microfones espalhados (inclusive nas festas a que é convidado) e o cultivo de orquídeas, sobre as quais não pára de falar, quando se toca no assunto. Tem predileção pelas carnívoras e, às vezes, em sua estufa aquecida, ele gosta de dançar sozinho ao som de Elvis Presley. Entre as grandes: a convicção total, absoluta de que os comunistas preparam um “complô monstro”, que espões estão infiltrados em todo lugar, até nos armários de cozinha da Casa Branca. Angleton é um perfeito paranóico, mas, como se sabe, somente os paranóicos sobrevivem em um mundo de espões. E no mundo normal também, aliás.

Insone, dogmático, apaixonado por literatura, James J. Angleton enxerga a mão da KGB em todo lugar. Cada refugiado vindo do Leste é um agente duplo e cada cidadão de esquerda é um traidor de aluguel. O Homem Invisível tem um segredo, que ele tenta dissimular: seu pai era mexicano, daí seu segundo nome, “Jesus”, pronunciado “Iêçuus”. Angleton não quer ser um imigrado. Trancafiou sua origem e reduziu o segundo nome àquele “J” solitário. Em contrapartida, é apaixonado pelos segredos das demais

peessoas. Faz coleções como as de orquídeas raras. É capaz de dissertar infinitamente sobre a beleza da *Ophris scopolax* ou da *Promenea stapellioides*. Sobre o restante, todo o restante, ele é mudo como um cadáver.

Em 1955, ele começa a se interessar por John Fitzgerald Kennedy. Eles moram no mesmo quarteirão, se vêem em festas, sobretudo na casa de Ben Bradlee, e, às vezes, trocam uma ou outra palavra. Ambos desconfiam de um adversário em comum, J. Edgar Hoover.

Ao começar a juntar informações sobre Kennedy, James J. Angleton abre também um dossiê sobre Marilyn. A atriz mantém relações preocupantes, do ponto de vista do “complô monstro”. Está em vias de se casar com Arthur Miller, quase um comunista, e tem aulas com Lee Strasberg, cuja mulher, Paula, foi uma leninista convicta. Além disso, circula pela esfera de Hollywood e tem amigos esquerdistas. Ou seja, é uma personagem a ser vigiada.

É bem verdade que a segurança interna não é da competência da CIA, mas do FBI. E Hoover fica furioso quando entram na sua área. Mas Angleton faz as coisas à sua maneira, discreta, suave e dissimuladamente, queimando cigarro atrás de cigarro. Tem a cor de pele dos grandes fumantes, um cinza-terra.

Ele, então, acha não ser impossível que Marilyn seja um tentáculo do polvo vermelho, opinião compartilhada por seu acólito Cord Meyer, herói de guerra e caolho.

Não é inconcebível, então, que JFK seja, um dia, objeto de chantagem, já que tem a mania de ir para a cama com qualquer mulher.

Angleton não é o único a observar.

A KGB faz a mesma coisa.

A casa não parece grande coisa: é bonita, é verdade, mas relativamente discreta, ao lado da do magnata William Randolph Hearst, na mesma praia de Santa Mônica. Ela agrada a Peter Lawford e a sua mulher, que acabam de ter uma filhinha. Ele se lembra de já ter vindo ali no início da carreira, ainda adolescente, convidado pelo agitado anfitrião Louis B. Mayer, chefe da MGM. Em 1932, Mayer tinha adquirido a propriedade, situada no 635 da Pacific Coast Highway, e a transformara em residência de luxo: mil metros

quadrados em dois pavimentos, 12 cômodos, quatro quartos de dormir, um elevador, uma sala de projeção e uma enorme piscina dando para o mar. Mármore por todo lado, lareiras, salões em que os convidados dos domingos vieram por muito tempo conversar despreocupadamente: Clark Gable, Jean Harlow, Spencer Tracy e Katharine Hepburn foram *habitués* da casa. Aliás, foi o local da primeiríssima exibição de *E o Vento Levou*. O lugar era afastado — as pessoas chiques preferiam Beverly Hills — e discreto. Exatamente o que se queria.

Comprando a casa em 1956, Peter Lawford empreende uma reforma completa, encosta os sofás contra as molduras de gesso neo-espanholas, instala uma cozinha moderna da General Electric (como pagamento por um comercial na televisão). Ele passa a morar na mesma praia que os maiores produtores da época: Harry Warner, Samuel Goldwyn, Darryl Zanuck. Joe K. não consegue entender: por que a filha Pat, que já cometera o erro de se casar com um ator, quer morar em um bairro quase todo judeu? Louis B. Mayer não passa de um “vendedor de tapetes judeu” e os outros são também uns “jacós e isaques vendedores de roupas”. Felizmente Joe K. vem muito raramente. O filho, no entanto, é um convidado permanente. Quando está em Hollywood para “sex safaris”, é no 635 que ele passa a noite. Lawford “arruma” as coisas: compra coca com Watts, traz prostitutas negras, janta com os amigos, entre os quais Frank Sinatra, e mergulha na deliciosa decadência simbolizada por seu automóvel, um Dual Ghia conversível. Um carro europeu, imaginem só!

O ritual está sacramentado. Quando o cunhado chega, Peter Lawford faz de tudo, sem se importar com os gastos. JFK, certo dia, está conversando com o empregado de Sinatra, George Jacobs, um negro esperto e safo que viera ajudar. De brincadeira, ele pergunta a George:

- O que os negros querem, George?
- Não tenho idéia, senador.
- Jack, George, me chame Jack.
- E o senhor o que quer... Jack?
- Quero comer todas as mulheres de Hollywood.
- Com um programa eleitoral desses é impossível perder, senhor.

Nos dias seguintes, quem passeasse por ali veria dois enamorados andando na praia de Santa Mônica. John Kennedy e Marilyn Monroe nem disfarçam. E o cúmplice Peter Lawford é um *fixer*, um agenciador de

primeira categoria. No fundo, está convencido de que os dois são feitos para estar juntos. Têm carisma, um senso de humor bastante peculiar e, como Marilyn diz com uma ponta de cinismo, “Jack é bastante democrático e muito penetrante”.

É ali na praia, entre as gaivotas e a estrada para São Francisco, que a história se torna algo mais do que uma ventania.

Entre a estrela que chega a seu apogeu e o senador em ascensão, os caminhos se cruzam. Marilyn está na trilha da autodestruição, da implosão íntima. Os remédios com que se impregna dissolvem sua consciência, afastam seus dons de atriz, calcificam suas qualidades humanas. Os jogos de poder de que participa com a Fox, com o novo marido, Arthur Miller, com os amantes de passagem, com seus agentes, trituram suas forças. Ela existe apenas pelo e para o sexo. Em breve filmaria sua obra-prima, *Quanto Mais Quente Melhor*, e nunca mais teria aquele halo de beleza, de perfeição, de senso do cômico.

Kennedy, por sua vez, se prepara. Prepara-se para quê?

Para ser Presidente dos Estados Unidos da América.

Aceita seu destino com uma espécie de resignação fatalista. Outros homens herdam casas, quadros ou louças de família. JFK herda um país. Não se sente reticente nem entusiasmado. Foi criado, instigado, sustentado dentro dessa idéia. Não tem a vocação do bem público nem a dedicação dos grandes homens. Sensibiliza-se apenas com jogos de poder e as intrigas do adversário.

Em 2 de dezembro de 1957, a revista *Time* o estampa na capa: ele é o *Democratic Whiz of 1957*, o geniozinho democrata do ano. É a glória.

Glória comprada, é verdade: papai Kennedy havia pagado 75 mil dólares pela cover story.

Bobby Kennedy tem o título de *Chief Counsel of the Senate Committee on Improper Activities in the Labor Management Field*. Ou, resumindo: é uma espécie de procurador da comissão McClellan, encarregada de esclarecer abusos e corrupção que reinam no mundo do trabalho. Pelo menos daquela vez, em toda a sua vida, ele está no lugar certo. Seu temperamento de cão raivoso, a irritabilidade e o prazer em bancar o decidido encontram a válvula de escape ideal. A meta da comissão,

oficialmente, é a de perseguir os matadores, os escroques, os crápulas infiltrados nas organizações sindicais, nas administrações públicas e nos fundos de pensão. Bobby é jovem demais para ter ido lutar nos anos 1940. Ali, ao lado do senador do Arkansas, John L. McClellan, ele encontra a sua guerra. Faz disso uma cruzada.

Robert Kennedy está à frente de uma equipe impressionante: 35 investigadores, 45 contadores, 20 estenógrafas; no total, uma centena de empregados. Ele tem um alvo em vista: James Riddle Hoffa, o todopoderoso chefe dos Teamsters. Hoffa é uma rocha: baixo, atarracado, brutalmente independente, ele fez o seu caminho a bordoadas e administra o sindicato como se fosse uma família de patifes. Jimmy Hoffa é um filho da miséria, um puro produto da Grande Depressão. Engolira poeira, humilhações e derrotas. Sem qualquer enriquecimento pessoal, no entanto, e sem nunca se desviar da meta — o poder —, ele criou a força dos Teamsters, que podem, em um segundo, paralisar toda a economia do país. O inconveniente é que Hoffa se aliou ao diabo e trabalha com a Máfia.

Quando um cara é suspeito de colaborar com RFK, ele simplesmente é suspenso pelos tornozelos no 20º andar de um prédio. Um outro que seja denunciado como alcagüete tem direito a um tratamento especial: um pepino enfiado no reto. Jornalistas desaparecem, investigadores se demitem, funcionários sofrem acidentes inesperados. RFK denuncia uma “conspiração do Mal”. Ele queima ódio puro. Quando ele diz “Hoffa”, é como se lançasse uma maldição, a palavra assobia entre seus longos incisivos.

Hoffa-RFK: tudo entre os dois homens se opõe. Um não tem dinheiro, fez-se por conta própria e tem uma personalidade moldada em aço de Solingen. O outro é filho de milionário, nascido com uma colher de prata na boca e uma formidável agressividade que é sua espinha dorsal. O homem da rua contra o homem dos jardins gramados, o macacão contra o terno e gravata, dois universos que não combinam juntos. O conflito seria incrivelmente amargo, de inaudita brutalidade. Ambos vão sofrer muitos golpes.

Joe K. dá um pulo quando descobre que o filho está atacando a Máfia. Furioso, explica que está hipotecando seu próprio futuro e irritando pessoas importantes. É um lodo em que não se deve mexer. Só vai se sujar fazendo isto. O embaixador, na verdade, tem apenas um receio: que RFK traga à luz

os laços que ele manteve, e ainda mantém, com Sam Giancana, Meyer Lansky e outros padrinhos. Joe Kennedy pressiona o filho. Ele, no entanto, resiste. Inclusive ergue a voz. RFK se vê como um abre-alas incendiário: levaria o fogo às fileiras do exército dos bandidos. E tem certeza da vitória. Está enganado, mas engana-se com uma obstinação que só o enaltece.

Ele vai ouvir 500 testemunhas, pede que os debates sejam transmitidos pela televisão e humilha publicamente homens da Cosa Nostra, *capi dei capi*. Entre estes, a menor falta de respeito é interpretada como uma cusparada. O menor sinal de desprezo é uma bofetada. E Bobby Kennedy usa imoderadamente o desprezo. Está inscrito na bagagem genética dos Kennedy.

Alguns mafiosos nunca irão perdoá-lo, entre eles Carlos Marcello e Santo Trafficante, *uomini d'onore*.

Hoffa espera sua vez, de punhos fechados.

Seus informantes — taxistas, caminhoneiros, entregadores, motoristas e mecânicos — passam-lhe uma informação preciosa: o garoto Kennedy é um insensível, mas o irmão mais velho é um farrista.

Basta montar um bom dossiê sobre JFK e Marilyn.

Hoffa conhece o cara ideal para esse excelente serviço: Fred Otash, *o detetive das estrelas*.

— Tem os seios de granito e o cérebro que parece um queijo gruyère.

A opinião de Billy Wilder sobre Marilyn não havia mudado em nada. Persuadida de ser uma imensa atriz trágica, impregnada de teorias do Actor's Studio e sob a influência das correntes psicanalíticas em moda, Marilyn Monroe desembarca em Londres com a certeza de estar indo para um filme que vai marcar época: de fato, *O Príncipe Encantado* (versão cinematográfica de *The Sleeping Prince*) seria dirigido — e interpretado — por Laurence Olivier em pessoa. Acompanhada pelo terceiro marido, Arthur Miller, Marilyn exhibe uma bela aliança de ouro, no interior da qual há uma inscrição prometendo amor eterno: “A. to M., June 1956. Now is forever.”*

O agora pode ser eterno, mas, em linguagem de Hollywood, “forever” significa “cinco minutos”. E na linguagem de Marilyn significa três.

Assim que ela chega ao estúdio de Pinewood, as coisas desandam. Arthur Miller, que está sob convocação da Comissão das Atividades Antiamericanas, prepara sua defesa. Que vai ser frouxa, fugidia. Nem comunista nem anti. Nem convicto nem cínico. Nem uma coisa nem outra. No entanto, não denuncia ninguém, ao contrário do amigo Kazan, grande artista que virou fétido delator.

Laurence Olivier é um ator à moda antiga: quanto entra em cena, ele conhece seu texto. Quando abre a boca, sabe onde se encontra cada vírgula. Aperfeiçoa a dicção, ensaia obstinadamente e vem trabalhar pronto, prontíssimo. É o contrário dos atores do Actor's Studio, que devem rebuscar em suas lembranças, estabelecer conexões com situações reais, se entregar à verdadeira psicanálise antes de cada respiração. Laurence Olivier faz seu papel. Marilyn atua quatro horas depois. Ele está bem na primeira tomada. Ela pode se considerar aceitável na quinta.

Há um agravante: há algum tempo Marilyn não anda mais sem sua coach, Paula Strasberg. A adiposa esposa de Lee Strasberg é suntuosamente paga para dar conselhos à atriz. Ela é pródiga em imagens que, ao que parece, ajudam: “Você é uma garrafa de Coca-Cola prestes a explodir”, “Imagine-se como uma escova de dentes suja”. E, sobretudo, Paula Strasberg não passa despercebida: vestida com uma espécie de djelaba preta, usando um imenso chapéu de palha escura, tendo a tiracolo uma bolsa colossal contendo doces, anotações, produtos de maquiagem e, tendo em vista o tamanho da sacola, provavelmente um par de botas de esqui, ela se posiciona entre o diretor e Marilyn. Laurence Olivier passa as instruções e Paula Strasberg as traduz, murmurando e dirigindo sua cliente. A autoridade do cineasta fica publicamente abalada. Paula Strasberg é odiada por todo mundo.

No segundo dia de filmagem, Marilyn chega 45 minutos atrasada. No dia seguinte, chega ao meio-dia. Em dois dias, são necessárias 34 tomadas para gravar quatro palavras: “*Oh, you, poor prince.*” Ela confere tudo com Paula. Atrapalha-se. Esquece o texto. Deixa cair a colher de caviar que está segurando. Irritado, Laurence Olivier aconselha:

— Sente-se, Marilyn, conte até três e diga a sua fala.

Ela olha com uma expressão sem vida. Olivier é ríspido:

— Provavelmente também não sabe contar?

Está declarada a guerra. Todas as noites, chegando em casa, Marilyn dá vazão à raiva. Na bela residência alugada para o casal, ela quebra pratos, berra ao telefone, passa horas com Paula Strasberg, engole soníferos aos montes, pede a opinião de Arthur Miller. Ele é um homem que aspira à calma, evita confrontações. Prefere se apresentar de viés do que de frente. Aos poucos descobre outra mulher, além daquela com quem se casou: uma harpia histérica, com um ego monstruoso e angústias colossais. Onde está a inocente louca que o ouvia de boca aberta, sentada no tapete, enquanto ele discorria sobre o mundo e suas torpezas, afundado na poltrona? Como essa criatura monstruosa entrou em sua cama, em sua vida? Arthur Miller descobre que está casado com um alien.

A temporada na Inglaterra, no entanto, é a lua-de-mel.

Em 30 de julho, Miller dá um pulo em Paris. Vai cumprimentar Simone Signoret e Yves Montand, que estão na montagem da sua peça *As Bruxas de Salem*. Marilyn permanece mergulhada no estupor provocado pelos barbitúricos. Laurence Olivier chama os guardas do estúdio para expulsar Paula Strasberg, que ele batizou de “A Besta”. Marilyn vai para a cama com o segundo assistente. Olivier, completamente desanimado, olha para sua atriz bêbada, desvairada, desarrumada, e o perfeito gentleman perde o autocontrole:

— *Fuck her* — exclama.

Voltando para Nova York, no mês de novembro, Marilyn se sente demolida. *O Príncipe Encantado* é uma catástrofe. Pior ainda, ela havia descoberto o diário íntimo de Arthur Miller, em que ele escreveu: “Acreditava ter casado com um anjo, estava enganado.”

Jack Kennedy, por sua vez, está no mar. A esposa está grávida de sete meses, mas ele é que se sente cansado. Alugou um iate na Riviera e, com mulheres bonitas e amigos bem escolhidos, se mantém em permanente festa. O irmão Teddy o acompanha, assim como o futuro conselheiro George Smathers. O contingente de biquíni é importante. *Sex, sea and sun*, nada melhor como preparativo para as futuras responsabilidades de homem de Estado.

Como político, JFK prepara suas armas.

Como homem, ele é patético.

Pois durante sua ausência, Jackie sofre um aborto. Em 23 de setembro, ela tem uma hemorragia, é internada em estado de emergência no Newport Hospital e dá à luz um bebê natimorto. Bobby Kennedy faz soar o alarme: tenta se comunicar com o irmão, mas ele está ao largo, no Mediterrâneo, em algum lugar entre a França e a Itália, com sua carga de bibelôs. Joe Kennedy pega o telefone e, finalmente, após três dias de caçada, consegue localizar o filho em Gênova. Ele, de início, não quer voltar para casa. Depois, diante da insistência do pai, se dá conta de que tal atitude pode lhe custar alguns pontos na imagem política. Resigna-se:

— Imagino que minhas férias estejam terminadas — reclama.

Nenhuma palavra para Jackie.

Desliga e vai encontrar os companheiros de farra. Naquela noite, esteve particularmente alegre. *O mambo italiano...*

Ferida, mais uma vez humilhada, Jackie se deprime. A sogra, Rose Kennedy, sempre encantadora, decreta que o aborto foi por culpa de Jackie:

— Ela fuma demais.

Jackie parte para a Inglaterra e volta apenas em dezembro. JFK fica sozinho o mês de novembro inteiro. Jackie quer se divorciar. Basta, já é demais. Mas o sangue sempre fala mais alto: as lições de sua mãe lhe voltam à lembrança. E, ao confiar uma vez mais em Joe K., ele a afasta do projeto de divórcio. Em troca, oferece à nora um milhão de dólares. A sordidez é uma arte de vida para pessoas assim.

Jackie começa a freqüentar um homem com muito charme, bonito e divertido: William Holden, o ator de *Sabrina* e de *Crepúsculo dos Deuses*, dois filmes de Billy Wilder.

Marilyn se encontra em Nova York. JFK também. Eles se vêem, passam noites juntos. O outono é tão bonito no Central Park... Será que Kennedy também pensa que Marilyn é um anjo?

Um anjo maldito; é o que Mother vê perfeitamente.

* “De A. para M., junho de 1956. Agora é para sempre.” (N. da E.)

CAPÍTULO 8

Quanto mais gente melhor

Dois anos se passam. Marilyn havia entrado, sem perceber, no país das trevas. Afunda lentamente, drogando-se com venenos lícitos. Pílulas amarelas, azuis, vermelhas, ela engole todas. Barbitúricos, antidepressivos, anfetaminas, coisas das quais sequer sabe o nome. Ela apaga o tempo, periclita por limbos pegajosos, tropeça no banheiro. Sobre algumas overdoses, outras virão. Toda essa química com que se enche tem uma única função: esquecer que há um inferno a ser esquecido. É ela a sua própria carcereira, o seu próprio carrasco, a sua própria vítima. É, no sentido literal da palavra, uma moça perdida. Transa muito, filma pouco, está gangrenada por uma bruma interna. Marilyn, a estrela, se sente ameaçada por Norma Jeane, a puta. O combate é desigual: com origem nas profundezas da infância, uma pesada loucura a devora.

John Kennedy é um garoto que foi criado com a certeza de fazer parte do time dos vencedores e pertencer ao mundo dos senhores. Ele também se impregna de remédios. Um falso médico, Max Jacobson, lhe injeta grandes doses de anfetaminas. Por que não cocaína? É verdade, por que não? JFK já havia experimentado, como mais tarde experimentaria LSD. Ele tenta ter um nome, se livrar da sombra do pai invasivo e despreza totalmente o restante do mundo. Há o clã Kennedy e, do lado de fora, um exército de adversários, de inimigos, de mercenários que constituem o mundo sensível. As mulheres estão presentes apenas para um alívio relâmpago, a família para montar o cenário e Deus para a galeria. Jack está subindo a ladeira, subindo e se degenerando insidiosamente. O poder suavemente o envenena. Ele não há de escapar.

Marilyn e JFK, duas vidas equivocadas.

O filme em que Marilyn trabalhou com Laurence Olivier, um conto de fadas entre um príncipe e uma encantadora show girl, se parece, de certa

forma, com aquele que Gloria Swanson impediu que Erich von Stroheim terminasse, *Queen Kelly*. Histórias de nobres duvidosos e moças da ralé... *O Príncipe Encantado* é piegas, cor-de-rosa e tremendamente frouxo. *Queen Kelly* teria sido áspero, escuro e impiedoso. De ambos os filmes sobraram apenas alguns trechos.

Mas a idéia do príncipe continua a traçar seu caminho. Qual menina (e alguns meninos também) não sonhou encontrar o nobre coroado que lhe traria o sapatinho largado diante da Abóbora Encantada? Ah, um príncipe... Um homem com as têmporas prateadas, um palácio de sonho, soldados com penachos de penas de avestruz, música descendo do céu, navios que suavemente balançam no cais e jóias, jóias. Marilyn, evidentemente, pensa nisso.

Longe, um milionário também pensa nela: Aristóteles Onassis, travando uma luta árdua contra Rainier de Mônaco pelo controle do Principado, envia um representante para sondar as intenções de Marilyn e ver se ela daria uma esposa conveniente para o soberano de opereta. A idéia do armador, é claro, é a de dar ao príncipe uma boneca loura para brincar. E que, tendo isso, ele não viesse se meter nos negócios do reino. Que passeie em carros esporte, admire seus animais de zoológico e faça carinho em seu bibelô de sonho. Infelizmente, quando o enviado especial pergunta a Marilyn se estaria interessada, ela responde:

— Mônaco? Onde é isso?

Contam-lhe que fica na Europa e não no meio da selva. Como se estivesse saindo de uma nuvem, ela discretamente pergunta:

— E esse tal Mônaco tem dinheiro?

Enquanto ela pensa, o lugar é tomado. Grace Kelly se torna princesa de Mônaco em 18 de abril de 1956. Marilyn lê o entusiasmado artigo de Dorothy Kilgallen nos jornais e se pergunta: por que não eu? O que Grace Kelly tem que eu não tenho? Tem origem irlandesa, é verdade. É bem-educada, é preciso concordar. Tem postura, tudo bem. Mas, mesmo assim, por que Marilyn Monroe, a mulher mais desejada do cosmos, não teria semelhante destino?

Ser mulher do homem mais poderoso do mundo, *why not?*

É claro, está fora de cogitação se casar com Nikita Krushev. O primeiro-secretário do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em visita aos Estados Unidos, é convidado a comer

um hambúrguer, a se extasiar com as criações de Walt Disney, a visitar a 20th Century Fox e a admirar Marilyn Monroe, os símbolos do capitalismo triunfante. O herdeiro de Lenin havia esmagado a rebelião húngara, dado início à desestalinização, tentado conter o crescimento da China e suprimir a direção do colegiado soviético. Ele precisa mudar um pouco as idéias. Marilyn se encarrega disso: é a recepcionista oficial do estúdio. Kruschev, tendo ao lado a esposa tão decorativa quanto um saco de trigo ucraniano, lhe diz em segredo:

— A senhora é uma bela mulher... muito sozinha.

Nikita se solidariza. Não se pode dizer que o primeiro-secretário não seja humano e seu país não seja acolhedor. Aliás, poucos dias depois, mais um cidadão americano estaria se mudando para Moscou: o ex-fuzileiro naval Lee Harvey Oswald, um estranho rapaz que professa — em voz um tanto alta demais — convicções socialistas puras e duras.

Marilyn, mesmo censurada pelos assessores de imprensa da Fox, responde ao primeiro-secretário:

— Meu marido, Arthur Miller, lhe envia seus melhores votos. Esses intercâmbios deviam ser mais freqüentes. É algo que contribui para o entendimento entre nossos países.

É aplaudida.

Ela aproveita para anunciar a filmagem de *Adorável Pecadora*, uma comédia ligeiramente musical, dirigida por George Cukor, o cineasta das mulheres. Seu galã? Um ator francês desconhecido nos Estados Unidos, mas bastante promissor.

Yves Montand.

Kennedy continua fascinado por Hollywood. Toda vez que vai a L.A., aproveita para *suingar*. A palavra sugere facilidade, abundância, uma atitude cool. Ciúme, fidelidade, monogamia? Nada disso é cool, nada swing. É a época do adultério divertido, do sexo à maneira *Playboy*, da moral maleável. As lojas de discos vendem microsulcos com música para striptease doméstico, as revistas começam a estampar uns decotes mais ousados, mas a América continua pudica e está fora de cogitação falar de contracepção, de educação sexual ou de se mostrar qualquer sistema piloso nos magazines licenciosos como *Torrid* e *Mermaid*. Enganar a mulher tudo

bem, mas é preciso manter a discrição. Quando perguntam, mais tarde, aos jornalistas — todos ao corrente das estrepolias de Kennedy — por que as revistas tinham se mantido tão silenciosas, eles unanimemente responderam como Ben Bradlee e Dorothy Kilgallen:

— Não se fazia isso.

A imprensa na idade da inocência?

Quem sabe?

Em maio de 1959, um escândalo ameaça o senador Kennedy. Florence Kater, proprietária de um apartamento em Georgetown, descobre que sua inquilina, Pamela Turnure, tem uma vida sentimental agitada. Ela é “assistente” do senador Kennedy e recebe seu boss em horários indevidos. Irritada com as idas e vindas que perturbam seu sono e lhe causam problemas de consciência, Florence Kater toma uma decisão. Ela se esconde.

Com uma máquina fotográfica, enfia-se atrás de uma moita, diante de onde mora a pecadora. Às três horas da manhã, enfim, consegue uma fotografia comprometedor do visitante. Que tem o reflexo de quem confessa o delito: ele esconde o rosto com um lenço. Com isso, apenas ganha um ar irremediavelmente culpado. O que valoriza ainda mais a foto.

Kennedy está furioso: como assim? Essa mulherzinha se metendo em seus negócios? Impedindo sua brincadeira? Ele telefona:

— Deixe-me em paz. Se continuar, vou tomar providências.

Mas Florence Kater não se deixa intimidar. Entusiasma-se e manda ampliar a fotografia em formato de cartaz, telefona aos jornais, distribui folhetos. Envia cartas aos cinquenta cidadãos mais conhecidos de Washington. Dá detalhes das visitas, com horários e dias. Anexa cópias da foto. Explica que é católica e que votaria em Kennedy. Mas o comportamento imoral de JFK a revolta. Escreve também ao FBI. J. Edgar Hoover, fiel a seus hábitos, manda que se instalem escutas.

A desmancha-prazeres chega até a andar como mulher-sanduíche. Perambula com a foto nas costas, ampliada nas dimensões de um pôster de cinema, e se posta diante da Universidade de Maryland, onde os delegados municipais discutem a candidatura JFK. Uma pergunta em letras gigantescas aparece sobre a foto: “VOCÊ QUER UM PRESIDENTE

ADÚLTERO?” Unanimemente, os jornalistas descrevem a velha senhora como alguém que “falseia”, mas, na verdade, sabem que Pamela Turnure é uma secretária dedicada, muito dedicada. Kater teria montado uma peça falsa? Não. Mas também não é tão desinteressada quanto se diz. Pois, secretamente, Florence Kater propõe uma negociação: que os Kennedy lhe comprem um Modigliani — não enorme, mas verdadeiro — pois “ela adora a pintura francesa”. Joe K. não aceita. Florence Kater, então, coloca dois microfones no apartamento de Pamela Turnure e entrega as fitas magnéticas ao *Washington Star*. Acrescenta que “JFK não é um amante que conversa muito”. Bum!, como no tempo de Inga Arvad.

Publica-se ou não? No *Star*, a questão é colocada. A lama vende bem. A verdade, com uma pitada de escândalo, também. O redator-chefe do *Star*, depois de conversar com os diretores, que conversam com os escalões mais altos, acaba jogando o material no lixo. Para JFK, o tiro passa perto.

Jack muda Pamela Turnure de endereço. Hospeda-a na casa de uma amiga, Mary Pinchot Meyer. Ela é cunhada de Ben Bradlee, jornalista do *Washington Post*. Além disso, é casada com Cord Meyer, o *consigliere di guerra* de James J. Angleton. É como se JFK colocasse a amante diretamente no edifício da CIA. Decisão inábil: fugindo da imprensa, JFK cai nas mãos de Mother. Torna-se a presa ideal para todo tipo de chantagem. Tão certo de ter tudo sob controle, tão certo da impunidade, tão convencido de que o dinheiro ajeita tudo, JFK se coloca na mais vulnerável das posições. Passa a ser um alvo de caça.

Para melhorar as aparências, dirige Pamela Turnure para uma nova função. Ela passa a ser secretária particular de Jackie Kennedy, oficialmente traída.

Marilyn se entedia. Ser esposa de um gênio do teatro é uma ocupação que não a diverte mais. Os fins de semana na floresta diante da lareira, olhando a fumaça flutuar em lentas espirais acima da cabeça de Arthur? Tem a impressão de estar se enterrando. O que, aliás, é exato. Acaba de filmar *Quanto Mais Quente Melhor*, seu melhor filme, sob a direção de Billy Wilder. De início, ela havia recusado: achava idiota o personagem de Sugar Kane. Seu parceiro no filme, que devia ser Frank Sinatra, nem se deu ao trabalho de encontrar Wilder. O elenco substituto foi decidido na última

hora: Tony Curtis e Jack Lemmon. O primeiro no papel de Josephine e o segundo no de Daphne.

O caos se armou imediatamente. As instruções de Billy Wilder eram embarreiradas por Paula Strasberg, constantemente presente no set com seu sombrero preto e a sacola de andarilho alpino. Os atrasos de Marilyn se acumulavam. Multiplicaram-se as retomadas de cena. Os 45 dias previstos para a filmagem se transformaram em três meses. A expectativa era terrível. Figurinistas, atores, iluminadores, maquinistas, cenaristas se armavam de paciência. Billy Wilder vomitava todas as manhãs, fisicamente doente de estresse. Certos dias, Marilyn nem vinha. Em outras ocasiões, a mais simples réplica se tornava uma batalha entre o cineasta e a estrela. Ela devia dizer: “Onde está o bourbon?” Foram necessárias 48 tomadas para que parasse de perguntar: “Onde está o bombom?”, “Onde está o birô?”, “Onde está o botão?”... Nunca se desculpou. Todos passaram a detestá-la. Trancada no camarim, a equipe ouvia o barulho das garrafas quebradas e as ladainhas da estrela:

— *Fuck you!*

Acabava, de um jeito ou de outro, sendo desculpada, por motivo de loucura. Era, então, irresponsável.

Na verdade, fazia de propósito. Arruinava a vida no set por pavor e por perversão. Queria mostrar que era quem mandava, a estrela, a chefe. Conseguiu. Sem Marilyn não há *Quanto Mais Quente Melhor*. É ela o *quente*, e ninguém mais.

“Sou o único diretor a ter feito dois filmes com Marilyn Monroe. A Academia de Cinema me deve uma medalha como a que se dá aos gravemente feridos na guerra”, diria Wilder. Que havia consultado seu psicanalista: “Ele me disse que estou velho e rico demais para passar por isso outra vez.” Marilyn tem também sua própria psicanalista: Marianne Kris, que mora no mesmo prédio que Lee Strasberg. É mais cômodo assim.

JFK é outro que não mora longe. Às vezes acompanhado por Peter Lawford, dá festas em Nova York, em que Marilyn é convidada, enquanto Arthur Miller quebra a cabeça com uma espécie de western intitulado *Os Desajustados*. Os desajustados? Título estranho. Marilyn se entende bem com Jack: ele não pede nada, não insiste, não é ciumento. Entre os dois, cria-se uma certa afeição.

Para a estréia de *Quanto Mais Quente Melhor*, programa-se em Chicago a première do filme. Por que Chicago? Porque a ação se passa na cidade dos gângsteres. Lei seca, gângsteres, Al Capone, rajadas de metralhadora, chapéus Borsalino, todos os apetrechos da lenda estão presentes. Marilyn adora as premières: põe um belo vestido, faz pose para os fotógrafos, sorri para a multidão. Lembra-se da première de *Os Homens Preferem as Louras*, um sucesso. Da première de *O Pecado Mora ao Lado*, outro sucesso. E a de *O Segredo das Jóias*, em Los Angeles... Um cerco de policiais mantinha longe a multidão. Entre os guardas de uniforme e luvas brancas havia um que ela conhecia bem: James Dougherty, o primeiro marido, que se tornara policial.

Em Chicago, Marilyn ocupa a primeira página dos jornais. Está bonita, radiante, parece estar no auge da vida. O público se pergunta o que ela faz com aquele triste personagem que a acompanha. Arthur Miller, de smoking, parece tão alegre quanto um domingo de pentecostes. Quando sorri, dá a impressão de que os sapatos lhe apertam os pés. Se é entrevistado, responde distraído, como se estivesse, na verdade, calculando nos dedos o quanto de imposto tem a pagar.

Naquele mesmo momento, JFK também se encontra em Chicago. Para negócios. Deve encontrar o prefeito da cidade, Richard J. Daley, um irlandês católico, feito de aço temperado, e Sam Giancana, o velho amigo italiano de Joe K. Dos dois, o segundo é o mais importante. Daley e Giancana querem ouvir o senador. Se forem apostar nele para a eleição de 1960, querem garantias, contrapartidas. Não estão ali para brincadeiras.

Mas quem disse que prazer e negócios não podem se misturar? No evangelho segundo Kennedy, as duas coisas caminham lado a lado. Em 18 de março de 1959, JFK e Marilyn passam a noite juntos no Hotel Ambassador.

É verdade, quanto mais quente melhor.

Com sua peruca, óculos escuros e jeito de aposentado, Sam “Mooney” Giancana parece um fulano qualquer, sem inspirar sentimento algum que não seja o de pena. Por pouco não se dá a ele uma vara de pesca para que passe uns dias felizes no interior, fisingando uns bagres. Essa aparência é um disfarce: Giancana é da raça dos assassinos. Tinha sido pistoleiro de Al

Capone e, aos 20 anos, contava com duas dúzias de cadáveres na consciência. Mas consciência é algo que ele não tem, é claro. Tem cassinos em Las Vegas e Havana, controla o sindicato dos Teamsters em Cleveland, Saint Louis, Kansas City e Los Angeles, e o sindicato dos trabalhadores da companhia elétrica de Nova York. Do lado esquerdo, Hoffa é seu aliado. Do direito, Joe Kennedy lhe deve favores. Os restaurantes de Giancana — Capri, Dora Deauville, Sevilla — servem apenas para lavar dinheiro. Mantém Chicago sob controle com punho de ferro e tem em comum com JFK a obsessão por mulheres e um cinismo absoluto. Têm outro ponto em comum: Sinatra.

Robert Kennedy está sentado, empertigado como a própria Justiça, atrás... de uma escrivaninha? De um balcão? De uma mesa de confissões? Miúdo, socado, ele parece prestes a saltar à garganta do interlocutor. À sua volta, os senadores se mantêm recatados, como se espera deles. John McClellan, presidente da comissão de investigação, está ligeiramente tenso. Sabe que o depoente daquele dia é um homem perigoso. Sam Giancana, assistido por seu advogado, junta as mãos e endireita o microfone à sua frente. RFK o ataca imediatamente:

— Conte-nos como se livra de quem o atrapalha. Dentro do porta-malas de um carro, senhor Giancana? É assim que faz?

Não é o tom que se espera de uma investigação parlamentar. Não se deve ser obsequioso, mas justo. RFK faz do tribunal um banco de acusação. Imagina-se o Grande Inquisidor. Está ali para jogar os canalhas na fogueira. Mooney Giancana fica lívido e responde, com uma voz surda:

— Recuso-me a responder, pois minha resposta pode me incriminar.

Ele está dentro da lei. Alguém interrogado tem o direito de buscar abrigo na Quinta Emenda. Kennedy se debruça, furioso, disposto a morder. Há três anos, naquele mesmo recinto, conseguira fazer Jimmy Hoffa perder as estribeiras. Quando Hoffa passou por Bobby nos corredores, quase o estrangulou com suas mãos de degolador. O frágil RFK não tinha a menor chance, colado na parede, erguido no ar pelo chefe do Sindicato de Caminhoneiros Teamsters e com a ponta dos pés a dez centímetros do carpete. “Seu merda!”, vociferou Hoffa, largando Kennedy por cima do terra-nova Brumus, que não se mexeu para defender o dono.

Giancana, bem-comportado, continua:

— Recuso-me responder, pois minha resposta...

Com a inutilidade das audiências e desafiando o fel daquele procurador de 30 anos de idade, Giancana solta uns risinhos de desprezo. Robert Kennedy, imediatamente, o afronta:

— As meninas dão risinhos assim.

O *capo dei capi* cerra os dentes. Um dia, murmura ele, esse sujeito “vai ter uma nova risca nos cabelos”. De fato diz isso. Não se trata de figura de estilo. É o *baccio della morte*, o beijo da morte. Na saída, Sam Giancana cospe no chão.

No entanto, Giancana acredita ter a situação sob controle. Afinal, Joe Kennedy é um aliado: tinha entrado em contato com o gângster, procurando apoio para as eleições que se preparam.

Melhor até: Giancana tem participação no hotel-cassino Cal-Neva, de que o embaixador também é sócio. Frank Costello, que foi bem brutalmente convidado a gozar de seus direitos à eterna aposentadoria, tinha, com isso, entregado suas ações do Cal-Neva a Joe K. Os Kennedy vão com frequência passar alguns dias no hotel, à beira do lago Tahoe, em alegre companhia. Charutos, álcool, mulheres: tudo da melhor qualidade. Os Kennedy são perpétuos convidados. Um permanente bacanal.

Por via das dúvidas, Giancana tinha tomado algumas medidas de segurança. Mandou colocar microfones em todo lugar, usando um especialista, um sujeito irrepreensível: Bernie Spindel. Foi quem serviu de modelo para Gene Hackman no filme de Coppola *A Conversação*. Mas ali não se trata de cinema: as bobinas de fita magnética foram, em seguida, levadas para um cofre, onde inúmeras fotografias já se empilhavam. Joe K. andando de piroga congolesa com uma show girl, JFK entregue a complicados prazeres com duas ou até três damas de companhia... Os negativos são conservados preciosamente.

Outro sócio tem participação no Cal-Neva: Frank Sinatra. Seu papel é o de intermediário entre o mundo político e a família dos homens de honra. Está no auge da fama: com seu Rat Pack, sua turma de amigos, se diverte a valer em Las Vegas. Toda noite, com um copo na mão, ele sobe ao palco com Dean Martin, Sammy Davis, Joey Bishop e, of course, Peter Lawford. A América adora os kings of cool. São engraçados, sabem cantar, dançar, divertem, fazem chover mulheres. A amizade é de fachada: Sammy Davis

dá o tom palhaço, Dean Martin parece não prestar contas a ninguém, Joey Bishop é um coadjuvante e Peter Lawford só está presente por sua aliança com os Kennedy. Feliz de ser visto como durão, Sinatra banca o cacique. Os caciques de verdade, como Giancana, o consideram um bobo.

Sinatra acha que é um diplomata, um missionário da boa vontade entre dois mundos. Mas não passa de um fantoche. Um fantoche cheio de estilo, é verdade, mas um fantoche, assim mesmo. É dono da mais bela voz do mundo, por isso deixam que faça suas brincadeiras.

Os encontros entre os Kennedy e Giancana se dão diretamente, sem a intermediação do cantor. As conversas entre Joe K. e Mooney são gravadas pelo FBI.

Realmente, é uma mania. Microfones, câmeras, máquinas fotográficas, cada um quer montar seus arquivos, seu monte de segredos sujos. James Bond faz escola, com seus aparelhos de mentira. Tem abotoaduras que escondem um pára-quedas, alfinete de gravata capaz de lançar mísseis, caneta que se transforma em jet-ski. Nunca nos damos conta do mal causado por 007. Ele deu imaginação a seus admiradores.

Peter Lawford, que passa o tempo traindo a mulher, começa a suspeitar que ela faça o mesmo. Descobrimo que a revista *Confidential* prepara um artigo bombástico a seu respeito, ele entra em contato com Otash.

— Não posso aceitar que se publique qualquer coisa — justifica-se.

O detetive das estrelas é acionado para dar fim à investigação jornalística e, ao mesmo tempo, Lawford lhe pede um serviço:

— Coloque escutas em minha casa.

Otash instala um aparelho moderno, o Magnet-o-Phone, sem o conhecimento de Pat Kennedy Lawford, enquanto o bom Peter vai saracotear em Las Vegas com o Rat Pack.

Outro cliente com o mesmo tipo de curiosidade começa a se manifestar: Richard Milhous Nixon. Eterno capanga, digno descendente do vizir Iznogoud*, das histórias em quadrinhos, Nixon é um jogador que aprecia as manobras e os golpes baixos discretos. Tem a aparência adequada: mal barbeado, fugidio, curvo, dá a impressão de sair de uma das *Mil e uma noites* e passar rente às paredes, com uma capa tapando o rosto. Ele é mais um a pedir ajuda a Otash. Alguma coisa, uma foto, uma gravação, o que

seja, sobre as noitadas na casa de Lawford, com JFK. Fred Otash não vê inconveniente algum em atender àquele cliente inesperado: é bem fácil, uma vez que o Magnet-o-Phone já está colocado. Pena que Nixon nunca poderia lançar mão das informações crapulosas. Os Kennedy têm outras de igual teor sobre ele, sobretudo algumas relacionadas a um tratamento psiquiátrico, por maluquice doentia.

E a ronda continua. A KGB vigia Oswald em Moscou; o todo-poderoso IRS, Internal Revenue Service, o Tesouro americano, vigia Jack Ruby em Dallas; Santo Trafficante, o padrinho do Sul, vigia Mooney Giancana; Carlos Marcello, outro padrinho, vigia os cubanos em Nova Orleans; a comissão McClellan vigia Hoffa; o FBI vigia os bandidos, graças a microfones escondidos na alfaiataria favorita dos senhores de Chicago... É como se estivessem em uma brincadeira de troca de papéis, sendo todos uns brincalhões: cada um está no encaixe do outro. É incrível que os fios elétricos não se cruzem. As informações se acumulam, os relatórios se empilham, as prestações de contas se empoeiram. É a era da sociedade do espetáculo, segundo os pensadores da época. O.k., o.k., mas ninguém assiste ao espetáculo...

Jack Kennedy, por sua parte, continua se divertindo em sua garçonnière do Carlyle Hotel. Corteja Sophia Loren, tem um caso com uma estudante, Helen Chavchavadze, alterna tudo isso com Pamela Turnure, manda subirem putas aos montes e todo o restante o deixa indiferente. A cada noite vem uma mulher, ou duas, ou três. Que homem! Passa a metade do tempo pensando em fêmeas e a outra metade indo para a cama com elas, segundo Adlai Stevenson. E ele tem razão.

De vez em quando, Marilyn vem passar a noite. Mais do que nunca ela é a estrela das estrelas, a mulher mais sexy de todos os tempos, a maior invenção de Deus para fazer os homens morrerem de desejo. Marilyn, a suprema tentação, a derradeira guloseima. Está no topo do mundo: não há um pai de família em Minnesota ou em Kamchatka que não sonhe com ela, nenhum indivíduo do sexo masculino nas Ilhas Curilas ou na Terra de Baffin que não reze para ganhá-la de presente. Basta dizer que até gays se fantasiam de Marilyn.

Vem o final do ano. Aproxima-se o Natal. Marilyn, uma noite, aborda a questão do casamento com JFK, que está passando a mão em sua coxa e

constatando que ela está sem calcinha. Jack responde com clareza, com a mão sobre a origem do mundo:

— Serei candidato à presidência. Não posso me divorciar.

Marilyn abaixa os olhos. Não está habituada a que lhe digam não. Veremos depois da eleição, é o que ela registra. Enquanto isso, resta uma única coisa a fazer.

*Let's make love.***

* Personagem de história em quadrinhos de origem francesa, criado em 1962 por René Goscinny e Jean Tabary. (N. da E.)

** Alusão ao título original de *Adorável Pecadora*. Literalmente, “façamos amor” (N. da E.)

CAPÍTULO 9

A zona de perigo

Havana é Las Vegas no mar. A Máfia havia estabelecido ali seu reino, com a bênção de Eisenhower, de Wall Street, de J. Edgar Hoover e do deus Dinheiro. As montanhas de dólares que circulam em Cuba vão diretamente para o bolso dos bandidos. Na atmosfera de *fiesta*, no cheiro de suor e de rum, os chefões fazem negócios: ópio da Ásia, base de heroína da Tailândia, mulheres de todos os lugares. O cálculo é simples: 300 mil gringos passam anualmente por Havana e a maioria vai embora na lona, “limpos” e tendo ganhado, no máximo, uma gonorréia e uma insolação. A maior central sindical americana, a AFL-CIO, investe ali seus fundos de pensão, as cadeias Hilton e PanAmerican injetam montes de ouro e os *capi dei capi* se sentem em casa. Meyer Lansky, czar do banditismo, tem o cargo de conselheiro particular do presidente Batista; é mais ou menos como se Al Capone fosse nomeado ministro do Comércio. Santo Trafficante tem em Havana boates e casas noturnas, Johnny Rosselli vem em freqüentes visitas e Carlos Marcello é o encarregado da lavagem de dinheiro vindo do golpe de Estado na Guatemala, patrocinado pela CIA. No final dos anos 1950, os 270 bordéis de Havana, famosos e bem aparelhados, funcionam a pleno vapor: vendem carne mestiça, senhoritas branquinhas, abundâncias negras ou amarelas e filé mignon ainda na embalagem. Tem para todo gosto, por mais depravado, por maior que seja a aptidão pelo pitoresco, e acrescenta-se ainda uma pitada de macumba, se for o caso. John F. Kennedy vem às vezes para um bordejo rápido pelo paraíso das Antilhas, cuidadosamente seguido pela polícia secreta de Batista. Mas JFK não se interessa absolutamente pela política local. Vem pelas mulheres. Chega a armar um escândalo, indo para a cama com a mulher do embaixador da Itália. Em seguida volta para o hotel e manda subirem algumas chiquitas alegres.

Castro foi o desmancha-prazeres. Ao tomar o poder, em janeiro de 1959, o *lider maximo* estraga a brincadeira dos americanos. Tudo bem que seja comunista, que ponha para fora os grandes proprietários ou faça discursos de oito horas, mas que idéia é essa de fechar os bordéis? Não tem o menor cabimento!

— Não estamos dispostos a apenas deportar os gângsteres, mas também a matá-los — acrescenta Fidel.

Santo Trafficante, o chefão de Tampa, é jogado na prisão. Lansky foge, deixando 20 milhões de dólares em dinheiro vivo. Ele quer a cabeça de Castro. Ótimo, pois a CIA também quer. Jack Ruby, o pequeno gângster de Dallas, é encarregado de negociar a libertação de Trafficante, em troca de uma entrega de armas.

Sam Giancana e Johnny Rosselli são rapidamente recrutados pela CIA. Se eliminarem o *barbudo*, recebem de volta sua grana. Se falharem, dá no mesmo. O encontro entre os conspiradores acontece no restaurante Brown Derby, em Los Angeles, logo depois da convenção democrata.

JFK está ocupado demais, fazendo malabarismos com os votos, para perder tempo com toda essa estupidez. Mas essa estupidez vai fazê-lo perder tempo seriamente.

Na verdade, o ano de 1960 começa mal para JFK e para Marilyn. É o momento em que o destino se apodera de JFK e o empurra para seu papel histórico. É o momento também em que Marilyn mergulha nas trevas. Cruzam-se no caminho, ele subindo e ela descendo. Olham um para o outro, tomando as respectivas medidas, ele como futuro Presidente do mundo livre e ela, a bomba sexual do império das imagens. Enquanto Kennedy parte para alianças, contratos, promessas, os compromissos necessários para obter a indicação do Partido Democrata — indicação que não está absolutamente garantida —, Marilyn, em sua vida particular, vê o casamento se desintegrar. Está mergulhada em uma atmosfera de tristeza, um infinito blues.

De volta a Los Angeles, ela se abre com seu novo psicanalista, Ralph Greenson, que é um personagem respeitável: tem tudo para ser um psicanalista de revista em quadrinhos. Cabelos grisalhos, olhos melancólicos, formação clássica, originário da Europa central, pseudônimo

apropriado (chama-se, na realidade, Romeo Greenschpoon), convicções esquerdistas. Cuida de celebridades: de Peter Lorre, o ator de *M o Vampiro de Dusseldorf*, a Frank “Blue Eyes” Sinatra, passando por Minelli e Inger Stevens. Greenson é o arquétipo do médico ponderado, sério, um verdadeiro mini-Yoda freudiano. Comenta-se que foi filiado ao Partido Comunista. A irmã é casada com Mickey Rudin, o advogado de Marilyn e de Sinatra. Toda essa gente tem direito a uma ficha no FBI.

Marilyn toma Demerol, pentotal, fenobarbital, Amital e Deus sabe o quê mais. Engole remédios aos punhados, sem contar, como balas carameladas. É uma junkie de farmácia. Um dia, em plena *bad trip*, cheia de pílulas e bêbada de champanhe, ela telefona a Peter Lawford. Não está juntando palavra com palavra e parece dormir na linha. Assustado, Lawford previne JFK, que, dessa vez, sente mais próximo o risco do escândalo. Envia um amigo de confiança, Charles Spalding, companheiro de noitadas, para pôr Marilyn de volta nos trilhos. Chegando, Spalding e Lawford pegam Marilyn, cada um por um braço e a enfiam no automóvel. Direção: hospital. A medicina como último recurso contra a imprensa marrom?

Entre as fases altas — excitação, sobrevoltagem — e as fases baixas — depressão, moleza —, Marilyn se queixa do marido, do trabalho, dos amigos, de tudo. Greenson ouve a paciente com atitude profissional, mas, sob as aparências de civilidade, esse artista do divã está nervoso. A mais bela das mais belas o vê como seu salvador, seu messias, sua bóia. Ela o apelida de “Jesus”. Será que Jesus vai para a cama? Marilyn é irresistível. O psicanalista fica encantado.

Romeo se interessa pela paciente fora do comum. Para se manter à altura, também faz suas gravações, com um gravador escondido.

Jackie está resignada. Passa os dias no campo, anda a cavalo e cuida da filha de três anos, Caroline. Desde a morte do pai, Black Jack Bouvier, ela se sente só. O pai, que ela adorava, era jogador, perdulário, infiel, sedutor, e dele ela herdou seu característico distanciamento entre um olho e o outro e o espírito cáustico; mais nada. Por recomendações da mãe, Jackie acumula jóias e, apesar da pão-durice do marido — ele reclama com frequência das despesas da mulher —, ela consegue fazer o que gosta e viver dentro de um

certo luxo. Para o candidato Kennedy, Jackie é um trunfo. O casal precisa apresentar uma fachada unida.

O que é difícil: JFK é de novo ameaçado por um escândalo. Uma mulher arma um tumulto: Alicia Darr, uma imigrante polonesa casada com o ator Edmund Purdom, que é especializado em papéis exóticos como faraó, viking, paxá e, naquele ano, Rasputin. Ela é uma loura bonita e de corpo cheio que, depois de escapar dos nazistas, se adaptou em Boston, onde abriu um bordel. O negócio fez sucesso e ela se estabeleceu em Nova York, levando em frente o business e fornecendo call-girls (freqüentemente alemãs) a clientes ricos, pondo ela própria, às vezes, a mão na massa. Mas a empreendedora polonesa tem outras idéias: ela não hesita em pedir, uma vez ou outra, um pequeno bônus dos visitantes ou... ou o quê? A esposa, os sócios ou amigos do cliente podem, infelizmente, vir a saber de suas inclinações imorais. É o que se chama chantagem.

O FBI, que, como se sabe, caça malfeitores, nada faz.

J. Edgar Hoover apenas observa a situação se desenvolver.

No início de 1960, com necessidade de dinheiro, Alicia Darr faz circular, entre pessoas interessadas, uma informação: ela tinha sido, em outra época, uma das call-girls habituais de John Fitzgerald Kennedy. Ela sabe que o senador é pré-candidato para as eleições presidenciais. E envia uma mensagem a Bobby Baker, líder do grupo democrata no Senado: 150 mil dólares ou ela falaria. Diz possuir cartas e fotografias. E está determinada. Tem o poder para dinamitar tudo aquilo.

Jack fica realmente preocupado. Pois Bobby Baker é ligado, muito ligado, ao senador Lyndon Johnson, que tem três características: não tem piedade, tem a melhor rede de informações dos Estados Unidos e não engole os Kennedy. Que lhe têm a mesma aversão.

JFK entra na zona de perigo.

Marilyn, diante dos jornalistas, está radiante. Mostra-se como antigamente, uma criatura luminosa, a loura sublime mergulhada em uma nuvem de Chanel nº 5. Ela ergue a taça de Dom Pérignon e afirma:

— Depois de Marlon Brando e do meu marido, Yves Montand é o homem mais sedutor que já encontrei.

Simone Signoret, presente, nada diz.

Montand e Signoret, na época, são simpatizantes do Partido Comunista. A guerra da Argélia, a desestalinização, a volta ao poder do general De Gaulle, os dois estão presentes em todas as frentes. Com coragem e teimosia, usam os nomes que têm e os assinam apoiando todas as causas generosas. Na França, eles são o símbolo da esquerda ardente e humana. Arthur e Marilyn levam os visitantes para jantar e, imediatamente, Marilyn põe para funcionar a máquina da sedução. Quando têm início os ensaios de *Adorável Pecadora*, sob a direção de George Cukor, ela inclusive chega no horário. Montand, que fala mal o inglês, se debate com o texto. Marilyn havia engordado e tem dificuldade com as cenas de dança. Entre duas falas, ela desaparece para ir ver Greenson, pois tem coisas a lhe contar. Ou então, corre até seu massagista, Ralph Roberts.

Tudo parece seguir normalmente. Porém, Cukor, que é cineasta de talento e um diretor meticuloso, está com seu radar particular ligado. Homossexual notório, ele é um dos raros gays de Hollywood que nunca tiveram problemas por isso. Amante da arte, muitas vezes colérico, ele gosta dos rapazes bonitos que se bronzeiam em volta de sua piscina e sabe como filmar — e compreende! — as mulheres como nenhum outro. Havia anteriormente assinado *As Mulheres*, o mais belo filme sobre a recíproca e amarga maldade de um grupo de amigas. Ali, no set, ele fareja complicações: Marilyn está tendo dificuldade com os coreógrafos. Ela passou recentemente por diversos overdoses e voltou a chegar sempre atrasada, a fazer caprichos, a se ausentar. Mas Cukor é obstinado. Quando a pressão é forte demais, ele arranca páginas do roteiro e as devora. Isso mesmo, ele literalmente as mastiga.

Simone Signoret está em evidência: ela ganhou o Oscar por *Almas em Leilão*. Montand executa um *pas de deux* no palco, canta uma canção, encanta o público. Convidado por Feldman, o casal é adotado por Hollywood. Dois dias depois, Montand acompanha sua mulher ao aeroporto. Mal Simone entra no avião, surge a incontornável Paula Strasberg:

— Marilyn precisa de você para ensaiar no quarto — diz ela a Montand.

Ele é um cara atencioso, sempre disposto a prestar um favor a uma senhora em apuros. Vai à casa de Marilyn e chega a um quarto inteiramente branco — cadeiras brancas, cortinas brancas, cama branca — e se prepara para ler com ela meia página de texto. Assim que entra, ela dá início a seu

grande truque. Olhos semicerrados, suspiros lânguidos, beijo de fogo. Montand não resiste.

É compreensível.

O romance que se inicia é tão evidente que permanece secreto por apenas três minutos. No dia seguinte, o boato já circula. Alguns dias depois, um jornalista vê Marilyn indo para o bangalô de Montand, nua sob um casaco de peles. Melhor ainda: uma tarde, Arthur Miller volta ao quarto, tendo esquecido algum objeto. Encontra os dois amantes em plena ação. Pega o cachimbo e vai embora.

JFK sabe da relação pelos jornais. Um artigo menciona que “uma atriz oscarizada tem problemas com o marido”. Dorothy Kilgallen assina a informação, e ela nunca se engana.

Mal termina o filme, Montand faz a mala e pega o primeiro avião. Rápido, rápido. Ele não tem dúvida: Marilyn é bonita, mas, santo Deus!, é maluca.

— A Máfia, na verdade, é uma sociedade beneficente — Dean Martin solta essa frase no palco.

O público cai na gargalhada. O Rat Pack tem um sucesso enorme na noite de abertura da convenção democrata em Los Angeles. Por baixo dos panos, naquele dia, Frank Sinatra, Dean Martin e dois outros italianos, Hank Sanicola e Skinny D’Amato (o primeiro gosta de quebrar as rótulas dos inimigos de Sinatra e o outro é um assassino de Atlantic City), compram 25% das ações do Cal-Neva. Por trás da transação: Sam Giancana.

Sinatra entoia *High Hopes*, a canção que ele tornara o hino da campanha de JFK. Ele está eufórico: Giancana lhe demonstra amizade, Kennedy lhe estende a mão e os dois “diplomatas”, dois companheiros de Frank, Peter Lawford e Johnny Rosselli, agem nos bastidores. O primeiro para fazer o máximo de artistas aderir à causa de JFK, o segundo fazendo o mesmo no universo dos bandidos. É o casamento do show-business com a feira livre. Gângsteres e atores trocam tapinhas nas costas, mulheres andam de um lado para o outro com taças enfeitadas com pequenas palmeiras, e Sinatra circula com uma bela morena de 25 anos, Judith Campbell. Ao redor reina a *fiesta*: sujeitos de nariz quebrado e orelhas estouradas fazem brindes com

humoristas conhecidos, outros, bem-vestidos, com estranhas deformações do paletó abaixo do braço esquerdo, apertam a mão de cantores. Os agentes do FBI se misturam na feliz barafunda e uma espécie de alegria palpável invade tudo. JFK recebe a unção dos democratas. Torna-se o candidato oficial. Aproveita para encostar Angie Dickinson em uma parede, a grande atriz de *Onde Começa o Inferno*. Como sempre, como um hussardo. Ela confessaria mais tarde:

— Foram os melhores 20 segundos da minha vida.

A família Kennedy, encabeçada pelo embaixador, se encontra concentrada no Biltmore Hotel. Joe K., sem nunca sair de sua suíte, mexe os pauzinhos. Bobby Kennedy percorre os corredores, fala com os delegados democratas, enquanto Teddy, o irmão mais moço, faz a aprendizagem da rude profissão política. Em todos os lugares os telefones tocam e os garotos de recados correm entre os quartos. A delegação de Wyoming preocupa os Kennedy. Lyndon Johnson, que abre espaço às cotoveladas, trata RFK de “fedelho metido”, mas ele tem o controle sobre os delegados de Nevada. JFK, na intimidade, diz que Johnson é “um caipira vendido, corrompido e uma besta”. Mas, milagre, ele escolhe o corrompido como seu candidato à vice-presidência. Lyndon Johnson tem como se fazer respeitar. Ele sabe, por exemplo, que a família K. desembolsara 500 mil dólares para que Alicia Darr ficasse tranqüila. Seu amigo J. Edgar Hoover lhe havia contado.

Jackie não está presente. Grávida de seis meses (espera John-John), preferiu ficar afastada de toda essa confusão. Jack aproveita. Vai jantar no Puccini’s com Peter Lawford e Marilyn Monroe. Ela não se encontra em boa situação: Yves Montand não responde mais a suas chamadas, a filmagem de *Adorável Pecadora* terminou dentro de um ambiente terrivelmente amargo e o casamento com Arthur Miller está em cinzas. Marilyn é esperada, em alguns dias, em Reno, para começar um filme de John Huston, com roteiro de Arthur Miller: *Os Desajustados*.

A noite é agradável. O Puccini’s é um restaurante freqüentado pelos italianos. A vigilância é constante. Jack Kennedy, levado pelas aclamações dos delegados, embriagado de política, sente-se a todo vapor. Mostra-se sedutor, atencioso, engraçado. Não há dúvida: será o novo Presidente dos Estados Unidos. Como diria mais tarde Marina Oswald, a esposa russa de Lee Harvey Oswald:

“O papai dele lhe comprou a presidência.”

O policial encarregado da proteção do candidato cai sob seu encanto: nota que os dois amantes não disfarçam em absoluto e parecem felizes.

E estão.

No dia seguinte, Kennedy é oficialmente indicado. Faz um discurso memorável, que mais tarde será sempre evocado como um slogan mágico. Sem sentido algum, mas perfeito:

— Estamos em uma Nova Fronteira, uma fronteira de oportunidades e de perigos desconhecidos...

Em seguida escapole com Peter Lawford para uma festa magnífica já começada na casa que foi de Louis B. Mayer. Sammy Davis, Frank Sinatra e dezenas de convidados passam e se embebedam olhando o mar. Kennedy está sem voz e é obrigado a pedir seus daiquiris escrevendo em um papel. De madrugada, ele desaparece, deixando um bilhete: “Estou na louira.”

Marilyn e JFK, juntos, somem.

Talvez esteja aí, nessas escapadas furtivas, nas noites acalentadas por ondas do Pacífico, na atmosfera febril precedendo os grandes golpes políticos, o ponto de suspensão de toda essa história. Naquele mesmo momento, o primeiro clube Playboy está abrindo suas portas em Chicago, sob o olhar atento da Máfia, e os anos 60 têm início, ao som do rock’n’roll. Elvis volta da Alemanha, *Acossado* de Godard marca a entrada em cena da Nouvelle Vague, Chubby Checker lança o twist, Tintim está no Tibete, a moda tende para as go-go boots e os penteados afro. Um colaborador de James J. Angleton, o advogado Max Brod, vigia atentamente os mafiosos que se movem à sombra de Joe K.

Marilyn, nos braços de Jack, fecha os olhos.

Nessa noite morna da Califórnia, passa um anjo. O destino concede aos amantes, para um futuro incerto, uma Terra Prometida em que eles vão ser a rainha do cinema e o rei da Nova Fronteira. Longe, no escuro, barcos seguem para Catalina Islands, em direção a uma felicidade tragada pela bruma da manhã como uma mancha de tinta é chupada por um mata-borrão.

CAPÍTULO 10

Desajustada

Lá adiante, o fogo. O céu está escuro. O alto das montanhas, em brasas, recorta o horizonte. Florestas são devoradas, animais fogem, os moradores foram evacuados. Toda a região de Reno está ameaçada. O vento atíça as chamas, que, ligeiras, avançam por uma frente de dez quilômetros ao longo de Sierra Nevada. Os cavalos, no curral, ficam nervosos. John Huston, apoiado em muletas — havia caído do cavalo —, olha a paisagem que vira carvão, e essa aparência não lhe desagrada. Uma velha da região lhe explica:

— São os coelhos. Eles pegam fogo e correm por todo lado, espalhando o incêndio.

Marilyn Monroe, pálida, desarrumada, aflita, experimenta uma peruca. Arthur Miller, em silêncio, parece um figurante. Sua mulher não dirige mais a palavra a ele. Quando os visitantes perguntam quem é aquele homem melancólico, respondem:

— É o sr. Monroe.

Estão sem eletricidade. As linhas de alta tensão caíram, os projetores não funcionam, a cidade inteira está sem ar condicionado. Reno, no entanto, fica em pleno deserto de Nevada; o calor é tórrido e com freqüência ultrapassa 50 graus. De forma que, quando Marilyn chega atrasada, encontra as pessoas arrasadas. Clark Gable, exausto — ele acaba de perder 20 quilos e funciona à base de bourbon e cigarros —, tenta controlar a impaciência. Paula Strasberg, como um súcubo escuro, se arrasta atrás de Marilyn com sua imensa sacola, em que carrega seus próprios remédios. Ela tem um câncer ósseo.

Pyramid Lake, a extensão de água salgada em que uma das cenas importantes foi filmada, é uma imensa reserva escura, onde sobrevivem peixes vindos do fundo dos tempos.

— Esses peixes antediluvianos não se encontram em mais lugar algum no mundo, exceto em outro lago, na Índia.

— Por quê? — pergunta Miller, mas ninguém lhe responde.

Uma chuva de cinzas cai sobre a câmera. A cidade mais próxima se chama... Nixon.

Yves Montand se encontra em Los Angeles, a dois passos, mas a filmagem de *Os Desajustados* prende Marilyn no deserto de Nevada. Ela está com os olhos inchados, as mãos trêmulas. Às vezes se disfarça como antigamente, em transeunte anônima, em Zelda Zonk. Mas, é claro, na cidade todo mundo a reconhece. Quando volta, bêbada de champanhe e de Amital, tenta captar as cenas e adequá-las a seu gosto. Mal se senta em uma cama, nua, pede que filmem o plano uma vez, duas vezes, três vezes. Paula Strasberg dá sua opinião. Arthur Miller revisa o diálogo. John Huston, calmo — já havia filmado com Marilyn, dez anos antes, *O Segredo das Jóias* —, se limita a calcular suas dívidas. Ele toda noite perde pesado no pôquer. Marilyn acrescenta seu toque pessoal à cena: deixa escorregar o lençol e mostra um seio. Huston:

— Guarde isso, Marilyn. Ele não é nenhuma novidade.

Quando Marilyn entra em seu trailer, ouvem-se gritos. Ela briga com Arthur Miller, o humilha, o maltrata em público, o insulta. Ele nada diz, mantém o olhar triste. Ela exige que acrescente um papel para Yves Montand, ele recusa. Ela arma um temporal: o filme devia ser colorido e não em preto-e-branco! Miller responde que uma boa atriz não necessita de artifícios. Furiosa, Marilyn abandona o set, parte de carro com o chofer e Paula Strasberg, deixando o marido sozinho no meio do nada, em uma nuvem de poeira calcária. Miller escreve: “Um drama é a história de um fracasso.” Ele haveria de compor esse drama 40 anos depois, com o título *Finishing the Picture*. Nele se pode ler: “A Kitty (Marilyn) adorada pelo mundo inteiro não existe. É uma piada, um fantasma, uma espiral de fumaça.” E também: “É uma sobrevivente que caminha em cacos de vidro desde que aprendeu a andar.” E conclui: “A vida, a alegria de viver, não passa de uma poeira moldada pelo ódio mais trivial.”

A morte ronda a filmagem.

A convenção democrata deixou L.A. em estado elétrico. A cidade vibra com tanta energia acumulada, paixões desencadeadas, ambições desnudadas. Carlos Marcello, o chefão mestiço de Nova Orleans que enfrentara Robert Kennedy de igual para igual, por ocasião das audiências da comissão McClellan — foi a seu respeito que a palavra “Máfia” foi pronunciada pela primeira vez —, veio dar uma volta. Engolindo toda a arrogância, RFK pede-lhe que contribua para a campanha do irmão. Marcello dá 500 mil dólares — mas a Richard Nixon. Seu parceiro Sam Giancana foi mais prudente. Molhou a mão dos dois candidatos. E todo mundo foi para Vegas, onde os agentes do FBI haviam enxertado microfones nos quartos, nos salões, nos restaurantes e até nas saunas. Los Angeles passa a ser uma cidade porosa. As informações saem em fluxo contínuo. Direção: FBI, CIA, escritório do governador, Drug Enforcement Agency, National Security Agency, e quem sabe mais para onde?

John Kennedy chega à cidade aureolado pelo sucesso. Frank Sinatra o recebe no Sands. O senador tem certos hábitos em Vegas com seu acolhimento estilo flauta mágica, quarto abastecido de show girls especialistas no *grand écart* e constante renovação do estoque. Em 7 de fevereiro, JFK janta com uma das Sinatra girls: Judy Campbell. Ele já a tinha visto — na ocasião, segurava um banana-daiquiri enfeitado com uma pequena palmeira — por ocasião da convenção democrata. O senador se interessara. É verdade que tinha um motivo: uma silhueta sinuosa, um belo sorriso e, como dizer?, um ar malicioso. Ela circula por estúdios, cassinos, hotéis e tem gostos luxuosos. Trabalha de vez em quando com uma dona de rede de call-girls chamada Joyce, e Sinatra gosta dela. É gentil, meiga, atenciosa, de origem irlandesa (chama-se Immoor, na verdade) e católica. Casara-se aos 16 anos, divorciando-se dois anos depois. Desde então, dedica-se sem grande convicção à pintura. Sinatra se empolgou bastante e a convida com freqüência. Mesmo assim, cria alguns mal-entendidos: Frankie Blue Eyes trouxe uma segunda moça para o leito comum e Judy ficou arredia. Ela é monogâmica sucessiva, em cadência rápida. Uma em seguida à outra, tudo bem. Em pacote, não.

Jack Kennedy, que está com o irmão Ted, se sente imediatamente cativado pela bela Judy. Mas Ted é mais rápido e a leva para o quarto. À noite, todos estão convidados para o espetáculo do Rat Pack. No palco, Dean Martin aponta para o senador Kennedy, diante do público às

gargalhadas, e pergunta a Sinatra: “Como é mesmo o nome daquele ali?”, e, enquanto isso, JFK conversa com Judy Campbell. No dia seguinte, telefona para ela. No outro dia, volta a telefonar. Acabam se encontrando em Nova York, no Plaza, e lá, como ela contou, “nos tornamos amantes”.

Há outras mulheres na vida de JFK, naquele momento. Prostitutas de alto calibre, como Suzy Chang e Maria Novotny. A primeira vai estar envolvida no escândalo Profumo, na Grã-Bretanha, que derrubaria o governo de Sua Majestade. Ela vem com frequência de Londres, “visitar a mãe doente”, e aproveita para distrair o futuro Presidente. A segunda é especializada em troca de papéis: com outra colega, ela é enfermeira e JFK o paciente. Ou melhor, o impaciente.

Com tudo isso, Kennedy fica vulnerável a todo tipo de chantagem. Havia pagado pelo silêncio de Alicia Darr, pagaria pelo de outras mulheres. JFK é certamente um pão-duro, mas, no campo da mão estendida oculta, ele é bem pródigo.

É verdade que a fortuna dos K. chega à casa dos 400 milhões de dólares, ou seja, perto dos três bilhões em dólares de 2007. É um dinheiro que permite certas fantasias. O perigo é que Judy Campbell frequenta pessoas preocupantes. Sam Giancana é seu amante. A Máfia e a política se comunicam pela mesma calcinha.

Em 6 de abril, Judy Campbell é convidada pelo senador Kennedy a Georgetown, no coração de Washington. Jackie se encontra à beira-mar, na Flórida, na casa dos Kennedy. Está grávida. John-John nasceria em dezembro. Por ora, o lugar está livre e JFK recebe a jovem no domicílio conjugal. Judy Campbell fica surpresa de encontrar presente outro visitante. É Bill Thompson, um rico e influente amigo da família, especialista em passar envelopes a quem de direito. JFK lhe explica que sua primeira decisão, uma vez eleito, será a de afastar J. Edgar Hoover. Depois, na sobremesa, ele se vira para Judy Campbell e pergunta, sem meias palavras:

— É possível organizar para mim um encontro discreto com Sam Giancana?

Em seguida, entrega à moça um saco. Ela abre. Há, lá dentro, maços de notas bem verdes. Digamos 250 mil dólares.

Havia começado a campanha presidencial.

No sábado, 13 de agosto, Sinatra passa pelo Cal-Neva. Convida Clark Gable a vir visitá-lo: Reno fica a apenas uns 40 quilômetros, pela estrada de Mount Rose, e o hotel-cassino se situa entre Kings Beach — um nome que agrada a Gable, apelidado King antes de Elvis — e Tyrolian Village, estranho vilarejo tirado de algum conto bávaro. O ator aceita: está cansado, mas adora pegar a estrada com a sua nova Mercedes 300 D. Impõe, no entanto, uma condição: que toda a equipe de *Os Desajustados* também seja convidada. Sinatra não hesita. Abre as portas. O Cal-Neva está ali para isso.

É um resort, um conjunto hoteleiro pouco banal: fundado em 1927 por um homem de negócios suspeito, o hotel tem um aspecto rústico — paredes em toras e telhado de tábuas — que disfarça um estabelecimento de alto luxo. Cada quarto, cada bangalô tem sua própria lareira, e as mesas de jogo são móveis. Há um bom motivo para isso: a fronteira entre Califórnia e Nevada passa exatamente pelo meio do grande salão e quando uma batida da polícia se anuncia, basta empurrar as mesas alguns metros. O Cal-Neva mudou de mãos, tendo pertencido (oficialmente) primeiro a Elmer “Bones” Remmer, ligado a Bugsy Siegel, e depois a Wingy Grober, o amigo maneta de Giancana. O dinheiro do fundo de pensão dos Teamsters permitiu ao quarteto de gângsteres comprar a propriedade por um preço camarada: três milhões de dólares.

O recanto é idílico: o lago Tahoe, onde cerca de 12 anos mais tarde Michael Corleone se retiraria com a família em *O Poderoso Chefão II*, é um pequeno oceano perfeitamente verde-esmeralda. O silêncio é absoluto, assim como a tranqüilidade. Era onde “Baby Face” Nelson e “Pretty Boy” Floyd vinham se refugiar, durante a Lei Seca. Foi onde, também, em tempos idos, Joe K. trouxe Gloria Swanson. Um punhado de bangalôs, espalhados a boa distância do prédio principal, proporciona uma discrição exemplar.

Naquele dia, John Huston, Arthur Miller, seus atores Clark Gable, Eli Wallach, Montgomery Clift e os técnicos vão juntos ao Cal-Neva. São cordialmente recebidos por Wingy Grober, que distribui fichas para todos, e os convidados se dispersam pelas mesas de bazar. Um tanto alta, Marilyn balança.

Um informante do FBI prepara seu relatório. Anota uma presença inesperada: Joe Kennedy. Ele discretamente reuniu Peter Lawford, Frank Sinatra, Dean Martin e alguns outros personagens em um dos bangalôs. O

indiscreto não sabe o que está acontecendo ali. Giancana, no entanto, sabe: fala-se de campanha e de dinheiro. Seus microfones lhe permitem ouvir tudo. Sabe também que um dos *sleeping partners** financeiros para a compra do Cal-Neva é Mickey Rudin. O cunhado do doutor Ralph Greenson, o psicanalista de Marilyn.

Marilyn, justamente, se encontra em um estado terrível. Ela sabe que assim que terminar a filmagem vai se divorciar. Sinatra, muito solícito, vem lhe fazer companhia. Miller se retira para seu bangalô, para trabalhar. Enquanto ela esvazia mais uma taça de champanhe, um boy vem discretamente entregar uma mensagem a Miss Monroe. Esperam-na em um dos bangalôs mais retirados, à beira da floresta. Ela vai, aproveitando o que resta de luz naquele final de tarde em Nevada. Ou estaria já na Califórnia? *Mezzo-mezzo.*

Bate na porta. Jack abre. Surpresa! Ele havia conseguido escapular e, enquanto o pai trata dos negócios, JFK vem apenas para encontrar Marilyn. Ninguém sabe que ele está ali. Sente-se cansado, havia apertado, explica ele, “10 mil mãos”, precisa de calma.

Uma noite mais, um momento de suavidade. Marilyn fecha os olhos. O lago Tahoe se estende lá fora, no escuro, até o infinito. JFK e Marilyn talvez tenham sido felizes ali, quem sabe?

Em Sierra Nevada, porém, o incêndio avança. O amor se faz.

Semanas se passam. A campanha eleitoral está no auge. JFK, como sempre, quer saber de tudo. Quando está com Judy Campbell, faz perguntas, bombardeia-a com pontos de interrogação. Quem se embebedou? Quem se droga? Quem transa com negras? Quem frequenta bordéis? Qual marido é traído? Tony Curtis é corno? Shirley MacLaine tinge de ruivo o cabelo? Os pêlos também? O que acontece no set do novo filme de Frank Sinatra, *Ocean's 11*? O Rat Pack faz troca-troca? Por mais que ele sonde, esmiúce, leia cada número de *Confidential* (o jornal que “relata os fatos e cita os nomes”), uma coisa que ele nunca vai saber: seu pai, o embaixador, tinha ido para a cama com Judy Campbell antes de todo o bando. O velho Joe K. foi o *numero uno* do “pacote de ratos”. É um *sleeping partner* no *lato sensu* do termo.

Judy Campbell mantém as aparências. Aceita, após muita insistência, um casaco de peles. Faz seu número e volta para Chicago. Lá, o padrinho da cidade a espera, com sua peruca e aparência de papai bem-comportado. Sam Giancana pega o saco de dólares, sem nada dizer. O dinheiro vai servir para a campanha de JFK: locais de votação copiosamente “molhados”, agentes eleitorais comprados, urnas preenchidas, contagens perfeitamente irregulares, eleitores mortos ressuscitados, toda a gama de podres.

— Sem mim, Kennedy não seria Presidente — gabou-se mais tarde Giancana.

E é verdade.

Enquanto isso, os sacos circulam, a grana é generosamente alocada, papai Kennedy mergulha a mão no bolso com regularidade e Richard Daley, o prefeito de Chicago, controla as idas e vindas. Ele tem um espião: Martin E. Underwood, um sujeito do mesmo tipo que Otash. Underwood não perde de vista as operações. Daley lhe havia dito: “Follow the cash.” Siga a grana. E ele faz isso com esmero. Cumprindo seu dever, ele observa que Judy Campbell dorme também com outro cliente, Johnny Rosselli, o embaixador dos escroques, com seus modos suaves e sapatos de couro de crocodilo.

Ela está presente quando JFK e Giancana se encontram no Fontainebleau Hotel de Miami. Está presente quando Jack diz, se referindo a Jackie:

— Se eu não for eleito, vamos nos separar.

Está presente também em agosto, quando o candidato e o gângster voltam a se encontrar em Nova York:

— Fui para o quarto, esperando que eles terminassem — contou mais tarde.

Pouco a pouco, ela se torna uma peça importante no tabuleiro. No telefone, ela fala por código, uma espécie de esperanto sem legendas. Ela entrega “presentes”, vai “ao Sul”, se diverte em seu papel de carregadora de malas. As coisas se tornam um pouco mais sérias quando JFK pede a Judy que passe informações a Giancana. Objeto da mensagem: o assassinato de Fidel Castro.

Ela não imagina que Giancana e Rosselli trabalham para a CIA.

Judy faz sua última entrega de um maço de dólares em 1961, três meses depois do fiasco da Baía dos Porcos, tentativa frustrada, miserável e aflitiva de invasão de Cuba.

Ao voltar do fim de semana no Cal-Neva, Marilyn está em péssima forma. Com o rosto lívido, inchado, ela parece estar dormindo em pé. Com frequência corre para o trailer dos banheiros — para vomitar. Segreda para os jornalistas presentes: “Clark Gable está apaixonado por mim.” Ele, porém, repugnado com a falta de higiene de Marilyn, procura manter distância. O cameraman Russell Metty, profissional metucioso, cuja especialidade — o contraste — lhe valeu trabalhar com Orson Welles e Stanley Kubrick, nota que não consegue fazer o foco nos olhos de Marilyn. Ela é *soft*, indistinta. O que ela vê lá longe, para além das montanhas calcinadas? Ela erra os diálogos, resmunga, ruma as palavras. Cada um faz o que pode, enquanto Miss Monroe se recupera. Em Virginia City, cidade pequena das proximidades, John Huston se inscreve para participar da corrida anual de camelos: importados pelo US Army no século anterior, eles passeiam soltos pelo deserto. Clark Gable conta seu início de carreira, em papel de índio, vestindo tanga e com uma flor de hibisco atrás da orelha. Monty Clift, ainda se recuperando de um acidente de carro, funciona à base de uma mistura laranja-vodca-valium. Paula Strasberg lê um livro intitulado *Como e Por que Alguns Ganham no Jogo de Craps*. Marilyn explica a um repórter que Lee Strasberg lhe havia ensinado que a lógica nada tem a ver com a arte do ator:

— Dois mais dois não fazem quatro. Duas maçãs e duas pêras fazem uma salada de frutas. Dois coelhos e duas coelhas fazem 90 coelhos.

O jornalista toma nota.

Alguns dias depois, Marilyn é encontrada inconsciente, caída no chão do quarto. Overdose de remédios, mais uma vez. Repatriada a Los Angeles, fica sob os cuidados do Jesus dos psicanalistas, Ralph Greenson. Lavagem estomacal, alguns dias de descanso e, enfim, a última fala de *Os Desajustados*: “Como encontrar o caminho na escuridão?”, pergunta ela a Clark Gable, que não se agüenta mais, exasperado, esvaziado. A equipe arruma as malas, querendo distância daquela atriz que não se preocupa com nada nem com ninguém. As próprias camareiras do hotel estão cheias: Marilyn não toma banho e come na cama, deixando os pratos debaixo dos lençóis. Dorme entre os restos de comida. Ela se sente detestada e, de fato, provavelmente é. A alegria de viver havia desaparecido, afundada no ódio mais ordinário.

Gable morre em 16 de novembro de 1960, uma semana depois de acabar a filmagem de *Os Desajustados*.

Seria o último filme de Marilyn, que perde seu caminho na escuridão.

Quatro dias depois, em vez de ir votar em JFK, ela vai para o México. Ao voltar, encontra um novo apelido para Kennedy.

Ele seria “The Prez”.

* Sócios anônimos. (N. da E.)

SEGUNDA PARTE

A ascensão de JFK

“A verdadeira Santa Trindade de Camelot era Seja bonito, Espalhe confusão e Trepe. Jack Kennedy foi o líder mítico de um período da nossa história. Ele falava bem e tinha um corte de cabelo estiloso. Foi morto no momento certo para a canonização. Sua chama eterna continua sendo alimentada por mentiras. Já é tempo de desmistificar aquela época e de construir um novo mito, indo da sarjeta aos céus.”

James Ellroy,
American Tabloid

CAPÍTULO 11

Perfume de mulher

Frank Sinatra está furioso. Neva em Washington. Em poucas horas, as ruas desapareceram. Em Georgetown, os automóveis estão debaixo de dois metros daqueles flocos dignos de um conto de fadas. A cidade inteira se transforma na Disneylândia, com cada casa cintilando, o trânsito parado e alguns semáforos piscando naquele alegre deserto. Os convidados estão atrasados. Frankie Blue Eyes teme um completo caos. Há dois meses ele trabalha com Peter Lawford para o show extraordinário anterior ao juramento do novo Presidente — que Sinatra cisma em apelidar “Chickie Baby”. Ele acha que é um termo carinhoso, de companheirismo. Para JFK é indiferente. Para Jackie é intolerável. Aliás, ela não suporta aquele cantor vulgar e machista, de quem desconfia que troque namoradas com o marido. Dean Martin sentiu perfeitamente o ambiente. Isso não é coisa para nós, italianos, ele conclui. E se manda. Fazer festa para políticos realmente não é a sua.

Na imensa sala do Washington Armory, que serve como arena, estádio, terreno de touradas e curral de rodeio, os convidados chegam como por conta-gotas. Joey Bishop, o quinto participante do Rat Pack, observa, apontando para a neve:

— Os republicanos são maus perdedores!

Lawford enfrenta o mau humor de Sinatra, queimando cigarro atrás de cigarro. Sente-se como se estivesse em um assento ejetável. Ainda mais porque sua mãe, Lady May, clinicamente demente e sujeita a violentos delírios de grandeza, não engole os Kennedy, que ela considera gente sem eira nem beira e nada freqüentável. Durante a campanha eleitoral, ela alugou um elefante e o fez desfilar pelo Wilshire Boulevard de L.A., carregando um imenso cartaz “Vote Nixon”. De qualquer maneira, ela acha

que o filho é gay e diz isso aos quatro cantos. Está muito enganada: Peter Lawford gosta de ser amarrado e chicoteado por prostitutas negras.

Os artistas que Sinatra aguarda estão espalhados pela cidade, presos em seus automóveis. Os serviços encarregados da manutenção das ruas tenta limpar as grandes artérias com lança-chamas. Que símbolo! Washington sob lança-chamas!

Leonard Bernstein, o compositor de *West Side Story*, está sentado em uma limusine com Bette Davis: os pneus giram sem tração. Ella Fitzgerald perdeu a roupa com que deve se apresentar em cena. Ethel Kennedy, a áspera esposa de Robert, deixou seu vestido dentro de um carro soterrado na neve. A logística da noite, inteiramente assumida por Sinatra, tinha sido um pesadelo: como transportar, hospedar e garantir a segurança de tantas estrelas? Tony Curtis, Janet Leigh, Shirley MacLaine, Harry Belafonte, Milton Berle, Nat King Cole, Mahalia Jackson, Gene Kelly, Louis Prima, Anthony Quinn, Laurence Olivier. Alguns vêm da Austrália, outros da Europa; dois shows na Broadway haviam cancelado os espetáculos para não concorrer com o evento JFK. E os problemas começaram: Sammy Davis, que acaba de se casar com Maj Britt, uma exuberante sueca, foi avisado por dois sujeitos com orelhas estouradas que não viesse cantar. Um *black* com uma branca é um mau exemplo. Os visitantes simplesmente disseram a Davis:

— Está querendo perder o outro olho?

Sammy Davis enxerga com um olho só. Ele entendeu a mensagem.

Sinatra fizera a reserva de um andar inteiro do Hotel Statler Hilton, mandou colocar vigias diante dos elevadores, convocou seu amigo William Asher (diretor da série *A Feiticeira*) para filmar o acontecimento, pediu à sua orquestra que ensaiasse com os artistas. Os 72 camarotes com lugares a 10 mil dólares por pessoa estavam todos vendidos já em 7 de dezembro, com 18 dias de antecedência. O restante do público, 12 mil espectadores, teve direito à tarifa normal: cem dólares. Mas Sinatra tem outro motivo para tanta agitação: na véspera, recebeu em seu quarto de hotel uma cabeça de carneiro servida em bandeja de prata. Era uma pequena mensagem de Mooney Giancana, lembrando que o cantor acalmasse o novo ministro da Justiça, Robert Kennedy, em sua cruzada antibandido, anti-Hoffa, anti-Cosa Nostra. RFK acaba, aliás, de publicar um livro sobre o assunto, intitulado:

The Enemy Within (O inimigo interno). Infelizmente para Hoffa e para Giancana, o livro é um best-seller.

Os tiras do Serviço Secreto tentam seguir o novo Presidente, que não pára de escapular para apertar mãos e falar com amigos. Os Men in Black estão espalhados pela cidade, colados nos membros da família Kennedy. Requisitaram veículos militares para desobstruir as ruas diante dos carros oficiais e, no caminho, ajudam Leonard Bernstein e Bette Davis. Ela está ainda em trajes comuns, de sair à tarde.

— Azar, vamos assim mesmo! — resolve.

No rádio, ouve-se Beach Boys e um novo *song writer*, Bob Dylan, que canta *The Times They Are A-Changin*. Os tempos estão mudando, com certeza.

Às 22h45, com duas horas de atraso, chega o casal presidencial. Jackie está exausta, recuperando-se com dificuldade da cesariana feita seis semanas antes. Com muita Dexedrina, ela faz o possível. Descendo do automóvel, segura o braço de Sinatra para não escorregar. Ele acompanha a First Lady em direção ao camarote presidencial. Os fotógrafos acorrem e o crooner tenta conversar com Jackie. Ela se aproxima de seu ouvido e murmura sibilante:

— Escute, Frank: sorria. É só o que tem a fazer, o.k.?

Sem graça, Sinatra sorri cerrando os dentes. Quando Chickie Baby chega à sala, um holofote o segue. Os aplausos são ensurdecedores. Em um dos camarotes de luxo: Robert Maheu, o delegado da CIA, peça central do complô contra Castro, cúmplice de Johnny Rosselli. Não muito longe, Arthur Miller com sua nova noiva, Inge Morath, uma fotógrafa que ele conheceu no set de *Os Desajustados*. Sinatra pega o microfone e se dirige ao Presidente:

— Eu lhe disse que o senhor teria um bom lugar!

A multidão ri feliz.

Lá fora, a neve cai mais forte ainda.

Há alguns dias Marilyn está deprimida. Ela bem que tentou reatar com Miller, mas ele, amargo, nem mesmo lhe respondeu. Além de tudo, ficou com o cachorro, Hugo. A morte de Clark Gable, provocada, segundo as más línguas, pelos atrasos de Marilyn, pesa-lhe na consciência. Ela se recrimina.

Procurou viver como todo mundo, bancou o jogo com três maridos diferentes, mas seu demônio íntimo a empurra para um acerto de contas com os homens e também a faz querer tudo na hora. Ela é como uma criança malcriada, caprichosa e consciente de seu poder. A profissão a infantiliza: servem-na, levam-na de um lugar para outro, mimam-na, oferecem flores, pintam seu camarim, carregam-na no colo. Os produtores, os roteiristas, os assistentes, os psicanalistas, quem estiver por perto, no estúdio, se encarrega dela. Tornou-se uma deficiente e constrói mentiras para continuar. Há anos ela diz que os pais morreram e que nunca os conheceu, o que não é verdade. Amplia o desastre que foi sua vida para causar pena. Coloca-se na posição de vítima e pratica um estranho coquetel, com uma mistura de desprezo, sensualidade e absoluto egoísmo. Com JFK, ela tem o seu duplo invertido: Kennedy é uma criança rica, arrogante e incapaz de amar, exceto por breves períodos, em geral confundidos com a concupiscência. No fundo, a ambos falta amor: são pobres pessoas, pobres coitados. Juntos, conseguem migalhas de sentimentos, como os flocos que graciosamente caem sobre o Capitólio naquela noite de janeiro de 1961.

Ela bem que tentou ligar para Yves Montand, no final do ano, mas ele não responde mais seus chamados. Quanto à carreira, as coisas vão mal: Marilyn acaba de receber uma ordem de Zanuck para se apresentar no set de *Goodbye Charlie*, filme que seria dirigido por George Cukor. Por contrato, ela tem a obrigação de aceitar. Ela recusa. A partir daí, está declarada a guerra contra a 20th Century Fox. Lee Strasberg, que, no fundo, é um cineasta frustrado, sente que é a oportunidade para encenar algo, com Marilyn. Escolhe *Rain*, um curto romance de Somerset Maugham que já tinha sido adaptado para Gloria Swanson.

Em certa noite de dezembro, Marilyn recebe em casa um bilhete: “Best, Joe.” Um buquê de orquídeas o acompanha. Ela liga para DiMaggio. Pelo menos ele lhe responde.

— Por que as flores, Joe?

— Achei que você me ligaria. Afinal, não tem mais ninguém na vida.

Eles passam juntos o Natal, de mãos dadas, como dois perdidos.

Judy Campbell encontra um vago trabalho com Jerry Lewis, em Hollywood. Recebera o convite para ir à cerimônia inaugural e, depois, um

telefonema de Jack. Ela se esquivou. Fez bem, pois um jornalista lhe passa uma dica: há uma investigação em andamento, em que os nomes de Jerry Lewis, Dean Martin, Frank Sinatra e John Fitzgerald Kennedy aparecem. Trata-se de um marido descontente que tenta provar a infidelidade de sua mulher, uma candidata a estrela chamada Judy Meredith. Todos os seus ex-amantes serão convocados a comparecer ao tribunal. Sabendo disso, Jerry Lewis abandona o papel de humorista e parte para o trágico: sua vida está arruinada, diz ele, torcendo as mãos, sua carreira naufragada, é o fim de tudo. Jerry nunca teve o senso das medidas. Aliás, gaba-se de ser “*the Pope of pussy*”, o papa do sorriso vertical. Em pé de igualdade, acrescenta, com o “*Kennedy boy*”.

Levar o Presidente dos Estados Unidos ao tribunal? Impensável. Acontece que o detetive encarregado de levantar a indelicadeza da esposa não é outro senão o inevitável Fred Otash, que ameaça publicar o material na *Confidential*. Judy Campbell oferece uma solução:

— E se eu telefonar para Sam?

Jerry Lewis ouve com atenção. Estabelecido o contato, as coisas rapidamente se acertam. Johnny Rosselli visita o detetive das estrelas, que arfa, arf, arf, depois arfa menos alto e, em seguida, pára completamente de arfar. As provas são destruídas ao mesmo tempo.

Uma vez mais, JFK passa muito perto de um escândalo.

Giancana, no entanto, não tem interesse algum em queimar a munição. Alguns dias depois, telefona para o técnico favorito de Otash, Bernie Spindel. Ele é um homem discreto, uma verdadeira brisa de ar. Com microfones e gravadores, é um gênio. Havia feito seu primeiro grampo aos 12 anos de idade. É capaz de captar o zumbido de uma mosca a 200 metros. É o inventor dos microfones-canhão, que podem se direcionar para uma determinada conversa a várias centenas de metros, e é capaz de esconder um receptor em um tomate cereja. E tudo isso antes da era dos pontos informatizados.

Spindel usa sempre gravata, sem jamais chamar atenção por qualquer detalhe particular, e faz seu trabalho com um comedido entusiasmo. É um homem da sombra, o mercenário dos dedos de fada. Foi preso e processado 207 vezes. Nunca condenado.

Giancana passa-lhe uma instrução precisa: colocar microfones em todos os locais freqüentados pelos Kennedy, JFK e RFK. A casa de Lawford, o

hotel, o restaurante. Giancana pede que Spindel passe por seu contato habitual, Robert Maheu. Este, em surdina, é claro, leva tudo à matriz, a CIA, da qual é funcionário *cutout*, isto é, em roda livre. Se for pego, a CIA nem o conhece, como nos filmes. Para o caso das ordens não terem sido claras, Giancana especifica:

— Quero saber onde estão os Kennedy nas 24 horas do dia. Quero saber quando estão bebendo. Quero saber quando estão mijando...

E acrescenta:

— Nunca se pode confiar neles. Nunca.

Mahalia Jackson entoa o hino nacional americano. Uma negra! No Deep South as facas começam a ser afiadas. Sinatra emenda com um dos seus sucessos, *That Old Black Magic*, adaptado para *That Old Jack Magic*. Blue Eyes banca o cortesão. Eleanor Roosevelt, viúva de Franklin Delano, lê um texto, acompanhada por Fredric March, o ator de *A Morte do Caixeiro-Viajante*, de Arthur Miller. Contrariando as preocupações de Sinatra, tudo se passa perfeitamente. Três horas mais tarde, a multidão se desfaz, depois de ver Gene Kelly dançar, ouvir Nat King Cole e rir com os comediantes de prontidão. Joe Kennedy está contente. Pelo menos evitaram que Sammy Davis, aquele judeu negro, estivesse presente. Houve Harry Belafonte e Ella Fitzgerald, mas são “pretos pretos”, que se mantêm em seus lugares. Enquanto Sammy Davis, com a “sua puta sueca”...

A noitada termina e Jackie vai para casa, extenuada. É a última noite fora da Casa Branca. O marido, no entanto, se dirige a um restaurante em que Joe Kennedy organizou uma festinha para os mais íntimos. Dorothy Kilgallen, que tem ali um bom assunto de reportagem, observa: “O nosso Presidente fica muito bonitinho na televisão, não é mesmo?” Isso antes de cair completamente bêbada e ser carregada pelo chofer para seu Rolls Silver Wraith. Ethel Kennedy dá atenção a Angie Dickinson, toda produzida e que veio com um “disfarce”, um amigo de Jack, Red Fay. Durante a noite, o Presidente desaparece ao mesmo tempo que a atriz.

A ausência deles dura 40 segundos.

JFK em seguida volta para casa. O Serviço Secreto anota sua chegada às 3h28 da manhã.

Os soviéticos atacam Marilyn. *Nedielia*, o jornal dominical, dirigido pelo genro do primeiro-secretário Nikita Kruschev, critica a atriz: “É uma mulher dura que sacrificou todos os seus maridos pela celebridade e pelo sucesso.” Por que se interessar por Marilyn? Há um significado subliminar: os russos querem mostrar a JFK que estão cientes da ligação e usariam isso, se necessário. A mensagem foi ignorada pelos festejadores da Casa Branca.

É um erro, pois uma jovem mulher acaba de entrar no território dos Estados Unidos. Chama-se Ellen Rometsch, é muito bonita e casada com um sargento do Exército da República Federal da Alemanha, recentemente nomeado para trabalhar em Washington. Ellen Rometsch se parece um pouco com Liz Taylor e, graças à sua beleza, conheceu Bill Thompson, o homem que distribuía os envelopes durante a campanha. Ele é cliente do fechadíssimo Quorum Club, freqüentado por senadores, deputados e homens de negócios. A bela Ellen começa a trabalhar ali. Sua função: play girl. Missão: escutar. Segunda missão: comprometer.

Fora enviada pela KGB.

Muito rapidamente, trava conhecimento com JFK. No sentido bíblico, é claro.

Outro caso se arma, além-Atlântico: John Profumo, o secretário de Estado da Guerra, no governo de Sua Majestade, começa uma ligação com uma linda amante de 19 anos de idade, Christine Keeler. Ela vai para a cama também com o capitão Evgueni Ivanov, oficial do corpo de elite de informação soviético, o GRU. Entre as moças que gravitam ao redor de Profumo, há uma asiática, Suzy Chang. JFK gosta dela. Também biblicamente, *of course*.

Nesse ponto em que a informação soviética se infiltra, dois cães farejadores já montam guarda: Kim Philby, chefe da contra-espionagem britânica, e James J. Angleton, chefe de contra-espionagem da CIA. Os dois são amigos. Trocam dicas, receitas, suspeitas, fichas e têm consciência dos perigos que JFK corre — por pura imprudência. Angleton sente no ar “o cheiro da traição” em torno do novo Presidente. O chato é que não tem o mesmo faro em relação a seu alter ego, seu irmão, seu duplo, Philby. Que, no mais total segredo, é coronel da KGB.

Marilyn deixa Joe DiMaggio entrar em sua vida. O Yankee Slugger continua bem pouco falante e triste. Mas, pelo menos, está presente. Ela compra leite para sua úlcera. Ele fica um pouco por ali e depois volta para a Califórnia. Um dia, estando Marilyn sozinha, a faxineira, Lena Pepitone, vê que ela está muito debruçada na janela. O apartamento é no 13º andar. Lena Pepitone corre, agarra a patroa, tenta dissuadi-la. Marilyn, em lágrimas, se deixa levar pela depressão. Tentativa de suicídio? Talvez. Mas tentativa de suicídio de atriz: com público. Sozinha, nunca.

A conselho de sua nova assessora de imprensa, Pat Newcomb, Marilyn prefere dar entrada em seu pedido de divórcio em 20 de janeiro, dia do juramento do novo Presidente e de sua posse. As duas mulheres pegam o avião para El Paso, no Texas, e atravessam a fronteira mexicana de carro, acompanhadas por um advogado. Cumpridas as formalidades — por motivo de “incompatibilidade de gênios” com Arthur Miller — Marilyn volta aos Estados Unidos. Miller não quer nada: os bens do casal foram repartidos em igualdade. Marilyn fica com o apartamento de Nova York e o ex-marido se contenta com a fazenda de Roxbury, onde gosta de escrever.

Marilyn está em mau estado. Volta a tomar pílulas aos montes. Para dormir, para acordar, para emagrecer, para esquecer, para lembrar. Dá inúmeros telefonemas a Ralph Greenson, em Los Angeles, e se deita no divã de sua psicanalista nova-iorquina, Marianne Kris. Paula Strasberg, que mora no mesmo prédio, vigia Marilyn pelo canto dos olhos. A proximidade da pré-estréia de *Os Desajustados* lança a atriz em novo período de terrível angústia. Ela permanece irascível e tem momentos de ausência. Recebe um jornalista inglês e ele fica impressionado com sua apatia. Uma conversa descosida, mas com algumas pérolas:

— O Presidente vai cumprir tudo o que prometeu, você vai ver. É só esperar. Vão se surpreender — diz ela.

Assim que se menciona o nome de Kennedy, seus olhos se iluminam.

Curiosamente, Pat Newcomb dá sua opinião:

— Marilyn é forte, mais forte do que a maioria de nós. Dá a impressão de ser vulnerável, mas...

Mas os fatos contradizem Pat Newcomb. Marilyn se fecha, não sai mais, ouve discos de blues, não come e bebe. Champanhe e pílulas, nada melhor.

O primeiro Presidente dos Estados Unidos nascido no século XX faz seu juramento debaixo de um frio polar. Com a mão estendida sobre a velha Bíblia da família Kennedy, ele promete obedecer à Constituição, aperta a mão de Eisenhower e pronuncia um discurso brilhante — “Não perguntem o que seu país pode fazer por vocês, mas o que vocês podem fazer por seu país”. Na véspera, 45 pessoas morreram de frio. O cardeal Cushing, que é o primeiro prelado católico a abençoar o Presidente, faz um sermão interminável que congela todo mundo, inclusive Ben Bradlee, no entanto cuidadosamente agasalhado. Em seguida, ouve-se um poema de Robert Frost, presente, apesar dos seus 86 anos. Um pouco mais adiante, John Steinbeck. Hemingway declinou o convite. O desfile que tem início em seguida acaba de matar de frio os espectadores. JFK ergue o chapéu ao passar pelo pai, sem nenhum olhar, nenhuma palavra para a mãe, Rose. Evita o tradicional beijo na esposa. Na cosmogonia dos Kennedy, as mulheres não contam. Jackie ouve um jornalista perguntar a RFK:

— Como se deve chamá-lo agora? Bobby, ministro ou senhor?

O irmão de JFK responde:

— Diga filho-da-puta, pois é como vão falar de mim!

Das cinco — cinco! — festas previstas para a noite, Jackie escolhe duas. A primeira, no Statler Hilton, é imediatamente aproveitada pelo Presidente para desaparecer no apartamento de Frank Sinatra. Angie Dickinson lá encontra seu amante de um minuto, que reaparece um pouco mais tarde no salão principal, com um jornal debaixo do braço. Como se tivesse ido comprar a gazeta do dia. Jackie não caía nessa.

Outra atriz, loura sublime, está presente: Kim Novak. Ela fixa seu interesse em Bobby, sob o olhar glacial de Ethel, visivelmente contrariada. Mas como resistir a uma das mais belas mulheres do mundo, a atriz de *Um Corpo que Cai*, quando se está casado com... Ethel, mulher miúda, cheirando a sacristia e a bourbon?

Jackie, cansada, segue para sua primeira noite na Casa Branca, que os jornalistas passam a chamar de “Camelot”, nome da corte do Rei Artur. Peter Lawford testa as camas aos saltos, as irmãs Kennedy visitam o local, mas JFK continua sua turnê. O pai tomara a precaução de mandar vir 300 show girls de Las Vegas, com a finalidade de alegrar os festejos. Elas, então, os alegram. De madrugada, JFK chega à casa de seu vizinho Joe Alsop. Cronista político, ele é influente e tem um espírito vivaz. Pego em

flagrante delito de homossexualidade em Moscou, fora vítima de uma tentativa de chantagem por parte da KGB, quatro anos antes. Safou-se confessando tudo a um de seus amigos da CIA, Cord Meyer. Que ajeitou as coisas. Algumas fotos comprometedoras circularam e foram devidamente arquivadas por J. Edgar Hoover, que, desde 1941, tem um seção dedicada aos “desviados sexuais”.

Mas, na casa de Alsop, abre-se realmente lugar para a *fun*. Peter Lawford pede a seis beldades que se alinhem diante do visitante. Tinham sido especialmente escolhidas entre as moças de uma rede de call-girls. JFK aponta para duas e sobe para um dos quartos da residência. Bobby Kennedy, por sua vez, ganha o direito a ser o segundo a escolher.

A presidência começa em lençóis amassados e perfume de mulher.

Voltando do México, Marilyn pára por uma noite no caminho. No hotel, ela olha a televisão e, admirando The Prez em seu fraque, se vira para Pat Newcomb:

— Eu não daria uma boa First Lady?

Mergulhada em suas próprias nuvens, ela contempla as imagens que piscam.

Ela está em Dallas, no Texas.

CAPITULO 12

Uma louca diferente

O cômodo está vazio. A porta, com vidro protegido por uma grade, não tem maçaneta. Na janela há barras de ferro; a cama é presa ao chão. As paredes eram brancas, mas o tempo as acinzentou. Sentada, Marilyn se deixa levar pelo desespero. Está internada na Payne Whitney Clinic, um estabelecimento psiquiátrico de renome, situado no Upper East Side, em Nova York. Nessa mesma clínica, o poeta Robert Lowell e a romancista Mary McCarthy foram tratados. O lugar é tranquilizador: tijolos, silêncio e antidepressivos. É impossível sair, telefonar, receber visitas, ver televisão. Pode-se eventualmente, em determinados horários, tricotar com outros doentes, fazer quebra-cabeças ou colorir desenhos. Talvez jogar dominós. Mas é proibido mudar de andar — há oito andares. Proibido fumar. Proibido beber Dom Pérignon. Proibido falar de assuntos agressivos. Proibido ter relações sexuais. Proibido ser Marilyn. Com a cabeça abaixada, as mãos juntas, a paciente louca mergulha na obscuridade interior.

A doutora Marianne Kris, a psicanalista de Marilyn, julgara alarmante o estado da paciente. Desde o divórcio com Arthur Miller, Miss Monroe se deixa levar por uma sombria depressão. Não sai mais de casa, emagreceu se alimentando apenas de pílulas coloridas, não vê ninguém. Com os cabelos grudados e as unhas sujas, ela se arrasta pelo apartamento, sob o olhar aflito de sua secretária, Marjorie Stengel, que às vezes vem anotar uma carta ditada, trazer roteiros, ou simplesmente ler a correspondência. A cada vinda, Marjorie Stengel fica espantada. Jornais amassados e jogados no chão, frascos de Nembutal vazios se espalham, assim como o cocô de cachorro no carpete. O cãozinho que Frank Sinatra deu a Marilyn — Maf, diminutivo de Máfia — faz suas necessidades por todo lugar. Há latas de caviar na cama, garrafas de champanhe ficam mornas, receitas médicas se

empilham na mesinha de cabeceira. Marilyn perambula enfiada em um velho roupão de banho. Ela cheira mal.

Marjorie Stengel, que havia trabalhado com outras estrelas e visto todas as patologias do sucesso, usa uma expressão cruel, incisiva e exata sobre sua patroa de então:

— É o ser mais vazio que já vi em toda a minha vida.

Marianne Kris é uma psicanalista da velha escola. Formou-se com Freud, que a considerava uma filha adotiva, e depois fugiu da Áustria nazista na companhia do marido, perito em antigüidades. Construiu uma bela reputação nos Estados Unidos. Em relação com Greenson em Los Angeles, ela tenta penetrar no labirinto psíquico de Norma Jeane. Para ela, essa mulher está em um estado paranóico grave. Há uma Marilyn, deslumbrante, e uma Marilyn perdida; há uma Norma Jeane menina e uma cínica Norma Jeane manipuladora. Marianne Kris sabe que Marilyn abusa de remédios e os oferece às visitas como se fossem bombons. Ela às vezes se tranca no banheiro e joga compulsivamente água no rosto. Por duas horas.

Marilyn havia feito recentemente uma operação na vesícula biliar, nada muito grave. Mas a pequena incisão deve ser cuidada. Ela às vezes troca o curativo ensangüentado, joga-o na lata de lixo e ele ali permanece, esquecido. O cheiro acaba incomodando os vizinhos. Caviar e sangue se deterioram no apartamento no mesmo ritmo e descuido.

Marilyn apodrece tudo a seu redor, em círculos.

As instruções de Marianne Kris são firmes: a doente deve ficar isolada. Para garantir seu anonimato, ela é registrada em 7 de fevereiro de 1961 com um nome falso: Faye Miller. Marilyn é levada para aquele quarto, tiram-lhe as roupas e a bolsa e ela fica entregue a si mesma. Pouco a pouco, voltam seus piores temores: a mãe louca, a avó demente, outros membros da família sofrendo de doença mental. A sombra que paira sobre sua hereditariedade a devoraria também? Um terror inominável a invade.

Louca. Louca.

Levanta-se, pega uma cadeira, joga-a contra a pequena janela que a separa do banheiro. As enfermeiras vêm correndo. Ela ameaça cortar as veias do pulso, com um gesto teatral digno de Duse. É a grande cena em duo. Um interno lhe pergunta:

— O que não está bem?

— Vocês é que devem me dizer! — berra Marilyn enfurecida.

Quatro enfermeiros erguem-na com o rosto virado para o chão, na direção do elevador. Ela sobe um andar. É colocada em uma cela acolchoada, no setor dos violentos.

Ela urra, mas ninguém ouve.

JFK gosta da piscina da Casa Branca. Ele rapidamente cria novos hábitos. Tendo ao redor os amigos habituais de farra, agora nomeados a cargos importantes, ele trata dos casos mais urgentes e depois, após uma breve sesta à tarde, dá umas braçadas no fim do dia, exercício que lhe alivia a dor nas costas. Joe Kennedy fez questão de marcar o território privativo do filho, dando-lhe de presente um afresco que enfeita um canto junto à piscina: um pôr do sol na ilha caribenha de Santa Cruz.

O recanto é calmo, de fácil acesso — é um quebra-cabeça para os agentes do Serviço Secreto. Ali, todos os dias, o Presidente recebe suas “pequenas aliadas”, com os pés na água. É um constante desfile de atrizes ainda desconhecidas, de secretárias, de assessoras de imprensa, de visitantes diversas. Elas se despem, entram na piscina, participam das brincadeiras eróticas do Presidente, fazem amor à moda Kennedy: rápido, rapidíssimo ou X-rápido. Os guarda-costas não sabem quem são aquelas mulheres, de onde vêm, nunca têm tempo para verificações e, preocupados, assistem hesitantes a todo esse tráfego. Afinal de contas, é difícil dizer não a um Presidente. Mas o perigo é constante: e se uma dessas moças estiver mal-intencionada? Ou armada? O Serviço Secreto deixa passar. Único risco: Jackie.

Por sorte, Jackie está freqüentemente ausente. Passa os dias andando a cavalo em Glen Ora, a nova casa de campo dos Kennedy. Sente-se sozinha. E com razão. Às vezes, resolve vir de repente: os agentes colocados no alto da escada dando para a piscina fazem soar o alarme. É o pânico imediato. Uma porta, nos fundos, permite que as moças desapareçam. Mas Jackie pode perfeitamente ver as marcas de pés molhadas no chão.

Duas favoritas capitaneiam o harém: são funcionárias da Casa Branca que todo mundo chama pelos apelidos “Fiddle” e “Faddle”, quer dizer, mais ou menos, “Tic” e “Tac”. Elas nunca se separam. Em certos momentos, a piscina se torna inacessível, mesmo em caso de guerra atômica. Generais e

almirantes fizeram essa experiência e foram obrigados a esperar pacientemente no ambiente cheirando a cloro. Jill Cowan, “Tic”, tem primazia sobre as reuniões de cúpula; Patricia Weir, “Tac”, sobre as crises mundiais. Tic-Tac formam a dupla prioritária.

Se o Presidente parte em viagem, há mulheres. Se sai à noite, há mulheres. Se tiver um convite para o fim de semana... O ambiente na Casa Branca mudou de um extremo a outro. Passou da era Eisenhower — noites mortais e suco de frutas — para as noitadas elétricas dos anos Kennedy — twist e Johnnie Walker Black Label. Os modos antiquados dos Presidentes anteriores, o lado formal das relações, a pompa do cargo, tudo isso se esvai. Os assistentes, os conselheiros, os adjuntos e até mesmo alguns guarda-costas começam a imitar o chefe. Por que não aproveitar? O número de divórcios aumenta de maneira espetacular na Casa Branca, durante os anos Kennedy. Há inclusive noitadas *free love*, com troca de parceiros e ambiente livre.

O vírus K. é contagioso, muito contagioso. Dissemina-se.

Enquanto isso, o mundo gira, e gira muito mal.

Setenta e sete dias depois de sua posse, JFK tem que enfrentar sua primeira crise grave: a Baía dos Porcos.

É pior do que um fracasso. É uma humilhação.

Marilyn chora. A noite cai. Ela caminha nua, toca as paredes acolchoadas, caminha de volta. Que horas podem ser? Impossível saber. Uma claridade esbranquiçada, que vem não se sabe de onde, banha a cela. Marianne Kris mencionou “comportamento suicida”. Marilyn se sente invadida pela angústia. Despojada de tudo, incapacitada de encenar seus caprichos, isolada, ela não é mais nada, mais ninguém. Durante a filmagem de *Os Desajustados*, exigia que sua limusine particular estivesse sempre ao lado do set para poder fugir, se necessário. Ali, está numa espécie de espaço sideral, um não-lugar.

Os enfermeiros, os internos, os médicos se alternam. Olham pela janelinha gradeada: Marilyn Monroe, o sex symbol mais desejado do mundo, a mulher que é a encarnação da sensualidade, está ali como atração, um striptease de feira. Os seios que fazem sonhar milhões de espectadores podem ser vistos e, logo abaixo da barriga, o tufo de pêlos alourados, com a

pele queimada pelas aplicações de água oxigenada. Curiosamente, Marilyn tem um único pensamento: “O que Marlon Brando faria, no meu lugar?”

Uma enfermeira lhe dá um pedaço de papel e um lápis. Marilyn escreve a Lee Strasberg e a Paula: “Estou presa com pobres coitados loucos. Por favor me ajudem.” Não tem resposta. Nem dos Strasberg nem dos pobres coitados loucos. Outra noite, outro dia, mais uma noite, mais um dia. Apenas as refeições a ritmar o tempo. Deram-lhe um pijama sem botões.

A avant-première de *Os Desajustados*, na semana anterior, foi uma catástrofe. Não gostaram do filme, a crítica foi negativa, a 20th Century Fox dá sinais de querer que a estrela volte ao trabalho. A filmagem de *Goodbye Charlie* foi cancelada. Visivelmente, porém, os produtores querem ganhar com a fama de Marilyn: procuram um roteiro freneticamente. Além disso, a Fox acaba de se comprometer com o filme mais caro de sua história, e que provocaria seu naufrágio: *Cleópatra*, com Liz Taylor. Um boato circula: Arthur Miller estaria escrevendo uma peça para Jackie Kennedy, boato que tem o dom de deixar Marilyn furiosa.

Ela grita: “Soltem-me! Soltem-me!”, e bate na porta, aos socos. Os enfermeiros vêm e lhe enfiam uma camisa-de-força. Ela permanece amarrada por várias horas.

No dia seguinte, é desamarrada. Uma enfermeira, com pena, a acompanha até um telefone. Marilyn liga para o único amigo certo com quem pode contar: Joe DiMaggio.

Ele está na Califórnia. No dia seguinte, pela manhã, chega à clínica. Os médicos explicam que ele não poder retirar a louca. Não tem mais ligação alguma que o autorize. Ele apenas diz:

— Eu quero minha mulher.

Os médicos balançam a cabeça: não. Joe DiMaggio estufa o peito, lívido, e, com uma voz que não deixa margem para dúvidas, acrescenta:

— Se não a deixarem ir, vou demolir o prédio, tijolo por tijolo.

Uma hora depois, Faye Miller está lá fora.

As manobras de Sam Giancana, os complôs de Johnny Rosselli e as idiotices da CIA não surtem efeito: Fidel Castro continua vivo, bem vivo. Allen Dulles, o chefe da CIA prepara a invasão de Havana há meses. Em 17 de abril, as tropas de cubanos expatriados se lançam à conquista da ilha:

1.400 homens desembarcam em uma praia à beira de um pântano, na Baía dos Porcos, no litoral sul. Os conselheiros de Kennedy haviam assegurado que uma revolta popular, evidente, derrubaria o regime. Generais americanos, que incentivaram o Presidente na direção do confronto, estão prontos para o envio de aviões, navios, mísseis, tanques, tudo o que se queira. Eles estão querendo uma boa guerra. E vão conseguir, mas não ali.

Kennedy assiste ao fiasco: 114 homens morrem, 1.200 são capturados. E a revolta popular? Ela acontece, mas contra os ianques. Castro faz um discurso de quatro horas — algo como um trailer de filme, para ele — e manda um aviso ao capitalismo decadente. Enquanto isso, JFK está muito mal: teve uma crise venérea, recebeu 600 mil unidades de penicilina injetável. O caso cubano termina num clima de terrível amargura: o Presidente dos Estados Unidos tem a impressão de lhe terem forçado a ação, de haver herdado um conflito que não era seu, e manda cancelar o apoio aéreo. Consegue, com isso, o ódio dos militares, o ódio dos cubanos de Miami, o ódio da direita americana, o ódio de Castro e o ódio da CIA. JFK vai à televisão: “Sou o único responsável”, afirma e recupera o apoio popular, medido por sondagens de opinião. No âmbito particular, porém, diz o contrário: os responsáveis são outros.

A verdade é que Castro sabia de tudo. Os locais, as ordens, a hora, a data do ataque, talvez até a marca das botinas. Era a operação secreta menos secreta do mundo. Como já lhe tinham enviado charutos envenenados, canetas botúlicas, bonés mortíferos e pílulas fulminantes, Castro mantém um pé atrás. Maheu, Rosselli e Giancana haviam lhe enviado uma espiã, Marita Lorenz. O *lider maximo* compartilha com JFK o mesmo gosto pelas mulheres: transa com tudo o que lhe passe ao alcance da mão. Marita Lorenz chega facilmente à sua cama. Mas o *barbudo* tem argumentos convincentes: a infiltrada acaba preferindo o amor em vez do veneno, vira de lado e muda de campo. Robert Kennedy assume o controle das coisas. O irmão, louco de raiva por ter sido manipulado pelos militares e pelos espiões, promete “espalhar a CIA pelos quatro cantos”.

Permanece a questão: como Castro ficou sabendo?

James J. Angleton, sempre em busca de algo penetrante, de um vazamento, de uma traição, fareja. Cuida de suas orquídeas e recebe seus conselheiros mais próximos, entre os quais Cord Meyer, que dão suas opiniões. O rosto crístico de Angleton é esculpido em madeira de buxo.

Debruçando-se sobre uma flor carnívora, ele dá a impressão de estar de posse de um segredo que ninguém mais pode conhecer, exceto aquela mosca que acaba de ficar presa na cola adocicada secretada pela planta. Allen Dulles é demitido, mas não Angleton. A CIA é espalhada “pelos quatro cantos”, mas não Angleton. Todas as certezas se desfazem, menos a de Mother. Ele, de certa maneira, não está errado: o mundo é um vasto complô. Deus é um conspirador. Judas está por toda parte.

Angleton acha que The Prez falou mais do que devia no travesseiro, com alguma das suas conquistas. Discretamente, ele investiga. Está convencido de que Marilyn tem algum caderno em que anota suas impressões. Um diário íntimo. Ou que diga coisas no sofá do psicanalista.

Ele procura o tal caderninho, que só existe em seus sonhos.

Na verdade, será que ele sonha?

Marilyn muda de estabelecimento hospitalar. Tinha estado quatro dias e quatro noites na Payne Whitney Clinic e passa aos cuidados do Columbia Presbyterian Hospital. No carro, onde Joe DiMaggio e Marianne Kris a esperam, ela está furiosa. A psicanalista fica na berlinda:

— Como pôde me colocar ali? Como?

Marilyn reclama, grita, está uma verdadeira fera. Marianne se defende. É dispensada. Nunca mais voltou a ver a paciente. Ela apenas murmura:

— Foi terrível o que fiz. Não foi de propósito...

Não foi de propósito? Um médico qualificado dizendo isso? Um médico diplomado? Cheio de diplomas. De certificados. É claro que fez de propósito. E talvez tivesse razão: os fatos comprovariam.

Por três semanas, Marilyn permanece no hospital. Precisa se desintoxicar. Joe DiMaggio vem visitá-la diariamente. Traz sempre um buquê de rosas vermelhas. Sua ex-mulher lê a correspondência de Freud e escreve cartas a Ralph Greenson: “Nunca serei feliz”, prevê. Conta-lhe reminiscências. Quase não dorme. E escreve: “No outro hospital, perguntaram se eu me sentia diferente dos demais pacientes. Achei que, se eram idiotas o bastante para perguntar isto, era melhor dar uma resposta simples. Então, respondi: ‘Claro que sim, pois sou.’”

A 20th Century Fox, que atravessa um momento difícil, não abre mão de sua estrela. É preciso que ela trabalhe. Enquanto conflitos internos estouram

na empresa entre Spyros Skouras, o dono nova-iorquino, e Darryl Zanuck, o chefe da produção em Hollywood, Marilyn se queixa dos “doutores idiotas”. Durante 23 dias eles vigiam Miss Monroe. Seu estado parece melhorar. Ela elimina as substâncias acumuladas em seu sistema.

Ao sair, tem seis guarda-costas e, adiante, uma nuvem de fotógrafos e de fãs. Está sorridente, magra, e Pat Newcomb tinha vindo acompanhá-la. Elegante em um tailleur creme, Marilyn parece, por um minuto, feliz. Joe DiMaggio resolve levá-la para a Flórida, onde poderia descansar, passear, respirar, olhar o mar, que cura todos os ferimentos. Joe, no fundo, continua apaixonado pela mulher. E lhe diz:

— Não podemos viver juntos, mas somos feitos para estar juntos.

John Huston propõe a Marilyn um papel em *Freud, Além da Alma*, cujo roteiro está sendo elaborado por Jean-Paul Sartre. Todas as manhãs, na Irlanda, o filósofo vai, engravatado e digno, à propriedade de Huston, para escrever com o diretor. Sem dúvida para facilitar a inspiração, ele devora pílulas. Marilyn quer o papel da sra. Freud, mas cai na besteira de consultar Greenson. Ele se corresponde com Anna Freud, filha de Sigmund. Resposta: é uma péssima idéia, está fora de cogitação que Marilyn represente minha mãe. O roteiro do existencialista acaba na lata de lixo. O filme seria feito, mas sem Sartre e sem Marilyn. Ela vai continuar tentando ligar os fios soltos de sua existência.

Telefona à Casa Branca, com o pseudônimo de “Miss Green”. O telefonista tinha ordens. Com ou sem Baía dos Porcos, com ou sem Kruschev, com ou sem visita a De Gaulle, as instruções são claras: os chamados de Miss Green têm toda a prioridade para The Prez.

Enquanto Marilyn decide deixar Nova York, onde mora há seis anos, e voltar para a Califórnia, a Casa Branca vive horas tensas. O desastre da Baía dos Porcos deixou marcas. Visivelmente, os soviéticos concluíram que têm pela frente um Presidente americano fraco e indeciso, e erguem o tom da voz. Passa-se em Berlim o primeiro confronto importante; é uma cidade dividida, uma cidade estraçalhada. Isso vai acontecer no mês de agosto e o mundo passa a um milímetro da guerra. Em março de 1961, porém, o Presidente tem que se debater em uma quantidade enorme de frentes e a frente interna não está entre as mais calmas. Figuras importantes

americanas se agitam e se comportam como franco-atiradores, sendo algumas delas membros da Ku Klux Klan ou de organizações claramente rebeldes. A burocracia herdada de Eisenhower faz corpo mole: não está habituada ao modo de agir dos Kennedy Bros., que se comportam como se tivessem o direito de pôr a mão onde bem entendem. JFK e RFK queimam as etapas intermediárias, carbonizam as ligações oficiais entre os diversos serviços, se apossam da diplomacia, da justiça e de tudo o mais. Passam por cima dos elos da corrente, saltam os obstáculos, nunca pensam em cuidar dos *middlemen*. Explicitam a inutilidade de setores inteiros da máquina de Estado. Além do mais, o estilo deles é irritante. Por exemplo, pondo o nariz para fora da sala do irmão, Bobby, com seu grande terra-nova Brumus, faz sinal à pessoa seguinte da sala de espera — Robert Lovett, um diplomata experiente e respeitado, ex-ministro da Defesa de Truman — para que entre, contentando-se em apontar para ele e dizer:

— Hei, aí! Você!

Lovett, espantado, olha ao redor. Bobby K. repete:

— É com você mesmo! Aqui!

Boas-manieras, entre os Kennedy, é um artigo desconhecido. O clã (irlandês) passa antes de tudo. O restante se reduz ao “Hei, você! Aqui!”, enquanto Brumus rola pelo carpete.

O universo talvez esteja escorregando na direção da guerra atômica — nos anos 1960 isto é uma evidência, e as vendas de abrigos nucleares disparam — e JFK não deixa de lado seus prazeres. Faz questão disso. Estima que, diante das crises que o aguardam, não há por que se privar. E o público adora aquele Presidente bronzeado e sorridente, que, pouco a pouco, se torna uma estrela. O mito de Camelot — lugar da lenda histórica — se estabelece.

Em março de 1961, então, ocorre um grande jantar, para oitenta convidados. Jackie não está presente. Foi para o campo, com os dois filhos. Sente-se cansada, não suporta mais as intermináveis escapadas do marido nem sua maneira arrogante e brutal de seduzir mulheres e publicamente humilhar a esposa. Sabe que o ambiente da Casa Branca é o de um harém: as favoritas fazem contas, sabem quem transou com o Presidente, quem são as recém-chegadas, e quando uma nova conquista se gaba de ter recebido as atenções do patrão a resposta de hábito é cínica: “Bem-vinda ao exército mexicano!”

Jackie se sente melhor a distância. Sua irmã, Lee, agora casada com Stanislas Radziwill, um príncipe polonês sem dinheiro e imediatamente passado para trás, insiste para que ela volte à Casa Branca. Na verdade, Lee tem ciúmes, um ciúme imenso da irmã mais moça. Nunca vai deixar de querer lhe roubar o lugar. Acabaria conseguindo, na intimidade.

Mas, naquele início de março, o Presidente havia convidado Ben Bradlee, que se tornou seu jornalista favorito. Bradlee veio com a mulher, Tony Pinchot, que quis convidar a irmã, Mary. Estão também presentes Helen Husted, uma das mulheres mais em vista de Georgetown, e vários amigos, entre os quais os Graham, Kay e Philip, que estão entre os formadores de opinião mais influentes em Washington, graças a seu jornal, o *Washington Post*.

Mary, colocada à esquerda do anfitrião, é uma bela loura quarentona, nada parecida com os habituais bibelôs ao redor de JFK. É pintora, expõe suas obras em galerias, frequenta artistas de renome como Lichtenstein, Oldenburg, Rauschenberg e Jasper Johns. Ou seja, a elite da pintura americana. Ela está livre — divorciada do marido, Cord Meyer, há pouco tempo — e circula. As convenções não lhe cerceiam em absoluto as maneiras; e as idéias politicamente corretas também não. Ela ostenta opiniões de esquerda, gosta de se divertir e bebe com prazer. É um perfeito exemplo dos anos 60: descontraída, risonha, disposta a tudo. Naquela noite, ela dança twist — que decadência! — na Casa Branca, com Phil Graham, que é um sedutor nato e um tanto tresloucado. Requebrando-se de modo selvagem, ele acaba rasgando as calças. O Presidente morre de rir. Graham está com um olhar estranho e Mary Pinchot acende um cigarro.

Jack Kennedy observa a recém-chegada, que ele já havia conhecido quando eram estudantes.

Alguns dias depois, ele recebe Judy Campbell na Casa Branca. A sós. Em maio e junho, eles se encontram dez vezes. Em agosto, 15 vezes. O mesmo número de vezes em setembro. Giancana está ciente. Hoover também.

Jackie, por sua vez, frequenta Giovanni Agnelli, o condottiere italiano, dono da Fiat, notório sedutor, elegante e com estilo próprio. Encontram-se na Itália.

Um caderno de anotações? Talvez Marilyn tenha tido algum, em determinados momentos. Mas o que anotaria? Na mitologia da estrela, o tal caderno foi uma espécie de Graal nunca visto, um documento que a extrema direita americana alçaria ao status dos *Papéis do Pentágono* que derrubaram Nixon. Mas Marilyn não está, nunca esteve, em condições de dar continuidade a uma idéia, de se dobrar à disciplina de um diário íntimo. Está desestruturada, vazia, interiormente amorfa. Tem tanto rigor quanto uma medusa. A única coisa a interessá-la é ela própria, Marilyn, sua sedução, sua aura de estrela, seu poder de diva. É como um campo de nuvens na brisa de verão: os pensamentos flutuam, humores variam, a concentração é nula. Talvez ela rabisque uma coisa ou outra, mas é alguém que perde as receitas médicas, extravia documentos, esquece onde estacionou o carro, é incapaz de decorar uma fala no set, não cuida de onde mora, nada possui, por nada se apaixona, desconhece o estado de suas finanças e joga tudo no banco de trás do conversível. Sequer sabe quem ela mesma é ou quantas pílulas engoliu. Um diário íntimo? Está brincando?

Angleton, no entanto, não brinca nunca. É uma pena: poderia ter descoberto coisas. Mas ninguém nunca viu Mother rir. Nunca.

Entre as sessões com Greenson e as noites com tranqüilizantes, Marilyn fica à deriva. Está decidida a não aceitar, da Fox, filme algum que não seja “sério”. O projeto de Lee Strasberg tinha ido por água abaixo: nenhum produtor confiou no autoproclamado guru, criador de um sistema que agrada aos atores, mas que põe os diretores com os nervos à flor da pele — ou com, pelo menos, os dentes à mostra.

Marilyn volta à casa de Peter Lawford. É o personagem mais fraco e menos odiável de Camelot: sua carreira se encontra em estado decadente, seu casamento morreu, seu papel é o de bufão da corte e ele nada quer além disso. Sabe cantar, dançar, contar histórias, mas, no fundo, não ignora que é um completo fracasso. Contenta-se em ser a sombra da sombra dos amigos, às vezes o capacho. Ele existe, mas muito pouco... Contenta-se com os confetes que caem. É o único a não ser consumido pela rapacidade. Os demais, todos eles, Marilyn, JFK, Joe K., Sinatra, Hoover, Jackie, Giancana, Otash e Greenson, são abutres de dentes afiados. Todos querem seu naco de carne. Lawford, não. Ele não está armado para a guerra.

Em sua casa, em noitadas com bastante álcool, a vida para Marilyn recupera o rumo, numa sucessão de noites vaporosas, pores do sol no Pacífico, convidados que desfilam fantasmagoricamente. Marilyn deixa o real escorrer a seu lado, como a água que passa pelo casco de um navio. Quando Peter Lawford vai se juntar aos amigos em Las Vegas, ela o acompanha.

Frank Sinatra está no palco do Sands, e Marilyn, na sala, atrai todos os olhares. Com um vestido colante, ela oscila, balança ao lado de uma mesa, com o olhar fixo em alguma imagem que ninguém mais vê, devorada por um sonho interior. Encaminha-se para o palco requebrando diante de mil pessoas. Ao se virar, o decote do vestido se afrouxa e um seio escapa para fora. Põe em êxtase todos os homens, todos. Ela é linda, tão linda...

Mas igualmente bêbada.

Um mês depois disso, ela se encontra com Sinatra em seu iate de cruzeiro. Frankie Blue Eyes às vezes se irrita com seus atrasos e sua indecisão, mas tolera. O doutor Greenson, por sua vez, tenta afastar sua paciente de Sinatra. Considera a ligação “destrutiva”. O que ele tem a ver com isso? Desde quando um psicanalista se mete na vida particular de seus analisados? Greenson quebra todas as regras psicanalíticas para cuja codificação ele próprio contribuiu. Uma única transgressão e ele poderia — e deveria! — ser desqualificado, riscado, queimado. No entanto, ele as acumula: faz gravações — é proibido. Recebe a paciente em sua família — proibido. Tem relações pessoais com ela — proibido. Intromete-se na vida da cliente — proibido. Interfere junto à Fox para “controlar” a atriz — proibido. Seu cunhado Mickey Rudin é o advogado de Marilyn — proibido. Será que também vai para a cama com ela? Pior do que isso: Greenson está apaixonado. Marilyn virou a cabeça do grande feiticeiro do superego. Na privacidade do consultório, ele se deixa seduzir, se sente lisonjeado, satisfeito. Greenson é um psicanalista que se desvia de suas funções. Mereceria uma tortura eterna, ser condenado a ler os 24 volumes da obra completa de Freud, por exemplo. É da pior raça de curandeiros: aqueles que acham ter justificativas, que acreditam ser donos da verdade.

Greenson tem ciúmes de Sinatra. Não há por quê: muito rapidamente, Blue Eyes se enjoa do caso. Não agüenta o desleixo de Marilyn. Gostaria que ela se lavasse, escovasse os dentes, não deixasse Maf, o cãozinho que ele lhe deu, fazer suas necessidades no deck do barco. Ele se afasta e

continua a se relacionar com Chickie Baby. Fica feliz de ser recebido em Hyannisport, na residência dos Kennedy. Ele vai às nuvens: o velho Joe K. lhe preparou um fim de semana dos diabos. Rolam rios de álcool, mulheres chegam aos montes, Peter Lawford está nos festejos e JFK convidou uma de suas amantes, Helen Chavchavadze. Um chofer notou que Joe K. bolina todas as moças com suas mãos grandes de pêlos ruivos, sorrindo satisfeito.

Em Hollywood, em suas brumas, Marilyn se abre com jornalistas que ela considera seus amigos: Sidney Skolsky, um anão alegre, sempre carregado de anfetaminas, e James Bacon, um freelancer da Associated Press. Este último se mostra surpreso: Marilyn não faz mistério de suas relações com o Presidente. Mesmo que não o veja há vários meses, não tem importância. Age como se o caso fosse publicamente notório, falando do assunto como de algo normal. Marilyn não se mantém mais à sombra. Todo mundo, naquele meio, está a par da história.

James Bacon tem certeza de que a atriz está apaixonada, “muito apaixonada”, diz ele.

Mas os encontros com o Presidente se tornam mais raros. Ele está ocupado. No final de 1961, autoriza o envio de 2.200 conselheiros americanos ao Vietnã.

Marilyn e JFK se vêem apenas em novembro.

No mês anterior, Marilyn encontrara outro Kennedy: Bobby.

CAPÍTULO 13

Tempestade em Washington

Como sempre, o álcool corre a rodo. Peter Lawford, encharcado de uísque, conta algumas recordações: no início da carreira, em 1944, tinha atuado em *The White Cliffs of Dover*, com Irene Dunne. Observa que, curiosamente, representou um baronete inglês, noivo de uma jovem americana e morto pelos alemães. Era precisamente o que havia acontecido com a família Kennedy, com o casamento de Kathleen com o marquês de Hartington. A ficção, quem sabe, precede a realidade? Foi naquela ocasião que Peter Lawford deu sua primeira entrevista a Dorothy Kilgallen. Ela guardou certa ternura pelo ator...

Marilyn, descontraída, chegou quase — quase! — na hora certa. Havia passado boa parte do dia no consultório de Ralph Greenson, que assistia à desintegração de sua paciente. Ela havia retomado seus maus hábitos: programas, pílulas, noites. Parceiros ocasionais, encontros sem compromisso, amantes de improviso. Toda vez que ela se oferece, a reação é a mesma: ela pode ver, nos olhos de sua presa, a expressão assustada. Uma espécie de S.O.S. que significa: “Caramba! Vou comer a MARILYN!” Muitas vezes, o efeito é devastador ou até mesmo terminal.

Ela compensa isso com analgésicos, narcóticos, sedativos, soporíficos, tudo que se pode encontrar em drogarias. Não consegue mais diferenciar o meio-dia da meia-noite, o pé direito do pé esquerdo. Presa entre os conselhos de Lee Strasberg, que ela consulta por telefone, e as indicações de Ralph Greenson, que ouve suas queixas, entre as quais a de nunca ter tido um orgasmo, ela oscila. O psicanalista acha que ela precisa de uma presença, de uma ajuda, de alguém que administre a sua vida. Além disso, Marilyn precisa controlar a língua: Greenson é casado. Ele quer lhe impor uma vigilância. Esse médico é uma espécie de Big Brother freudiano.

Nesse fim de tarde de outubro, a temperatura é clemente. Lawford acaba de rodar *O Mais Longo dos Dias*, a saga de Zanuck nas praias da Normandia, e se prepara para um pequeno papel em *Tempestade sobre Washington*, um curioso drama político de Otto Preminger, diretor brusco, neurótico, totalmente careca e de comportamento completamente teutônico. Marilyn já trabalhou sob sua direção em *O Rio das Almas Perdidas*, uma má recordação. Ela usava um blue jeans formidável.

No presente momento, ela está com um vestido e um decote bastante premeditados. Não tem alças e o tecido foi especialmente escolhido para realçar a rodela do bico dos seios. A idéia, como ela havia explicado ao costureiro, é que brincando distraidamente com uma mecha de cabelos, à mesa, possa fazer subir e descer a linha flutuante do decote. Um efeito calculado por centésimos de milímetro. Por mais triste e deprimida que esteja, Marilyn sabe provocar desejo; é seu trabalho, sua paixão, sua razão de ser, sua missão na vida. Naquela noite, há um convidado de honra: Robert Francis Kennedy, o irmãozinho.

Todo-poderoso ministro da Justiça, nomeado por ordem imperativa de Joe K., ele é o buldogue da presidência. Protege o irmão com uma determinação dos infernos e persegue os “do Mal” com uma persistência que fez Oleg Cassini, o costureiro de Jackie, dizer que, “na Alemanha nazista, Robert teria trabalhado para a Gestapo. Com dedicação”. RFK é, ao mesmo tempo, o executor das altas obras, o tira número um do país, o conselheiro oculto para os negócios externos, o protetor em caso de chantagem, o subordinado vigilante. É um vizir sem nenhuma generosidade e com muitas metas.

RFK tinha vindo a Los Angeles participar de uma conferência para as forças de polícia. Passou sua mensagem: nenhuma piedade para os malfeitores. Na casa do cunhado, Lawford, ele se descontrai. Como o irmão, ele adora estar em Hollywood. A noite prossegue, com as questões políticas sendo mantidas longe e os convidados sentados em volta da piscina com um copo, diante do Pacífico, que desaparece no escuro. Marilyn bebe. O olhar fica turvo, o riso se contrai e a dicção se torna pastosa. Ao longe, navios se dirigem lentamente para Catalina Island, onde, antigamente, ela esperava o primeiro marido, Jim Dougherty.

Constatando o estado da atriz, RFK toma a iniciativa e propõe levá-la embora. Ele pensa melhor: o ministro da Justiça não pode sair sozinho com

Marilyn. Seguir os passos do irmão? Isso não tem importância. Entre os Kennedy boys, é comum. Mas, no caso, Bobby prefere afastar qualquer suspeita. Pede a Edwin Guthman, seu assessor de imprensa, que os acompanhe. Juntos, levam Marilyn para casa, enrolam-na em uma horrível coberta sintética azul e esperam que ela durma.

Mais tarde, Bobby Kennedy se lembraria da tristeza que pairava ao redor daquela mulher, um suave perfume de morte.

Os dois homens vão embora.

J. Edgar Hoover se prepara para uma guerra sangrenta. Chefe do FBI há meio século, ele não admite que lhe digam como agir. Ora, RFK, no momento, é seu superior. Aquele sujeitinho! Hoover não o suporta. Sobretudo quando lhe chega aos ouvidos o que os Kennedy boys haviam dito: tinham jurado que fariam rolar a cabeça de J. Edgar. O qual está decidido a não deixar isso acontecer. Comparado a Hoover, Gengis Khan foi um animador de feira. Por onde J. Edgar passa, os inimigos não aparecem mais.

A verdade é que Hoover é doido. Totalmente.

Aliás, seu pai morreu em um asilo psiquiátrico.

Nascido em 1895 em uma família bem religiosa, Hoover é um homem que sempre se manteve envolvido com o poder e é rígido ao extremo. Franco-maçom (do rito escocês, 33º grau) e protestante, tem uma silhueta de personagem de desenho animado: cabeçona de cachorro bochechudo, corpo pesado, barriga de frade, roupas cuidadas, sapatos de tamanho pequeno bem engraxados, anel de ouro com suas iniciais, bracelete valioso, perfume insistente de tuberosa, lenços de renda. Os agentes do FBI, pessoalmente escolhidos, devem observar critérios estritos: nada de camisa colorida nem palma da mão úmida, nada de gravata vermelha nem corte de cabelo bizarro, nada de ser judeu nem negro nem asiático e nada de ter o olhar fugidio. Hoover só anda em carro blindado e proíbe o motorista de fazer curvas para a esquerda, o que não facilita absolutamente o trabalho do infeliz. Os G Men* em viagem são obrigados a dormir em hotéis pessoalmente aprovados pelo chefe, que inspeciona prioritariamente as latrinas. Ele é obcecado por limpeza, por micróbios, por moscas e pela luta anticomunista. Em Nova York, por exemplo, o FBI tem 400 agentes para

vigiar os “indesejáveis” leninistas, stalinistas ou trotskistas e dez para a luta contra o crime. Aliás, Hoover repete que a Máfia não existe. É claro, há grupos de bandidos, cambadas de malfeitores em um lugar ou outro, na Filadélfia ou em Chicago, mas Máfia? É pura invenção.

Hoover mandou deportar Emma Goldman, supervisionou o fuzilamento de Dillinger, impôs um fichário de impressões digitais em âmbito nacional. Ele sempre cuidou da publicidade e escondeu sua vida particular. A verdade é que tem relações precisas com a Máfia e os principais bandidos retribuem, fazendo com que ganhe dinheiro nas corridas. Pois Hoover é um aficionado das apostas. Gosta de cavalos, frequenta com assiduidade os hipódromos com o amigo e assistente Clyde Tolson, um sujeito tão alegre quanto um réquiem debaixo de chuva. Meyer Lansky, Lucky Luciano, Sam Giancana, os *capi dei capi* fazem crescer os ganhos de Hoover nos páreos. É um meio seguro: impossível qualquer controle.

Na calada do seu escritório, Hoover tem uma paixão: a constituição de dossiês. Ele não os envia aos arquivos centrais do FBI, mas os conserva em um sistema privado. Deputados vendidos, senadores corruptos, eleitos pedófilos, prefeitos homossexuais, governadores fetichistas, toda a lama do mundo se encontra ali indexada, organizada, acessível. Em vez de enfiar todo esse belo pessoal na prisão, Hoover prefere mantê-los a sua mercê, como um chantagista de luxo. A pasta sobre Joe K. é volumosa. A de JFK, atualizada. A de Marilyn, bem recheada. Outros indivíduos são vigiados: Thomas Mann, Henry Miller, Eleanor Roosevelt, Arthur Miller, Elvis Presley, Edward G. Robinson, Fredric March. Não, a Máfia não existe, mas os vermelhos com certeza. E os “desviados sexuais” também. Hoover guarda esse tipo de arquivo para si mesmo. Há duas prateleiras: uma para os *Sex Offenders in Foreign Intelligence* e outra para os *Sex Perverts in Government Service*.**

Revistas pornográficas, filmes lúbricos, imagens indecentes, gravações de suspiros amorosos, Hoover empacota tudo isso em um canto discreto. Ele, muitas vezes, convida Clyde Tolson — cara de cavalo, olhar de cão de caça — a avaliar o “material ilícito” com ele. Há fotos de Marilyn nua, muito apreciadas por ambos. Aliás, insinua-se que os dois mantêm relações conjugais desde os anos 1930. Hoover tem um lado efeminado que motivou RFK a lhe perguntar se “ele se senta para mijar”. Tolson lhe é submisso como um cãozinho bassê.

A Máfia não existe porque Hoover tem uma boa razão para negar sua realidade: uma fotografia. Que está em poder de Meyer Lansky e nela se vê o chefe do FBI em felação ativa com seu namorado; é o que dizem.

O mais inconveniente é que há outro feliz proprietário desse “instantâneo”: Mother.

Angleton e Hoover têm um interesse comum por orquídeas. Mas é o único. Eles se detestam.

JFK administra a crise de Berlim com inteligência. Ele analisa o confronto com a URSS em termos realistas: se Kruschew manda construir o Muro de Berlim é porque quer evitar a guerra, mas precisa demonstrar determinação, para acalmar os opositores e adversários no Politburo.

Encontrando um estilo em política internacional e procurando impor a integração dos negros no sul do país, o Presidente americano se torna o queridinho da mídia: JFK tem um raro carisma. O homem das ruas o adora, as mulheres o adulam. A mitologia de Camelot, com seus cortesãos irlandeses, seus faustos de príncipe, a rainha elegante, o castelo inteiramente redecorado, os convidados escolhidos a dedo, o roseiral maravilhoso, as noitadas requintadas, toda essa mitologia se vende, se exporta, se impõe. Até De Gaulle se inclina. Em sua vida íntima, o monarca Jack I não tem mais limites: tem apenas apetite. Conhece a mais carnuda das louras: Jayne Mansfield, e a leva a Palm Springs. Ela deixa claro gostar de “Mr. K.”, apesar de estar grávida. Ele vê com frequência Leslie Devereux, uma call-girl de alto nível que é mais contida: descreve-o como alguém “mecânico e frio” que a leva ao Carlyle de Nova York, com “olhos duros e sorriso dominador”. Kennedy continua a freqüentar Judy Campbell, a quem abre muitas vezes as portas da Casa Branca, inteiramente remodelada por Jackie.

Um dia, a arrumadeira encontra uma calcinha preta na cama do Presidente. Devolve-a à First Lady. Jackie procura o marido, entrega-lhe a peça íntima, dizendo simplesmente:

— Não é o meu tamanho.

Francamente, há algo de podre em Camelot.

Marilyn vive na bruma, mas é a Fox que cai no buraco. As perdas financeiras se acumulam. As ações despencam. Os conflitos internos se agravam. A filmagem de *Cleópatra* em Londres, e depois em Roma, revela-se um sorvedouro. As câmeras começaram a funcionar debaixo de chuva, na Inglaterra, sob a direção de Rouben Mamoulian. Liz Taylor ficou doente. Peter Finch, que era César, foi despedido. O novo diretor, Joseph Mankiewicz, quer que contratem Rex Harrison e Richard Burton, atores que ele havia visto em uma comédia musical intitulada... *Camelot*. Acionistas da Fox insistem para que Liz Taylor seja substituída por Marilyn Monroe, de quem Mankiewicz não gosta. O dinheiro se evapora: em Roma, os italianos se servem. Nas primeiras semanas, constata-se o desaparecimento de 800 lanças e de 1.400 gládios romanos. Zanuck, que não trabalha mais na Fox, inclui suas notas de lavanderia na conta da produção. Os atores dormem com as figurantes, que também têm a bunda beliscada pelos técnicos romanos, que, por sua vez, reclamam do sol. Uma quantidade de gatos corre pelos cenários. Parece que estão em um mercado aberto árabe.

De longe, Marilyn acompanha os acontecimentos. É ela a estrela da Fox e não Liz Taylor, que está lhe roubando o título. Ela precisa recuperar a posição. Quer um filme. Mas que seja imenso. Sério. Genial. Cósmico. Mais colossal do que *Cleópatra*. A 20th Century Fox propõe *Something's Got to Give* (*Algo Tem que Ceder*), chamado pelas iniciais *SGTG*. Uma pequena comédia bem agradável, já filmada em 1939 com o título *Minha Esposa Favorita*: Cary Grant volta a encontrar a esposa, Irene Dunne, que ele acreditava morta. Ela sobrevivera em uma ilha, após um naufrágio. Só que a esposa havia passado sete anos debaixo dos coqueiros na companhia de um belo rapaz, representado por Randolph Scott. Barafunda, quarteto amoroso, ciúmes, adultérios distintos. Bem no clima dos anos 1930.

SGTG, então, é um remake. Simpático, mas sem graça. Além do mais, o papel principal é masculino e há dois papéis femininos de igual importância. Marilyn se acha diminuída. Pela voz de seu advogado, Mickey Rudin, cunhado de Greenson, deixa clara sua posição: ela quer — exige! — um aumento de salário e o direito de opinar no roteiro. Os produtores se irritam com aquela diva que não faz filmes. Envia-lhe o roteiro de *SGTG*. Ela nem lê. Mandam o roteiro refeito. Ela não acusa recebimento. Deixa o tempo passar.

Todo dia, ela passeia de carro, vai ao consultório de Greenson e à casa de Lawford. Às vezes passa diante da casa de Charlie Feldman, que ela não viu mais. Sequer lê as cartas ameaçadoras da Fox. Ela espera. Espera o quê?

Jack. The Prez.

Na Casa Branca, há uma vibração, uma espécie de eletricidade. Em certo dia de setembro, toda a equipe de *Tempestade sobre Washington* é convidada a almoçar com o Presidente. Graças a Peter Lawford, a produção tem acesso a certas partes da residência oficial. É verdade que a filmagem diverte JFK. Primeiramente por causa de Gene Tierney. Aos 41 anos, ela é apenas uma sombra da beleza que foi. Divorciada de Oleg Cassini, companheira por um período de Ali Khan, faz agora uma carreira de atriz secundária: seus mais belos anos, mais belos filmes (*Laura*, *Shanghai Gesture*, *O Fantasma Apaixonado*) ficaram para trás. Internada por dois anos em um asilo psiquiátrico, devastada pela síndrome de Down de uma filha, Gene Tierney é uma mulher encantadora: em outros tempos, teve uma relação apaixonada com Jack. Ele se sente comovido. Sim, isso mesmo. Comovido.

O restante da trupe, Henry Fonda, Charles Laughton, Lew Ayres, Burgess Meredith, Otto Preminger e Peter Lawford, se põe ao redor da mesa. Um dos atores principais, Walter Pidgeon, dá um toque de distinção: ele tem experiência e boas maneiras. Outros convidados completam o quadro: Helen Chavchavadze, de quem o Presidente gosta muito, Nan McEvoy, uma bela herdeira, Eunice Kennedy, irmã de Jack, Ethel Kennedy, esposa de RFK, e Mary Pinchot Meyer, que vem por sugestão de Jackie. Infelizmente, há também Frank Sinatra, enlouquecido com a proximidade do poder. Jackie o detesta, cada vez mais. Como JFK estava ocupado — o secretário-geral da ONU, Dag Hammarskjold, acaba de morrer —, Jackie, até o último instante, tenta se livrar daquele inconveniente. Mas quando Sinatra chega e exclama, diante de todo mundo: “Olá, Chickie Baby!”, o copo transborda. Jackie se controla para não pôr o cretino para fora. Felizmente, Max Jacobson, o doutor “Feelgood”, charlatão de serviço e médico ilegal, havia passado naquela manhã para aplicar suas injeções mágicas no casal presidencial. Entupidos de anfetaminas sem saber, Jack e Jackie compõem um quadro correto.

Jackie se concentra no cantor, afastando-o do marido durante o almoço. Mas, com isso, não vê o que está acontecendo. Não decifra o olhar de JFK. Ele se dirige a Mary Pinchot Meyer, exclusivamente.

A filmagem de *Tempestade sobre Washington* acaba dentro de certa amargura: Jackie, irritada com Sinatra, manda avisar a Peter Lawford que a produção não tem mais o direito de filmar na Casa Branca. Na ingrata posição de mensageiro, o ator transmite o recado a Preminger. Que entra em violenta crise de raiva. Para se vingar, corta o papel de Lawford na montagem, reduzindo-o a zero. Em compensação, Preminger notara a beleza serena de Mary Pinchot Meyer. Propõe uma figuração no filme, maneira de dizer que a deseja.

Mas é tarde demais para ele. JFK já a havia convidado para um almoço a sós, na semana seguinte.

RFK havia mandado instalar uma campainha no escritório de J. Edgar Hoover. É uma afronta violenta. Habitado a trabalhar com toda a impunidade, toda a liberdade, o diretor gosta que lhe demonstrem respeito e até obsequiosidade. Ministro da Justiça algum jamais convocou Hoover, ainda mais com uma campainha. Em geral, vinham vê-lo em seu escritório, conversavam admirando a fotografia de Spee de Bozo, seu totó defunto, e faziam salamaleques. Além de tudo, indo ao escritório de RFK, encontra-o sempre destemperado: em mangas de camisa, lançando flechinhas em um alvo na parede. Sabe também que o ministro, às escondidas, incita seu cão Brumus a depositar cocô no capacho da sala do G Man. Hoover sente sua pressão subir.

RFK não pode demitir Hoover, que conhece muitos segredos e está a par da relação do ministro com Lee Remick, a atriz de *Um Rosto na Multidão*, de Kazan. Mas pode tentar controlá-lo e, sobretudo, irritá-lo. É o defeito de Bobby: ele cumpre sua função de ministro sem experiência em justiça, sem prática em tribunais, sem uma real dimensão das coisas. É movido pelo ímpeto de competição, intensamente incentivado pelo pai. Para um ministro, entretanto, essa atitude é contraproducente. Por exemplo, ele manda prender o *capo* de Nova Orleans, Carlos Marcello, enfia-o em um avião e o deporta para a Guatemala. O procedimento é ilegal e estúpido: abandonado no meio da selva com seus sapatos de crocodilo e terno de

xantungue, o quinquagenário Marcello precisou andar 20 quilômetros para chegar a uma aldeia. É claro, não está incapacitado para se vingar. Dois meses depois, já está de volta a Louisiana, cheio de raiva na alma. Havia sido humilhado e ele não é alguém que deixe passar um insulto. A deportação foi apenas uma exibição de força, uma maneira de RFK dizer: “Posso cuspir mais longe do que você.”

Bobby Kennedy se comporta como um menino que joga “barbantino cheiroso” no recreio dos mais velhos e não como um político. Monta um grupo de ataque, acima da polícia, no mesmo nível que o FBI e recebendo ordens apenas dele próprio: é o Get Hoffa Squad.*** Esse homens — advogados, investigadores, especialistas — passam por cima de todas as organizações de Estado: têm como função fazer o cerco a Hoffa, contra quem RFK nutre um ódio irreprimível. Ele coloca homens de sua confiança no IRS (Tesouro), no FBN (Federal Bureau of Narcotics) e nas demais agências. Consegue criar, desse modo, conflitos terríveis no interior da administração. Expedindo seus cães de caça a Las Vegas, finge ignorar que o FBI tem investigações sendo feitas no local. Os resultados são desastrosos: a corte anula todas as suas iniciativas. Quanto a Hoffa, assaltado por um número incrível de perseguições, espuma de raiva. RFK lhe inferniza a vida.

Para Robert Kennedy, tudo é um jogo. Um jogo sério, mas um jogo: é preciso ganhar. Por exemplo, durante a crise de Cuba, encarregando-se do planejamento da operação Mongoose — matar Castro —, ele próprio banca o espião. Encontra-se várias vezes com a eminência parda da KGB em Washington, Bolchakov. Coloca em curto-circuito as relações diplomáticas e militares. Pelo menos dessa vez, ele está certo. Pois as mensagens para Krushev chegam a seu destino e são levadas em consideração.

Hoover, por sua vez, luta firme contra esse adversário que ele despreza. Tem armas poderosas: juntou provas de que Joe K., na época da embaixada em Londres, secretamente encontrou Goering em Vichy. Sabe que JFK foi casado anteriormente, um casamento anulado cujas certidões foram todas destruídas por Johnny Rosselli. Ele não ignora o fato de que RFK o trata, com os íntimos, de *cocksucker*. Ele vigia Judy Campbell, Jayne Mansfield, Tic e Tac e todas as prostitutas que o Presidente frequenta. Tem fotos, gravações, filmes, testemunhas, depoimentos, registros telefônicos,

transcrições de escutas. Tem quatro agentes se ocupando do caso Marilyn Monroe.

O melhor de tudo é que mandou colocar microfones na sala de RFK.

Mas ignora que RFK havia mandado colocar microfones na sua.

No mês de dezembro, JFK toma o caminho da Flórida. Uma parada em Nova York havia sido prevista. O sempre diligente Peter Lawford planejou as coisas: após o evento oficial na National Football Association com a presença de JFK, haveria uma festa na casa de um banqueiro importante. Marilyn foi convidada. Atrasada, ela encontra The Prez no Carlyle, onde JFK está cercado de agentes do Serviço Secreto, de policiais, de agentes do FBI. A segurança do Presidente está garantida; a discricção, um pouco menos. Marilyn passa pelos guarda-costas com uma peruca escura, enquanto Peter Lawford avisa:

— A secretária particular do Presidente!

Os policiais reprimem o riso. A encenação não engana ninguém.

Em 18 de dezembro, JFK se apresenta no Hollywood Palladium, para um discurso inflamado contra a extrema direita. Diante de 2.500 democratas, ele denuncia as ações da John Birch Society, uma organização fascista que conta com alguns generais do Pentágono. A seu lado, a KKK parece um clube de crochê. Firme, JFK ataca os racistas, os fanáticos, os malucos de camisa negra. Desmascara os agitadores do pretenso “complô comunista”. Frank Sinatra e Nat King Cole, no auditório, aplaudem. O Presidente está em plena forma: passou a noite anterior no apartamento de Judy Campbell em Palm Beach. Com evidente satisfação, ela lhe havia mostrado a casa e, diante da cama gigantesca, ele fingiu estar surpreso:

— E isto é o quê?

— Alteza, é um leito presidencial da época 1961, um objeto estranho, concebido para os prazeres do monarca. Não se sente nele, alteza, pois um mau espírito o incitaria a atos reprovados pela boa moral.

JFK senta.

Na recepção fechada, após o discurso do Hollywood Palladium, o Presidente bebe um drinque com os companheiros políticos, em uma das suítes do Berverly Hills Hilton. Aperta mãos, sorri, troca algumas palavras. O County Assessor (uma espécie de representante local do governo), o

tesoureiro da campanha eleitoral dos democratas e assessores de imprensa estão presentes. Ninguém manifesta surpresa ao ver Marilyn na companhia do Presidente. Usando um vestido branco, cuidadosamente penteada, ela está resplandecente. Ele desaparece na sua companhia.

No dia seguinte, JFK resolve dedicar o domingo ao descanso. Debaixo de uma forte pressão por parte dos extremistas de direita, que o ameaçam fisicamente e incitam o establishment militar a tomar o poder, ele vai à casa de Peter Lawford. No caminho, é vaiado. Despede-se do cortejo oficial e passa a tarde com Marilyn. Pat Kennedy, irmã do Presidente, prepara os coquetéis. Enquanto os mais íntimos conversam à beira da piscina, Jack e a loura desaparecem. No banheiro em ônix e mármore que lhe fora reservado, JFK mergulha na banheira. Retira o colete que dá apoio a suas costas e desliza para dentro da água morna. É um de seus momentos favoritos: Marilyn passa a perna por cima da sua. Podem lembrar dias passados, quando o destino do mundo não estava em jogo.

Peter Lawford entreabre a porta: Jack e Marilyn riem, se divertem, respingam água em tudo. Lawford tira várias fotos: Kennedy está amando. Marilyn faz caretas e, nua, ergue um brinde à saúde de Nureyev, de Nabokov, de Kruschev. O Dom Pérignon borbulha. Depois, no silêncio do quarto, o Presidente fala sobre os filhos. Fala das historietas que inventa para Caroline. Ele é casado, é verdade, mas...

Os homens de Hoover ouvem enquanto comem pizza. Os microfones não captam o que Marilyn e JFK se dizem, mais tarde, passeando na praia. Marilyn, enfiada em um espesso pulôver branco, e Jack, de blue jeans, olham o mar. Os gravadores captam apenas algumas sílabas, até os namorados serem tragados pelo ruído sedoso das ondas. Ouve-se mal: Marilyn diz “*love*”?

Outro indiscreto está na escuta: John Danoff, detetive particular. Para quem estaria trabalhando?

Para Mr. arf, arf.

* Gíria para agentes do FBI. (N. da E.)

** “Criminosos Sexuais Trabalhando na Inteligência Estrangeira” e “Pervertidos Sexuais Trabalhando no Governo”. (N. da E.)

*** Esquadrão Pegue Hoffa. (N. da E.)

Mother se intromete

Giancana parece estar em seus maus dias. Foi passado para trás pelos Kennedy, tem certeza disso. Precisa recuperar o controle da organização: e é o que está fazendo. Ele caminha pelo galpão do açougue, um amplo depósito refrigerado, onde um homem está dependurado. Giancana tira os óculos e faz sinal a Fifi Buccieri para que continue a tirar fotografias. Flash! Flash! Sam se vira para Tony “The Ant” Spilotro, que é seu braço direito para os casos em Las Vegas. Tony é um brutamontes sem grandes sentimentalismos. Sustentando o olhar de Giancana, ele assegura:

— *Tutto va bene, padrone.*

Tudo está bem. Os pés de quem está suspenso, William “Action” Jackson, estão a um metro do chão. Ele é um colosso de 170 quilos e foi empalado pelo reto em um gancho de carne. Os homens de Tony lhe tinham arreventado os joelhos com um bastão de beisebol. O cara ainda está vivo. O sangue pinga em longos filetes pelo piso de cimento, até estancar. A respiração difícil de Jackson leva a crer que seu fim está próximo. Giancana intervém:

— Não, não, preciso que ele viva. Pelo menos dois dias.

— *Bene.*

William Action Jackson é um agiota conhecido em Chicago. São famosos seus métodos expeditivos — especializara-se em tratamento dos globos oculares com o maçarico — e ele construiu para si um pequeno império sob a tutela de Sam DiStefano, um aliado de Mooney Giancana. Ele em geral começa entrando na casa do devedor omisso e lhe violenta a esposa. Depois passa a outros métodos, como arrancar os dentes, retalhar certos músculos, esmagar articulações a marretadas. Às vezes chega a esbofetear o devedor. Nada que seja definitivo: é preciso que ele possa pagar, mesmo que tenha ficado um pouco deficiente. Action Jackson é um

bom soldado da Cosa Nostra. Infelizmente, foi visto em um restaurante de Milwaukee na companhia de uns sujeitos do FBI. O dono do local, Louis Fazio, passou a mensagem: Action Jackson é um alcagüete.

Giancana resolveu mandar um sinal à sua maneira: o silêncio. *Omertà*. As fotografias são para o exemplo. Desde a manhã, o pessoal de Spilotro e de Buccieri utilizou toda a caixa de ferramentas: furadores de gelo, chaves de fenda, alicates e até mesmo, em certo momento, o brinquedo favorito de Jackson, o maçarico. Ele continua a resfolegar e seus suspiros formam uma nuvem de vapor no ar frio.

Mooney pensa: Judy Campbell continua a ver JFK, mas a relação esmorece. J. Edgar Hoover fez RFK saber que o FBI está a par das relações duvidosas do Presidente. Mal disfarçou a ameaça: ele quer manter o seu posto e, apesar da idade de se aposentar, não aceita ceder a poltrona. Hoover emprega, em Los Angeles, alguns independentes, como Fred Otash ou John Danoff, para colocar escutas telefônicas, e se articulou no Congresso, que autorizou tais procedimentos ilegais — em certas circunstâncias. Ora, as circunstâncias certas são aquelas que Hoover assim decide: ele imediatamente manda abrir 25 linhas telefônicas em Las Vegas, espalha microfones em Chicago, em restaurantes, alfaiatarias, escritórios e até na cozinha de bandidos. Os resultados são excelentes. RFK compreende que o irmão está em perigo. Judy Campbell deve se manter ausente do livro de visitas da Casa Branca. Para Giancana, no entanto, é um meio de comunicação com a presidência que desaparece com tal restrição. *Che peccato!* Realmente, uma pena.

Outra preocupação: Joe K., o patriarca da família Kennedy, o sócio de bandidos, o embaixador que se aproveitou da guerra, o manipulador de todos os negócios escusos, sofreu um violento derrame cerebral, em 19 de novembro de 1961, jogando golfe. Paralisado, debilitado, incapacitado de falar, esteve perto da morte. Ao saber da notícia, sua mulher, Rose, nem entrou em casa: como era normal, continuou a nadar na piscina e depois foi fazer compras, listadas em papezinhos que ela alfineta no vestido, voltando na hora do jantar. Grosso modo, sua atitude é simples: está pouco ligando. Joe K. transformado em legume? *So what?*

Com isso, porém, Giancana perdeu um aliado fiel, que podia controlar RFK, um verdadeiro cachorro raivoso em seus calcanhares. Pois Bobby está à solta. Ele arremete contra os bandidos, gira ao redor, lança mandados,

revira a ordem nos prostíbulos. A tal ponto que Santo Trafficante, o *don* de Miami, em geral silencioso, cochichou para um dos amigos cubanos, José Aleman:

— Lembre-se do que estou dizendo. Kennedy vai ter problemas, vão lhe dar o troco. Um dia desses vão matá-lo.

A deportação de Carlos Marcello foi o sinal mais tresloucado da traição dos Kennedy. A colaboração com a CIA, contra Castro, não serviu para nada, então? Não. A Máfia e a CIA passam a ter inimigos comuns, os dois K. Fica clara a necessidade de se livrar de um deles para afastar o outro. Mas em que sentido? Deve-se cortar o rabo do escorpião, que diretamente ameaça, ou a cabeça, imobilizando o rabo?

Uma última chateação: Mooney tem uma nova namorada, Phyllis McGuire, a terceira irmã das McGuire Sisters, o trio que fez sucesso com canções como *Blue Skies*, *Banana Split* e *Santa Claus Is Coming To Town*. Ela é linda e tinha sido casada — casamento de pura fachada — com Rock Hudson. O divórcio foi arranjado pelo inevitável Fred Otash. Phyllis McGuire, identificada pelo FBI, é literalmente espionada. William Roemer, o agente encarregado, resolveu fazer pressão sobre Mooney. Gravou conversas que provam que Sinatra é de fato um enviado dos bandidos:

Johnny Rosselli: — Sinatra enfiou na cabeça que os Kennedy vão manter a palavra...

Mooney Giancana: — Em outros termos, a contribuição feita...

Rosselli: — É disso que estou falando.

Giancana: — Ou seja, se eu por acaso tiver uma multa por excesso de velocidade, nenhum desses cretinos vai fazer coisa alguma?

Rosselli: — Exatamente, meu caro.

Tudo isso cheira mal. Felizmente, Bernie Spindel trouxe excelentes gravações das noites de amor de Marilyn Monroe e JFK.

Giancana faz sinal para que Spilotro continue seu trabalho. Ele pega um balde d'água e inunda Action Jackson, que mal resmunga. Descem o gancho de maneira a encostar no chão a ponta dos pés do corpo dependurado, até que ele tome apoio por um curto instante. Buccieri pega um marcador elétrico para gado. A sessão prossegue. Flash! Flash!

Jackson sobreviveu mais dois dias, como combinado.

Giancana ignora que Spindel, prudente, trabalha também para RFK. O procurador-geral tinha acertado de encontrar o homem do grampo no carro deste último. Insistiu para que conversassem a caminho do aeroporto. Enquanto Spindel dirigia, com as mãos bem visíveis no volante, RFK lhe disse que desembuchasse “alguma coisa, o que fosse” contra Hoffa. E perguntou:

— Você testemunharia contra ele, não é?

— Não.

— O que quer em troca?

De brincadeira, Spindel pediu 850 mil dólares. RFK aceitou. Quando o ministro da Justiça desceu do automóvel para pegar o avião — “O que for sobre Hoffa, lembre-se!” — estava certo de ter trazido Spindel para o seu campo. Conhece mal o sujeitinho, que navega com sutileza entre diversos clientes, nas fronteiras da lei. Em silêncio, Spindel se prepara para as inconstâncias de RFK.

Gravara a conversa no carro.

Marilyn está dançando. Em casa, com uma música latina, aproveita as aulas do coreógrafo Jack Cole por ocasião da filmagem de *Adorável Pecadora*. Naquela época, ela havia ensaiado, durante semanas, as ondulações, os movimentos com os ombros e os requebros com que provocaria Yves Montand e que agora voltam naturalmente. Diante da amiga Jeanne Carmen, uma pequena atriz de quinta categoria, Marilyn parece estar festejando. Sobe em poltronas e começa uma dança do ventre. Em tom ritmado, repete:

— First Lady! First Lady!

Há algo de patético e de comovente nessa rumba solitária, nessa alegria inventada. Marilyn pensa, de fato, em assumir o lugar de Jackie Kennedy? Jeanne Carmen é testemunha disso: Marilyn tem cada vez menos contato com a realidade. Vive no mundo dos fantasmas, dos semi-sonhos. Vagamente tem consciência da impossibilidade de seus anseios, mas, ao mesmo tempo, conhece o poder do desejo que ela suscita. Nada, para ela, é inacessível. Nada. Ela é Marilyn!

Confusamente, sente que está se desfazendo. O ponto alto da carreira já passou, ela está com 35 anos, só lhe resta esperar os quarenta, limite fatal,

naquela época, para uma atriz. Raramente se consegue ultrapassar essa fronteira, exceto para papéis de mulheres más, traídas, megeras, sedutoras de gigolôs. Marilyn não quer ser Bette Davis.

Quer ser First Lady, isso sim. Mostrar-se ao lado do Presidente. Agitar o braço para as fileiras de cadetes em uniforme de gala. Entrar na Casa Branca com a guarda perfilada em posição de sentido.

O chato é que Kennedy começa a dar ouvidos aos boatos que circulam: Marilyn é incontrolável, beirando a esquizofrenia, segundo Greenson. Naquele instante, ela ainda é uma companhia agradável, mas como saber? Na hora certa, será preciso agir com tato, para anunciar a separação. Marilyn tem uma tendência a telefonar um pouco demais, como se a relação fosse óbvia. Envia poemas de amor à Casa Branca e, inclusive, uma vez, Jackie atendeu. Ela desligou, depois de se desculpar. Jackie, que reconhecera a voz, o tom infantil balbuciante, ficou furiosa. E não escondeu isso. O marido compreende: Marilyn tenta ser aceita no papel que ela mais gosta, o de menina-vítima. Sob essa máscara, JFK sabe muito bem, pode se esconder uma pessoa dura e rancorosa. JFK não está habituado a isso. Quando deixa uma mulher, ele simplesmente não a olha mais. Ela se torna transparente. No caso de Miss Monroe, é difícil.

Marilyn dança e, a seu redor, 15 frascos de pílulas se espalham pelo carpete.

A filmagem de *Something's Got to Give* está marcada para 9 de abril. Mas tudo vai mal: George Cukor, o diretor, horrorizado por voltar ainda a trabalhar com Marilyn, não tem pressa. Sabe estar se expondo a chateações e detesta a desordem que ela causa, as dificuldades que cria, a falta de respeito que demonstra por toda a equipe. Querendo ter um roteiro minimamente coerente, pediu retoques. A Fox, por sua vez, está totalmente mobilizada pelo desastre de *Cleópatra*. Os cenários desabam, os escândalos se sucedem, Liz Taylor foi operada, Liz Taylor está convalescente, Liz Taylor se apaixona, Liz Taylor abandona o marido Eddie Fisher... Em Los Angeles, as informações circulam em bom ritmo, as equipes que voltam de Roma contam e Marilyn ouve. JFK, que adora fofocas, também. A notícia mais suculenta não pode ser publicada. Tem a ver com Richard Burton, que Marilyn tinha visto numa festa, na casa de Charlie Feldman, tempos atrás.

Na Cinecittà, Burton, ligeiramente alto, anunciou, cheio de si:

— Finalmente comi Elizabeth Taylor, no banco de trás do meu Cadillac.

A 20th Century Fox exige Marilyn. O tom sobe. Os produtores estão furiosos. A data de filmagem é mais uma vez adiada. O ator principal, Dean Martin, tenta ter paciência. Cyd Charisse, a sublime atriz de *Meias de Seda* e que teria o segundo papel, faz as provas de figurino. Marilyn intervém: está fora de cogitação que a rival pareça mais sexy do que ela. Os vestidos seriam cuidadosamente controlados. Marilyn, porém, tinha, de fato, vontade de fazer o filme?

Ela dá uma escapada.

Primeiro vai à Flórida, onde Joe DiMaggio acompanha os treinos de seu time favorito, o New York Yankees. Depois visita Isadore Miller, pai de Arthur, um velho senhor com quem ela mantém laços afetivos.

Em 6 de fevereiro, Marilyn chega a Miami e vai para o Fontainebleau Hotel, o palácio dos políticos, do show business e dos gângsteres. Em uma suíte do último andar, The Prez a espera.

Ela cai em seus braços.

Em sua cabeça: “First Lady! First Lady!” em ritmo de rumba.

*“Sheila Lee Taylor, agindo na condição de cafetina para ***, enviou prostitutas a ***. Taylor estima que isto aconteceu na véspera da abertura da convenção democrata de Los Angeles, em 1960. Taylor afirma que cada uma das moças enviadas a *** recebeu quantias de 200 ou 300 dólares. Taylor se recorda de que, quando Robert Kennedy e sua mulher se hospedaram no Park Wilshire, *** e sua equipe se hospedaram no Biltmore Hotel e outras jovens foram convocadas por ***. Depois de irem para a cama com os clientes, as moças voltaram ao Park Wilshire. Em seguida, mulheres foram solicitadas para outras recepções em que se previa que John F. Kennedy estaria presente...”* (relatório de 7 de fevereiro de 1962, escritório de Los Angeles, para o diretor do FBI).

J. Edgar Hoover mostra as munições de que dispõe. Há dois meses ele envia informações a seu ministro-chefe, Bobby Kennedy. Coisas simples, destinadas a fazê-lo compreender que nada lhe passa despercebido. O chefe da maioria republicana no Senado tem uma vida secreta? Hoover conta. Prostitutas recebem deputados no Carousel Motel de Ocean City? Hoover comunica a informação a RFK. Um embaixador é pego em flagrante delito e foge de cueca na mão? Hoover encaminha o arquivo ao escalão superior e

Kenny O'Donnell, companheiro de farra de JFK e conselheiro da presidência, ri dessas aventuras:

— Da próxima vez, vamos nomear um embaixador que corra mais rápido.

O significado dessas bisbilhotices é subterrâneo. Hoover quer que RFK compreenda que ele o tem nas mãos. Pouco a pouco, vai aumentando a pressão. Por exemplo, aceita um convite de RFK para almoçar. As conversas são minadas, os subentendidos amargos, as trocas de olhar glaciais. O diretor do FBI demonstra uma solicitude duvidosa: há, diz ele, gente mal-intencionada que faz correr o boato de que o Presidente já foi casado anteriormente com um certa Durie Malcolm. Ninguém está a salvo de erros da juventude, acrescenta, mas é, de fato, um boato desagradável. Hoover sabe perfeitamente que Joe K. mandara seu velho aliado Johnny Rosselli destruir todos os documentos. É sua maneira de ser sonso.

No silêncio de seu escritório, depois da sobremesa, Hoover dita à secretária uma nota: “O ministro manifestou estar grato por minha solicitude. Respondi que apenas queria servir.” Hoover tem um vocabulário de serviçal. É um lacaio com complexo de superioridade.

Alguns meses depois, o próprio Presidente recebe o velho burocrata (77 anos de idade) na Casa Branca. O diálogo é ainda mais delicado, remetendo à arte do malabarismo.

— Quis encontrá-lo, senhor Presidente, pois um caso me chamou a atenção...

É sobre a relação com Judy Campbell.

— Ela passa noites com Sam Giancana, senhor Presidente.

É claro, Kennedy sabe disso. O outro continua: Giancana está a serviço da CIA, que quer eliminar Castro. JFK se espanta. Os pratos são servidos, os rancores se armam, os risos ficam crispados. Quando Hoover faz alusão à recente viagem de Marilyn Monroe à Flórida, quando ficou no Fontainebleau, e depois ao México, onde foi recebida por Fred Vanderbilt Field, herdeiro empobrecido e revolucionário convicto, o Presidente tira suas próprias conclusões. Hoover é ardiloso e é melhor manter um jogo atento. Não se pode, afinal, pendurá-lo em um gancho de açougueiro. É necessário tratá-lo bem, alisar sem arrepiar o pêlo. JFK elogia o diretor — a pátria reconhecida, a visão poderosa, a necessidade da lei e da ordem, sua

inestimável contribuição etc. Uma pequena condecoração do Congresso, o que acha disso, meu caro J. Edgar?

Kennedy já está pensando nas próximas eleições, em 1964.

O café não cai tão bem. Talvez estivessem um pouco amargos os Montecristos fumados pelos dois homens. Vinham de Cuba.

Marilyn volta do México com um novo amante, um bonitão vagamente roteirista, José Bolaños. Perfil de toureiro, cabelos frisados, ares de machão de feira, caricatural. Segue a *señora* Monroe como um cachorrinho. Marilyn compra, para lhe enviarem para casa, um piso multicolorido na Cidade do México, passeia pelos mercados de Cuernavaca, Toluca, Taxco, Acapulco e dá uma entrevista coletiva comovente, em que a imprensa latina pôde constatar de frente que Marilyn não usa calcinha. Os fotógrafos imortalizam o instante, que, com certeza, não foi causado por nenhuma inadvertência.

De volta a Los Angeles, Marilyn não se sente à vontade: quer calma, mas também luz. Aceita posar para alguns artistas escolhidos, em sessões de fotos. No restante do tempo, precisa estar só. Ora, o único lugar em que acredita estar sozinha, tranqüila, é o consultório de Greenson, seu Romeu, seu Jesus. Ali, naquele ambiente calmo, o psicanalista, sempre gravando, continua a ouvir a estrela, deitada em seu divã. A ligação com JFK é detalhada. A relação que se anuncia com RFK é examinada. Referências a episódios com Sinatra, não. Não é boa coisa. Discretamente, a Fox mantém contato com Greenson: é preciso domesticar a louca, torná-la capaz de trabalhar. O doutor aceita a missão. Ele se tornaria o guardião, o vigia, o conselheiro, o amigo, o confessor, o amante. O velhaco, com certeza, é tudo isso.

Para confirmar seu controle, ele impõe uma acompanhante. Chama-se Eunice Murray. É uma mulher de certa idade, tão sorridente quanto um paralelepípedo. Tem os cabelos grisalhos, óculos de professora e foi criada no campo, em Ohio, entre os Testemunhas de Jeová. Adoentada na mocidade, foi tratada por um médico, contra a vontade dos pais, que imediatamente a repudiaram e jamais voltaram a vê-la. Casou-se, em 1924, com um carpinteiro filiado a uma seita e, durante a vida inteira, Eunice Murray seguiu os princípios de Emanuel Swedenborg, o filósofo sueco vegetariano apelidado “o Buda do Norte”. O casal teve três filhas:

Jacquelyn, Patricia e... Marilyn. Em 1946, abandonada pelo marido, Eunice Murray vendeu a casa da família em Los Angeles. Quem comprou? Romeu Greenschpoon, conhecido como Ralph Greenson. Ele muito rapidamente começa a empregá-la como “enfermeira”. Encarregada de trabalhar na casa dos pacientes mais estranhos, mais atacados, Eunice Murray se incumbe com minúcias de sua tarefa: espionar os pacientes para Greenson. Torna-se o agente secreto do freudiano.

Ao chegar à residência de Marilyn Monroe como governanta, chofer, enfermeira, faxineira, administradora, alcagüete, dona de casa e vigia infiltrada, ela olha friamente a patroa: para ela, a atriz é uma criança um tanto limitada. Ela começa a dar conselhos, repreendendo com delicadeza, sugerindo uma boa maneira de se comportar. Marilyn obedece. Chama-a de “senhora Murray”. A outra responde “Marilyn”. As relações se invertem. Se vêm visitas, Eunice Murray desaparece, mas se mantém em algum canto. Lava, cozinha, dá palpites ao mudar os lençóis. Nunca ri. Por outro lado, tem uma única forma de comunicação: cochichar. Interminavelmente ela cochicha coisas para Marilyn. Parece estar em permanente complô.

O ambiente é pesado.

Um clima de delação.

A noite é de jantar dançante. Jackie gosta dos agitos em que uma centena de pessoas passa, troca palpites sobre o mundo e sobre Georgetown, e os problemas do mundo desaparecem em tagarelices divertidas. JFK está preocupado por causa de um incidente internacional que corre o risco de lhe tirar alguns votos nas eleições: o piloto Gary Powers, abatido em 1960 ao voar em grande altitude com o avião-espião U2, está sendo trocado pelo coronel da KGB Rudolf Abel, nesse mês de fevereiro de 1962. Os soviéticos fizeram um bom negócio: Abel nada revelou, enquanto Powers foi obrigado a entregar uma parte dos segredos do U2. A CIA não está nada contente. A KGB, sim. A troca está acontecendo na ponte Glienicke, entre as duas Alemanhas.

Para desanuviar o marido, Jackie preparou uma lista impressionante de convidados. É claro, lá estão Lem Billings, amigo de infância de Jack, conhecedor de todos os seus segredos, e também os Spalding, os Bradlee, os Harriman, todos bem próximos de Jack. Embaixadores, financistas,

artistas — entre os quais Mary Pinchot Meyer — completam o quadro. Depois do champanhe e dos canapés de caviar, as atenções se voltam para a música: Jackie dá o exemplo, dançando twist com o ministro da Defesa, Robert McNamara. Perfeito exemplo de retidão moral e frieza burocrática, ele é um executivo superior que veio da indústria. Administra o ministério como uma empresa. Não é militar. É detestado pelas altas patentes, o que pesa a seu favor. É charmoso, e Jackie parece se sensibilizar com isso. Mostra-se, inclusive, bem sensibilizada.

Em traje de gala, o Presidente circula entre os convidados, troca brincadeiras e mexericos. Chegando a Ben Bradlee, pergunta à meia-voz se ele ainda tem espaço em sua revista para uma informação importante — ele a passaria mais tarde e concerne a Gary Powers. Depois JFK desaparece, indo ouvir seus conselheiros, que o mantêm a par da troca do refém da CIA pelo refém da KGB. Um espião pelo outro: o simbólico chega a um grau ridículo no mais puro absurdo. Mas para os dois K., John e Nikita, o que está em jogo é alto. Assim que é informado sobre os últimos eventos — a ponte de ferro, a bruma, as viaturas militares, o frio, o ambiente pesado, os guardas armados, o cenário *à la* John Le Carré —, o Presidente volta. Mas não dança twist. Participa de uma tremenda partida de pôquer. Não em Berlim, mas ali mesmo, na Casa Branca.

Betty, a sorridente esposa de Chuck Spalding, conselheiro e cúmplice de JFK, descansava no terceiro andar. Ela havia fraturado o tornozelo esquiando. Lá pelas tantas, entediada, resolve se juntar aos demais convidados. Deixa o quarto de hóspedes, passa capengando pelo quarto de Caroline, de cinco anos, que está dormindo em outro lugar. Chegando à escada central, vê duas silhuetas vindo em sua direção: Jack Kennedy e Mary Pinchot Meyer. Entende imediatamente: “Procuram um lugar para se divertir.” Sem o menor constrangimento, o Presidente cumprimenta Betty, e o casal entra no quarto da criança, como se tudo fosse muito natural.

A família Pinchot tem um pedigree dos diabos. Vai até os primeiros tempos da colonização da América e conta com um governador em sua árvore genealógica, sem falar de inúmeros financistas que juntaram belas fortunas. Amos Pinchot, pai de Mary, havia fundado, em tempos passados, a American Civil Liberties Union; sua esposa fora por muito tempo uma rebelde, uma sufragista de esquerda, antes de se tornar uma velha senhora cheia de certezas ultraconservadoras. Nos ambientes políticos, portanto,

Mary se sente à vontade: conhece os meandros do poder, interessa-se apaixonadamente pelas idéias em moda, alia-se aos movimentos libertários da juventude americana, está disposta a fazer o diabo cair em tentação. Ela é chique e kamikaze, totalmente indiferente à opinião dos outros. Jackie é sua amiga? Que importância tem isso? Mary Pinchot gosta de chocar, mostrar que tem uma vida agitada, e reivindica para si a liberdade feminina. Os Kennedy e os Pinchot têm os mesmos amigos: Joe Alsop, Arthur Krock, o embaixador Chester Bowles, Kay e Philip Graham, James J. Angleton. Bem recentemente, Mary Pinchot Meyer expôs telas suas na Washington Gallery of Modern Art com Lichtenstein, Jasper Johns e Oldenburg. Na mesma ocasião, Warhol criou a grande sensação: oito retratos de dois ícones do século XX. O primeiro ícone era a Campbell Soup.

O segundo? Marilyn Monroe.

Quando JFK volta, recebe notícia da Alemanha.

A troca havia sido coroada de sucesso.

Precisamente.

O roteiro de *Something's Got to Give* foi feito. Começam as filmagens. No primeiro dia, com mais de cem técnicos sob o comando de George Cukor esperando no set 14 do estúdio Fox, Marilyn manda avisar que está doente. Ninguém acredita. Todos estão convencidos de que se trata de um capricho da diva, já de início, mostrando quem impõe as regras do jogo. Cukor tenta controlar a raiva. Paula Strasberg veio às pressas de Nova York para o que ela sabe fazer: dizer bobagens a Marilyn, com convicção. Greenson, subornado pela Fox, garante que vai pôr sua paciente nos trilhos. Em Roma, quantias loucas são desperdiçadas.

A paranóia de Marilyn contamina o estúdio. Os produtores suspeitam de alguma sabotagem por parte da atriz. O diretor está convencido de que ela quer, pessoalmente, destruí-lo. Eunice Murray observa e faz relatórios diários. Pat Newcomb, como boa assessora de imprensa, tenta conter os jornalistas.

Na verdade, Marilyn está no centro de uma incrível teia de aranha: Jimmy Hoffa a segue com escutas, Giancana idem, a Fox a mantém sob vigilância, mas não é só isso. Fred Otash, que Joe DiMaggio acaba de voltar a contatar, faz um balanço para ver o que se passa na casa de Marilyn: ele

sabe que a atriz está sob escuta, pois ele próprio a colocara em sua lista. Por via das dúvidas, quer verificar. Vai à casa nova de Marilyn e examina as paredes. Surpresa: já há duas ou três redes de microfones. As hipóteses se amontoam: o primeiro circuito teria sido colocado por Howard Hughes, o milionário doido que tenta prejudicar os Kennedy em favor de Nixon e vigia todas as estrelas, mesmo as menores, de Hollywood? O segundo por Hoover, para seguir as “redes comunistas” que Arthur Miller supostamente frequenta? Além disso, por sugestão de Greenson, Marilyn comprou um gravadorzinho portátil e, mesmo andando de carro, ela faz “associações livres”, quer dizer, grava o que lhe passa pela cabeça.

Otash entra em contato com Spindel e reconstitui o clube dos curiosos: Hoover, a CIA, Hoffa, Carlos Marcello, Sam Giancana, RFK. Todo mundo e mais o irmão. Nunca um ser humano suscitou semelhante orgia de fitas magnéticas. É realmente alucinante. Marilyn não pode espirrar, sentar e pensar um pouco mais alto sem que dez pessoas a escutem. Não é mais espionagem, é um exame com microscópio eletrônico.

Mas isso não é tudo.

Há algo melhor.

Pois, ainda por cima, Marilyn telefona a Otash e pede que ele coloque microfones em sua casa: acredita que está sendo vigiada, diz ela. O detetive acha a idéia excelente, é claro: tudo já está em seu lugar. Como pagamento, Mr. arf, arf transa com a atriz. Ou seja, grava a si mesmo.

Nesse meio-tempo, Greenson parte em viagem. Primeiro vai a Israel e depois à Alemanha. Estranho psicanalista, realmente: desaparece quando precisam dele e vai ao país em que os homens da sombra são tão numerosos que parecem morar em um palácio de espelhos. Reflexos de reflexos, ilusões de ilusões, miragens de miragens... Há quem afirme que Romeu Greenschpoon, com suas gravações, dá inclusive um pulo na Alemanha Oriental, para ir ver os amigos do coronel Rudolf Abel.

Mas isto já são conjecturas. Pois, nesse caso, estaríamos em uma história de espionagem.

O que, é claro, não é o caso.

James J. Angleton adoraria poder contar com o amigo Kim Philby. Mas ele foi enviado a Beirute, como jornalista de *The Economist*, e passa os dias

bebendo *pink gin*, sua bebida favorita, abrindo bem os ouvidos. Oficialmente, voltou à vida civil. Oficiosamente, trabalha ainda para o serviço britânico de informação. No Líbano, ele se vê no território de seu pai, Saint John Philby, que foi um ativo espião no período do entre guerras.

O problema que preocupa Angleton é específico: precisa dizer a Cord Meyer, seu mais próximo colaborador, amigo, companheiro de lutas, confidente, com quem ele almoça todos os dias, que Mary, ex-mulher de Meyer, é amante de JFK. E Cord Meyer detesta o Presidente. Mas, estranhamente, há algum tempo Meyer ouve rumores que lhe concernem. E anota em seu diário pessoal (um diário pessoal? sendo um espião?): o Presidente “se interessa por mim de uma maneira que me parece inexplicável. A ponto de pedir detalhes sobre um biquíni que recebi anonimamente e que meu correspondente, por erro, atribuía a Mary...”. Para um sherlock tão experiente em todo tipo de trama, Cord Meyer não parece tão lúcido. É esse o ponto delicado. Mother hesita.

Cord Meyer é um espião dedicado. Sua ambição inicial foi a de ser poeta. Fascinado por T. S. Eliot e por R.W. Emerson, preparava-se para escrever versos imortais quando a guerra fez voar em pedaços seu belo projeto. Jogado nas praias de Guam, ferido por um estilhaço de granada e ficando caolho, Cord Meyer viu o irmão morrer em Okinawa. Transformado pelo fogo e pelo sangue, o estudante Meyer se lançou de corpo e alma no combate pela paz no mundo, com seus camaradas de esquerda.

Em 1951, reviravolta espetacular, total, incompreensível: Meyer entra para a CIA. Torna-se chefe do departamento das “Black Ops”, as operações negras, e investe toda a sua energia em se infiltrar em movimentos estudantis na Europa e nos Estados Unidos, financiando sindicatos, grupos de escritores, jornais literários, comitês de jovens, associações cristãs e comunistas. A título de simples exemplo, a maioria das organizações de esquerda, na França, foi discretamente subvencionada por Meyer. Rapidamente notado e recrutado por Angleton para subverter as maquinações comunistas, Cord Meyer cai sob o charme hipnótico de seu chefe. Ele o prepara, incutindo sua idéia central: o mundo é regido por duas forças, o Bem e o Mal. O Bem somos nós; o Mal tenta sempre quebrar o Bem. Os comunistas encarnam o Mal, o vermelho é a cor do demônio, a foice e o martelo são as armas de Satã.

Em 1953, sob a pressão de McCarthy, suspeitou-se de que Cord Meyer fosse agente duplo. Ele foi preso e interrogado, e encontrou forças para resistir lendo um livro, *O Processo*, de Kafka. Passado a limpo e endurecido, Meyer se torna o senhor das “artes negras”, segundo a expressão de Angleton.

Mother, afinal, diz tudo ao amigo. Isso mesmo, Mary Pinchot vai para a cama com JFK. Sim, eles se vêem com frequência. Não contentes, fumam maconha juntos. Meyer reage com um ciúme insensato. Kennedy é da raça dos oportunistas de segundo time, ele acha, um arrivista sem mérito nem talento. Ele odeia JFK, por Deus, como o odeia!

O que Angleton não conta a seu protegido, diante do dry martíni que tomam no Rive Gauche, o restaurante chique de Georgetown, é que havia colocado microfones na casa de Mary Pinchot Meyer. Colocara um grampo na linha telefônica também. Por quê? Por jogo? Por voyeurismo? Por fidelidade ao amigo? Ou por outras razões? E não é só isso; Angleton foi mais longe: no restaurante La Salle du Bois, na M Street, havia disfarçado microfones na mesa predileta de Jackie Kennedy.

A teia de aranha se expande.

Expandem-se mais do que imagina Angleton. Pois Cord Meyer, por sua vez, tem um caso com uma das mulheres mais próximas de JFK.

Jill Cowan, conhecida como “Tic”.

E, durante todo este tempo, onde está o Presidente?

Em Palm Springs, para um fim de semana de amor com Marilyn.

CAPÍTULO 15

Marilyn foge

Frankie Blue Eyes está superexcitado. O Presidente lhe prometeu vir passar o fim de semana em Palm Springs, em sua propriedade. Vai haver uma recepção semi-oficial com senadores, financistas e companheiros políticos, seguida por uma festa íntima. O evento foi combinado por intermédio de Peter Lawford, que se esforça ao máximo. Sinatra também. Está disposto a tudo: mudar o carpete, fazer paisagismo no deserto, dissipar o mal-entendido com Hoffa, mandar pintar o céu. Para o cantor, é a consagração: ele acaba de gravar um de seus mais belos discos, *Sinatra-Basie*, e de participar de um filme formidável, *Sob o Domínio do Mal*, de John Frankenheimer. Coroando tudo, a vinda do Presidente dos Estados Unidos à sua casa é um momento de graça. A residência Sinatra se torna, com isso, uma espécie de complemento da Casa Branca, uma embaixada no oeste de Camelot. Está em jogo a credibilidade de Sinatra: com o Presidente em sua casa, Sam Giancana, Meyer Lansky, Carlos Marcello e Santo Trafficante, seus padrinhos, serão obrigados a reconhecer Sinatra como *il messagiero*, o mensageiro entre o alto e o *bas-fond*.

Há semanas Sinatra controla as obras: manda ampliar a residência principal, acrescentando um salão de banquete e outro inteiramente dedicado a JFK, com fotografias, dedicatórias e cartas expostas atrás de vitrines, como objetos de culto. Dois bangalôs são construídos para alojar os homens do Serviço Secreto, surge um centro de telecomunicação e um heliporto é pavimentado em concreto. No quarto de dormir do Presidente, uma placa de cobre é fixada: “John F. Kennedy dormiu aqui em 6 e 7 de novembro de 1962.” Ela está errada: Kennedy veio uma vez, mas em 1959. Sinatra se sente no centro do poder, passa o tempo a acrescentar e a cortar convidados de sua lista, encomenda champanhe que vem da França, caviar

do Irã, ostras de Newport, lagostas do Maine. Ele testa as camas. Saboreia. Ele vai ser o núncio do Presidente, ungido com um raio de luz na testa.

E depois de tudo isso...

Depois de tudo isso, o telefone toca.

Peter Lawford, em Los Angeles, olha o relógio. Está esperando Marilyn, que não acaba nunca de se vestir, sob o olhar crítico de Eunice Murray. Em sua casa de Brentwood, na Helena Drive, Marilyn mandou reformar o banheiro. Discretos encanadores trabalham em um canto, e a atriz precisou ir lavar os cabelos, de manhã cedo, na casa dos Greenson. Lawford se impacienta. Sai, dá uma caminhada lá fora, volta e, finalmente, Marilyn — milagre! — está pronta. Sobe no carro para ir encontrar JFK em Palm Springs. Curiosamente, Peter Lawford não está nada sorridente.

Tem suas próprias razões. Dois dias antes, em 22 de março, ele recebeu a ordem de dizer a Sinatra que o fim de semana estava cancelado. O Presidente não iria. O motivo é simples: RFK mostrou ao irmão que ele não pode se enfiar em uma cama em que Sam Giancana já dormiu. Dito de outra forma: em período de eleições, aproximar-se de um amigo da Máfia, como Sinatra, só pode gerar perda de votos (mas ir para a cama com a amante de um mafioso não). JFK aceita o argumento, sem absolutamente considerar os prejuízos diplomáticos nem os sentimentos pessoais. No que lhe concerne, coisas assim não existem. Sinatra, Lawford? Poeira.

Lawford espera o quanto pode para telefonar ao amigo. Ao ser atendido, o ator tenta explicar, dizer com meias palavras, enfim, tenta se safar como pode. Mas a fúria de Sinatra é terrível, pavorosa. Começa com uma enfiada de insultos contra RFK, vomita uma quantidade de insanidades e arranca o telefone da parede.

Ao ligar de volta para Lawford, com raiva na voz, ele pergunta:

— Tem algo que eu possa fazer para retomar o programa?

— Não. O Presidente já escolheu outro lugar.

Nesse ponto, as coisas se tornam definitivamente atroz. Pois o “outro lugar” é a propriedade de Bing Crosby, o velho crooner rival de Sinatra. Um bom sujeito, que canta meloso, passa a vida nos campos de golfe e não chama muita atenção, mas... é republicano! Eleitor declarado de Eisenhower e de Nixon! Um inimigo, *per la Madonna!*

Sinatra está à beira da apoplexia. Deixa cair no chão o telefone novo e sai. Imóvel, olha o deserto. Foi traído. Volta e começa uma carnificina.

Esvazia os armários de Peter Lawford, rasga paletós, estraçalha camisas, tudo metodicamente. Os vidros de perfume de Pat Kennedy Lawford se espatifam na parede. Uma a uma as fotos, as cartas pessoais, os autógrafos são todos bem amassados. Chegando à placa de cobre, ele pára e pensa:

— Agora posso entender como uma puta se sente.

Humilhado, Sinatra nunca mais volta a ver Chickie Baby. Nunca mais volta a falar com Peter Lawford, nunca mais esteve do lado dos democratas. A partir dali, se torna um reaçã dos bons. Depois, cantaria para Nixon. Eddie Fisher, marido de Liz Taylor, comentou:

— Teria sido melhor colocar uma placa com os dizeres: “JFK *quase* dormiu aqui.”

A brincadeira circula por toda a Hollywood.

Na noite de 24 de março de 1962, Sinatra pega uma marreta e tenta destruir a laje em concreto do heliporto. Berra imprecações em pleno deserto de Mojave.

A primeira recepção foi bem agradável. A temperatura estava suave: a primavera californiana é bem amena. Às vezes, à noite, ouve-se um coioete. No início, o pessoal do Serviço Secreto se preocupava, mas, com o passar dos meses, todos se habituaram às festas do Presidente. E aos coioetes. Têm a impressão de não haver perigo algum e de que o bom humor e as risadas protegem JFK de tudo. Quando Marilyn chega, resplandecente, eles admiram. No fundo, se sentem um pouco cúmplices.

Para a segunda parte da noite, JFK colocou um pulôver leve de gola rulê e circula de braços dados com Marilyn. O casal não disfarça minimamente. Jackie, aliás, está em visita oficial à Índia, com Nehru, como poderia saber? No dia anterior, enquanto Jackie visitava o Taj Mahal, JFK recebeu Mary Pinchot Meyer na Casa Branca. Quanto a Judy Campbell, estava resolvido, não se veriam mais. Hoover assinalou o fato de que ela telefonou setenta vezes — *setenta vezes!* — diretamente ao Salão Oval e cada um dos telefonemas foi registrado nos logs oficiais.

Trocando algumas brincadeiras com os convidados, Jack e Marilyn se dirigem à piscina. É um local idílico, com buganvílias, roseiras e a água azul iluminada a partir do fundo. Marilyn cambaleia. Eles se põem a uma mesa com Peter Lawford. JFK adivinha o motivo da seriedade do cunhado:

— Vou ajeitar as coisas com Sinatra — diz.

É uma promessa vã, que ele não vai cumprir.

Para Lawford, é o início da descida ao inferno. Ele nunca se recuperaria daquela amizade terminada tão bruscamente. Não foi mais chamado a participar do Rat Pack. Passou do status de coadjuvante para o de anônimo. É um homem acabado.

Marilyn e Jack desaparecem a caminho do bangalô que lhes fora reservado e do qual eles podem ver, longe, as montanhas secas de Apache Peak.

Na manhã do dia seguinte, domingo, Marilyn, nua, pega o telefone. Sorrindo para Jack, disca o número de seu massagista, Ralph Roberts. Marilyn é sua cliente há muito tempo. Falando com seus trejeitos de menina, ela explica:

— Preciso de seus conselhos para... um amigo.

— Que tipo de conselhos?

— Conselhos de massagem.

Prosegue com detalhes. O amigo tem dores nas costas, é obrigado, por isso, a ficar muito tempo deitado, e tem dificuldade para se levantar. Haveria meio de remediar tal situação? Massagear determinados músculos, precisamente? E acrescenta:

— Vou lhe passar o meu amigo.

O massagista ouve uma voz que ele identifica imediatamente: tom agudo, sotaque de Boston. O amigo em questão não diz quem é, mas conversa por um minuto, agradece e desliga.

Marilyn continua:

— Ralph é melhor massagista do que eu.

JFK olha para a loura mais célebre do universo e responde:

— Não é a mesma coisa, não é?

— Quero ser representada por Marilyn Monroe — exclama Ethel Kennedy.

O livro do seu marido, *The Enemy Within*, seria levado às telas. O best-seller narrando o combate encarniçado de RFK contra Hoffa foi adaptado para o cinema por Budd Schulberg, o autor de *Sindicato dos Ladrões*. Fala-se de Paul Newman no papel do procurador-geral. A semelhança física

entre RFK e Newman não é grande? Que importância? Quanto à semelhança entre Ethel e Marilyn, é melhor nem falar. É como se comparássemos uma pintura de Courbet com um grafite de parede. Mas Ethel está adorando a idéia. De queixo pontudo, boca contraída, eternamente agitada, dá lições de moral a todo mundo, sacudindo infinitamente o dedo indicador no nariz dos interlocutores. Totalmente deslumbrada pela mitologia de Camelot, ela é mais Kennedy do que os Kennedy. Jackie mantém distância dela, Peter Lawford a detesta e Rose apenas a tolera. É impossível mencionar as escapadelas do Presidente diante de Ethel: ele é um santo.

Pouco antes de partirem em viagem oficial ao Japão, RFK e Ethel fazem escala em Los Angeles. Lawford se encarrega dos convites e a nata de Hollywood está presente. Os Cadillacs, os Rolls, os Bentleys se perfilam diante da casa, ao longo da praia, e a estrela da noite, é claro, é Marilyn. Ao chegar, atrasadíssima, os fotógrafos correm. Ela estaciona seu carrinho — um fusca — e sai com um vestido de baile preto e uma estola de vison nos ombros. Quem é seu acompanhante?, lhe perguntam.

— Um marujo que encontrei por acaso — responde com uma piscada de olho.

Na verdade, é seu maquiador, Whitney Snyder.

Pat Kennedy Lawford vai recebê-la, toda sorridente. E explica:

— Não tínhamos certeza de que viesse, Marilyn, com toda essa multidão...

— Está brincando? Eu estava morrendo de vontade...

Todos passam à mesa. RFK está ao lado de Marilyn. Mas o burburinho é tamanho que a conversa é inaudível. Marilyn puxa seu batom e escreve: “O que, exatamente, faz um ministro da Justiça?” Ethel observa a cena, com um sorriso fixo nos lábios.

No dia seguinte, Bobby e a mulher voam para Honolulu, primeira etapa da viagem ao Oriente. Enquanto sobrevoam o Pacífico, J. Edgar Hoover esfrega as mãos. A transcrição da conversa entre Marilyn e RFK lhe dá boas razões para estar contente. Quando a estrela pergunta a Bobby se os boatos sobre a destituição do velho diretor do FBI são verdadeiros, o ministro responde:

— Não é algo que esteja na ordem do dia.

A chantagem havia compensado.

Além do mais, Hoover acaba de receber o relatório de uma reunião da família Genovese, em Nova York. Um dos chefões, Michelino “Mike” Clemente, pôs todo mundo de sobreaviso:

— Bob Kennedy não vai parar enquanto não nos puser todos na prisão. A partir de agora, tomem cuidado. Não digam nada. Se não for assim, sempre alguma mulher fala demais e, no dia seguinte, a coisa está nos jornais.

E acrescenta:

— Precisamos resistir.

Um dos *capi*, no entanto, acha estranho:

— Dá a impressão de que os tiras sabem tudo sobre nós.

Na fita magnética, ouve-se Peter Maggaddino dizer:

— A gente devia é matar toda a família K. O pai e a mãe também.

Quando Robert Kennedy volta da viagem, um mês depois, telefona a Marilyn. Eles se encontram. Marilyn escreve uma carta a Joe DiMaggio Jr., filho do ex-marido, descrevendo Bobby: “Ele dança bem... Traz respostas às perguntas que os jovens fazem.” RFK, por sua vez, confia ao amigo de infância George Terrien:

— Você cairia para trás se soubesse quem eu...

O outro ri.

A URSS acabava de conceder um empréstimo de 750 milhões de dólares a Cuba. Os testes nucleares americanos, em Christmas Islands, reiniciam. O Presidente está em briga com os barões do aço, que entraram em acordo para manter os preços elevados, provocando uma inflação indesejável. Para derrubá-los, JFK recorre à boa e velha tática de J. Edgar Hoover:

— Tragam-me tudo que puderem sobre esses cavalheiros. Vamos fazer com eles o que estão fazendo com o país.

Quando os principais dirigentes das empresas metalúrgicas vêm à mesa de debate, JFK, sozinho, mostra a todos que amantes e/ou garotos de programa de cada um passaram por uma lente colimadora. Sob a ameaça de terem suas vidas privadas expostas em praça pública, os industriais da US Steel Corporation recuam, e bem rápido.

Isso não impede que o Presidente viva *sua* vida. De agora em diante, Mary Pinchot Meyer passa a ser uma convidada permanente na Casa

Branca. Jackie está ausente a maior parte do tempo, em viagem ou no campo. Hábitos se criam: Mary Pinchot Meyer chega em geral às 19h30 em uma limusine da frota presidencial, e um jantar tête-à-tête a aguarda. Outros convidados, mais íntimos, às vezes vêm e todos terminam a noite cantando canções irlandesas. A conversa, invariavelmente, se fixa em fofocas, em maledicências e nos últimos boatos. Nunca em segredos de Estado.

A diferença em relação aos outros casos do Presidente é que Mary Pinchot Meyer não é tratada como uma sem-vergonha qualquer. Não vem pela porta dos fundos e inscreve seu nome na lista de visitantes, se esquivando pelos corredores. Tudo é feito sem nenhuma dissimulação. Por exemplo, em março de 1962, após uma entrevista coletiva sobre o envio de armas americanas a Laos, JFK simplesmente pede que uma limusine leve a sra. Meyer para casa. O horário, 23h50, foi devidamente registrado.

Ela estaria se apaixonando? O Presidente a vê com mais frequência do que à esposa.

A filmagem de *Something's Got to Give* foi interrompida. Definitivamente, Marilyn não tem a menor vontade de fazer o maldito filme. Sabendo que Marilyn está mesmo doente, e que é um caso psiquiátrico, Dean Martin não lhe quer mal. A atriz usa uma tática de franco-atirador: desaparece, fica doente, desmaia, vai para casa. Como trabalhar em condições assim? Os donos da 20th Century Fox começam a pensar em uma ação judicial. Marilyn abandona Los Angeles.

Jantar de gala em Nova York: a noite é muito, muito chique. Peter Lawford e seu manager, Milt Ebbins, estão de serviço. Este último foi encarregado de trazer Marilyn às 20h, momento fatídico em que todo mundo deve passar à mesa. Às 20h10, o telefone toca. Ebbins atende. É Lawford, agitado:

— Milt, cadê ela? O Presidente está esperando.

Marilyn não está longe: diante do espelho. O tempo passa. Os telefonemas se sucedem. Às 21h30, Ebbins entra no quarto de Marilyn. Encontra-a nua, sentada diante da penteadeira. Como se nada estivesse acontecendo, com um olhar sonhador, ela diz:

— Ah, Milt! Que bom que está aí! Ajude-me a colocar o vestido!

Chegando, ela está sensacional. Há duas ou três horas os convidados bebem coquetéis, esperando. Ondulando, ela se dirige a JFK e murmura:

— Hello, Prez.

O Presidente pega-a por um braço e, sorrindo, responde:

— Vamos ver os convidados.

Marilyn se vira e dá uma piscada de olho para Milt Ebbins. Ninguém, afinal, se põe à mesa, os pratos estão frios, mas a noitada continua, os convivas estão todos bêbados.

Marilyn, mais uma vez, tinha acertado a sua entrada em cena.

Alguns dias depois, é encontrada em casa, em coma, com seu cachorrinho ao lado. Nembutal, Demerol, hidrato de cloral, Librium.

Overdose.

José Bolaños, o mais recente amante, havia deixado o México seguindo sua nova conquista. Ao voltar aos Estados Unidos, depois de aceitar a hospitalidade de Fred Vanderbilt Field, a atriz sabe que a Fox espera impassível. O resto não a interessa. É claro, Fred é um homem de esquerda, declaradamente comunista, e colabora com revistas marxistas. Marilyn, no entanto, ignora que a CIA espiona de perto aquele “vermelho” e que o FBI abriu um dossiê a seu respeito. É uma época de paranóia: em Cuba, os russos começam a instalar mísseis balísticos, e em todo lugar do mundo a guerra fria não pára de esquentar. Vanderbilt Field trabalha para os soviéticos? Quando ele se hospeda no apartamento de Marilyn em Nova York, por alguns dias, James J. Angleton, por via das dúvidas, manda colocar alguns microfones.

Hoover, por sua vez, segue Marilyn com interesse. Sua noite com RFK foi descrita, ouvida e fichada pelos agentes do FBI. O encontro íntimo com o ministro foi dissecado, gravado, decifrado. Quando Fred Vanderbilt Field previne Marilyn para que ela tome cuidado com José Bolaños, que, segundo ele, “ostenta pretensas opiniões de esquerda”, a observação é devidamente anotada no dossiê Monroe. Por que o interesse naquele amante de passagem, um a mais?

É simples, Bolaños é dedo-duro do FBI.

Olhos em todo lugar, ouvidos em todo lugar.

Marilyn está cercada.

Mais do que imagina, pois sua assessora de imprensa, Pat Newcomb, foi discretamente recrutada por RFK. Ela passa a ser agente duplo.

A filmagem começou há três semanas e Marilyn só trabalhou um dia. Os produtores arrancam os cabelos. E o infeliz do doutor Greenson que nem está lá! As ações da Fox caem de 39 para 20 dólares, em um mês. Nos últimos dias, elas perdem 6 cents diariamente. Os acionistas são veementes. Os dois filmes em produção, *Cleópatra* e *Something's Got to Give*, não prenunciam nada de bom. O departamento jurídico da Fox começa a enviar cartas a Marilyn. A palavra “licenciamento” é pronunciada. Se isso for posto em execução, as conseqüências podem ser terríveis, pois, com a incapacidade de Marilyn, as companhias de seguro vão recusar a garantia para qualquer filme em que ela atue. Ou seja, nem bancos nem estúdios vão financiar o que quer que seja. Marilyn não vai poder mais filmar.

Não será mais ninguém...

...a não ser que seja First Lady.

Como de hábito, Marilyn deixa as coisas caminharem por si só. Tem uma única preocupação: estar presente na noite de gala em homenagem a JFK, em Nova York, para seu aniversário de 45 anos. Marilyn encomenda um vestido, e que vestido! Desenhado e cortado por Jean-Louis, o mágico francês que anteriormente inventara a extraordinária silhueta de Rita Hayworth em *Gilda*. Marilyn lhe passou uma única instrução:

— Faça um vestido que somente Marilyn ouse usar.

O criador desenha um sonho: um vestido feito com um tecido tão leve que parece transparente, uma nuvem de seda. O tecido foi especialmente confeccionado para a ocasião e, vestindo Marilyn, Jean-Louis confirma:

— Suponho que a senhora estará nua, Miss Monroe?

— Inteiramente!

Foi preciso sobrepor vinte camadas de seda nos seios e entre as pernas, para evitar a transparência, e 6 mil pedras do Reno foram semeadas por todo o tecido, fazendo o vestido cintilar. Durante sete dias seguidos, 18 costureiras trabalharam nele: impossível vesti-lo. Precisou ser costurado na estrela. Literalmente: moldado em Marilyn.

— Isso deve acordá-los, não? — perguntou com seus trejeitos infantis.

Jean-Louis sorri.

O traje custou 12 mil dólares, ou seja, oito vezes mais em dólares do século XXI. Em 1999, em leilão da Christie's, atingiu a soma de um milhão de dólares.

Há alguns dias Marilyn sabe que vai cantar na festa de aniversário do Presidente. Entraria no final de um show extraordinário, e ela tem consciência do que está sendo insinuado: é ela o presente de JFK. A anti-Jackie. Tudo faria, então, para ser o que a primeira-dama não é: provocante, sexy, engraçada. Richard Adler, o organizador do evento, pede que Marilyn ensaie uma cançoneta, um *Happy Birthday* divertido. Ela se põe a trabalhar com Hank Jones, um pianista conhecido. Ele convoca Adler. Ao ouvir a versão de *Feliz Aniversário* de Marilyn, os dois homens se desesperam. É, pura e simplesmente, uma canção de striptease, um convite lúbrico, uma melodia lasciva, mais adequada para o Crazy Horse Saloon de Paris.

Adler, que nada sabe da ligação entre o Presidente e a estrela, telefona diretamente a JFK:

— Será uma catástrofe, senhor Presidente.

— Não se preocupe.

Mas Adler já previu uma substituta. Shirley MacLaine está à disposição, apesar de reticente:

— Deixe com Marilyn. Tudo vai dar certo.

O Presidente tem a mesma opinião. Aliás, quer Marilyn, está decidido.

O problema é que a Fox também quer. Está fora de cogitação que ela vá a Nova York em plena filmagem. Milton S. Gould, o presidente do conselho administrativo da Fox, faz soar o alarme. A Fox está disposta a sacar sua arma nuclear — a ruptura de contrato. Marilyn telefona para RFK. Ele se encarrega do caso. Com Gould do outro lado da linha telefônica, RFK assume seu tom habitual de diretor de escola cheio de desprezo. Gould é um dos homens mais poderosos da América: seu escritório de advocacia tem clientes prestigiosos como Onassis, Gucci, Ariel Sharon e, mais tarde, Donald Trump. Está muito engajado na defesa dos interesses da comunidade judaica. Ao atender o procurador-geral, Gould pergunta:

— O que posso fazer pelo senhor ministro?

— Libere Marilyn por dois dias. Sua presença é de vital importância em um assunto de Estado.

— Sua ausência nos custará milhões de dólares; sinto muito, não posso.

— Faça um esforço. Trata-se da primeira família dos Estados Unidos!

— Infelizmente não posso.

Furioso, RFK desliga. Depois liga novamente:

— Você vai se arrepender, seu judeu sujo!

Mais tarde, Milton S. Gould se lembraria do incidente, escolhendo bem os termos:

— Francamente, não gostei nada daquilo.

Enquanto isso, haviam contado o caso a Jackie. Ser desrespeitada por Marilyn diante de 15 mil espectadores? De forma alguma. Desabafa com sua sombra, seu amigo, o agente Clint Hill, encarregado de sua segurança:

— Eles enlouqueceram com essa história de Marilyn — lamenta.

Escolhe uma estratégia: nada de polêmica, nada de confronto com o marido. Ela se ausentaria. Com os filhos, segue para Glen Ora, a residência de campo, a fim de participar de uma competição de equitação. Mas RFK recebe um telefonema raivoso: com as mãos trêmulas, a boca contorcida, ela acusa o cunhado de fazer um “jogo ambíguo”.

Em 17 de maio, no momento em que a filmagem de *Something's Got to Give* pára para uma pausa de almoço, um helicóptero pousa no set. Peter Lawford desce e vai na direção de Marilyn, que o segue com Pat Newcomb e, poucos metros atrás, Paula Strasberg. Enquanto sobem no brinquedo emprestado por Howard Hughes, George Cukor, com as mãos na cintura, olha incrédulo. Que ousadia!

Vinte minutos depois, Marilyn está a bordo de um avião. Canta: “*Happy Birthday...*”, com uma taça de champanhe na mão. Está um pouco embriagada.

Por causa da altitude, quem sabe?

CAPÍTULO 16

Presente de aniversário

“Que bunda! Que bunda!”, exclama o Presidente. A espera tinha sido longa, mas valeu a pena. O Madison Square Garden, lotado de democratas em estado febril, explode com uma ovação extraordinária. Há duas horas, o apresentador, Peter Lawford, solta a voz apresentando Marilyn, mas, a cada vez, é outra estrela que entra em cena: Callas, depois Ella Fitzgerald, depois Peggy Lee, depois Bobby Darin, depois Harry Belafonte, depois Jack Benny... Vieram apresentar seus números, cantar canções, fazer alguns esquetes e saudações entre lançamentos de balões vermelhos, brancos ou azuis. É uma atmosfera de quermesse para o empresariado e de momento pós-banquete de figurões. Astros da política e do espetáculo, misturados em confusão, ficam vermelhos lançando serpentinas e soprando línguas-de-sogra.

Hoje em dia, tudo isso foi esquecido. Resta apenas, na mitologia dos anos 60, essa imagem: a de uma loura louríssima, dentro de um vestido feito com um milímetro de algodão doce, um fantasma argiloso titubeando diante de um púlpito. Ela canta *Happy Birthday* com uma voz que vem da garganta, uma voz de sexo, prometendo amor, sua pele e um prazer infinito. Acaricia os seios, passa a língua pelos lábios, alisa a barriga. Marilyn levita.

Ela inventou o erotismo. Torna-se a danação de todos os homens.

Chegando na véspera ao Madison Square Garden, Marilyn se junta aos ensaios dos demais artistas. Enquanto Ella afina a voz com a tonalidade da orquestra e Maria Callas retoma a partitura de *Casta Diva*, Marilyn se contenta em olhar a disposição dos projetores, a organização da sala, a posição do camarote presidencial. Depois, sem querer ensaiar como todo mundo, gira os calcanhares e vai embora. Ela é diferente, apenas isso.

No dia seguinte, Marilyn chega antes da hora e se tranca no camarim. Seu novo cabeleireiro, Mickey Song, e as costureiras se põem a trabalhar.

Enquanto o primeiro dá um movimento inédito aos cabelos da cliente, as demais preparam o vestido, o famoso vestido. Depois, de pé em um banquinho, Marilyn deixa que as alinhavadoras a moldem na gaze. Diante do camarim, impaciente, Robert Kennedy, parado, bate os pés. Afinal, entra. O cabeleireiro e as mãozinhas ágeis saem, a pedido dele. Quinze minutos depois, Marilyn, desarrumada, simplesmente diz a Mickey Song:

— Ajude-me a retocar tudo.

Carregada por braços fortes, incapaz de andar com o vestido ultracolante, Marilyn é levada até os bastidores como um pacote frágil. Peter Lawford, Mister Lealdade, preocupado, repete pela vigésima vez:

— E agora, senhor Presidente, senhoras e senhores... Marilyn!!!

Nada acontece.

Pois, atrás das cortinas, o vestido havia estourado. “Todo mundo pôde ver que ela não tinha nada embaixo”, lembrou-se um dos atores presentes, com uma ponta de desprezo. Então, volta ao camarim. Consertos. Champanhe. Pílulas. Impaciência. Peter Lawford:

— E agora...

Nada. O espetáculo continua, as entradas em falso de Marilyn fazem parte disso tudo.

Para o grande final, Lawford exclama:

— Senhor Presidente, na história do espetáculo, mulher alguma jamais teve tanta importância, fez tanto... Senhor Presidente, aqui conosco a loura que tem um efeito de bomba-relógio, Marilyn Monroe!

Um projetor único banha Marilyn com seu facho. A sala explode. Com passos minúsculos, como uma gueixa, sorrindo, em transe, a estrela se aproxima. Diante do microfone, livra-se da estola de arminho e, sozinha, entoia a imortal versão de *Happy Birthday*, no meio de um silêncio religioso. Os 15 mil democratas estão paralisados de surpresa. Dorothy Kilgallen explicaria, em sua crônica: “É como se ela fizesse amor com o Presidente, diante de 40 milhões de telespectadores.”

Não imaginava o quanto era exato o que dizia. Pois enquanto Marilyn sussurra “*Happy Birthday, Mister President...*”, iluminada pelo facho de luz de um projetor, os ascensoristas e artistas nos bastidores vêem... o vestido estourar. A costura, refeita às pressas, não agüentou. Uma fenda surge, se alastra, e as nádegas de Marilyn aparecem, à direita do palco. Mike Nichols, que não era ainda o diretor de *A Primeira Noite de um Homem*, mas um

humorista de renome, relembra: “Ficamos todos petrificados. Ela estava sem nada por baixo...” Assim que o projetor se apaga, Marilyn desaparece no escuro.

De pé, com o charuto entre os dedos, JFK aplaude empolgado. O aspecto solene de sua função, o olhar dos telespectadores, a opinião do universo, nada mais existe. Resta apenas a expressão da pura admiração, de desejo excitado: “Que bunda! Que bunda!”

Aqueles sete minutos passam instantaneamente para a história pop do século XX.

Uma recepção tinha sido prevista para fechar a noite. Na casa de Arthur Krim, tesoureiro do Partido Democrata e também produtor de *Sob o Domínio do Mal*, curioso filme em que Sinatra impede uma tentativa de assassinato do Presidente dos Estados Unidos arquitetada por... Mother. Marilyn chega com um acompanhante inesperado: Isadore Miller, pai de Arthur. O velho senhor está adorando. Resplandecente, Marilyn atrai todos os olhares. Adlai Stevenson, ex-candidato presidencial, está fascinado. Tenta tirá-la para dançar, mas Robert Kennedy está na vigilância, “como uma borboleta ao redor da flor”. Ethel Kennedy, deixada de lado, franze os lábios. O vice-presidente Lyndon Johnson, bêbado, se entedia: ninguém nota sua presença. Contenta-se em puxar para perto Susan, filha de Lee Strasberg, que começa a carreira de atriz, e lhe diz em voz baixa:

— Venha se sentar no meu colo, *little girl*.

A noite engole Manhattan. Pelos janelões da moradia de Arthur Krim, no último andar do Four Seasons, as luzes da cidade cintilam. Policiais foram colocados nos telhados. Depois de dançar com Bobby, Marilyn conversa com JFK. Ela cambaleia um pouco e mantém um olho em Isadore Miller, que, em uma poltrona, segurando um prato, aprecia a vista. Diante das estantes da biblioteca, o irmão se aproxima do Presidente. Flash! Flash! Um fotógrafo immortaliza o instante. Em seguida, JFK é chamado pelo dono da casa, e um jornalista, Merriman Smith, se aproxima de Marilyn. Faz algumas perguntas e toma nota. Depois Marilyn se encaminha na direção de Bobby e os dois se divertem.

Por volta das quatro horas da manhã, com a maioria dos convidados tendo ido embora, Marilyn desaparece em um quarto vazio. Ali, na semi-

obscuridade, ela dança, lentamente, com os braços erguidos, os cabelos nos ombros nus, diante da janela, sob o olhar dos policiais, longe, nos telhados. É como uma chama, uma mulher, sozinha na noite, incandescida pelo desejo dos homens.

Hoffa foi preso na véspera. Jackie revela sua última criação, a White House Library. George Cukor declara:

— Marilyn está enlouquecendo.

Um homem volta da URSS: Lee Harvey Oswald desembarca em Nova York com Marina, sua esposa russa. J. Edgar Hoover recebe um relatório de escutas sobre uma conversa entre Johnny Rosselli e Sam Giancana a respeito de Marilyn Monroe: eles pretendem aumentar a pressão. James J. Angleton, por sua vez, interroga Yuri Nosenko, tenente-coronel do segundo diretório da KGB. Nosenko seria um traidor de verdade ou está fazendo jogo duplo? Dizendo ser o oficial que trata de Lee Harvey Oswald, estaria plantando desinformação? Angleton cuida de suas flores e pensa, no ar úmido da estufa envidraçada, repetindo “minhas orquídeas estão se resfriando”.

Marilyn faz “associações livres” e grava. Conta, inclusive, “falsas reminiscências”, como disse ao massagista, Ralph Roberts.

— Para agradar Greenson — justifica-se.

Marilyn passou o restante daquela noite com The Prez, no Carlyle. Juntos, viram o dia amanhecer em Manhattan, no East River, e os cais se iluminando com uma tonalidade alaranjada. Pequenas nuvens de vapor, escapando das aberturas do esgoto, se espalhavam pelas ruas. É como o hálito envenenado da cidade marca as manhãs mágicas.

Eles nunca mais voltariam a se ver.

Jackie dá um ultimato ao marido: Monroe *out*. Aquela palhaçada toda no Madison Square Garden, retransmitida pelos canais de televisão, descrita pelos jornais, comentada pelos colunistas Dorothy Kilgallen, Hedda Hopper, Walter Winchell, Louella Parsons, deixa Jackie doente. É uma humilhação pública. Dali em diante, se The Prez quiser se apresentar para a reeleição, precisa ser comedido. Para dar um exemplo, Jackie força Jack a se livrar do presente de Frank Sinatra: uma cadeira de balanço gravada,

ornada, esculpida, horrorosa. Um hospital da vizinhança herda-a. O staff do Presidente é posto em alerta: silenciar rádios e mídia em relação a Marilyn.

De madrugada, agentes do Serviço Secreto entram à força na casa de Merriman Smith, o jornalista que havia entrevistado Marilyn. Mesmo sendo um repórter da área econômica, investigando o estado financeiro da Fox, todas as suas anotações são apreendidas. No mesmo instante, o departamento fotográfico da *Time* recebe a visita dos Men in Black. Todos os negativos da noite comprometedora são igualmente apreendidos. Exceto um — que está na capa deste livro —, que o fotógrafo guardou. A máquina da mentira se põe a funcionar. A brutalidade dos Kennedy, herdada de Joe K., o canalha de colarinho branco, vem à superfície.

Entupida de anfetaminas, Marilyn se apresenta, em 21 de maio de 1962, no set de *Something's Got to Give*. É impossível fazer tomadas em primeiro plano: ela tem olheiras, o olhar perdido, mostra-se cansada. Funciona à base de champanhe, e o fim de semana a tinha visivelmente excitado, intensificando a exaustão. Esteve em contato com o grande público, o que não acontecia, *live*, desde a turnê de canto na Coréia, na época em que era casada com Joe DiMaggio. Foi uma pura descarga de adrenalina, uma injeção de prazer. Drogada com o sucesso... Cukor a observa e pensa. Ela está, diz ele, como um cristal estalado, a ponto de se esfarelar. O ator Tom Tryon, que faria um diálogo com Marilyn, observa que é impossível a ela dizer a sua réplica, uma única frase com duas palavras: “*Nick, darling.*” Ela tenta, recomeça, se confunde, se afoga. Marilyn dá pena, diz Tryon.

Em 24 de maio, ela recebe um telefonema de Peter Lawford:

— Acabou, Marilyn, não tente mais entrar em contato com o Presidente. Não vai mais vê-lo e não deve telefonar.

Ela gagueja, insiste, debate-se. Pat Newcomb está pronta para agir e tem os sedativos à mão. Lawford corta a conversa:

— Marilyn, para Jack foi apenas uma transa.

Seis dias depois é o aniversário de Marilyn. Trinta e seis anos. Faz um frio extraordinário para aquela estação na Califórnia. A filmagem prossegue mais ou menos bem. No final do dia, Pat Newcomb prepara o champanhe, e um bolo ordinário foi enviado pela Fox para o set, com algumas velas.

Marilyn sopra-as. Chegando em casa, tenta telefonar à Casa Branca. Não consegue. Liga para Lawford. Inútil. Telefona para o Ministério da Justiça.

Sente-se feia, rejeitada, suja. Desiste. Chora. Nua, enfia-se debaixo do lençol, em casa, e fica no escuro. Um disco de Sinatra recomeça toda vez que chega ao final.

Marilyn tem outra overdose. A décima? Décima segunda? Lavagem estomacal, hospital. Precisa de uma lavagem da alma.

Na cabeça: “First Lady! First Lady!” em tom de réquiem.

O Presidente renova o rebanho: uma estagiária de 19 anos de idade, Marion Beardsley, é admitida para um emprego bastante vago na Casa Branca e na cama de Kennedy. A atriz Diana De Vegh, que integra a equipe presidencial, aceita com facilidade os jogos furtivos de que o Presidente gosta. Acessoriamente, ela tem uma ligação episódica com Cord Meyer, sem que ninguém se interesse por aquele estranho agente da CIA que continua a ver Tic, funcionária da piscina do Presidente.

Resumindo: Mary Pinchot Meyer, ex-mulher do chefe das “operações sujas” da CIA, transa com Kennedy; Cord Meyer transa com duas das mulheres mais próximas do Salão Oval; e, acima, como o olho de Deus, está James J. Angleton vigiando toda essa confusão. Como diz uma amiga de Mary Pinchot Meyer:

— Se ela fosse agente da KGB, faria um ótimo serviço.

Algo está sendo tramado, mas o que é? “Mantenha seus amigos perto de você, mas os inimigos mais perto ainda”, diz o Poderoso Chefão ao filho, no filme de Coppola. Conselho judicioso...

O Presidente manda instalar um sistema secreto de gravação em seu escritório. Não foi o primeiro. Roosevelt já... JFK inaugura o aparelho convocando uma reunião de conselheiros e reclama dos diplomatas “que usam escuta”. Jackie, por sua vez, se afasta e passa a se comunicar com sua equipe apenas por intermédio de um gravador portátil, um Dictabelt, o mesmo tipo de aparelho que Fred Otash deu a Peter Lawford.

Mary Pinchot Meyer continua com suas idas à Casa Branca como convidada permanente. Uma vez, acompanhada por Bill Thompson, o homem dos envelopes polpudos; outras vezes por Ben Bradlee ou Joe Alsop. Ela assina o registro dos visitantes e, à sua maneira, suave e

tranqüila, se põe à vontade. Sabe que o Presidente tem outras amantes, que uma longa lista de atrizes, de call-girls, de visitantes dedicadas a precede. Não se importa. Está com 41 anos, quer viver e, de acordo com o espírito da época, “viver sem entraves”. Os amigos admiram suas telas, violentamente abstratas. Ela rabisca em um caderninho de capa vermelha: esboços, temas para pinturas, reflexões pessoais, observações do Presidente, apreciações diversas sobre o prazer, o poder e tudo que está em sua proximidade... São as idéias dos anos 60 — paz e amor e todo o pessoal de São Francisco — que passam por sua cabeça. Em busca de novas sensações, visita Timothy Leary, o papa do LSD, o guru do “*Turn on, tune in, drop out*” (Se ligue, entre na onda, largue tudo), em Cambridge. Ele ouve a simpática desconhecida citar um dos seus próprios slogans:

— Se Kruschev e Kennedy tomassem LSD juntos, não haveria mais guerra fria.

Ela lhe pergunta:

— A paz não estaria garantida, graças ao LSD?

Ele dá suas opiniões, vende-lhe uma pilha de livros, e Mary Pinchot vai embora. Alguns dias depois, na Casa Branca, insiste para que JFK fume alguns baseados e, em seguida, tome LSD, depois de fazer amor. Ele diz:

— E se os russos jogassem a bomba agora?

Ela cairia sobre uma visão psicodélica, algo parecido com uma capa gigantesca de um disco de Jimi Hendrix, só isso.

O chato é que, no dia seguinte, JFK tem que encontrar o primeiro-secretário do Partido Comunista soviético, por intermédio dos respectivos embaixadores. Não há nada de psicodélico nisso. O que está em jogo tem importância: são os corredores aéreos de Berlim.

Pequeno detalhe: há anos, o LSD é uma droga estudada, aperfeiçoada, utilizada e estocada pela CIA, que faz dela uma arma de controle mental, de guerra secreta.

A crise dos mísseis em Cuba explodiria alguns dias depois, pondo o mundo a um nanossegundo do aniquilamento total.

Marilyn continua a telefonar. Mandado a Los Angeles para atenuar o choque da ruptura com o Presidente, Bobby Kennedy janta com a atriz, na casa de Peter Lawford. Nada que surpreenda: eles passam a noite juntos.

Igor Cassini constata que, na intimidade, RFK é mais atencioso do que o irmão mais velho: “Pode até ser delicado, quando necessário.” A delicadeza, bem passageira, compensa: Marilyn, alegre, coloca uma peruca preta e Bobby cola no rosto uma barba de carnaval. Depois, juntos, passeiam pelas praias de Santa Monica. A quem querem enganar? Ninguém, no entanto, fala com eles. Quando voltam, rindo e cansados, a confidente de Marilyn, Jeanne Carmen, os surpreende em casa. Marilyn, bem-humorada, conta em segredo à amiga:

— É o meu amorzinho.

Nos dias seguintes, Angie Novello, a secretária particular de RFK no ministério, recebe telefonemas de “Miss Green”. Freqüentes.

Bernie Spindel grava tudo, com zelo. Em seguida encaminha as bobinas a seus clientes: Hoffa, CIA, Carlos Marcello. É claro, guarda cópias para si mesmo. É prudente. No momento certo retira seus microfones. A colheita já foi boa o bastante.

Pat Newcomb cuida das conseqüências midiáticas dos malabarismos de Marilyn: tudo calmo. Por enquanto. Profissionalmente, por outro lado, as coisas seguem de forma excelente: Marilyn posa nua para fotografos, na piscina de *Something's Got to Give*. As fotos dão a volta ao mundo. Vê-se nelas uma mulher sorridente, mas uma melancolia secreta transparece, como uma bruma de outono.

George Cukor, cansado, joga a toalha. Tem mais o que fazer. Audrey Hepburn o espera para filmar um dos mais belos filmes de sua vida: *My Fair Lady*. Ela, pelo menos, sempre vai estar no set.

Em 8 de junho de 1962, Marilyn é oficialmente licenciada pela 20th Century Fox. Sua carreira está acabada. Cai a cortina.

Em sua casa de Miami Beach, Meyer Lansky olha o mar. Está tentado pela idéia de se mudar para Israel. Desde que Castro lhe esvaziou os bolsos, o ex-rei de Cuba se esforça para levar uma vida de aposentado. Encontra os conhecidos em seu próprio carro, deixa o amigo Jimmy Alo agir em seu nome, nunca telefona da mesma cabine pública, nada tem registrado em seu nome, banca o vovô. Da sociedade com Bugsy Siegel nada restou: Meyer Lansky havia pessoalmente dado ordem de enfiarem uma bala na cabeça do companheiro incômodo. O império fundado em Las Vegas por Siegel

passou para outras mãos. Oficialmente. Pois, em segredo, Meyer Lansky continua sendo um padrinho entre gângsteres, o mesmo genial manipulador que sempre foi. Sua fortuna oculta, segundo o FBI, chega a 300 milhões de dólares. No mínimo.

Da cozinha, Lansky grita para a sala, onde sua mulher, Tessy, está sentada. Dá a ela uma notícia curiosa:

— Parece que Bobby Kennedy tem um caso...

— É?

— Isso. Pode imaginar? Bobby?

— É culpa do Sinatra! Sinatra é um alcoviteiro! É o que sempre foi! Um alcoviteiro! É quem arranja as mulheres...

— Não, nada disso. Isto é algo que começa com o Presidente e vai descendo...

A gravação, a partir daí, se perde num burburinho indistinto. Fala-se do lago Tahoe, de Marilyn. Mas o agente do FBI que transcreveu a fita magnética não consegue distinguir as palavras. A transcrição lida por Hoover, em seu escritório, está incompleta.

Em compensação, um segundo relatório é mais preciso e mais conciso. No caso, trata-se de Hoffa conversando com Edward G. Partin, o líder dos Teamsters em Baton Rouge, Luisiana:

— É preciso fazer algo com esse filho da puta do Bobby Kennedy. Apagá-lo.

Vem, em seguida, um verdadeiro plano de batalha: o ministro vai de um lugar a outro em uma limusine conversível; bastaria — não é mesmo? — um sujeito em um prédio, com um fuzil calibre 270 e mira telescópica. Não seria preferível assassiná-lo no Sul, e jogar a culpa nas costas dos extremistas racistas? Ou colocar uma carga de explosivos debaixo do carro?

Além dos microfones, Hoover tem outra fonte de informações para esse encontro: Edward G. Partin há algumas semanas se tornara informante do FBI.

Hoover arquiva as transcrições em seus fichários “*Official and Confidential*”. Sem continuação.

— Podemos deixar o jogo de *croquet*, isso eles não vão conseguir quebrar.

Jackie é formal: tudo o mais deve ser guardado. Nada de deixar que os filhos de Pat Kennedy Lawford ponham as mãos nos brinquedos de Caroline e de John-John. Ao alugar a casa de Hyannisport, Jackie tomou decisões: primeiramente, exige de Pat a totalidade do aluguel por três meses, ou seja, 5.400 dólares (40 mil de hoje). Além disso, o dinheiro vai direto para sua conta pessoal. Suas necessidades financeiras são importantes e crescem cada vez mais. O marido é pão-duro — é uma característica dos Kennedy — e Jackie gosta de belas roupas, de enfeites, de móveis, de antigüidades, de decoração. Em outras palavras, ela venera o dinheiro. É a única lição que guardou da mãe, que tinha se casado com um milionário. Por sua vez, Jackie havia recentemente encontrado um nababo: Onassis. Como disse o general De Gaulle, por ocasião da visita da primeira-dama a Paris:

— Posso imaginar a sra. Kennedy de braços dados com um armador grego.

Como sempre, o general se adianta no tempo.

Reclamando, Pat assina o cheque. Observa que, mesmo assim, Jackie deixou em uso o serviço antigo de mesa, tendo guardado o novo. Todos os vasos, candelabros e luminárias foram trancados no porão. Mesma coisa em relação aos lençóis, fronhas, móveis de jardim. Não sobrou um cinzeiro de cristal nem a menor colher de prata. Pat pergunta:

— E o caso Marilyn?

Jackie havia tomado uma decisão com relação ao “caso Marilyn”: manteria distância. Ela parte para a Itália com a irmã Lee Radziwill. Estabelecem-se por um longo período de férias numa formidável residência nas colinas do golfo de Salerno. Praia privativa, casa isolada entre os altos penhascos, vista espetacular. Quando Jackie chega, Lee vê de longe sua silhueta, que ela reconheceria em uma multidão. Olha com os binóculos:

— Meu Deus — murmura —, minha irmã parece a mulher mais solitária do mundo. Tem tudo, mas nada tem.

Engano: ela tem o cheque dos Kennedy.

Skinny D’Amato, lendário *caporegime* de Atlantic City, pau para toda obra da Máfia, está na Califórnia. Ou em Nevada? Com um pé em cada estado, ele supervisiona há meses a reforma do excepcional conjunto

hoteleiro Cal-Neva. Terminadas as obras, a conta é salgada: 2,2 milhões de dólares. Os tiras criam caso por causa de 600 miseráveis quilos de carne roubada e estão de olho nas mesas de jogo. Imenso, sério como um papa, melancólico e obstinado, Skinny controla tudo. A reabertura do Cal-Neva conta com dois artistas em cartaz: Sinatra, é claro, e Phyllis McGuire, a namorada de Giancana. Este último tem sua entrada proibida no estado de Nevada: o departamento de jogos considera sua ficha judicial um tanto pesada demais.

Nada disso faz Skinny D'Amato deixar de pôr em funcionamento uma rede de call-girls, é o mínimo a se fazer. A mulher do xerife local tinha tido a péssima idéia de ir para a cama com alguns clientes do hotel, e o marido ficara fortemente contrariado. Por sorte, logo em seguida o xerife teve um acidente de carro. Mortal.

Nessa atmosfera de suspeitas, Skinny vê chegar Peter Lawford, sua mulher Pat e Marilyn Monroe. Pede explicações e lhe são dadas: Marilyn se tornou incontrolável. Bêbada, entupida de pílulas que ela engole como se fossem balas, anda dizendo qualquer coisa, fala de JFK, de uma aventura com RFK e inclusive pronuncia as palavras “entrevista coletiva”. Por isso o alerta vermelho. Decidiu-se que ela deve ser levada ao campo, para uma mudança de ares. É hospedada no bangalô 52, todo em carpete cor-de-rosa e com uma cama redonda coberta por uma colcha também cor-de-rosa. Enquanto Lawford parte firme para as garrafas de bourbon, desaparecendo dentro de uma bruma alcoolizada, Marilyn se deita, engole alguns medicamentos e embarca em um estupor farmacêutico. É o último fim de semana de julho, com dias bonitos, o lago Tahoe está calmo e a floresta em volta ondula sob a brisa. Pat Kennedy Lawford, que gosta de Marilyn, vem a seu bangalô conversar. Depois que vai embora, Marilyn toma outros comprimidos. Ela está brincando com fogo, mas não sabe. Seu organismo tolera doses altíssimas de seus produtos favoritos, mas o limite é milimétrico. Um toxicômano, por exemplo, pode tomar 26 cápsulas de hidrato de cloral sem estragos irreparáveis, mas na 27ª ele morre.

Na cama cor-de-rosa, Marilyn conversa à toa no telefone, bebe Dom Pérignon e, pouco a pouco, adormece na linha. Com quem estaria falando? O massagista, Ralph Roberts? O psicanalista, Ralph Greenson? O amigo, Joe DiMaggio? A voz vai ficando fraca, a dicção confusa. É como uma

hemorragia: a vida vai escapando, algo foi perfurado. Talvez esteja sonhando.

Um boy do hotel estranha o telefone estar permanentemente ocupado e previne seu superior. Que previne Skinny D'Amato e Jimmy Alo, o pistoleiro de Meyer. Jimmy está presente no local, com Mooney Giancana. Junto com Sinatra, eles abrem a porta do 52 e constataam a evidência: Marilyn em overdose, mais uma. Giancana não gosta nada daquela imprestável, Sinatra fica nervoso e Jimmy Alo simplesmente diz:

— Vamos acordá-la e nos livrar dela.

Os dois homens fazem Marilyn beber litros de café, na vã esperança de que a cafeína anule os efeitos dos soníferos e dos calmantes. Estão errados: os produtos, pelo contrário, se precipitam no sangue ainda mais rapidamente. Inconsciente, amolecida, Marilyn jaz como um cadáver. Giancana olha com insondável desprezo, é uma espécie de repulsa total. Resolve aviltá-la mais. Violenta-a. Manda um de seus capangas estuprá-la. E, aproveitando a ocasião, pede que fotografem a cena. Tem a impressão de humilhar RFK, de espezinhar o jardim secreto do inimigo jurado, o procurador-geral.

A abjeção está incluída no DNA de Giancana.

Marilyn acorda na manhã seguinte. Sente-se mal. Uma espécie de ressaca piorada pelo mal-estar existencial. Está ainda sob o efeito das drogas. De robe de chambre, cambaleante, encaminha-se para a piscina. Descalça, tremendo, ela balança como um mastro ao vento. Ninguém por perto. Algumas espreguiçadeiras, algumas toalhas de banho... As luzes do grande prédio central, coberto de falsas toras de madeira, estão apagadas. É o momento em que se esvai a noite e uma bruma úmida cobre o lago, até o sol vir dissipá-la. Lá longe, as montanhas se fundem no próprio reflexo. Onde começa a realidade? Marilyn olha a orla da floresta, imenso país desconhecido, coberto de ponderosos, soberbos pinheiros azuis. Incrédula, ela vê uma silhueta começando a se realçar no alinhamento das árvores. Franze os olhos e os fixa, atenta.

É Joe DiMaggio.

Ele surge da névoa e fica ali como uma estátua por muito tempo, muito tempo. Depois, de cabeça baixa, vai embora.

Chegando a Los Angeles com Peter Lawford, ela pára no caminho para telefonar de uma cabine pública. Uma ligação de 18 minutos. Em Hollywood são 8h40. Em Washington, 5h40 da manhã. Lawford faz o relatório.

No mesmo momento, o agente Bill Roemer, em Chicago, ouve uma conversa telefônica entre Johnny Rosselli e Sam Giancana. Na hora, ele não entende o sentido. Johnny diz:

— Você se diverte pegando a mesma garota que os Kennedy, não é?

Uns dias mais tarde, Sinatra vê as fotos.

Sente um nó no estômago. Em uma delas, Giancana está por trás de Marilyn, de quatro. Ela vomita.

Sinatra pega o isqueiro e queima as fotos.

Em 30 de julho, Marilyn fala durante oito minutos, ao telefone, com Robert Kennedy. Em 3 de agosto, Dorothy Kilgallen é a primeira jornalista a quebrar o muro de silêncio. Ela escreve: “Marilyn Monroe vai fundo no setor do sex appeal. Ela parece ter uma certa atração por um homem bem mais célebre do que Joe DiMaggio. Não, Marilyn não está acabada.” Não se menciona o Presidente, mas, a partir daí, é só uma questão de dias.

Em 4 de agosto, Marilyn dorme ao telefone. Para sempre.

A grande limpeza

Marilyn morre como havia vivido: à deriva. Nua, com o fone caído sobre o travesseiro, pílulas ao alcance da mão, na casa vazia, sozinha em seu quarto. Fez-se noite para ela, na escuridão de azeviche em que ela vinha mergulhando na direção da morte: em dez anos de drogas, dez anos de impregnação química, quantos daqueles comprimidos multicoloridos ela não havia engolido, daquelas cápsulas gelatinosas brilhantes, daqueles pós para arear o espírito? Librium, Nembutal, hidrato de cloral, Nodular, Fenegan, pó de pirlimpimpim ou moléculas de sono em kits. Quantas injeções maciças de calmantes, depois de metanfetamina ou de benzedrina, como se via no set de *SGTG*? Ela dorme atravessada na cama, com o fio do telefone como se fosse um distribuidor hospitalar de soro, uma transfusão de palavras... Ela jaz pálida, abandonada, com as unhas sujas, cabelos desarrumados. Às 11 horas da noite, seu coração tropeça e pára.

Não há mistério nessa morte. Jim Dougherty, o primeiro marido que se tornou inspetor de polícia em Los Angeles, conhece o assunto:

— Ela tomou a pílula a mais, a dose de álcool a mais — ele declara.

John Huston:

— Os médicos a mataram.

Suicídio? Não. Marilyn é uma atriz: toda vez que ensaia uma tentativa de suicídio, ela tem público para impedir — ou aplaudir. Uma estrela não vai embora, abandonada como uma folha de papel amassada e carregada pela água. Ela produz uma saída, cria um final, triunfa na própria morte. Busca o efeito. E, sobretudo, sempre se arruma e enfeita.

Assassinato? Com qual finalidade? Para os Kennedy seria tão simples, se necessário, fazê-la passar por louca furiosa — basta observar: já foi internada, a mãe também, assim como a avó. As Monroe formam sucessivas gerações de doidas: seria a evidente estratégia de defesa dos

assessores de imprensa da Casa Branca. Quanto aos bandidos, eles nada ganham com isso: no segundo em que Marilyn morre, as possibilidades de chantagem desaparecem. Giancana passa a ter fitas magnéticas inúteis, Hoffa resolve manter os segredos da morte no cofre e J. Edgar Hoover não abre a boca. Ele simplesmente envia alguns homens para fazer uma limpeza.

Não é o único. A noite de 4 para 5 de agosto de 1962 é uma verdadeira festa! Robert Kennedy dá a ordem de ataque: seus enviados pasteurizam a casa. Peter Lawford faz duas visitas na mesma noite, na companhia de Fred Otash; a 20th Century Fox manda uma enorme quantidade de homens, e isso sem contar Ralph Greenson, que tinha passado uma parte da tarde com Marilyn, a sós (fazendo o quê?), e volta para passar o aspirador das lembranças, na companhia do médico da atriz, Hyman Engelberg. Muda-se a posição do cadáver, gavetas são reviradas, microfones retirados, documentos controlados, gravadores desmantelados. Um helicóptero chega e vai embora. Viaturas da polícia estacionam. Pat Newcomb organiza as idas e vindas. Mais um pouco e o local seria assaltado pelos visitantes noturnos. Otash ri — arf! arf! — ouvindo uma das bobinas. Escuta RFK, uns dias antes, procurando os microfones de Spindel:

— Onde estão? Porra, onde estão?

Não os encontrou. Depois Bobby foi embora, deixando Lawford e Marilyn com duas garrafas de Dom Pérignon.

Na noite de 4 para 5 de agosto de 1962, porém, o pessoal enviado por Hoover esbarra em policiais locais, e os homens do Serviço Secreto pisam nos canteiros de flores. Otash passa o pente fino em tudo e o próprio Lawford se põe a tirar roupas de cabides no armário. Cartas, documentos, contratos, tudo é levado. Um homem procura “o caderninho vermelho”. Falta-lhe sorte: nada há que se assemelhe a isso. Visivelmente, Angleton mantém contato.

Ao amanhecer, o caos é total. Os jornalistas se precipitam. Calmamente, Hoover confisca os registros telefônicos. Ninguém mais tem acesso a eles. No ambiente de feira que se estabelece, nascem as lendas: Marilyn se suicidou. Não: Marilyn foi assassinada. Não: ela foi ameaçada e depois executada. Tudo vai por água abaixo: Eunice Murray, como se fosse a coisa mais normal do mundo, lava a roupa e, diante dos policiais, põe na máquina os lençóis em que Marilyn morreu. Os objetos no quarto da morta são

deslocados dos seus lugares. Todo mundo procura alguma coisa e o cadáver continua ali, sem qualquer interesse, movido para uma posição menos indecente.

O Presidente, em seu iate em Hyannisport, sabe da notícia. Nada a comentar. Alguns dias depois, com a casa de sua cliente tendo sido cuidadosamente revirada, Pat Newcomb vai passar alguns dias com os Kennedy, em Hyannisport, pessoalmente convidada por RFK. Depois é enviada à Europa, para férias de seis meses.

Marilyn jaz sobre a mesa de dissecação para autópsia com o corpo retalhado, os cabelos grudados, a pele solta, as faces caídas. Thomas Noguchi, o médico-legista, procura a alma de Marilyn em suas vísceras. Nada encontra. Os K. a haviam levado.

Phil Graham, o dono do *Washington Post*, entra na sala. Ele é a maior estrela daquele seminário da Associated Press, em que as assinaturas mais conhecidas do jornalismo americano estão reunidas. No hotel, trancado com uma jovem amante, Graham tinha funcionado à base de champanhe: doze garrafas em dois dias. Em Phoenix, Arizona, não se tem mesmo muito o que fazer. Ah, tem sim: Graham pede na recepção que lhe enviem uma caixa grande de camisinhas de tamanho 4X.

Graham se impacienta enquanto se alternam os conferencistas, evocando o futuro da imprensa americana. Nervoso e agitado, ele bruscamente se levanta e se dirige ao palco. Coloca-se diante do púlpito e começa a atacar o público. Os jornalistas, diz ele, são uns “imbecis sujos e inúteis”. Quanto aos funcionários da Associated Press, são uns “parasitas sem tripas”. Passa para os ataques pessoais: fulano é um idiota, sicrano um frouxo. Acaba chegando à Casa Branca. Com o olho injetado e a boca amarga, ele pergunta: “Por que ninguém nunca solta a informação? JFK passa o tempo trepando! Não tem um só que diga isso! Vocês não têm colhões! São uns merdas!” Acrescenta que o Presidente — “meu amigo!” — promove orgias na piscina e “está comendo uma amiga minha, uma ótima artista chamada Mary Pinchot Meyer”. Ela é, alardeia, “a nova favorita”.

Na sala, silêncio. Graham continua por vinte minutos. Não se interrompe o chefe do mais poderoso jornal político americano. Em seguida, estupefação: ele se despe. Quando começa a tirar as calças, a esposa de um

colega corre e lhe arranca o microfone. Agarrado, preso, Philip Graham não pode mais causar mal. Informado, JFK envia um avião da presidência, o “Air Force 2”, para transportar o louco. É um sinal: o Presidente sente o projétil passar perto. Entregue aos cuidados de dois psiquiatras, trancafiado em um hospital, Graham volta a um aparente estado ajuizado. Joe Alsop e Ben Bradlee, seus dois repórteres em evidência, se perguntam o que fazer. Seria melhor deixar o jornal?

Três meses depois, tendo voltado para casa por um fim de semana, Phil Graham se desculpa formalmente com a mulher: “Eu me comportei mal”, diz ele, ouvindo um disco de Beethoven. Depois se tranca no banheiro, senta-se na beira da banheira e dá um tiro no queixo com um cartucho de caça, calibre 28. Ou seja, 205 grãos de chumbo espalhando-se pouco e em fortíssima concentração. A cabeça se transforma em névoa vermelha e desaparece. Os ladrilhos do banheiro ficam cobertos de sangue e de matéria cerebral. Phil Graham não quis sujar o quarto, ele era muito cuidadoso.

Nunca se falou de seu discurso em Phoenix. De suas acusações? Nenhuma linha na imprensa. Sobre a “nova favorita”? Silêncio total. Os Kennedy não precisam matar para calar as bocas. Bastam dois psiquiatras e um avião. A vida privada do Presidente, por mais escandalosa que seja, é *off*.

Uma semana depois da crise de loucura de Graham, outro acontecimento passa despercebido: Kim Philby, o grande espião do Serviço de Inteligência, o amigo de Mother e padrinho de duas filhas do casal Angleton, foge. Salta em um cargueiro de transporte de bananas e reaparece em Moscou, com uma patente de coronel da KGB. James J. Angleton, o feiticeiro da contra-espionagem americana, o gênio do jogo de xadrez planetário, o Obi-Wan Kenobi da informação americana, tinha sido enganado como uma criança. Há anos a raposa estava em seu galinheiro.

A limpeza prossegue: as gravações de Greenson são apagadas, em sua maioria. As fitas que a própria Marilyn utilizava desaparecem. Os documentos sonoros nas mãos dos bandidos são deixados nas prateleiras: para que colocar no mercado os rangidos de cama de uma morta? As transcrições do FBI são arquivadas com cuidado nos fichários pessoais de Hoover, quer dizer, em suas gavetas particulares, às quais os agentes não

têm acesso nem os seus superiores. A extrema direita americana fareja ali uma oportunidade: faz uma proposta alta, quase 100 mil dólares para conseguir o que seja, qualquer coisa para impedir que Bobby Kennedy suceda o irmão. Nada vem à tona. Testemunhas, às vezes, dizem ter ouvido “trechos” de gravações, mas tais alegações nunca foram provadas. Um dos assistentes do procurador de Los Angeles, John Miner, alega possuir uma fita magnética. É preciso pagar para ver. Nunca foi vista. Um jornalista ultra-reaça, Fred Cappell, publica um livro retomando a teoria do complô: Marilyn foi assassinada pelos Kennedy. A tese imediatamente ganha defensores: toda uma indústria da suspeita se estabelece. Nada mais atraente, mais divertido do que um bom complôzinho. Quanto mais RFK se aproxima da presidência, que ele cobiça para o final dos anos 60, mais a morte de Marilyn é lembrada. Escroques, ilusionistas, maníacos paranóicos, doidos de todo tipo se juntam nisso. Um satanista conhecido, Anton LaVey, afirma ter “conhecido bem” Marilyn, a qual teria, então, roçado a asa de Belzebu. Nos meses seguintes, toda uma multidão surge: novos “antigos amigos” de Marilyn, dos quais ninguém nunca tinha ouvido falar, maridos secretos que não têm certidão de casamento, primos distantes, vizinhos próximos, figurantes vaidosos. Todos acenam com uma ligação à pessoa de Marilyn, que, como cantam em coro, era a melhor amiga deles, isso mesmo, exatamente. No final das contas, a loura tinha muitos amigos dedicados. Muitos deles escreveram livros: a faxineira, a governanta, a filha de Strasberg, um sujeito encontrado no set de *Torrentes de Paixão*, todo mundo tem pedacinhos de Marilyn para vender. Ela é talhada em postas. O único a nada dizer é Joe DiMaggio. No enterro, organizado por ele, as carpideiras, os produtores, as estrelas e os fofoqueiros de Hollywood têm presença proibida. Sinatra é barrado na porta do cemitério. Presente apenas a gente simples do ofício funerário e dos corredores: cabeleireiros, faxineiras, motoristas. O Yankee Slugger, terrivelmente triste, segue o caixão de bronze. Está destroçado. Ele murmura: “Eu te amo, te amo”, como uma ladainha interminável. Seu filho, Joe Jr., em uniforme de gala da Marinha, condecorado e cheio de medalhas, olha melancólico e percebe que o pai está destruído. Joe DiMaggio nunca se recuperaria da morte de Marilyn. Já Joe Jr. morreria viciado.

A máquina de apagar funciona bem. O apartamento de Judy Campbell, vigiado pelo FBI, é assaltado sob os olhos dos G Men impassíveis, e o

diário íntimo da bela desaparece. A casa de Bernard Spindel é visitada pelos Men in Black em caráter bem oficial. Recolhe-se tudo. E tudo lhe será devolvido, por decisão da Justiça. Exceto as “fitas Marilyn”. Em todo lugar, uma só palavra de ordem: “*Erase*”, apaguem. Fred Otash perde a licença de detetive particular. Apaga-se. Queima-se. Desinfeta-se. Repentinamente, a love story entre Marilyn e JFK deixa de ter existido. As testemunhas se tornam surdas, mudas e cegas. E tremendamente amnésicas.

JFK está com as mãos livres para se ocupar dos mísseis soviéticos em Cuba. O que ele faz com brilho, evitando por um triz a devastação mundial.

Em 1º de novembro de 1963, a CIA espera o presidente Diem, na saída da igreja, em Saigon. Ele é brutalmente convidado a entrar em um caminhão e depois apunhalado e abatido. JFK, em Washington, abalado com o assassinato político que ele, no entanto, havia autorizado ou até encorajado, no mesmo dia procura uma única presença reconfortante: Mary Pinchot Meyer. Enquanto RFK brinca com a nova invenção dos serviços secretos — uma caneta envenenada com a intenção de matar Castro — o Presidente urde outros complôs. A moralidade nada tem a ver com a democracia, não é? O Pentágono capricha no projeto “Oplan 380”, que prevê a invasão de Cuba, uma pequena saída militar que garantiria a reeleição de JFK. O que fazer em relação à República Dominicana, onde Trujillo foi assassinado, como Diem? Kennedy pede conselho ao mais improvável dos especialistas: Cord Meyer. Os dois homens se encontram, conversam, mutuamente se desafiam. Farejam-se como dois cachorros desconfiados.

Na perspectiva de garantir os votos do Texas, JFK pretende ir a Dallas. A viagem foi decidida em 5 de junho de 1963, com a concordância do vice-presidente Johnson e o aval de John Connally, o governador. Em 13 de setembro, a visita foi oficialmente confirmada. Texas viria após Illinois e Flórida. Os preparativos estão bem encaminhados. A ser lembrado: Jackie acompanha o Presidente, mas eles dormem em quartos separados.

Em 2 de novembro de 1963, está previsto que, em Chicago, o cortejo presidencial partirá do aeroporto, se dirigindo ao estádio Soldier Field, onde JFK deverá assistir a uma partida de futebol americano entre o Exército e a Marinha. No último momento, tudo é cancelado: um atentado se prepara.

Uma equipe de quatro atiradores, entre os quais dois cubanos, deve matar JFK, e já há um culpado designado. É Thomas Arthur Vallee, um ex-fuzileiro com distúrbios mentais. Ele deve estar presente em uma curva da Jackson Street e se colocar com fuzil e mira telescópica no último andar de um depósito. Preso duas horas antes do atentado, Thomas Vallee simplesmente diz: “Eu sou apenas uma isca.” Lee Harvey Oswald diria as mesmas palavras. E tem o mesmo perfil.

Chicago é o território de Sam Giancana.

Em 18 de novembro, um segundo atentado é desmantelado. Deveria acontecer em Tampa, no trajeto entre a base aérea McDill e a National Guard Armory, onde Kennedy pronunciaria um discurso. Um cubano, Gilberto Lopez, é preso. Ele tem um passado estranho: é um renegado, como Oswald, tinha ido à URSS e depois, de volta, trabalhou por Cuba no mesmo grupo de informantes, o Fair Play for Cuba Committee. Mesmo avisado, Kennedy não aceita cancelar a visita. De pé no automóvel, com o sorriso crispado, saúda a multidão em Tampa. Tem consciência de estar desafiando a sorte. Mas ele é um Kennedy, e o faz assim mesmo. Santo Trafficante, sentindo a proximidade da polícia, anula o atentado. Na verdade, apenas o adia.

Em 22 de novembro, em Dallas, JFK é assassinado.

Jackie chora e beija o dedo do marido. Flores murcham na limusine presidencial. Uma poça de sangue pouco a pouco coagula.

EPÍLOGO

Washington, 12 de novembro de 1964

Mary Pinchot Meyer passeia ao longo do Chesapeake & Ohio Canal. É meio-dia, o céu está azul e as duas pontes, sobre a Q e a P Street, estão relativamente desertas. Nesse trecho de Georgetown, em que galerias de arte se alternam com lojas de decoração, resta um perfume da velha cidade de Washington: o ambiente é agradável e a calma reinante incita o devaneio e também as recordações. JFK morreu há quase um ano. Os gramados são bem cuidados, as alamedas lajeadas e o Potomac, não distante, se pontilha de veleiros e outras embarcações à deriva na direção do oceano, o que acrescenta uma graça pitoresca à paisagem. Alguns transeuntes, poucos a essa hora, passam por ela. Um funcionário do Pentágono faz jogging, a esposa de um alto escalão da CIA lhe acena do carro, e Mary Pinchot continua tranqüilamente, buscando inspiração para novas telas. Na noite anterior ela havia recebido Peter Brook, o diretor de *Marat/Sade*, a peça de teatro que está suscitando violentas polêmicas. Falaram também de *My Fair Lady*, o novo filme de George Cukor, magnífico.

Dois mecânicos, em uma esquina, ouvem um estampido. Eles correm: é tarde demais. Um desconhecido havia dado um tiro na cabeça de Mary Pinchot Meyer, por trás. Enquanto ela cai, o assassino dá um segundo disparo, com o cano da arma encostado na omoplata. O coração de Mary Pinchot Meyer explode.

Duas horas depois, um suspeito é preso. É um sem-teto, Ray Crump, que tem o agravante de ser negro. Alcoólatra às vezes violento, ele parece fora de lugar na paisagem de Georgetown, bairro burguês e bem freqüentado. Crump tem uma ficha policial. Fora condenado por pequenos roubos e algumas agressões e ferimentos. Por mais um pouco e daquela vez ele seria jogado em alguma masmorra. Ele diz: “Eu sou apenas uma isca”, um refrão

conhecido. Os tiras não acreditam. Mas falta sorte à polícia, pois a Justiça o inocenta.

No dia seguinte da morte da irmã, Tony Pinchot e seu marido, Ben Bradlee, vão à casa de Mary para ver se há coisas a fazer, a arrumar ou a jogar fora. A pequena casa na 34th Street parece deserta. Eles abrem a porta e, para sua grande surpresa, há lá dentro um homem sozinho: James J. Angleton. O número dois da CIA tem milhares de funcionários a suas ordens, mas preferiu ir até lá pessoalmente. Abriu a fechadura com uma gazua e procura o caderno de anotações de Mary Pinchot Meyer. Alega que espera assim encontrar algum indício sobre um espião russo que ele acredita ter se infiltrado em altas esferas do Estado. Depois da morte de JFK, a CIA havia colocado Mary Pinchot Meyer sob constante vigilância. Seu telefone era grampeado, a correspondência aberta, o domicílio visitado. Depois da fuga do amigo Philby, Angleton mergulhou em total paranóia. Chega a gravar as próprias conversas, no restaurante, com sua alma desventurada, Cord Meyer. Publicado alguns dias antes, o relatório da Comissão Warren, que conclui lançando toda a culpa em Lee Harvey Oswald, como atirador solitário, foi esmiuçado por Mother. Para ele, o boato de uma possível queda de Krushev, em breve, é um engodo. O grande complô está em outro lugar, na pseudoguerra entre a URSS e a China. Os comunistas estão espalhados, espalhados como bactérias nefastas. Quando chega em casa, Angleton se fecha em sua estufa e se dedica à coleção de orquídeas e de plantas carnívoras, sobre as quais pode dissertar interminavelmente, ouvindo Elvis cantar *Heartbreak Hotel*.

A Vênus Caça Moscas é uma flor curiosa. Uma bela roseta de folhas contém antocianina, um violento veneno secretado em uma cola adocicada que atrai os insetos. Quando uma mosca vem pousar, uma corrente elétrica percorre todos os pêlos táteis da planta, que se fecha em um décimo de segundo. Quanto mais a mosca se agita, mais a armadilha se reforça. Depois que os dois lobos vermelhos se colam um ao outro como duas palmas, a planta se transforma em estômago. A mosca é digerida em uma semana. Quando as folhas voltam a se abrir, resta apenas o exoesqueleto do inseto.

Mother é fascinado pela Vênus Caça Moscas, uma planta tão... tão... humana.

O ar da noite o desanuvia um pouco. Angleton às vezes cita Platão, Apuleio. Ele conversa com as flores. Sensibiliza-se com a música das

esferas e, bastante tempo depois de ter se deitado, ele ainda revira as sombras de todos aqueles complôs que o envolvem. Tem a impressão, então, de contemplar as águas profundas e escuras que engoliram a América. Marilyn está morta, JFK também.

Talvez eles tenham se amado. Talvez.

In memoriam

Robert Kennedy morreu durante sua campanha presidencial, em 6 de junho de 1968, no Ambassador Hotel, L.A., crivado de balas atiradas pelo palestino Sirhan Sirhan.

Jackie Kennedy se casou com Aristóteles Onassis e morreu em 19 de maio de 1994, de câncer de pulmão.

Sam Giancana morreu em 19 de junho de 1975, com uma bala na nuca e seis balas no rosto.

Judy Campbell morreu em 25 de setembro de 1999, de câncer de pulmão.

O cadáver de Johnny Rosselli foi encontrado na baía de Miami, em 9 de agosto de 1976. Amordaçado, estrangulado, estripado, cortado com motosserra e colocado dentro de um tonel, provavelmente foi morto em 28 de julho de 1976.

Dorothy Kilgallen morreu em casa, de parada cardíaca, em 8 de novembro de 1965. Havia terminado uma série de entrevistas com Jack Ruby e pretendia escrever um livro sobre ele.

Jack Ruby morreu em 3 de janeiro de 1967, de câncer.

Joe Kennedy morreu em casa, em 18 de novembro de 1969.

Gloria Swanson morreu em 4 de abril de 1983, em Nova York. Ela disse simplesmente: “Se precisasse voltar a viver minha vida, não o faria.”

Ralph Greenson morreu em 24 de novembro de 1979, dizem que aniquilado com a morte de Marilyn.

J. Edgar Hoover morreu em casa, em 2 de maio de 1972, após 48 anos à frente do FBI. Uma lei foi votada, proibindo que um diretor do Federal Bureau of Investigation permaneça no cargo por mais de dez anos.

James J. Angleton morreu em 12 de maio de 1987, de câncer de pulmão, depois de ter sido levado a se demitir, em dezembro de 1975. Suas últimas palavras à sua mulher: “Cometi tantos erros...” O arquivo Kennedy da CIA será aberto em 2029.

Cord Meyer morreu em 13 de março de 2001, em Washington.

James Hoffa desapareceu em agosto de 1975, no Red Fox Restaurant, em Bloomfield, subúrbio de Detroit. Tinha um encontro com Anthony “Tony Jack” Giacalone e Anthony “Tony Pro” Provenzano, dois soldados da Máfia. O corpo nunca foi encontrado.

Fred Otash morreu em 5 de outubro de 1992, em Los Angeles.

Bernie Spindel morreu em 2 de fevereiro de 1972, em Nova York.

Charlie Feldman morreu em 25 de maio de 1968, de câncer.

Inga Arvad morreu em 1973, em Nogales, Novo México, depois de ter se casado com Tim McCoy, ator de faroeste.

Joe DiMaggio morreu em 8 de março de 1999, de câncer de pulmão. Suas últimas palavras foram, segundo seu advogado: “Agora vou encontrar Marilyn.”

Jim Dougherty morreu em 15 de agosto de 2005, na Califórnia, tendo sido policial e, depois, juiz.

Carlos Marcello morreu em 3 de março de 1993, em Luisiana, de mal de Alzheimer.

Santo Trafficante morreu em Houston, Texas, em 17 de março de 1987, de parada cardíaca.

Arthur Miller morreu em 10 de fevereiro de 2005, em Roxbury, Connecticut.

Frank Sinatra morreu em 14 de maio de 1998, em Los Angeles. Sua última palavra: “Mother!”

Peter Lawford morreu em 24 de dezembro de 1984, drogado, decadente, esquecido inclusive pelos próprios filhos. Como ninguém quis pagar a cerimônia funerária, suas cinzas foram “expulsas” do Westwood Village Mortuary, em 1988, e dispersadas.

Bibliografia

Sobre JFK

- Beschloss, Michael R. *The Crisis Years, Kennedy and Khrushchev, 1960-1963* (Os anos de crise, Kennedy e Khrushchev, 1960-1963), Harper Collins Publishers, 1991.
- Bly, Nellie. *The Kennedy Men, Three Generations of Sex, Scandal and Secrets* (Os homens Kennedy, três gerações de sexo, escândalos e segredos), AN (e-reads) BOOK, 1996.
- Bradlee, Benjamin C. *Conversations With Kennedy* (Conversas com Kennedy), Konecky & Konecky, 1975.
- Bugliosi, Vincent. *Reclaiming History, The Assassination of President John F. Kennedy* (Voltando à história, o assassinato do presidente John F. Kennedy), Norton & Co, 2007.
- Cawthorne, Nigel. *Sex Lives Of The US Presidents* (A vida sexual dos presidentes dos Estados Unidos), Prion, 1996.
- Donaldson, Gary A. *The First Modern Campaign, Kennedy, Nixon and the Election of 1960* (A primeira campanha moderna, Kennedy, Nixon e as eleições de 1960), Rowman & Littlefield Publishers Inc., 2007.
- Doyle, William. *Inside The Oval Office, The White House Tapes from FDR to Clinton* (Dentro do salão oval, as fitas gravadas da Casa Branca, de FDR a Clinton), Kodansha International, 1999.
- Epstein, Edward Jay. *Legend, The Secret World of Lee Harvey Oswald* (Lenda, o mundo secreto de Lee Harvey Oswald), Mc-Graw Hill Book Co., 1978.
- Fursenko, Aleksandr e Naftali, Timothy. *One Hell of a Gamble, Khrushchev, Castro and Kennedy 1958-1964, The Secret History of the Cuban Missile Crisis* (Um jogo incrível, Khrushchev, Castro e Kennedy

- 1958-1964, a história secreta da crise dos mísseis em Cuba), WW Norton & Co., 1997.
- Gibson, Barbara e Schwarz, Ted. *The Kennedys: The Third Generation* (Os Kennedy: a terceira geração), Thunder's Mouth Press, 1993.
- Giglio, James N. *The Presidency of John F. Kennedy* (A presidência de John F. Kennedy), University Press of Kansas, 2006.
- Hamilton, Nigel. *JFK, Reckless Youth* (JFK, juventude inconseqüente), Random House, 1992.
- Jensen, J. Arthur. *The Kennedy Assassination, A Historical Novel* (O assassinato de Kennedy, um romance histórico), XLibris, 2000.
- Justice, Victor E. *Misplaced Loyalties, The Assassinations of Marilyn Monroe & The Kennedy Brothers* (Fidelidades mal-fundamentadas, o assassinato de Marilyn Monroe & os irmãos Kennedy), Trafford Publishing, 2005.
- Kroth, Jerry. *Conspiracy in Camelot, The Complete History of the Assassination of John Fitzgerald Kennedy* (Conspiração em Camelot, a história completa do assassinato de John Fitzgerald Kennedy), Algora Publishing, 2003.
- Mahony, Richard D. *Sons & Brothers, The Days of Jack and Bobby Kennedy* (Filhos & irmãos, os dias de Jack e Bobby Kennedy), Arcade Publishing, 1999.
- Pitts, David. *Jack and Lem, John Kennedy and Lem Billings, The Untold Story of an Extraordinary Friendship* (Jack e Lem, John Kennedy e Lem Billings, a história não contada de uma amizade extraordinária), Carroll & Graf Publishers, 2007.
- Reeves, Thomas C. *A Question of Character, A Life of John F. Kennedy* (Uma questão de personalidade, a vida de John F. Kennedy), Crown Forum, 1997.
- Smith, Matthew. *Conspiracy, The Plot to Stop the Kennedys* (Conspiração, a trama para deter os Kennedy), Citadel Press Books, 2005.
- Talbot, David. *Brothers, The Hidden Story of the Kennedy Years* (Irmãos, a história oculta dos anos Kennedy), Free Press, 2007.
- Waldron, Lamar e Hartmann, Thom. *Ultimate Sacrifice, John and Robert Kennedy, The Plan for a Coup in Cuba, and the Murder of JFK* (O sacrifício máximo, John e Robert Kennedy, o plano para um golpe em Cuba e o assassinato de JFK), Carroll & Graf Publishers, 2005.

Sobre Marilyn Monroe

- Barton, Blanche. *The Secret Life of a Satanist, The Authorized Biography of Anton LaVey* (A vida secreta de um satanista, biografia autorizada de Anton LaVey), Feral House, 1990.
- Brown, Peter Harry e Barham, Patte B. *Marilyn, The Last Take* (Marilyn, a última tomada), Dutton, 1992.
- Churchwell, Sarah. *The Many Lives of Marilyn Monroe* (As muitas vidas de Marilyn Monroe), Metropolitan Books, 2004.
- Clark, Colin. *The Prince, the ShowGirl and Me, Six Months on the Set with Marilyn and Olivier* (O príncipe, a corista e eu, seis meses no set com Marilyn e Olivier), St. Martin's Press, 1995.
- Clark, Colin. *My Week with Marilyn* (Minha semana com Marilyn), HarperCollins, 2000.
- DiMaggio, June e Popp, Mary. *Marilyn, Joe & Me* (Marilyn, Joe & eu), Pen-Marine Books, 2006.
- Gilmore, John. *Inside Marilyn Monroe* (Marilyn Monroe por dentro), Ferine Books, 2007.
- Goode, James. *The Making of "The Misfits"* (O making of de "Os Desajustados"), Limelight Editions, 1963.
- Leaming, Barbara. *Marilyn Monroe*, Crown Publishers, 1998.
- Leigh, Wendy. *The Secret Letters of Marilyn Monroe and Jacqueline Kennedy* (As cartas secretas de Marilyn Monroe e Jacqueline Kennedy), Thomas Dunne Books, St. Martin's Press, 2003.
- Marshall, David. *The DD Group, An Online Investigation into the Death of Marilyn Monroe* (O grupo DD, uma investigação on-line sobre a morte de Marilyn Monroe), iUniversal Inc., 2005.
- Miller, Arthur, Toubiana, Serge, e Magnum. *The Misfits* (Os Desajustados), Phaidon, s.d.
- Morgan, Michelle. *Marilyn Monroe: Private and Undisclosed* (Marilyn Monroe: privado e não-divulgado), Carroll & Graf Publishers, 2007.
- Pepitone, Lena e Stadiem, William. *Marilyn Monroe Confidential* (Marilyn Monroe confidencial), Simon & Schuster, 1979.
- Shevey, Sandra. *The Marilyn Scandal, The True Story* (O escândalo Marilyn, a verdadeira história), Arrow, 1987.

- Smith, Matthew. *Victim, The Secret Tapes of Marilyn Monroe* (Vítima, as fitas secretas de Marilyn Monroe), Londres, Century, 2003.
- Strasberg, Susan. *Marilyn and Me, Sisters, Rivals, Friends* (Marilyn e eu, irmãs, rivais, amigas), Warner Books, 1992.
- Summers, Anthony. *Goddess, The Secret Lives of Marilyn Monroe* (Diva, as vidas secretas de Marilyn Monroe), MacMillan Publishing Co., 1985.
- Victor, Adam. *The Marilyn Encyclopedia* (A enciclopédia Marilyn), The Overlook Press, 1999.
- Wayne, Jane Ellen. *Marilyn's Men* (Os homens de Marilyn), St. Martin's Press, 1992.
- Wolfe, Donald H. *The Last Days of Marilyn Monroe* (Os últimos dias de Marilyn Monroe), William Morrow and Co., 1998.

Sobre Camelot

- Angelo, Bonnie. *First Families, The Impact of the White House on Their Lives* (Famílias presidenciais, o impacto da Casa Branca em suas vidas), Harper, 2005.
- Bedell Smith, Sally. *Grace and Power, The Private World of the Kennedy White House* (Charme e poder, o mundo privado da Casa Branca com os Kennedy), Random House, 2004.
- Hersh, Seymour. *The Dark Side of Camelot*, Little, Brown & Co., 1997 (*Lado negro de Camelot*, L&PM, 1998).
- Heymann, David C. *The Georgetown Ladies' Social Club* (O clube social feminino de Georgetown), Atria Books, 2003.

Sobre JFK e Jackie

- Andersen, Christopher. *Jack and Jackie, Portrait of an American Marriage* (Jack e Jackie, retrato de um casamento americano), William Morrow & Co., 1996.
- Klein, Edward. *All Too Human, The Love Story of Jack and Jackie Kennedy* (Demasiado humanos, a história de amor de Jack e Jackie Kennedy), Simon & Schuster, 1997.

Sobre JFK e Marilyn

Franceschini, Paul-Jean. *John F. Kennedy — Marilyn Monroe, La liaison dangereuse* (John F. Kennedy — Marilyn Monroe, a ligação perigosa), Acropole, 1999.

Sobre Jackie e as esposas Kennedy

Bradford, Sarah. *America's Queen, The Life of Jacqueline Kennedy Onassis* (Rainha da América, a vida de Jacqueline Kennedy Onassis), Penguin Books, 2000.

DuBois, Diana. *In Her Sister's Shadow, An Intimate Biography of Lee Radziwill* (Na sombra da irmã, uma biografia íntima de Lee Radziwill), Little, Brown & Co., 1995.

Leaming, Barbara. *Mrs Kennedy, The Missing History of the Kennedy Years* (A senhora Kennedy, a história desconhecida dos anos Kennedy), The Free Press, 2001.

Oppenheimer, Jerry. *The Other Mrs Kennedy, Ethel Skakel Kennedy: An American Drama of Power* (A outra senhora Kennedy, Ethel Skakel Kennedy: um drama americano do poder), Privilege And Politics, St. Martin's Press, 1994.

Taraborelli, J. Randy. *Jackie, Ethel, Joan, Women of Camelot* (Jackie, Ethel, Joan, mulheres de Camelot), Warner Books, 2000.

Sobre Robert Kennedy

Hersh, Burton. *Bobby and Edgar, The Historic Face-Off Between The Kennedys and J. Edgar Hoover that Transformed America* (Bobby e Edgar, o histórico confronto entre os Kennedy e J. Edgar Hoover que transformou a América), Carroll & Graf, 2007.

Heymann, C. David. *RFK, A Candid Biography of Robert F. Kennedy* (RFK, uma biografia honesta de Robert F. Kennedy), Dutton Book, 1998.

Steel, Ronald. *In Love with Night, The American Romance with Robert Kennedy* (Apaixonado pela noite, o romance americano com Robert Kennedy), Simon & Schuster, 2000.

Thomas, Evans. *Robert Kennedy, His Life* (Robert Kennedy, sua vida), Simon & Schuster, 2000.

Sobre Joe Kennedy

Kessler, Ronald. *Sins of the Father, Joseph Kennedy and the Dynasty He Founded* (Pecados do pai, Joseph Kennedy e a dinastia por ele fundada), Warner Book, 1996.

Madsen, Axel. *Gloria and Joe* (Gloria e Joe), Arbour House, William Morrow, 1988.

Schwarz, Ted. *Joseph P. Kennedy, the Mogul, the Mob, the Statesman, and the Making of an American Myth* (Joseph P. Kennedy, o magnata, a Máfia, o estadista e a construção de um mito americano), John Wiley & Sons Inc., 2003.

Sobre Sinatra

Hamill, Pete. *Why Sinatra Matters* (Por que Sinatra é importante), Little, Brown and Co., 1999.

Jacobs, George e Stadiem, William. *Mr. S, My Life with Frank Sinatra* (Mr. S, minha vida com Frank Sinatra), Harper Collins, 2003.

Summers, Anthony e Swan, Robbyn. *Sinatra, The Life* (Sinatra, a vida), A. Knopf, 2005.

Zehme, Bill. *The Way You Wear Your Hat, Frank Sinatra and the Lost Art of Living* (A maneira como você usa o chapéu, Frank Sinatra e a perdida arte de viver), Harper Collins Publishers, 1997.

Sobre o Rat Pack e Las Vegas

Denton, Sally e Morris, Roger. *The Money and the Power, the Making of Las Vegas and Its Hold on America* (O dinheiro e o poder, a invenção de Las Vegas e a sua importância na América), Knopf, Random House, 2001.

Levy, Shawn. *Rat Pack Confidential* (Rat Pack confidencial), DoubleDay, 1998.

Quirk, Lawrence J. e Schoell, William. *The Rat Pack, Neon Nights with the Kings of Cool* (O Rat Pack, noites de neon com os Reis do Cool), Harper Collins Publishers, 1998.

Spada, James. *Peter Lawford, The Man Who Kept the Secrets* (Peter Lawford, o homem que guardava os segredos), Bantam Books, 1991.

Tosches, Nick. *Dino, Living High in the Dirty Business of Dreams* (Dino, vivendo alto no sujo negócio dos sonhos), DoubleDay, 1998.

Sobre Hollywood

Alleman, Richard. *Hollywood, The Movie Lover's Guide* (Hollywood, o guia para cinéfilos), Broadway Books, 2005.

Biskind, Peter. *Gods and Monsters* (Deuses e monstros), Nation Books, 2004.

Cassini, Igor e Molli, Jeanne. *I'd Do It All Over Again, The Life and Times of Igor Cassini* (Faria tudo outra vez, a vida e a época de Igor Cassini), G. P. Putnam's Sons, 1971.

Cawthorne, Nigel. *Sex Lives of the Hollywood Goddesses*, Prion Books, 1997 (Vida sexual das divas de Hollywood, Portugal, Livros e livros, 2000).

Howard, Jean, fotografias, e Watters, James, texto. *Jean Howard's Hollywood, A Photo Memoir* (A Hollywood de Jean Howard, uma fotomemória), Abradale Press, s.d.

Kashner, Sam e MacNair, Jennifer. *The Bad and the Beautiful, Hollywood in the Fifties* (O mau e o belo, Hollywood nos anos 1950), WW Norton Co., 2002.

Korda, Michael. *The Immortals, A Novel* (Imortais, um romance), Poseidon Press, 1992.

Niklas, Kurt. *The Corner Table, From Cabbages to Caviar, Sixty Years in the Celebrity Restaurant Trade* (A mesa do canto, do repolho ao caviar, sessenta anos no comércio dos restaurantes de celebridades), Larry Cortez Hamm, Tuxedo Press, 2000.

Schwarz, Ted. *Hollywood Confidential, How the Studios Beat the Mob at Their Own Game* (Hollywood confidencial, como os estúdios ganharam da Máfia no seu próprio jogo), Taylor Trade Publishing, 2007.

Silverman, Stephen M. *The Fox that Got Away, The Last Days of the Zanuck Dynasty at Twentieth Century-Fox* (A raposa que fugiu, os últimos dias da dinastia Zanuck na Twentieth Century-Fox), Lyle Stuart Inc., 1988.

Skolsky, Sidney. *Don't Get Me Wrong, I Love Hollywood* (Não me entenda mal, adoro Hollywood), G. P. Putnam's Sons, 1975.

Wilson, Earl. *Show Business Laid Bare* (O show business escancarado), G. P. Putnam's Sons, 1974.

Sobre a Máfia

Exner, Judith e Demaris, Ovid. *My Story* (Minha história), Grove Press, 1978.

Giancana, Antoinette e Hughes, John R. & Jobe, Thomas H. *JFK and Sam, The Connection Between the Giancana and Kennedy Assassinations* (JFK e Sam, a conexão entre os assassinatos de Giancana e Kennedy), Cumberland House, 2005.

Giancana, Sam e Chuck. *Double Cross* (Enganando todos), Warner Books, 1992.

Raab, Selwyn. *Five Families, The Rise, Decline and Resurgence of America's Most Powerful Mafia Empires* (Cinco famílias, ascensão, declínio e ressurgimento dos mais poderosos impérios da Máfia), Thomas Dunne Books-St. Martin's Press, 2005.

Rappleye, Charles e Becker, Ed. *All-American Mafioso, The Johnny Rosselli Story* (Um mafioso superamericano, a história de Johnny Rosselli), DoubleDay, 1991.

Repetto, Thomas. *Bringing Down The Mob, The War Against the American Mafia* (Derrubando a gangue, a guerra contra a máfia americana), John Macrae Books, 2006.

Russo, Gus. *The Outfit* (A roupa), Bloomsbury, 2001.

Van Metter, Jonathan. *The Last Good Time* (A última boa época), Crown Publishers, 2003.

Sobre Dorothy Kilgallen

Hill, Bonnie Hearn e Hill, Larry. *Johnnie Ray and Miss Kilgallen* (Johnnie Ray e Miss Kilgallen), Durban House Publishing, 2002.

Israel, Lee. *Kilgallen, An Intimate Biography* (Kilgallen, uma biografia íntima), Dell Publishing, 1979.

Sobre Hoffa

Brandt, Charles. “*I Heard You Paint Houses*”, Frank “*The Irishman*” Sheehan and *Closing the Case on Jimmy Hoffa* (“Ouvi dizer que você pinta casas”, Frank “*The Irishman*” Sheehan e o encerramento do caso Jimmy Hoffa) Steerforth Press, 2004.

Moldea, Dan E. *The Hoffa Wars, The Rise and Fall of Jimmy Hoffa* (As guerras de Hoffa, ascensão e queda de Jimmy Hoffa), Spi Books, 1978.

Sheridan, Walter. *The Fall and Rise of Jimmy Hoffa* (A queda e a ascensão de Jimmy Hoffa), Saturday Review Press, 1972.

Sloane, Arthur. *Hoffa*, The MIT Press, 1999.

Sobre a CIA

Epstein, Edward Jay. *Deception, The Invisible War Between the KGB and the CIA* (Decepção, a guerra invisível entre a KGB e a CIA), Simon & Schuster, 1989.

Lee, Martin A. e Shlain, Bruce. *Acid Dreams, The Complete Social History of LSD: The CIA, the Sixties, and Beyond* (Sonhos de ácido, a completa história social do LSD: a CIA, os anos 1960 e tudo o mais), Grove Press, 1985.

Mangold, Tom. *Cold Warrior, James Jesus Angleton: The CIA’s Master Spy Hunter* (O guerreiro frio, James Jesus Angleton: o caçador-mor de espões da CIA), Touchstone Book, 1991.

Martin, David C. *Wilderness of Mirrors, Intrigue, Deception and the Secrets that Destroyed Two of the Cold War’s Most Important Agents* (Miscelânea de espelhos, intriga, decepção e segredos que destruíram dois dos mais importantes agentes da Guerra Fria), The Lyons Press, 2003.

Meyer, Cord. *Facing Reality, From World Federalism to the CIA* (Encarando a realidade, do Federalismo Mundial para a CIA), University

Press of America, 1980.

Stonor Saunders, Frances. *Who Paid the Piper? The CIA and the Cultural Cold War*, Granta Books, 1999 (*Quem pagou a conta?*, Editora Record, 2008).

Theoharis, Athan. *Chasing Spies* (Caçando espiões), Ivan R. Dee, 2002.

Wiener, Tim. *Legacy of Ashes, The History of the CIA* (Legado de cinzas, a história da CIA), DoubleDay, 2007.

Sobre o Serviço Secreto

Melanson, Philip H. *The Secret Service, The Hidden History of an Enigmatic Agency* (O Serviço Secreto, a história oculta de uma agência enigmática), Carroll & Graf Publishers, 2002.

Sobre Mary Pinchot Meyer

Burleigh, Nina. *A Very Private Woman, The Life and Unsolved Murder of Presidential Mistress, Mary Meyer* (Uma mulher muito reservada, a vida e o assassinato não esclarecido da amante presidencial, Mary Meyer), Bantam Books, 1998.

Sobre J. Edgar Hoover e o FBI

Hack, Richard. *PuppetMaster, The Secret Life of J. Edgar Hoover* (O mestre dos fantoches, a vida secreta de J. Edgar Hoover), New Millenium Press, 2004.

Kessler, Ronald. *The Bureau, The Secret History of the FBI* (O “Bureau”, a história secreta do FBI), St. Martin’s Press, 2002.

Summers, Anthony. *Official and Confidential, The Secret Life of J. Edgar Hoover* (Oficial e confidencial, a vida secreta de J. Edgar Hoover), G. P. Putnam’s Sons, 1993.

Theoharis, Athan. *From the Secret Files of J. Edgar Hoover* (Dos arquivos secretos de J. Edgar Hoover), Ivan R. Dee, 1991.

Sobre Lee Strasberg

Adams, Cindy. *Lee Strasberg, The Imperfect Genius of the Actor's Studio* (Lee Strasberg, o gênio imperfeito do Actor's Studio), DoubleDay & Co., 1980.

Sobre as escutas e a imprensa

Bradlee, Ben. *A Good Life* (Uma boa vida), Touchstone, 1996.

Jacobson, Laurie. *Dishing Hollywood, The Real Scoop on Tin-seltown's Most Notorious Scandals* (A verdadeira Hollywood, escavando os mais notórios escândalos da cidade do falso brilho), Cumberland House, 2003.

Otash, Fred. *Investigation Hollywood!* (Investigação Hollywood!), Henry Regnery Co., 1976.

Spindel, Bernard. *The Ominous Ear* (O ouvido ominoso), Award Books, 1968.

Walls, Jeannette. *Dish, The Inside Story on the World of Gossip* (Verdade, a história interna do mundo da fofoca), Avon Books, 2000.

E mais...

Cassini, Oleg. *In My Own Fashion, An Autobiography* (À minha moda, uma autobiografia), Simon & Schuster, 1987.

Ben Cramer, Richard. *Joe DiMaggio, The Hero's Life* (Joe DiMaggio, a vida do herói), Simon & Schuster, 2000.

Bryant, Traphes e Leighton Spatz, Frances. *Dog Days at the White House, The Outrageous Memoirs of the Presidential Kennel Keeper* (Dias de cão na Casa Branca, as ultrajantes memórias do guarda-canil presidencial), MacMillan Publishing, 1975.

Dodds, John. *The Several Lives of Paul Fejos, A Hungarian-American Odyssey* (As muitas vidas de Paul Fejos, uma odisséia húngaro-americana), The Wenner-Gren Foundation, 1973.

McCarthy, Todd. *Howard Hawks, The Grey Fox of Hollywood* (Howard Hawks, a raposa cinza de Hollywood), Grove Press, 1997.

Noguchi, Thomas T., MD e DiMona, Joseph. *Coroner* (Médico-legista), Simon & Schuster, 1953.

Silvester, Christopher, editor. *The Penguin Book of Interviews* (O livro Penguin de entrevistas), Penguin Books, 1993.

Vanderbilt Field, Frederick. *From Right to Left, An Autobiography* (Da direita para a esquerda, uma autobiografia), Lawrence Hill & Co., 1983.